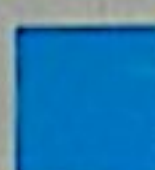
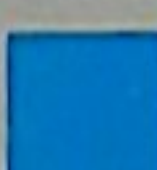


30 ANOS DE CONFRONTO IDEOLOGICO

MARXISMO  REVISIONISMO

JOÃO AMAZONAS  RAMIZ ALIA

V.I. LÊNIN  MAURICIO GRABOIS

LUIZ FERNANDES  FOTO ÇAMI

E. HOXHA  DOCUMENTOS DO PCdoB



Editora Anita Garibaldi



30 ANOS DE CONFRONTO IDEOLÓGICO MARXISMO X REVISIONISMO

1990

Coleção: SOCIALISMO HOJE
Volume 1: 30 Anos de Confronto Ideológico



Capa: Ary Normanha
Diagramação, composição e arte:
Compuarte S/C Ltda.

30 ANOS DE CONFRONTO IDEOLÓGICO MARXISMO X REVISIONISMO

1ª edição
Tiragem: 3.000 exemplares

João Amazonas,
Maurício Grabois
Luis Fernandes
Enver Hoxha
Ramiz Alia
Foto Çami
V.I. Lênin
Documentos PCdoB

Editora Anita Garibaldi Ltda.
Rua dos Bororós, 51 1º andar
CEP 01320 fONE: 278-3220
São Paulo - SP



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

30 anos de confronto ideológico : marxismo e revisionismo / J. Amazonas ... [et al.] — São Paulo : Editora Anita Garibaldi, 1990. — (Coleção socialismo hoje : v. 1)

Bibliografia

1. Comunismo 2. Revisionismo comunista 3. Socialismo I.
Amazonas, João, 1912- II. Série.

CDD-320.5322
-320.531
-320.532

90-0051

Índices para catálogo sistemático

1. Comunismo : Ciência política 320.532
2. Marxismo : Ciência política 320.532
3. Revisionismo comunista 320.5322
4. Socialismo 320.531

Índice

Apresentação	7
Capítulo I - SOCIALISMO HOJE	
As Transformações Sociais na Época da Revolução e do Imperialismo (Exame crítico da crise do socialismo) - João Amazonas	15
Comprovemos teoricamente e na vida concreta a superioridade e a vitalidade do socialismo - Foto Çami	31
Combater o Burocratismo e o Liberalismo, Tarefa da Atualidade - Ramiz Alia	43
A Democratização da Vida Econômica e Social reforça a Consciência e Ação do Povo - Ramiz Alia	63
Perestroika — A Contra-Revolução Revisionista - João Amazonas	87



Apresentação

Nestas páginas encontra-se um retrato vivo da verdadeira guerra ideológica entre marxismo e revisionismo nas últimas três décadas — principalmente no Brasil.

A teoria do socialismo científico, desde os primeiros momentos, para conquistar o direito à vida, enfrentou o bombardeio implacável da burguesia.

Mas o progresso da ciência e o teste da prática proporcionam aos trabalhadores provas irrefutáveis do acerto das idéias revolucionárias. Quando as classes dominantes percebem que a delimitação aberta de campos e o choque frontal muitas vezes não surtem efeito, modificam os meios e as formas do ataque. Além da brutalidade, da intimidação, passam a utilizar-se de correntes hostis ao proletariado infiltradas no seio do movimento marxista.

ASSALTO AO PODER

Como diz Lênin, precisam combater Marx de um “modo hipócrita, sem pronunciar-se abertamente contra os fundamentos do marxismo, reconhecendo-o na aparência, castrando por

Capítulo II - O AVANÇO REVISIONISTA

O Marxismo e a Discussão sobre a Natureza da Sociedade Soviética - <i>Luiz Fernandes</i>	99
Carta a um Leitor - <i>João Amazonas</i>	139
A Vitória sobre o Fascismo e a Contra-Ofensiva do Imperialismo - <i>Enver Hoxha</i>	147
O Revisionismo Contemporâneo no Poder, Nova Arma da Burguesia Contra a Revolução e o Socialismo - <i>Enver Hoxha</i>	153
A Estratégia e Tática de Kruschov a Nível Interno da União Soviética - <i>Enver Hoxha</i>	165
O Projeto de Império - <i>Enver Hoxha</i>	173

Capítulo III - OPINIÕES DO PCdoB

A Atualidade das Idéias de Lênin - <i>João Amazonas e Maurício Grabois</i>	191
As Obras e os Ensinamentos de Stálin Continuam Vivos na Consciência dos Povos - <i>João Amazonas</i>	205
A Teoria dos Três Mundos, Versão Oportunista da Luta de Classe do Proletariado - <i>João Amazonas</i>	211
Duas Concepções, Duas Orientações Políticas - <i>Maurício Grabois</i>	227
Em Defesa do Partido - <i>PCdoB</i>	239
Resposta a Kruschov - <i>PCdoB</i>	245
A Vitalidade do Marxismo-Leninismo - <i>PCdoB</i>	259
Derrotar o Revisionismo para Fazer Avançar a Revolução - <i>PCdoB</i>	267
Por que o Partido Venceu? - <i>João Amazonas</i>	281

Capítulo IV - MARXISMO E REVISIONISMO

Marxismo e Revisionismo - <i>V.I. Lênin</i>	289
---	-----

meio de sofismas seu conteúdo até convertê-lo em um santo ícone, inofensivo para a burguesia”.

O revisionismo, sob o pretexto de rever o marxismo, para “modernizá-lo”, trata de prostituir sua essência, substituir a luta de classes pela colaboração de classes. A partir do XX Congresso do PCUS, em 1956, a contrarrevolução revisionista mudou de qualidade. Assaltou a direção do partido e do Estado de um grande país, pátria da primeira e maior experiência revolucionária socialista. E arrastou pela senda da traição a imensa maioria do movimento comunista internacional.

Os autênticos revolucionários travam, entretanto, uma luta incansável em defesa da ciência marxista. Em particular, o Partido do Trabalho da Albânia (PTA) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), desde os primeiros momentos, e por todo estes mais de 30 anos, sustentam fogo cerrado contra as tergiversações revisionistas. Neste volume o leitor encontrará uma rica documentação sobre esta disputa ideológica, principalmente com materiais do PCdoB, a começar pelo artigo de Maurício Grabois (Duas concepções, duas orientações políticas), de polêmica com as teses oportunistas na preparação do V Congresso do Partido em 1960.

Atualmente, a luta atinge um novo patamar. A *perestroika*, e a desagregação dos regimes burocráticos implantados no Leste europeu criaram uma nova situação, revelaram novos aspectos da batalha e exigem estudo e argumentação mais aprofundados.

FALSA RENOVAÇÃO

Todos os governantes do Leste europeu subiram ao poder na onda de calúnias e ataques a Stálin e de renegação dos princípios fundamentais do socialismo científico — (Enver Hoxha descreve esta maré contrarrevolucionária no capítulo de “Os Krushovistas” aqui reproduzido). Empreenderam uma vasta liquidação das conquistas revolucionárias. Agora, quando a corrupção, a ineficiência e a ruína dos regimes implantados veio à tona, tentam jogar sobre os ombros do socialismo e dos marxistas leninistas a responsabilidade pelo fracasso.

Na verdade, o que salta aos olhos é que vai chegando ao



fim a transição de volta do socialismo ao capitalismo na URSS e no Leste europeu. E que, nestes países, os agrupamentos oportunistas que realizaram esta travessia anti-histórica, por terem encerrado a tarefa que lhes confiou a burguesia, perderam a função. São atirados na lata do lixo quando os novos burgueses assumem diretamente as rédeas do poder. E são colocadas em atividade formas econômicas mais condizentes com o conteúdo capitalista que há tempos veio sendo restaurado. Em correspondência com o capitalismo, crises, corrupção e todo o vasto repertório de pragas típicas deste sistema, voltam à cena sem qualquer limitação.

Mas se, como indica João Amazonas no “Exame crítico da crise do socialismo”, até agora “foi correto ter concentrado o fogo do ataque no revisionismo”, para defender os princípios revolucionários, neste novo quadro “faz-se necessário um exame mais global do período de construção do socialismo”.

Quais as condições objetivas que levaram ao desenvolvimento de uma tendência contra-revolucionária tão forte no interior do regime socialista? E, mais do que isto, que fatores subjetivos permitiram que esta corrente tivesse a possibilidade de assaltar a direção do Partido Comunista e o poder político e ludibriar as massas trabalhadoras a tal ponto de mobilizá-las contra os seus próprios interesses de classe? Quais as debilidades teóricas, que falhas de direção ou erros políticos podem ter sido cometidos?

O “Exame crítico” de João Amazonas sobre a crise do socialismo, o artigo de Foto Çami e os discursos de Ramiz Alia, aqui publicados, abordam estes problemas e indicam que os verdadeiros marxistas leninistas buscam retomar a iniciativa da luta no terreno prático e teórico.

DESCAMINHOS OPORTUNISTAS

No Brasil, a batalha tem o mérito de desmoralizar de vez o carcomido Partido Comunista Brasileiro (PCB). A tal ponto que, enquanto os dirigentes do Solidariedade, na Polônia, declaram abertamente que querem “a morte do comunismo” e até o ex-ministro Bresser Pereira critica as orientações econômicas do governo polonês — “típico plano ortodoxo, aprova-

do pelo FMI" (...) "medidas neoliberais que não dão certo em países capitalistas" — Roberto Freire diz, com a maior desfaçatez, no programa nacional de TV do PCB, que o Solidariedade contribui para a nova compreensão moderna do socialismo!

Por fim, resta lembrar que o problema do oportunismo revisionista não é novo. E que não se encerra com os episódios da URSS e do Leste europeu. Lênin diz com muita clareza que o conteúdo político do oportunismo é a colaboração de classes e a renúncia à ação revolucionária.

Sua base é um reduzido círculo de aristocracia operária e seus companheiros da pequena burguesia. Estas camadas tentam colher migalhas dos grandes lucros da burguesia. Na luta de classes, sacrificam os interesses vitais das massas em favor dos seus interesses imediatos e minoritários. A traição revisionista não é fruto de simples falta de caráter. Tem uma base objetiva e permanente, enquanto a sociedade estiver dividida em classes.

No socialismo, estes setores aburguesados tentam sobreviver a todo custo. Apoiam-se nos desníveis sociais, no direito burguês na distribuição de salários, nas diferenças entre camponeses e operários, em certos privilégios dos especialistas — heranças do velho sistema capitalista (como ilustra o texto de Luis Fernandes), que vão sendo eliminadas gradativamente no período de transição até o comunismo, e a consequente eliminação das diferenças de classes.

Entretanto, se os revisionistas atuam apoiados em fatores objetivos, inevitáveis, o sucesso de sua atividade de sapa depende de encontrarem fragilidades nas fileiras revolucionárias. Uma linha política acertada e a luta ideológica conduzida com firmeza, a capacidade de mobilizar e elevar a consciência dos militantes comunistas e das massas trabalhadoras, são antídotos eficazes contra o desenvolvimento desta praga.

O oportunismo nem sempre é fácil de ser percebido. Exatamente porque seu modo de existir é sempre travestido. Se expõe abertamente seus propósitos, desmascara-se. É um fenômeno que acompanha a revolução como uma erva daninha e sempre brota com uma nova aparência. Adapta-se às circunstâncias como o camaleão troca de cor. Exige portanto dos revolucionários vigilância constante, domínio da teoria e

combate permanente. Lênin chegava a dizer que sem extirpar o oportunismo, não se pode nem falar de socialismo e de marxismo.

Rogério Lustosa

*(Editor da revista Princípios, membro da
Comissão Executiva Nacional do PCdoB)*

CAPÍTULO I
SOCIALISMO HOJE

As transformações sociais na época da revolução e do imperialismo*

(Exame crítico da crise do Socialismo)

João Amazonas

Nunca, como na atualidade, se fez tão intensa campanha anticomunista. Menos primária que no passado, mais sofisticada. O conteúdo não mudou — desviar as massas do caminho revolucionário, desacreditar o socialismo científico. Presentemente, procura incutir nos trabalhadores e nos povos a idéia falsa de que o comunismo fracassou como experiência política e forma de organização da sociedade futura. Os contumazes partidários do reformismo burguês afirmam ter chegado novos tempos, tempos livres do eterno pesadelo da revolução social...

A propaganda reacionária obteve consideráveis êxitos. Conseguiu generalizar a confusão, adulterar os fatos, passar gato por lebre. Hoje, na grande imprensa, conservadores são os que defendem o progresso, e avançados os que pregam o retrocesso. Comunismo passou a ser vocabulário maldito, o que cai bem nos oportunistas apressados em desrotular seus mambembes partidos.

* Este trabalho de João Amazonas foi apresentado no seminário organizado pelo Instituto Maurício Grabois, em fevereiro passado.

A questão subjacente nessa propaganda tem base na negação da luta de classes como motor do desenvolvimento social. Apresenta-se despididamente o capitalismo como o melhor sistema econômico e político, que estaria vivendo uma fase de prosperidade. Espalha-se a ilusão de que o socialismo possa ser realizado no seio do regime capitalista, sob a direção da pequena burguesia.

Escreva o que se quiser. O comunismo é, continua a ser o futuro da Humanidade, não importam as vicissitudes por que venha a passar. O capitalismo não tem remédio. Envelheceu, passará à História.

Quando se intensifica o anticomunismo, relacionado com a Perestroika e os acontecimentos do Leste europeu, torna-se oportuno repor a verdade em seu lugar.

Contestar o inverídico, afirmar a ciência social. Discutir idéias, sem preconceitos. As idéias justas espraiam-se como a luz.

Uma longa história de traição

A onda capitalista envolveu vários países outrora socialistas. Além da União Soviética e da China, que já haviam feito suas “reformas”, chegou a vez da Polônia, da Hungria, da Bulgária e, mais recentemente, da Alemanha Oriental, da Tchécoslováquia e da Romênia, onde houve confronto armado.

Como foi possível chegar a essa situação degradante?

Segundo a imprensa, escrita e televisada, tudo começou com Gorbachov. Trata-se, porém, de longo processo que dura mais de trinta anos. É uma história antiga que se precisa conhecer para avaliar corretamente o momento atual.

O ponto de partida desse processo deu-se na URSS, em 1956, no XX Congresso do PCUS. Foi o passo inicial de afastamento do socialismo científico. Romperam com os princípios do marxismo-leninismo e adotaram uma orientação revisionista que, em essência, nega a luta de classes, o partido revolucionário do proletariado, o caráter classista do Estado. Atacaram violentamente o regime surgido da Revolução de 1917 sob o pretexto da luta contra o culto da personalidade de Stálin. Os imensos e fabulosos êxitos alcançados na construção da nova sociedade ficaram na sombra. O que se ressaltou foram erros

e mais erros que teriam sido cometidos, segundo se lê no despropositado relatório “secreto” de Nikita Kruschov apresentado ao Congresso. Abriu-se o caminho do retrocesso ao capitalismo.

Houve momentânea resistência. Alarmados com a repercussão negativa em todo o mundo das decisões do XX Congresso, os membros do Birô Político do PCUS, velhos bolcheviques, à frente Molotov, decidiram por grande maioria, em meados de 1957, destituir Kruschov dos cargos que ocupava no Partido e no Estado e retomar as posições marxistas. Kruschov e sua camarilha não acataram a decisão e recorreram ao golpe de Estado. O Exército Vermelho, sob o comando do marechal Zhukov, cercou o Kremlin onde se improvisava uma reunião do Comitê Central, arbitrariamente convocada. Membros desse Comitê chegavam à reunião transportados em aviões militares. Num clima de terror ideológico, os componentes do Birô Político foram depostos de suas funções e penalizados politicamente. Estabeleceu-se o domínio completo dos revisionistas, traidores do socialismo. Pode-se dizer que, com o golpe de Estado, o proletariado revolucionário sofria uma derrota de significação histórica. Os trabalhadores, o povo soviético ficaram totalmente à margem desses acontecimentos. Deles tomaram conhecimento pela imprensa e pelo rádio na versão dos embusteiros.

Transição para o capitalismo

A partir daí começou a marcha no sentido oposto ao que até então seguira a URSS. O abandono do socialismo, a volta ao capitalismo se deu de maneira camuflada. Instituiu-se um sistema de transição do socialismo para o capitalismo. Conservaram as antigas formas, com novo conteúdo. O governo era constituído pelos Sovietes. Predominava a propriedade estatal. A força dirigente, na aparência, continuava a ser o PCUS. Nada disso, porém, correspondia mais ao sistema socialista. O proletariado como classe já não era o dono do poder que passara às mãos dos dirigentes aburguesados da máquina burocrática. A propriedade social foi-se transformando em capitalismo de Estado. Pouco a pouco, os colcoses deixavam de ser proprieda-

de socialista. Permitiram-lhes cortar os laços com a propriedade de todo o povo, podiam adquirir, inclusive, meios de produção, convertiam-se em cooperativas de tipo capitalista.

O regime político mostrou-se ditatorial e prepotente, não servia aos interesses do povo. Os governantes, da alta hierarquia pretensamente comunista, estimulavam privilégios e enriquecimento fácil da camorra dirigente. A ideologia dominante deixou de ser o marxismo-leninismo. Ocupou o seu lugar as idéias do revisionismo.

Essa transição, que avançava gradativamente, teve a direção de Kruschov, caído “em desgraça” em 1964, substituído por Brezhnev e mais tarde por Andropov e outros da mesma laia.

A vaga revisionista alcançou também os países do Leste europeu.

Todos eles seguiram a linha soviética da transição para o capitalismo. Alguns, como a Hungria, em 1956, e a Tchécoslováquia, em 1968, tentaram avançar o sinal e libertar-se da dependência da URSS. Tropas da União Soviética ocuparam esses países sob o pretexto de “salvar” a revolução.

Decorreram três décadas de domínio revisionista na URSS e na Europa de Leste.

Em que deu o abandono do socialismo

Nestes três decênios, a transição acelerou o passo. De socialismo não restava absolutamente nada. O resultado foi catastrófico. Gorbachov, embora despistando, dá um quadro da realidade soviética em seu livro “Perestroika”.

Em 1985, diz ele, “a União Soviética estava à beira da crise, nos últimos quinze anos a renda nacional caíra à metade”. Na Administração — continua — “encorajava-se a trapaça e o suborno, servilismo e glorificação, atitudes clientelistas e carreirismo”. Havia ainda “comportamento de pessoas que, gozando de confiança e responsabilidades (dirigentes revisionistas) abusaram do poder, suprimiram a crítica, enriqueciam-se e, em alguns casos, até se transformavam em cúmplices, se não organizadores, de atos criminosos”.

O trabalho — acentua o traidor-mor — “não mais possuía seu status de respeitabilidade, o povo, particularmente os jovens, perseguia o lucro a qualquer custo”. E para completar o

quadro, Gorbachov diz que “o alcoolismo, o consumo de drogas, a criminalidade adquiriram vasta proporção”.

O que é isso senão chagas do sistema capitalista? Fatos semelhantes jamais ocorreram no período em que vigorava o socialismo. E se eventualmente surgiam eram combatidos eficazmente.

Eis aí em que deu o afastamento do socialismo. É falso e ridículo atribuir os males enunciados ao regime socialista da fase de Lênin e Stálin. São frutos podres da transição que vem de 1956/57. E que se procura “corrigir” com as mudanças gorbachovianas.

Mas a degradação não se limitou aos países que adotaram a orientação revisionista, atingiu em cheio o movimento comunista mundial. Os antigos PCs, fundados à época da III Internacional e que, seguindo orientação correta, haviam-se tornado fortes e poderosos, perderam influência na classe operária e nas massas, esfrangalharam-se, converteram-se em partidos oportunistas de tipo social-democrata. O abandono do socialismo, da luta de classes, refletiu-se também nas atividades de massas. As organizações sindicais, o movimento ant imperialista extraviaram-se, entraram na linha da colaboração de classes. Deixou-se de falar em confrontos sociais, na luta contra o imperialismo, na brutal espoliação dos povos pela oligarquia financeira internacional, nas agressões das potências capitalistas contra os países fracos, na necessidade da revolução. Dissimulou-se a realidade com a fraseologia enganadora da coexistência pacífica, da paz mundial custodiada pelas superpotências, da internacionalização da economia. Tudo isso entorpeceu a ação revolucionária.

Perestroika de Gorbachov

A Perestroika veio para contornar as dificuldades e coroar a transição. O descontentamento na URSS começava a adquirir feição de grande conflito social. Era preciso dar uma saída à situação. Gorbachov pôs a culpa da crise “nos erros do passado” e tratou de livrar-se do sistema ambíguo vigente. Proclamando a necessidade de modernizar, instaurou um regime capitalista à moda ocidental. Surgiram as multinacio-

nais, as joint-ventures. As empresas mistas com capital estrangeiro, que ao final de 1988 eram 300, em meados de 1989 chegaram a mais de 700. Adotaram-se medidas para privatizar as empresas estatais. Estas, segundo os revisionistas, deverão ter seu peso específico reduzido a 30% dos atuais 85% para dar lugar às sociedades anônimas ou individuais. Mais de 50 mil propriedades familiares estabeleceram-se no campo, desagregando os colcosos. Recentemente foi aprovada uma lei que permite aos camponeses arrendar, a longo prazo, terras das granjas coletivas ou dos governos locais para explorá-las livremente, garantindo o direito de herança dessas terras. Seguindo métodos capitalistas, atacou-se a “vadiagem” na produção, “endurecendo a disciplina no trabalho”. A lei do valor, que são as leis do mercado, passou a regular a produção (no socialismo não é a lei do valor, mas a lei do desenvolvimento harmônico (proporcional) que regula a produção). Na esfera econômica voltou a atuar o mercantilismo que Lênin condenava, em 1920 — “Para evitar que se restaure o Poder dos capitalistas e da burguesia, devemos proibir o mercantilismo, devemos impedir que uns indivíduos se enriqueçam à custa dos demais”¹. Na superestrutura, a Perestroika cria mecanismos tipicamente capitalistas. O Soviete Supremo, já deformado no período de transição para o capitalismo, transformou-se em parlamento burguês, com uma oposição burguesa. O Partido Comunista (revisionista) perde seu papel hegemônico. Permitem-se certas liberdades democráticas que, como nos países ocidentais, não admitem manifestações revolucionárias ou de caráter étnico-nacionais.

Todas estas medidas, originadas da Perestroika, foram saudadas com entusiasmo pela oligarquia financeira, pela reação mundial, pelos seus mais destacados representantes nos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Japão — Bush, Thatcher, Kohl, Mitterand e outros.

As mudanças gorbachovianas precisavam ser levadas aos países do Leste europeu a fim de pô-los em sintonia com a metrópole e tentar evitar desagregação no império russo.

A transição no Leste europeu

No Leste europeu a transição teve desfecho tumultuado. Também ali o abandono do caminho socialista tinha gerado profunda degenerescência na economia, na vida social, cultural e política, isso agravado com a dependência em que esses países se encontravam em relação à União Soviética. Os governantes ajustavam-se à orientação dos dirigentes da URSS. Todos eles haviam sido colocados e mantidos nos postos de governo pelas mãos dos revisionistas russos. As condições de vida do povo pioraram. Apareceu a crise econômica. As trocas internacionais realizadas através do COMECON “privatizavam” os lucros, que iam para a União Soviética, e “socializavam” os prejuízos, que ficavam com os países do Leste europeu. Acumulou-se sério descontentamento entre a população, dirigido contra o sistema pseudo-socialista e a subordinação à União Soviética. A luta explodiu violenta.

Começou pela Polônia, onde o socialismo nem sequer chegara a enraizar-se. A crise atingiu duramente os mineiros de carvão e os operários navais. Eclodiram greves que o general Jaruzelski não pôde esmagar. Os trabalhadores criaram o sindicato independente. Manifestações populares derrubaram o governo, a “oposição” chegou ao poder. Contudo, os revisionistas ficaram com os ministérios do Interior e da Defesa e mantiveram a Polônia no Pacto de Varsóvia que é instrumento de ação militar dos soviéticos.

A Hungria, que já vinha fazendo reformas capitalistas, extrapolou. Liberalizou de vez a economia. Levantou as barreiras fronteiriças com os vizinhos capitalistas. Substituiu os antigos governantes por elementos liberais. Contribuiu para a derrocada na Alemanha Oriental e na Romênia.

A Bulgária, um dos países mais subservientes à URSS, destituiu os revisionistas desgastados e colocou em seus lugares prepostos de Gorbachov.

Na Alemanha Oriental e na Tchecoslováquia, a queda dos governos tomou caráter de massas. Gorbachov deu o sinal de largada. Após sua visita à Tchecoslováquia e à Alemanha Oriental caíram os principais dirigentes. Seus substitutos despenca-ram em seguida com a pressão do povo. Na Alemanha, ele insinuou a derrubada do muro de Berlim, mas não disse que fo-

1. Lênin: “Tarefas da Juventude Comunista” — 02/10/1920

ram os revisionistas, precisamente Kruschov (e não Stálin) quem construiu esse muro, agora chamado da vergonha. Face à resistência armada na Romênia, o criador da Perestroika sugeriu o envio de tropas do Pacto de Varsóvia, se fosse necessário.

Justamente indignados com os governantes corruptos e incapazes, enquistados no poder, as massas populares exigiram em praça pública o fim do regime existente. E conseguiram seu objetivo.

Assim, a onda capitalista avassalou o Leste europeu onde, depois da II Grande Guerra e com a ajuda internacionalista da União Soviética, haviam-se instalado regimes avançados de democracia popular e socialistas. Regimes que, mais tarde, renunciaram a esse caminho e ingressaram, com a URSS, na marcha à ré da transição para o capitalismo.

Quem comanda a onda reformista

Evidentemente, não foram as forças progressistas que comandaram a viragem na URSS e no Leste europeu, ainda que nos acontecimentos estivessem envolvidos trabalhadores e massas populares. É a contra-revolução fantasiada de liberal. A principal bandeira utilizada foi a das liberdades democráticas. Essa reivindicação encontrava eco no seio do povo que vivia sob regimes tirânicos dos revisionistas e falsos revolucionários. Há muito fora liquidada a democracia socialista, sem dúvida débil, mesmo no período anterior ao XX Congresso.

A Igreja, melhor dito, o Vaticano tomou parte ativa na insuflação das massas. Na Polônia, sobretudo. Mas também na Tchecoslováquia e na Romênia. Na Alemanha Oriental as manifestações públicas começavam após os atos religiosos das 5 horas nas Igrejas de Leipzig. Também o Exército desses países entrou em cena, influenciado pelos revisionistas soviéticos.

Na Romênia houve um golpe militar, juntamente com a agitação de rua. Os reacionários mobilizaram-se e, igualmente, a oligarquia financeira internacional. O ex-rei Miguel, aliado de Hitler na II Grande Guerra, uniu-se aos sublevados romenos. A burguesia derrotada levantou a cabeça. O novo presidente da Tchecoslováquia, Havel, pertence a uma família de

grandes burgueses cujos bens tinham sido justificadamente confiscados pelos trabalhadores em 1948. É a revanche da contra-revolução.

Embora o comando dos acontecimentos estivesse em mãos de forças retrógradas, é indiscutível a participação de grandes massas nas tormentas do Leste europeu.

As forças de vanguarda nesses países, esmagadas e perseguidas pelos revisionistas, não tiveram condições de organizar e dirigir a luta contra os governantes traidores do socialismo e opressores do povo. Não havia movimento revolucionário organizado. Ainda que os marxistas-leninistas de todo o mundo, entre os quais principalmente o Partido do Trabalho da Albânia (PTA), mas também o Partido Comunista do Brasil (PCdoB)), tivessem denunciado com vigor e profundidade o revisionismo contemporâneo, desde o nascedouro, não chegaram a influenciar as grandes massas populares. Tiveram imensas dificuldades em suplantar as barreiras da censura e as proibições na União Soviética e noutros países para abrir os olhos dos trabalhadores.

É natural, pois, que aqueles acontecimentos tenham resultado no fortalecimento do capitalismo e no estabelecimento de governos retrógrados, incapazes de superar a crise na qual se debatem a URSS e o Leste europeu.

A tragédia do socialismo

Tal o panorama atual do ex-campo socialista, onde somente a Albânia mantém-se fiel às idéias revolucionárias de transformação radical da sociedade. Não obstante Gorbachov e seus partidários declararem enfaticamente que continuam socialistas, socialistas “renovados”, da mesma forma que os chineses de Deng Siaoping, não passam de elementos burgueses que fazem da política “a arte do possível” e realizam toda espécie de malabarismos para enganar as massas.

O oportunismo venceu, mascarando suas posições. Foi assim em 56/57, foi também assim nos eventos recentes. Jamais colocou claramente os seus objetivos ao grande público, bem ao contrário, tergiversou sua conduta política. Trocou sempre o sinal das estradas — ia para o sul dizendo que rumava para o norte.

Vivemos um período no qual se encena monstruosa farsa. A imprensa e os meios de comunicação de massa divulgam amplamente a notícia-bomba de que os povos dos países do Leste europeu levantaram-se contra o comunismo. Cenas de rua, imensas manifestações populares são apresentadas nas TVs com a tonalidade de ataques aos governos chamados de comunistas. “Fora o Comunismo!”, “Interdição do PC!”, “Abaixo o governo de ladrões e corruptos!” tomam conta do espaço noticioso. Os comentaristas políticos anunciam *urbi et orbi* que o comunismo morreu e foi enterrado pelo povo. Acontece que o comunismo não estava presente nesses conflitos. Já não existiam regimes socialistas em tais países desde a metade da década de 50. Aí imperavam governos de transição para o capitalismo, prepotentes, burocráticos, afastados das massas, odiados pela população. Criação dos Kruschov, Brezhnev et caterva, renegados do comunismo.

Os oportunistas escondiam-se disfarçados de socialistas. Por isso, as massas combateram inimigos mascarados. Mobilizaram-se valentemente não contra o verdadeiro alvo — o retrocesso capitalista — mas contra o comunismo inexistente. Puseram por terra quem merecia cair, somente que com envoltura falsa.

São fatos de muita gravidade. E neles reside a tragédia do socialismo. Multidões condenaram equivocadamente o progresso social e abraçaram erroneamente o sistema antiquado do capitalismo. Voltar atrás dessa posição, em vários países, não é problema simples, talvez problema de gerações.

Ao movimento revolucionário apresentam-se tarefas de vulto que envolvem a teoria e a prática da revolução, a afirmação do materialismo dialético e histórico, a revelação de perspectivas novas à luta emancipacionista dos povos.

Corrigir os erros, restaurar o socialismo

A experiência mostra não ser suficiente reconhecer defeitos gerais e atacar a traição revisionista. Os prejuízos causados ao movimento emancipador da classe operária e dos povos persistem e aumentam, em que pese o esforço da parcela revolucionária que combate vigorosamente o oportunismo e suas consequências. É preciso ir adiante. A missão dos homens avança-

dos e de sua filosofia, já dizia Marx, não é apenas explicar o mundo, mas transformá-lo revolucionariamente.

Para ir avante deve-se abarcar num exame crítico não somente o desvio revisionista, mas também o processo de construção do socialismo na URSS, principalmente. Tudo estava certo? Não existiam deficiências e erros parciais? Este é um problema delicado, polêmico, porque os revisionistas destruíram o socialismo na União Soviética atacando desabridamente o seu passado. Jogaram fora com a água da bacia a criança que se banhava. Semelhante ataque é antimarxista, imbuído de renegação do esforço heróico e glorioso do povo soviético na edificação prodigiosa de um novo mundo.

Mas esse problema tem de ser enfrentado corajosamente. A caminhada histórica que se inicia em 1917 progrediu desbravando terreno virgem. A possibilidade de equívocos existe, não pode ser subestimada. Além do mais, a História demonstra que toda revolução de magnitude universal, novos estágios no desenvolvimento da sociedade humana, sofreu retrocesso e vingou só depois de vários entrecosques revolucionários. Certamente o socialismo não atua às cegas, como ocorreu com o capitalismo. Tem consciência do processo que se realiza, possui a arma do materialismo dialético e histórico. Nem por isso está isento de incorrer em enganos na apreciação da realidade, que independe da vontade dos homens. Pode atrasar-se em relação às novas exigências da vida social, pode também precipitar-se antes que tenham amadurecido suficientemente as condições adequadas.

Não é possível explicar cientificamente o domínio do revisionismo e o retrocesso na URSS, alegando simplesmente a atividade traidora e maquiavélica de um Kruschov, de um Brezhnev. Como admitir que um partido criado e educado por Lênin — esse gigante do pensamento e da ação revolucionária —, que obteve tão grandes êxitos e construiu no fundamental o socialismo tivesse baixado as armas sem resistência maior? O maquiavelismo, o embuste, a mentira repetida em vários tons, a dubiedade ideológica esclarecem de certa maneira como se efetuou a recuada. Mas isso não diz tudo. Algo de errado, em meio aos sucessos alcançados, devia existir. Esta a questão que nos deve preocupar porque jamais retornaremos ao caminho verdadeiro se não tirarmos conclusões jus-

tas e convincentes do que acontecia na URSS nos idos de 50 e mesmo antes.

Foi correto ter concentrado o fogo do ataque no revisionismo, na apostasia oportunista, como fizeram os partidos marxistas-leninistas. Era indispensável proceder à defesa teórica dos princípios revolucionários e da obra monumental realizada. Demonstrar aonde conduziria a linha falsa dos kruschovistas e de seus seguidores. Agora, quando a derrocada se generalizou e o capitalismo invadiu antigos redutos comunistas, quando se procura mistificar as idéias e a prática do socialismo envolvendo grandes massas, faz-se necessário um exame global, um balanço do período da construção da nova sociedade dirigida pelo proletariado e pelo seu partido de vanguarda.

É bem provável que um balanço responsável, amplo e aberto dessa construção — que não se chegou a fazer — com a livre crítica e a participação dos quadros, dos militantes e das massas, tivesse indicado falhas, deficiências e erros parciais, bem como ajudado a elevar a consciência social na histórica tarefa que se realizava.

Stálin morreu antes que isso fosse feito e seus sucessores empreenderam um balanço às avessas, negando a obra fundamental instituída. Lênin chegou a sugerir o exame da experiência das revoluções russas de 1905 e 1917, ao terminar de escrever “O Estado e a Revolução”. Não teve tempo de empreendê-lo. Ele ligava esse exame “aos ensinamentos mais importantes da experiência que guardam relação direta com as tarefas do proletariado na revolução com respeito ao poder do Estado”².

Questões a investigar

Ao pensar no balanço, assaltam-nos o espírito indagações que se relacionam com possíveis absolutizações de princípios e normas, tornadas rotina, na vida do Partido e da sociedade.

À guisa de especulação — teria havido demasiada concentração de poderes nas mãos de algumas pessoas ou de certos órgãos dirigentes? Funcionava corretamente a relação partido/

2. Lênin: *O Estado e a Revolução* — “Palavras Finais à Primeira Edição”.

massas? Teria o Partido sido, em certa medida, capataz de um imenso canteiro de obras e não o impulsionador da organização, o apoiador decidido da iniciativa, do trabalho criador das massas? O conceito de que o Partido dirige tudo não se teria exagerado e contraposto à liberdade de criação, de expressão e manifestação do pensamento? A democracia socialista realizava-se principalmente através da crítica e da autocritica muitas vezes formais? Que lugar ocupava a liberdade para os trabalhadores e o povo no regime soviético? Teria havido deformações antidemocráticas na constituição dos órgãos do Poder que nasceram de maneira espontânea e livre com o aparecimento dos soviets? O sistema indiscutivelmente centralizador na esfera da produção não teria impedido a necessária descentralização periférica? E o aumento da burocracia no aparelho do Estado e do Partido não seria decorrência da falta de controle das massas afastadas das decisões coletivas? Ao indagar assuntos dessa natureza afloram também o papel e o funcionamento das organizações de massas, dos sindicatos, dos movimentos culturais, das associações femininas, juvenis, etc — teriam eles perdido a autonomia e a iniciativa e se tornado apêndices do Partido e da máquina estatal? E a vida espiritual do povo não se tornara acanhada, tudo dependente das decisões do Partido?

Estas e outras questões, obviamente, exigiriam um maior conhecimento do processo de edificação socialista na URSS, que teve altos e baixos. Mas há indicações e certas evidências a demonstrar que tais questões não estavam corretamente equacionadas e resolvidas na União Soviética. O impulso revolucionário decaíra sensivelmente. Dava-se pouca atenção à revolucionarização permanente da vida do Partido e das massas.

O Estado se modifica e se extingue

Na apreciação geral, não se pode fugir aos condicionamentos históricos que justificam a tomada de certas posições extremadas. A União Soviética não viveu em paz, a construção da nova vida foi bastante tumultuada pela ação do inimigo. Mas aquilo que se justifica num certo momento, não pode transformar-se em coisa permanente.

O balanço envolvendo a construção do socialismo liga-se a problemas que dizem respeito ao Estado e às funções do poder público na marcha gradativa para atingir o comunismo.

A transição do capitalismo para o comunismo não se dá em linha reta, nem numa única etapa. Lênin dizia, em 1918, que não se poderia saber quantas etapas haveria, “como seria o socialismo quando alcançasse sua forma definitiva”³. Cada fase tem suas próprias peculiaridades. A sociedade vai mudando não apenas no aspecto da produção, mas igualmente na esfera espiritual. Exigências novas surgirão, reclamando soluções.

Sabemos que nem o Estado, nem o Partido, são eternos. Cumprem tarefas que levam à sua própria negação. De que maneira e em que prazo se realiza esse processo dialético é algo a considerar. Seguramente, não permanecerão estáticos. Ao que tudo indica, depende do grau de acirramento da luta de classes no plano mundial e principalmente da educação das massas, da disseminação e assimilação da ideologia socialista, da cada vez maior integração do povo nas atividades públicas. “O socialismo — dizia o chefe da Revolução de Outubro — não pode ser realizado por uma minoria, pelo partido, mas por dezenas de milhões quando tenham aprendido a fazê-lo”. Isto importa, como ele acentuou, em atrair literalmente “todos os trabalhadores ao governo do Estado”⁴. Quanto mais todo o povo intervenha na execução das funções próprias do poder do Estado, tanto menor é a necessidade do referido poder. A direção do Partido é indispensável, o socialismo é inconcebível sem a dominação do proletariado no Estado, enquanto este existir, mas o modo de como se realiza essa direção não pode ser fechado, excludente.

Stálin debateu o problema do desaparecimento do Estado na marcha evolutiva da sociedade. Grande teórico, destacado dirigente revolucionário, justificou o fortalecimento do Estado na URSS face ao cerco do capitalismo agressivo. E disse que “as normas de nosso Estado socialista se modificam e irão se modificando, de acordo com o desenvolvimento do nosso país e com as mudanças da situação exterior”⁵. Em princípio, as teses são justas.

3. VII Congresso Extraordinário do PC(b)R — Vol. XXVIII — Edição Akal

4. VII Congresso Extraordinário do PC(b)R — Vol. XXVIII — Edição Akal

5. Stálin: *Informe ao XVIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da URSS* — 10/03/1939

Mas em que consistiram realmente, na União Soviética, em particular depois da II Grande Guerra, as mudanças nas funções do Estado? Em que medida foram dados passos para diminuir a intervenção do poder do Estado nas relações sociais, intervenção que deveria tornar-se supérflua em um campo após outro, como previa Engels? Entende-se que na fase superior, no comunismo, o governo das pessoas dá lugar à administração das coisas e à direção das operações de produção. Ora, isto não ocorre automaticamente, se assim acontecesse teríamos a “abolição” do Estado. Mas este, segundo os clássicos, não pode ser abolido, como preconizam os anarquistas. Ele se extingue. E a extinção induz que, gradualmente, vai perdendo, uma após outra, as funções que exerce.

Stálin, ao que parece, não abordava a questão sob esse prisma. Considerava as mudanças no Estado não como a diminuição da intervenção estatal num domínio após outro, mas como novos encargos dos órgãos do Poder. Ele diz, por exemplo, levando em conta o desaparecimento das classes antagônicas, que “em lugar da repressão surgia outra função do Estado — a de salvaguardar a propriedade socialista contra os ladrões e dilapidadores dos bens públicos”⁶. E insistia nas funções dos organismos do Estado no trabalho de organização econômica e da educação cultural.

É de perguntar se semelhantes funções ainda caberiam ao Estado propriamente dito, ou comportariam mecanismos outros em mãos da sociedade para realizá-los eficazmente? Acaso para cumprir aquelas tarefas seriam necessários destacamentos especiais tais como os inerentes ao Estado?

Certamente esta questão se remete à concepção do socialismo como realização das massas, das maiorias, que precisam ser educadas no curso da própria vida. À compreensão de que as massas são as criadoras da História, que lhes cabe ter nas mãos o destino da causa que defendem. Quando isto acontece, os retrocessos se tornam senão impossíveis, pelo menos difíceis.

6.) Stálin: *Informe ao XVIII Congresso do PC(b)R da URSS* — 10/03/1939.

Instrumentos de pesquisa

Nos assuntos aqui tratados podem ocorrer questionamentos abstratos. Mas a especulação, face à realidade controvertida, ajudará a pesquisa científica. Se nada de anormal tivesse sucedido no mundo comunista, talvez não houvesse razão para tal. O fato é que o edifício ruíu, ficaram de pé seus alicerces sólidos e duradouros. Como reconstruí-lo? Pode-se pensar em retomar pura e simplesmente o caminho truncado em meados da década de 50. As dificuldades seriam enormes e inamovíveis devido à carência de argumentação convincente. É preciso corrigir os erros. O caminho será restabelecido adiante — referimo-nos particularmente à União Soviética — num plano mais elevado, comportando a síntese da experiência dos acertos e dos defeitos apresentados na construção socialista. A fundamentação teórica dará novo impulso e radiosa perspectiva ao movimento social emancipador.

Reflexo da luta de classes, das exigências do desenvolvimento social, o movimento revolucionário não pode ser contido por longo tempo. A duração desse tempo, na atualidade, será medida pela celeridade da tomada de consciência das grandes massas acerca do logro do falso comunismo, do significado do revisionismo burguês, do aprendizado com a experiência das “novas” reformas e, sobretudo, com a formulação e assimilação da teoria revolucionária atualizada.

O socialismo vencerá. A situação atual é transitória. O capitalismo está minado e condenado pelas contradições insuperáveis que produz e que conduzem, em última instância, à revolução. Os povos oprimidos e espoliados, a classe operária brutalmente explorada contra-atacarão a atual ofensiva do capital, e triunfarão.

Comprovemos teoricamente e na vida concreta a superioridade e a vitalidade do socialismo

*Foto Çami**

O nosso partido tem desenvolvido uma luta conseqüente e de princípios contra o revisionismo contemporâneo, em especial o soviético que, como afirmou o camarada Enver Hoxha, constitui a teoria e a prática mais completas da contra-revolução revisionista e a sua variante mais perigosa. Essa luta continuará enquanto existir o capitalismo e o imperialismo, de que emana o revisionismo, este perigoso inimigo da revolução e do socialismo. Por isso, “a luta contra o revisionismo contemporâneo e todas as suas variantes foi e permanece uma luta de importância histórica”, como acentuou o camarada Ramiz Alia no IX Congresso do partido.

Na atualidade estamos diante de uma nova situação nessa frente de luta, que apresenta novos problemas e tarefas.

Como se sabe, após a II Grande Guerra, a correlação de forças no mundo mudou radicalmente a favor do socialismo. A esfera de dominação do imperialismo reduziu-se bastante, o seu sistema sofreu pesados golpes. Existia uma situação revolucionária em muitos países. A perspectiva da revolução e do socialismo era brilhante.

* Membro do birô político e do secretariado do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia.

Com o surgimento do revisionismo kruschovista inicialmente e depois do eurocomunismo e do revisionismo chinês, o processo revolucionário começou a sofrer interrupções. A contra-revolução revisionista, que foi produto da pressão burguesa interna e da pressão imperialista externa, causou grande perversão no movimento comunista e de libertação. A burguesia e o imperialismo alcançaram a sua primeira vitória, começaram a reverter a correlação de forças a seu favor. A grande polêmica com os revisionistas contemporâneos, na qual nosso partido, sob a direção do camarada Enver, deu uma contribuição que permanecerá inapagável na história, fez com que os revisionistas mantivessem, em certa medida, as aparências marxistas e socialistas e não desnudassem abertamente a sua face contra-revolucionária.

A situação evoluiu. Os revisionistas arrancaram as máscaras e apareceram frontalmente com a sua plataforma capitalista. Eles abandonaram todos os ideais revolucionários e libertadores, e se lançaram num ataque frontal contra o marxismo, a revolução e o socialismo. Tal como antes, encontra-se à frente desta grande campanha anticomunista o revisionismo soviético, materializado no caminho de Gorbachov da *perestroika*, *glasnost* e do “novo pensamento político”. A concepção de mundo e a política de Gorbachov representam uma nova etapa no desenvolvimento do revisionismo contemporâneo e na escalada de seu ataque contra tudo o que foi conquistado pelo movimento comunista e revolucionário mundial.

Nunca, até hoje, a burguesia e o imperialismo conseguiram caluniar e atacar de forma tão selvagem a Revolução de Outubro e a construção do socialismo na União Soviética, como fazem agora Gorbachov e seus propagandistas. Em nome da *glasnost*, colocaram-se de pé toda a escória da sociedade soviética, todos os anticomunistas e contra-revolucionários raivosos, que jogam lama sobre o glorioso passado histórico, apresentando-o como um período negro, cheio de erros, crimes e grandes injustiças, onde reinou apenas a violência, a arbitrariedade e o terror. Tão inconsistente e incontida é essa campanha de ataques e difamações monstruosas, que inclusive alguns aliados de Gorbachov estão preocupados, porque uma tal divisão de sua história lhes criaria grandes dificuldades que os levariam a profundos abalos políticos.

Até ontem os revisionistas soviéticos tentavam apresentar os ataques à revolução e ao socialismo como uma suposta crítica aos erros ou deturpações de Stálin. Por isso faziam inclusive chamamentos para voltar a Lênin, às suas idéias, que inclusive hoje, após 70 anos, não teriam sido compreendidas e aplicadas devidamente. O nosso partido acentuou há tempos que os ataques a Stálin não eram outra coisa senão uma máscara para atacar Lênin, os seus ensinamentos, o próprio socialismo como teoria e sistema social. A prática atual comprova cabalmente esta conclusão. Hoje na imprensa soviética fala-se cada vez mais abertamente que os males pelos quais se culpou Stálin emanam do próprio conceito de socialismo definido pelos clássicos do marxismo-leninismo, pois Stálin não fez outra coisa além de aplicar os projetos de socialismo elaborados por Marx, Engels e Lênin. Por isso exige-se que se evidencie onde e no que eles erraram, para se livrar de todas as suas definições sobre o socialismo.

Mas quais as idéias e teses do marxismo-leninismo sobre a sociedade socialista de que se fala? Põe-se abaixo a idéia sobre o papel dirigente da vanguarda revolucionária da classe operária, o Partido Comunista, e apregoa-se o pluralismo político e ideológico. Outros dizem e fazem aquilo que Gorbachov ainda não disse abertamente. Na Hungria legalizou-se a existência do sistema pluripartidário, na Iugoslávia foram criadas várias organizações políticas paralelas à Liga dos Comunistas da Iugoslávia, na Polônia caminha-se para a legalização do “Solidariedade”*. E mais, também na URSS foram criadas algumas organizações legais e ilegais que têm como objetivo direto a sua transformação em partidos políticos.

Ataca-se o conceito marxista básico acerca do socialismo como um sistema que se apóia na propriedade social sobre os meios de produção e na direção planificada da economia, abrindo caminho ao capitalismo privado e à economia de mercado, à concorrência e ao jogo livre dos preços, aos investimentos do capital estrangeiro e das empresas mistas, ao desaparecimento do monopólio estatal no comércio externo, etc., com todas

* Nota da tradução: o artigo foi escrito antes da legalização do “Solidariedade” e de sua ascensão ao poder.

as conseqüências daí decorrentes para a vida e a segurança das massas trabalhadoras.

Abandona-se a tese sobre a cooperação na agricultura e defende-se a economia camponesa privada. Liquida-se uma das grandes conquistas do socialismo, culpando não a política revisionista pelos fracassos na agricultura, mas o sistema cooperativista, que mostrou na vida a sua indiscutível superioridade.

Desenvolve-se a idéia de que não se deve aceitar mais o dogma sobre a indispensabilidade da luta contra a cultura burguesa e a opinião de que apenas com a “metade progressista” da cultura pode-se educar um homem desenvolvido espiritualmente e capacitado a criar. Apresenta-se abertamente a questão de que se deve deixar de lado a convicção anterior sobre a possibilidade de superar o pluralismo de concepção de mundo, a consciência religiosa, as diferentes ideologias. Sobre esta base abriam-se as portas à cultura e à arte decadentes, à literatura e à música degeneradas, a todo tipo de baixeza no cinema, no teatro e na televisão, que envenenam a concepção de mundo e a consciência das pessoas.

Os revisionistas gorbachovianos empreenderam assim um ataque geral contra todos aqueles princípios e leis fundamentais que se encontram nos alicerces do sistema socialista e o distinguem do sistema burguês. Na verdade eles proclamaram o fracasso do marxismo e do socialismo e que a única saída é recorrermos a outras ideologias e voltarmos à via capitalista ou, pelo menos, encontrarmos um caminho intermediário rumo a um sistema híbrido, que englobe em si os aspectos bons do socialismo e do capitalismo.

É nosso dever desmascarar e pôr abaixo toda esta campanha anti-socialista. Como país socialista, exige-se de nós que comprovemos não apenas teoricamente, mas também na vida concreta, que o sistema socialista é o único sistema social com futuro, capaz de responder a todos os desafios da época, de garantir o progresso em todos os campos, de assegurar a liberdade, a verdadeira democracia, os direitos do homem trabalhador, o desenvolvimento multilateral de suas personalidades, de resolver todos os problemas que a vida em seu desenvolvimento dialético coloca diante de si. Esta constitui hoje tarefa de grande responsabilidade e de importância nacional e internacional.

No processo de construção do socialismo surgem também problemas e dificuldades de dimensões e natureza diversas. Estes podem ter sido acumulados desde o passado, relacionam-se com o nível de desenvolvimento alcançado pelo país e suas possibilidades de superá-los, podem ser conseqüência de uma linha errada ou de debilidades e insuficiências na organização e direção das atividades. Sem analisar bem as suas causas também não se pode achar a correta e eficaz solução.

Se na URSS e nos demais países há crise, marasmo e estagnação, corrupção e degenerescência, as causas devem ser procuradas não na doutrina marxista-leninista, mas no seu abandono, não no sistema socialista, mas no caminho revisionista.

Também nós nos deparamos com diversos problemas e dificuldades. Mas têm outro caráter. Não surgem nem da linha do partido nem do nosso sistema social; são dificuldades do crescimento, ligadas principalmente ao atraso herdado, ao estágio de desenvolvimento do país, ao nível técnico e tecnológico da produção, a fatores naturais que não dependem de nós, assim como à influência e à pressão que o mundo capitalista e revisionista exerce sobre o país, sem excluir as debilidades e insuficiências subjetivas, principalmente ligadas ao aperfeiçoamento das relações econômicas, que, como se sabe, freiam ou aceleram o desenvolvimento das forças produtivas.

A fim de superar as dificuldades e resolver os problemas que surgem em nosso caminho, além dos fatores materiais, financeiros, cambiais, que são condicionados pelas possibilidades econômicas do país, exige-se que se modifiquem algumas práticas, algumas formas de organização e direção, algumas leis e normas, alguns mecanismos econômicos, etc. Estas modificações, que têm a ver principalmente com a esfera das relações de produção, dependem de nós, não exigem importação e nem investimento, além de estudo, experimentação e definição de medidas concretas. Um exemplo inspirador e estimulante nos deu nesse sentido a 7.^a Reunião Plenária do Comitê Central do Partido, com as medidas concretas que adotou para o aperfeiçoamento da remuneração nas cooperativas agrícolas, para o aumento de suas competências e iniciativas, para o fortalecimento das relações entre o Estado e as cooperativas, para a melhor harmonização dos interesses do indivíduo, do grupo e da sociedade, etc. Tudo isso é feito dentro do quadro do sistema coo-

perativista, serve ao seu fortalecimento, como também ao aumento da produção e à elevação do bem-estar dos camponeses.

Outros setores têm necessidade de mudanças e aperfeiçoamento, mas freqüentemente há muita vacilação, hesita-se em dar opinião, em fazer propostas e sugestões. E aqui, entre outros, um fator que exerce influência, que atrapalha e freia é a grande campanha de reformas que os revisionistas atuais realizam. O mal não está nas reformas ou mudanças em si, pois também nós somos a favor de mudanças, porquanto dizemos que somos dialéticos e não dogmáticos e não metafísicos. A questão está em definir que caráter tem essas reformas, em qual caminho são feitas as mudanças, aonde elas levam e em prol de quem são feitas. Os revisionistas perderam a confiança no socialismo e no marxismo, nas suas forças propulsoras do progresso social, portanto o renegam abertamente e passam frontalmente para o capitalismo, liquidando qualquer vestígio de socialismo. Enquanto nós acreditamos no marxismo e no socialismo, na sua grande capacidade e possibilidade de, mantendo os princípios, dar solução a todos os problemas e levar adiante o desenvolvimento sócio-econômico em todos os sentidos.

Para tanto é indispensável que sejamos dialéticos, dialéticos não apenas na teoria, mas também na prática. Isso significa não permanecermos escravos das coisas que já foram superadas pela vida, não pensarmos nunca que tudo está perfeito, não fecharmos os olhos diante dos problemas que surgem no processo do nosso desenvolvimento socialista. E mais ainda, não devemos transformar em princípios certos métodos, formas e práticas que não o são, mas que se ligam a condições e circunstâncias específicas determinadas.

Devemos enfrentar e resolver problemas que a vida coloca, que a prática apresenta, porque só assim estaremos em condições de levar adiante a construção socialista e defender o socialismo dos ataques dos revisionistas, de comprovar sua vitalidade e superioridade. O desconhecimento desses problemas, ao contrário, freia o desenvolvimento, enfraquece e dificulta o desmascaramento da campanha anticomunista da burguesia e dos revisionistas.

O problema do qual falamos é muito mais amplo e complexo. Os revisionistas gorbachovianos fazem grande e refinada demagogia, prendem-se a problemas inquietantes que sensi-

bilizam as pessoas seja na URSS ou no mundo, especulam com o passado e o presente, manobram com todos os sofismas para pôr abaixo a essência revolucionária do marxismo, da defesa da vida, da preservação da natureza, da paz, da democracia, de um socialismo humano, do bem-estar geral, do desaparecimento do atraso e da miséria, falam do progresso e da felicidade humana, etc. Mas por trás dessas palavras belas na aparência, colocam em dúvida e descartam tudo: o marxismo é considerado caduco, a revolução superada, a luta de classes sem valor, o socialismo sem perspectiva. Apagam-se todas as diferenças; contradições e antagonismos sociais, econômicos, políticos e ideológicos. Fala-se sobre um novo pensamento comum para toda a humanidade, sobre um mundo único e integrado, sobre a convergência e a fusão do socialismo e do capitalismo. De todas as maneiras se enaltecem os valores da democracia burguesa e atacam-se furiosamente os princípios, a experiência histórica e as conquistas do socialismo. Em nome de alguns problemas universais, abandonam-se todos os ideais, aspirações e justas lutas dos povos pela liberdade e a independência, a justiça e o progresso social. O apelo geral é para que todos nos unamos e nos abracemos, burgueses e proletários, comunistas e capitalistas, povos oprimidos e imperialistas, a fim de construir um novo sistema que asseguraria a paz e a prosperidade para todos.

Assim como no passado, também hoje os revisionistas especulam com as transformações que ocorreram e ocorrem no mundo. Ninguém pode negá-las. Mas elas não alteraram a essência, a natureza do capitalismo e do imperialismo. A opressão e a exploração da classe operária e das massas trabalhadoras continuam, assim como continua o saque colonial e neocolonial dos outros povos e países. A rivalidade antiimperialista por zonas de influência e por mercados aprofunda-se cada vez mais, assim como permanece uma constante imutável a política imperialista pela hegemonia e dominação do mundo. E desde que permaneçam estas leis gerais, é inevitável também a luta do proletariado e dos povos contra elas.

É verdade também que no mundo de hoje surgiram problemas novos de caráter global, como o perigo da guerra com a utilização de armas atômicas, químicas ou bacteriológicas, a grande poluição do meio-ambiente, a pobreza em continentes inteiros, as dívidas que sufocam muitos países, o aprofundamen-

to do abismo Norte-Sul, etc. Para solucionar estes problemas exige-se naturalmente esforços conjuntos de todos os Estados e países. Mas não há por que negar as justas lutas dos povos, abandonar os ideais revolucionários e libertadores, apregoar a paz de classes e a harmonia geral em nome dessa solução. O causador de todos esses males é o sistema capitalista e imperialista, por isso toda luta contra ele ajuda também na resolução dos problemas de toda a humanidade.

Nesse sentido, a nossa crítica contra o revisionismo deve atualizar-se, enfrentar os problemas de hoje com novos argumentos. A rica experiência acumulada na grande polêmica contra o revisionismo, que encontrou multilateral reflexo nas obras do camarada Enver Hoxha e em muitos materiais e documentos do partido, deve servir-nos como bússola de orientação e como base metodológica e não para transplantar mecanicamente as questões e os argumentos daquela época para a polêmica atual, como acontece não raras vezes nos nossos artigos e publicações.

Também é importante salientar outro aspecto. Naquela época o caráter, o espírito da polêmica era outro, falávamos sobre problemas do movimento comunista, esforçávamo-nos para demarcar campos nas suas fileiras, entre quem tinha uma posição verdadeiramente marxista-leninista e quem se alinhava com posições oportunistas e revisionistas, quem defendia os princípios e quem os traía. Agora, com Gorbachov, deve-se falar com outra linguagem, pois se trata do representante de uma superpotência que segue um curso capitalista e uma política imperialista. Na polêmica com Gorbachov não se pode mais utilizar como argumento que ele se afastou destas ou daquelas teses e princípios marxistas, porque o próprio diz que não reconhece mais estes princípios, que eles estão caducos e foram superados pelo tempo, pois os problemas do mundo de hoje são outros e conseqüentemente também mudam os caminhos para a sua solução.

Como enfatizam há tempos o partido e o camarada Enver, a luta contra o revisionismo e o oportunismo só poderá ser travada com pleno sucesso a partir de sadias posições marxistas-leninistas. Partindo de posições petrificadas e dogmáticas não se pode combater o revisionismo, assim como não se pode combater o dogmatismo e o sectarismo a partir de posições liberais

e oportunistas. Esta tese de princípio tem grande importância prática. Na luta pela defesa dos princípios em face das deturpações e de sua negação pelos revisionistas, existe sempre o perigo de transformar em questão de princípio também as que não o são, o perigo de politizar tudo, de se tornar escravo de alguns conceitos e de os contrapor às mudanças, com medo de fazer eco às teses ou práticas dos revisionistas. Esta atitude ossificaria o pensamento e frearia o progresso. Nesse sentido, devemos ser dialéticos e criativos e, partindo dessas posições, travar também a luta contra o revisionismo contemporâneo.

Por outro lado, os revisionistas e oportunistas, sob a máscara da luta contra o dogmatismo e o sectarismo, se esforçam para difundir o espírito do liberalismo, para negar os princípios, desideologizar e despolitizar tudo, apagar as fronteiras de classe e as diferenças entre os sistemas, negar os ideais revolucionários. Destarte, devemos ser vigilantes e partidários, combater toda manifestação estranha e todo conceito errado, sempre através da discussão e do debate democrático, livre e social, como o único caminho correto para encontrar a verdade em nossas fileiras. Nunca devemos pensar que nossa gente está imune à influência da campanha anticomunista da burguesia e dos revisionistas. Esta constitui grande pressão ideológica da qual só podemos nos defender permanecendo sempre na ofensiva.

Devemos julgar todos os problemas, fenômenos e processos que surgem e se desenvolvem dentro e fora do país a partir desse conceito marxista e dialético. Hoje, por exemplo, nota-se uma certa distensão nas relações internacionais, deu-se algum passo, ainda que pequeno, em direção ao desarmamento, muitos conflitos locais tiveram fim ou caminham para isso, as relações entre as duas superpotências e entre o Leste e o Oeste amenizam-se, o diálogo político ocupa cada vez mais espaço no lugar do confronto. Estes processos e fenômenos exigem profundas análises para revelar os inúmeros fatores políticos, econômicos, militares, internos e externos que os condicionaram e para combater qualquer ilusão que possa surgir sobre a modificação da natureza do capitalismo, do imperialismo e do social-imperialismo, o que enfraqueceria a vigilância e a luta dos povos.

De conformidade com essas modificações no mundo, ocorrerem novos desenvolvimentos na política externa do nosso par-

tido e Estado. Ampliaram-se as nossas relações diplomáticas, aumentaram as visitas e intercâmbios com outros países, o nosso país participa de muitas atividades internacionais, ampliam-se as trocas e as formas de colaboração econômica com diferentes países, etc. É nosso dever explicar corretamente estes novos desenvolvimentos, comprovar a justeza e a consequência da linha do nosso partido, não permitir nenhuma incompreensão ou interpretação falsa do espírito da propaganda burguesa de que supostamente modificamos nossas posições, de que nos abrimos ou nos aproximamos do Leste ou do Oeste.

Nada mudou e não mudará nas posições de princípio do nosso partido e Estado. Tudo é feito apenas no interesse do país, do fortalecimento da liberdade e da independência da pátria, da consolidação da posição internacional da Albânia, da garantia das condições pacíficas para a construção socialista do país, em benefício do desenvolvimento da economia, da cultura, da técnica e da ciência, do crescimento do papel, do prestígio e do nome do país no mundo.

“A linha do nosso partido” — disse o camarada Ramiz Alia — “nunca foi a linha de se fechar em si mesmo, na torre de marfim. E não será assim.” Mas de uma ou de outra forma, a ampliação das relações e contatos com o mundo faz crescer a pressão ideológica externa. Isto também pode criar ilusões erradas e enfraquecer a vigilância. É uma tarefa da propaganda do partido evitar toda subestimação destas consequências, assim como qualquer idéia de que para escapar destes males deve-se interromper os contatos com os outros, esquecendo que assim os perigos seriam muito maiores para o nosso país e o socialismo.

É, portanto, necessário mais empenho em análises profundas, num trabalho mais qualificado, com lógica férrea e argumentos convincentes. Isto exige muito trabalho, esforço mental, posicionamento ativo e criativo. Mas muitos artigos sobre esses problemas padecem do tratamento superficial, do espírito antiquado, da carência de análises profundas, da falta de ligação necessária com os problemas da época e do seu não enfrentamento com competência. Há mais palavras do que pensamento, idéias e teses, há mais epítetos e slogans do que argumentos e conclusões. Tal debilidade foi constatada também em vários informes e trabalhos apresentados na seção científica “*Perestroika* — teoria e prática anti-socialistas”, o que nos mostra

que se deve realizar maiores esforços para alcançar aquilo que se procura. A gama de problemas da luta contra o revisionismo é muito ampla. A *perestroika* de Gorbachov envolveu todos os campos, o econômico e o político, a filosofia e a história, a cultura e a ciência, a vida do partido e seu papel, a questão do Estado e do direito, as relações nacionais e as internacionais, etc. Em todos esses campos devemos dar a nossa opinião para desmascarar e derrotar o engodo revisionista. Nesse sentido, a tarefa pertence a várias instituições de pesquisa, às respectivas cátedras do ensino superior, à imprensa e aos demais meios de propaganda, a diferentes estudiosos e ideólogos, etc. Cada qual pode encontrar facilmente a esfera dos problemas do próprio ramo. Exige-se de todos mais iniciativa, sentimento de responsabilidade comunista e de cidadão, espírito militante. Enfatizamos isso porque vemos que na luta contra o revisionismo, assim como no tratamento dos problemas que a vida apresenta e o partido colocou, há frequentemente falta de iniciativa e ação autônoma e espera-se que tudo venha dos outros. Esta situação deve ser superada o quanto antes.

Para isso é necessário que as pessoas que trabalham nas respectivas instituições de estudo e nos órgãos de propaganda tenham uma vida política e ideológica mais intensa, acompanhem os problemas atuais, tenham mais informação científica e principalmente mais confronto de opiniões, discussões e debates sobre estes problemas. É importante que esse trabalho não seja deixado à espontaneidade, mas colocado sobre uma base organizativa sadia, que sejam planejadas as atividades a serem desenvolvidas, que sejam bem definidas tarefas concretas para as pessoas e que se acompanhe com cuidado e disciplina o seu cumprimento.

São muitos os problemas e as tarefas que aparecem diante de nós, na atual fase da luta contra o revisionismo contemporâneo, com o gorbachoviano à frente. Portanto, também a seção científica realizada deve servir como incentivo para dar novo impulso a este trabalho tão importante da frente ideológica.

Combater o burocratismo e o liberalismo - tarefa da atualidade*

Ramiz Alia

Em certa medida, a presente reunião é a continuidade dos trabalhos do 8º Pleno do Comitê Central. Naquele momento discutimos a respeito de muitos problemas relacionados com a necessidade de revolucionarizar a vida do Partido e do País, a fim de melhor respondermos ao estágio atual da edificação socialista. Nesta reunião propomos que estes e outros problemas sejam transformados em decisões, se os camaradas julgarem necessário.

Para facilitar os trabalhos desta reunião, permitam-me apresentar algumas idéias que podem servir de base para uma discussão mais frutífera.

Quatro meses se passaram depois da reunião do 8º Pleno. Mas a situação política internacional mudou bastante.

Nos países do Leste, na Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, RDA, Bulgária e Romênia ocorreram profundas mudanças. Constata-se que estes países, aderentes do Pacto de Varsóvia, aumentaram seus laços com o Ocidente, sobretudo as relações econômicas, mas igualmente as relações políticas. Eles estão estabelecendo relações com os partidos socialistas e social-demo-

* Discurso pronunciado por Ramiz Alia, primeiro secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, na 9ª Reunião Plenária do CC do PTA em 22/01/90.

cratas ocidentais, aproximam-se e visam aderir à União Europeia, reafirmam as ligações com a CEE, o FMI e outras instituições ocidentais.

Os países do Ocidente encorajam as mudanças políticas no Leste europeu. Recorrendo aos slogans que evocam eleições livres e o pluralismo político, a criação do maior número possível de partidos e grupos, eles pretendem arruinar toda lembrança do socialismo. A propaganda burguesa qualifica de anacrônico o ideal socialista. A reação apresenta o comunismo como um fantasma ameaçador não só para a burguesia mas também para o povo.

Para nós, os acontecimentos ocorridos no Leste europeu não são em geral inesperados. Sucedeu o que nosso partido e o camarada Enver previram há décadas e que naquele tempo, no exterior, pouca gente acreditou. Após trinta anos, depois do aparecimento em cena de Kruschov na União Soviética e da aprovação do Kruschovismo e em seguida do brejnevismo pelos países do Leste europeu, nós aludimos à restauração do capitalismo nestes países e consideramos consumado o processo de retorno à sociedade burguesa.

Todavia, nos acontecimentos atuais há algo de novo: na Polônia o Partido Comunista não reina mais, está na oposição, enquanto o Solidariedade tomou o poder. Na RDA, Honecker desapareceu e o país é governado por uma organização chamada Fórum Democrático. Na Tchecoslováquia Husak caiu em desgraça e Dubcek reapareceu logo em seguida. Esses episódios estão carregados de múltiplas conseqüências que exigem novas análises e apreciações ideológicas, políticas e econômicas.

A União Soviética não se opõe às mudanças no Leste europeu. E mais, ela as inspira e encoraja, ainda que, algumas vezes, como na RDA, a situação lhe tenha escapado ao controle, ou em alguns outros casos, como na Polônia e na Hungria, a mão da burguesia ocidental tenha talvez estado mais presente.

Contudo, a União Soviética não tolera que os países do Leste realizem alianças políticas e militares com o Ocidente, quer dizer, que saiam da zona de influência soviética e se transformem em bastiões anti-soviéticos, em um certo “cordão sanitário” como era antes da Segunda Guerra Mundial. Este foi o principal objetivo do encontro Bush/Gorbatchov, em Malta, e eles entraram em acordo.

Os acontecimentos do Leste, à parte a euforia, causaram também algumas inquietações no Ocidente. Surgiram problemas políticos, como o alemão, e o problema da posição futura dos pactos militares e das uniões econômicas. Mas os problemas visando superar a crise dos países do Leste não são menos inquietantes. Contudo, todos os partidos compartilham a mesma idéia de que estes processos devem ser encorajados, porque em geral favorecem o capitalismo.

O que chama a atenção, ou é característico nestes processos, é que eles são largamente apoiados, até mesmo aplaudidos pelas massas.

É completamente natural colocar a questão: por que ocorreram estas mudanças? Como é possível que a classe operária, as massas, tenham se transformado em protagonistas e partidárias da restauração do capitalismo?

O pior é que os povos desses países subverteram o regime revisionista, sua burocracia, sua violência, sua estagnação econômica, seu estado tecnológico atrasado etc., considerando-o produto do sistema socialista, do marxismo-leninismo, atualmente recusado.

Nos países do Leste foi a própria realidade que incitou a inimizade entre as massas e o poder estatal e as personalidades políticas. A legitimidade do Estado socialista foi comprometida e enlameada pela hipocrisia das camarilhas no poder. O socialismo, os partidos comunistas e os valores democráticos, que foram criados no Leste após a Segunda Guerra Mundial, não foram desenvolvidos e enriquecidos. O desenvolvimento econômico e a emancipação social não levaram ao aperfeiçoamento da democracia socialista. O Estado não só não se transformou no “Estado de todo o povo”, mas separou-se do povo, opôs-se a ele.

Nosso Partido, com muita razão, concentrou sua atenção na luta titânica contra o revisionismo, na retirada das máscaras socialistas, na revelação das especulações “marxistas”. Os comunistas albaneses compreenderam isto e lutaram com todas as suas forças e meios a fim de que as pessoas compreendessem o perigo do comprometimento do socialismo, de sua ideologia e de sua política revolucionária. Mas a tragédia ocorreu. Quanto a nós, como comunistas internacionalistas, membros da ar-

mada mundial dos revolucionários, contribuímos enormemente para que ele não acontecesse. Mas não devemos estar tranquilos, assim como não devemos estar alegres com o fato de que tudo previmos, de que exprimimos nossa idéia. Devemos viver esta tragédia com dor, mas corajosamente.

Neste momento devemos tirar as lições dos acontecimentos produzidos no Leste. Devemos colocar a questão e encontrar a resposta de por que o revisionismo surgiu, de quais são as razões objetivas e subjetivas, os atrasos e precipitações, lacunas e concessões.

A análise deve englobar, inclusive, os fatos ocorridos na União Soviética no curso de um longo período da prática da edificação do socialismo lá.

O camarada Enver descobriu alguns dos principais defeitos do sistema soviético que exerceram impacto no nascimento do revisionismo. Tendo em conta suas conclusões, tomamos em nosso país uma série de medidas para revolucionarizar o Partido e toda a vida do país.

Agora, após muitos anos, quando as coisas se esclarecem e quando nós constatamos quais são as fraquezas exploradas pelo revisionismo e quais as armas que ele utilizou, podemos ver claramente um bom número de problemas, podemos perceber melhor ainda os mecanismos do sistema socialista, que deveriam jogar um importante papel no seu fortalecimento mas que foram negligenciados.

Na União Soviética compreendeu-se, ainda que não muito conscienciosamente, que o burocratismo ganhava amplitude e representava um grande perigo. Mas lá o burocratismo foi combatido não utilizando o seu contrário, a saber, reforçando o papel das massas, a democracia socialista, e sim reforçando a administração, a norma legislativa e disciplinar das atividades do Partido, do Estado e da sociedade, fortalecendo o centralismo vertical. Não é fortuito que a glasnost, ou seja, a especulação com a democracia, tenha se tornado atualmente a principal arma do revisionismo. Havia uma brecha que foi aproveitada com êxito por Gorbachov e outros.

O mesmo se passou, mais ou menos, com o liberalismo. Os soviéticos lutaram contra ele sobretudo com métodos administrativos. O liberalismo tem a qualidade de especular com questões que estão na ordem do dia, com as penúrias e fraque-

zas conhecidas. Ele se apresenta como moderno para a solução dos problemas da atualidade, como democrático e opera com novos termos etc. Mas na União Soviética utilizou-se contra o liberalismo o dogma e não a confrontação de idéias e argumentos; opôs-se a ele os princípios gerais e não as soluções dos problemas. Isto criou condições para que indivíduos e grupos de pessoas, sobretudo entre a intelectualidade, se afastassem do socialismo, abraçando toda a sorte de idéias vendidas e proclamadas pela burguesia. Foi aí que a burguesia encontrou os dissidentes, foi aí que as camarilhas revisionistas encontraram sua base social. É necessário discutir a propósito destes e de outros problemas da mesma natureza, a fim de prevenir as eventualidades, ainda que exista grande diferença entre o nosso desenvolvimento, o da União Soviética e o dos demais países do Leste.

É público e notório que a Albânia socialista se separou do bloco do Leste no final dos anos 60. Mas é necessário acrescentar que mesmo antes deste período a Albânia seguiu a sua própria via. Aqui a revolução foi radical. O Partido Comunista da Albânia foi fundado pelos albaneses, seus dirigentes aprenderam a teoria do socialismo na escola da luta pela libertação nacional e social.

Ao longo da existência do campo socialista nosso Partido valorizou sua experiência, mas durante o processo de edificação socialista, ele levou em conta as condições particulares de nosso país, suas tradições, sua herança material e espiritual, sua psicologia nacional.

Dizemos que na Albânia não aparecerão os fenômenos conhecidos no Leste. Não pelo fato de que as ações e as pressões do exterior sobre nosso país sejam mais fracas, mas porque aqui existe uma situação interna sólida, porque em nosso país o Partido do Trabalho tem sempre a iniciativa e suas políticas estão em unidade com a vontade das massas.

Os apelos do exterior por mudanças, para nos fazer desviar de nosso caminho, não encontram partidários em nosso país e não encontram ressonância na opinião e nos desejos de vastas camadas dos trabalhadores.

É uma grande conquista política de nosso Partido e de nosso povo. Mas sem subestimar seu valor, é preciso em cada momento pensar e aguçar a vigilância. Declaramos no 8º Ple-

no do Comitê Central que nosso país será alvo de diversas pressões. O tempo comprovou totalmente esta previsão. Os inimigos do exterior, sobretudo os iugoslavos e a reação grega, foram os primeiros a dar o sinal: eles começaram uma campanha de invencionices e calúnias contra nosso país.

A Albânia, livre e independente há 45 anos, se tornou alvo de ataques e calúnias. Os primeiros a nos atacar foram diversos círculos ocidentais, que sofreram um duro golpe, uma vez que em nosso país triunfou a revolução popular e foram derrotadas as organizações traidoras e colaboracionistas “Balli Kombetar” e “Legaliteti”, em cujas fileiras estavam os principais representantes das classes exploradoras e que tinham depositado suas esperanças nos anglo-americanos. Em seguida foram os iugoslavos que empreenderam esta campanha. De comum acordo com a reação ocidental, fizeram o impossível não apenas para intensificar as calúnias e a propaganda contra a Albânia mas também enviaram ao nosso país bandos de agentes subversivos para esmagar o poder popular. Mais tarde, em 1960, começou uma nova e dura ofensiva, desta feita por parte da União Soviética. Kruschov nos acusou de “estarmos vendidos ao imperialismo por 30 dinheiros”. E foi assim que esta campanha prosseguiu até os nossos dias.

Em cada momento, ontem como hoje, o objetivo dos organizadores das calúnias e ataques antialbaneses foi e continua sendo a submissão da Albânia, a perda de sua independência, a modificação de sua atitude nas relações internacionais, sua transformação num instrumento para seguir os passos dos outros.

Certamente nossos inimigos sofreram uma vergonhosa derrota. Nós defendemos nossa liberdade, nossa independência e as conquistas que alcançamos à custa de sangue, como nosso mais precioso bem, utilizando todos os meios e sem nenhuma hesitação. Nosso povo escolheu ele mesmo o caminho de seu desenvolvimento e não presta contas a ninguém. É ele e somente ele que sabe o que deve fazer para encontrar o momento e os meios convenientes a fim de que o processo da edificação socialista caminhe sempre para a frente. Na Albânia o povo e somente ele é o senhor soberano de seu destino.

Nesta situação é necessário, em primeiro lugar, redobrar a vigilância. Por outro lado, é imperioso intensificar a atividade política e a propaganda, sobretudo no país, mas também

no exterior. Os camaradas dos comitês do partido, principalmente os da propaganda, da imprensa e os de rádio/televisão, devem pensar nisto seriamente, porque esta tarefa não pode ser levada a efeito somente através de slogans e argumentos batidos e muito menos recorrendo a um estilo formal e burocrático.

Outra direção importante de nosso trabalho é a realização das tarefas econômicas. Para isto não necessitamos de palavras e promessas, mas de trabalho. É necessário um grande engajamento de todos. Devemos realizar a todo custo os planos relativos à alimentação e ao vestuário. Não existe nenhuma dificuldade para que tenhamos um mercado abundante em legumes, leite e carne, nenhuma justificativa é válida para que se constate qualquer penúria. As decisões que tomamos devem ser aplicadas resolutamente e nós devemos encontrar as possibilidades para avançar neste terreno.

Nós praticamos uma política de paz e colaboração amistosa com os demais países. Esta sempre foi e continua sendo nossa linha também para o futuro. Nunca quisemos o isolamento nem o queremos. O isolamento, o fechamento em nós mesmos, como em uma cidadela sitiada, não foi nem representa nossa linha política. São os inimigos da Albânia que o desejam. É por isso que nossa atitude em relação ao mundo exterior deve ser ativa no que se refere tanto às relações e à colaboração política como à colaboração cultural e econômica. Nós nos interessamos pela paz e amizade com nossos vizinhos e nos Balcãs, mas nos interessamos também pelos problemas da Europa e as nossas relações com todos aqueles que respondam com amizade à nossa amizade.

A revolucionarização do Partido e do país sempre esteve no centro de nossa atenção. Ela é indispensável à luta contra as influências e manifestações estranhas para manter puros o Partido e o poder popular, os comunistas e os quadros.

Discutimos sobre estas questões igualmente no 8.º Pleno do Comitê Central. Retornamos às decisões deste pleno por dois motivos: primeiramente para encorajar sua aplicação total, com ritmos acelerados, a fim de não deixar o terreno livre ao burocratismo e ao liberalismo, ao indiferentismo e à passividade. Em segundo lugar, porque no curso do processo da aplicação destas decisões do 8.º Pleno, foram feitas diversas propos-

tas pelos comunistas e pelos trabalhadores visando aperfeiçoá-las e fixando novas medidas, o que permite acentuar ainda mais o papel das massas, a larga e ativa participação de todas as camadas do povo, sobretudo da juventude, na edificação socialista do país.

O reforço do Partido deve constituir nossa tarefa constante. O Partido é a força dirigente. Com ele estão ligados o presente e o futuro não só do socialismo mas também da liberdade e da independência da pátria.

Nos países do Leste europeu o socialismo foi rejeitado através do slogan da liberação do monopólio dos partidos comunistas. E como uma fórmula saneadora para a chamada prosperidade e a democracia, encontrou-se o pluralismo, a criação de muitos partidos e diversas organizações.

Os numerosos partidos no Leste se baseiam nas profundas mudanças sociais de classes que ocorreram outrora e que foram renovadas e aprofundadas durante os anos da dominação dos revisionistas. Lá a sociedade era diferenciada e polarizada. Apareceram classes e camadas com diversos interesses, as quais, do ponto de vista objetivo, não podiam encontrar refúgio e estar representadas por um partido a que não pertenciam. Cada um desses agrupamentos exige agora participar do poder.

Nós somos pela hegemonia do Partido do Trabalho, conscientes que estamos de que esta é uma condição fundamental da edificação socialista, que está de acordo com as circunstâncias objetivas de nosso país. Considerando a questão sob o plano histórico, se nos remetermos ao passado, à época do regime de Zogu na Albânia, então não existiam partidos políticos. Os partidos e as organizações políticas foram criados primeiramente durante a ocupação fascista. O Partido Comunista da Albânia, hoje Partido do Trabalho, foi o primeiro a ser criado. Desde o dia de sua fundação ele começou a luta sem tréguas contra o fascismo, por uma Albânia livre, democrática e popular. Logo após a criação do Partido, a organização "Balli Kombetar" e em seguida a "Legalitetti" se opuseram a ele. Essas duas organizações, representantes das classes ricas e partidárias do retorno à monarquia, não puderam se transformar em partidos políticos para exercer influência no país, porque desde os seus primeiros passos se declararam colaboracionistas, abertamente a serviço dos ocupantes fascistas italianos e alemães,

portanto se proclamaram como organizações antinacionais. Diante disto, o povo não seguiu seus passos. Ao contrário, o povo albanês, a juventude, as mulheres e todos os trabalhadores no campo e nas cidades aderiram ao partido comunista, às suas organizações antifascistas, como a Frente de Libertação Nacional, a organização da juventude, das mulheres etc. Nesse caminho nosso Partido ganhou o carinho e a confiança das massas, dando provas de coragem, como fez na luta de libertação nacional. Esse sentimento de carinho e confiança se desenvolveu ainda mais na grande luta pela edificação socialista, na defesa da liberdade e da independência nacional.

Dadas as condições de nosso país, os apelos da burguesia internacional pelo pluralismo partidário significam a ressurreição de "Balli Kombetar" e "Legalitetti" ou a criação de semelhantes organizações políticas anti-socialistas e antinacionais. Isto não seria uma expressão de democracia mas um meio para o enfraquecimento da unidade nacional e a criação de condições para a destruição do socialismo.

A inexistência de muitos partidos, segundo o pensamento da burguesia, é supostamente falta de democracia. Isto não é verdade. Em nosso país não existiram muitos partidos, mas o livre debate, a solução dos problemas do povo pela via democrática durante reuniões nos povoados, nas assembleias etc. Trata-se de uma antiga tradição. O nosso Partido, alimentando-se com a sabedoria, os conhecimentos e pensamento do povo, elevou ainda mais esta tradição. Esta participação direta das massas na elaboração e aplicação dos planos de desenvolvimento econômico e cultural do país, na discussão de cada problema de interesse do povo, tornou-se método de trabalho do Partido. Ele realiza isto também através das diversas organizações sociais, como a Frente Democrática, a União da Juventude, a União das Mulheres, as Uniões Profissionais, a Organização dos Veteranos, a Liga dos Escritores, a Organização dos Cientistas etc.

Evidentemente, não estamos satisfeitos com a situação existente. O aprofundamento da linha de massas, que constitui a essência da democracia socialista, deve estar sempre no centro da nossa atenção. E nesse sentido o desenvolvimento da democracia dentro do partido é condição de primeira grandeza.

Na continuidade da discussão que realizamos no 8.º Ple-

no, em que sentido é necessário revolucionarizar ainda mais o trabalho do Partido?

1. *Pelo fortalecimento da ligação do Partido com as massas e pela revolucionarização de sua vida interna, penso que o Comitê Central deve transformar em decisão obrigatória a idéia que o camarada Enver Hoxha acentuou algumas vezes de que as reuniões das organizações de base sejam abertas, à excessão de casos muito especiais. O que significa "reuniões abertas"? Significa publicar a ordem do dia e o local da reunião e permitir que dela participem não apenas alguns convidados, mas qualquer trabalhador, do respectivo centro de trabalho, que o desejar.*

Ao realizar reuniões abertas a atividade e as decisões das organizações de base serão melhores e estarão sob o controle das massas trabalhadoras, na medida em que os comunistas sentirem mais a responsabilidade que têm diante do povo. Ao mesmo tempo, eles terão o apoio das massas quando estiverem na vanguarda da aplicação das decisões do Partido. Do contrário, se encontrarão diante da pressão e das críticas das massas se não forem ativos e exemplares em cada coisa. As reuniões abertas serão uma escola não apenas para os comunistas mas também para as massas trabalhadoras que se ligarão ainda mais ao Partido.

2. *Aperfeiçoar ainda mais a decisão sobre a nomeação de especialistas e quadros.* É necessário criar condições reais a fim de designar para os órgãos do Partido e do poder as pessoas mais capazes e mais devotadas, abrir caminho à promoção aos postos de responsabilidade e aos órgãos eleitos às pessoas jovens, enérgicas e sábias.

Isto exige modificar os conceitos e procedimentos para a nomeação e administração do quadro. Sobre esta questão houve valiosas propostas durante a discussão e nas decisões do 8.º Pleno. Menciono algumas delas:

a - À parte as organizações e quadros, cuja eleição é prevista na Constituição, no Estatuto do Partido e das organizações sociais, o princípio eletivo deve ser aplicado ainda mais amplamente. Por exemplo, os diretores de empresas, usinas e fábricas, os chefes de clínicas e cátedras, dos institutos e outras categorias de quadros, que devem ser claramente definidos, devem ser nomeados pela organização superior somente depois de

uma ampla discussão com os operários e trabalhadores do respectivo centro de trabalho e depois de aprovados por eles. Sem assegurar esta aprovação nenhum quadro deve ser nomeado, independente do fato de que órgão tem o direito de nomear.

Assim cresce o papel das massas e os quadros sentirão a responsabilidade perante os trabalhadores e não perante os órgãos que confirmam sua nomeação. Se isto for aceito, automaticamente deve-se aceitar que os coletivos tenham também o direito de afastar do trabalho aqueles diretores e quadros que não realizam bem a tarefa ou que não progridem, o que foi também acentuado no 8.º Pleno.

Para os quadros de algumas instituições, sobretudo das culturais, científicas e educacionais etc., assim como de outros setores, que também devem ser definidos, é necessário praticar amplamente não apenas o método da eleição, mas também o concurso, de modo a barrar a mediocridades e o favoritismo.

b - Agindo assim, será possível limitar o número de quadros nomeados pelos diversos órgãos dirigentes do Partido e do Estado. Assim, por exemplo, em relação aos principais quadros, como os vice-ministros e outros do mesmo nível, os primeiros secretários das regiões e os presidentes dos comitês executivos, os comandantes e comissários de divisões e os chefes dos órgãos do Ministério do Interior, os diretores de departamentos ministeriais e outros como eles, pode-se exigir a aprovação dos órgãos centrais do Partido ou do Estado. Ao passo que, para os órgãos dirigentes na regiões, deve-se exigir apenas a aprovação dos diretores de empresas e outros quadros principais a nível da região. Os demais quadros e especialistas devem ser nomeados pelos órgãos estatais, sociais ou econômicos do centro de trabalho e da instituição em que atuam.

Portanto, a idéia é que existam cada vez menos quadros nomeados diretamente de cima. Com relação a todos os quadros para cuja nomeação se realizem eleições ou concurso, a aprovação pelo órgão respectivo só deve ocorrer depois do resultado da eleição ou do concurso.

O Partido, através de suas organizações de base, tem por tarefa trabalhar e cuidar para que sejam justamente aplicadas as suas normas neste processo.

c - Há também o que discutir sobre a questão da democratização do processo de eleições no Partido.

Nossa regra geral deve garantir que os quadros dirigentes, os eleitos nos fóruns do Partido, nos órgãos do poder e organizações de massa sejam encontrados no seio de seu coletivo de trabalho, que o vice-diretor ou o engenheiro-chefe substitua o diretor e assim sucessivamente e não que um diretor circule de uma empresa a outra, ou que para substituir um diretor num ministério se procure um candidato através das regiões. Para que existem tantos chefes de seções e inspetores, se eles não servem para ser promovidos? Para que se encontram em seus postos e para que trabalham nos comitês, seções e diretoria?

No 8º Pleno afirmou-se a necessidade de limitar por um período de quatro a cinco anos a eleição ou reeleição dos secretários dos birôs das organizações de base. Foram dadas opiniões no sentido de que se limitem os mandatos também em outros órgãos e funções, por exemplo para os membros dos comitês do Partido e dos conselhos populares das regiões, para os deputados da Assembléia Popular e membros do Comitê Central etc. Isto influiria no reforço da democracia interna, na elevação do papel das massas, na luta contra a rotina, o burocratismo, o subjetivismo e outras manifestações estranhas? Se, por exemplo, estabelecermos que para cada legislatura de conselheiros populares e deputados, assim como em cada conferência do Partido na região e em cada congresso se renove obrigatoriamente no mínimo um terço do conselho popular e do comitê do Partido na região e um terço da Assembléia Popular ou do Comitê Central do Partido, portanto limitando a reeleição de uma pessoa em duas/três legislaturas, a circulação de quadros não encontraria uma aplicação mais concreta?

d — Todos nós vimos quanto foi útil o novo procedimento da eleição dos conselhos populares, que se baseou na apresentação de duas/três candidaturas para cada vaga. Será que não devemos estender este procedimento, em alguns casos, aos deputados da Assembléia Popular, inclusive não apenas durante o debate para apresentação de candidaturas mas também na votação? Seguramente haverá uma distribuição de votos. Mas que mal há nisso se todos os candidatos são apresentados pela Frente Democrática?

Devemos ter sempre em conta aquilo que foi dito no 8º Pleno em relação à unidade e à unanimidade. Não se deve confundir esses dois conceitos. A unidade não é prejudicada pela

troca de opiniões, nem pelo fato de que uma candidatura não seja aprovada por unanimidade. Penso que esse conceito deve ser abandonado.

3. *Intensificar a um nível mais elevado a luta contra o burocratismo, como condição para o fortalecimento da democracia socialista.* Esta luta só poderá ter êxito aumentando continuamente o papel das massas, o que constitui a linha especial permanente do Partido. Ela é o único remédio contra o burocratismo e qualquer outra manifestação anti-socialista. A época, as situações atuais, não suportam as posições burocráticas. É preciso pôr fim a elas, e o quanto antes melhor. Façamos isto, mesmo que seja necessário algum sacrifício, porque cada etapa da revolucionarização da vida do Partido e do país exige seus próprios estilos e pessoas.

O Partido e o camarada Enver Hoxha enfatizaram frequentemente que as massas devem se sentir em qualquer tempo e setor de atividade social um fator criador de importância primordial. Isto é aplicado quando elas participam na elaboração e aplicação dos planos, mas encontra plena expressão onde se aplica o princípio de que a classe operária exerce seu papel dirigente na sociedade. O controle operário é fator de importância para a realização deste objetivo. Eis uma outra medida revolucionária que o burocratismo obstaculiza. É tarefa do Partido e especialmente das Uniões Profissionais fazer com que esta insubstituível arma para a luta contra o burocratismo, o favoritismo, os roubos, a arrogância e diversas irregularidades, ganhe a força necessária. Isto só poderá ocorrer se o controle operário tiver competências plenas sobre tudo e todos, tal como foi concebido quando lançado.

O poder pertence a quem tem o direito de tomar decisões. Não há poder sem competências. Se a classe operária tiver apenas o direito de fazer propostas e sugestões ela se afastará do poder. Por isto uma série de prerrogativas devem ser transferidas dos aparatos, escritórios e quadros, para os coletivos, as organizações de massas, os conselhos e colegiados.

Não é necessário repetir o que já se disse no 8º Pleno, mas penso que a luta contra o burocratismo deve ser constante. Por isto os órgãos do Partido e especialmente o governo devem indispensavelmente rever algumas questões, como a outorga de mais competências à base, limitando a direção cen-

tralizada onde esta seja excessiva, renunciando às tendências a normatizar e concentrar muitas coisas, reduzindo o número de funcionários e assalariados do aparato, portanto encurtando os aparatos administrativos etc. É de importância especial a clara definição das tarefas dos aparatos, de modo a não ameaçar o papel e as funções dos órgãos eleitos, assim como definir justas proporções nas eleições entre comunistas e pessoas sem partido.

4. *A revolucionarização da vida do país e o aperfeiçoamento da democracia socialista deve se estender até o campo da legislação, de sua aplicação e cumprimento.*

Nesse terreno os órgãos respectivos devem verificar o que demonstra a prática vivida até aqui e em que sentido se deve aperfeiçoar a legislação socialista de acordo com o estágio atual de desenvolvimento.

Há algum tempo o birô político recomendou, entre outras coisas, o estudo de alguns problemas jurídicos revelados pela vida, como a questão da defesa legal nos processos judiciais, ou a questão da exata definição das condições para a reabilitação dos condenados por alguns tipos de crimes e atos penais, os quais, depois de cumprida a sentença, distiguem-se pela postura e comportamento corretos na sociedade.

Já que estamos falando da legislação: levando em conta a ampliação da atividade estatal, a dificuldade de codificação da atividade legal, surgiram propostas no sentido de verificar a necessidade de recriação do Ministério da Justiça, com a função de controle sobre a legitimidade dos atos estatais, assim como há opiniões no sentido de se rever e aperfeiçoar a lei sobre os tribunais de aldeia e de bairros nas cidades para que sejam e atuem como organismos de caráter social, portanto, sem a função de decidir sobre as condenações penais.

Chamamos a atenção para o cuidado que se deve dedicar às pessoas, sobretudo quando se trata de sua avaliação política. Observa-se, que há ocasiões em que para a avaliação de uma pessoa a biografia familiar pesa mais do que deve.

A posição político-ideológico e moral da família de uma pessoa é importante. Mas a importância decisiva está na figura e na personalidade do próprio indivíduo. A luta de classes que o inimigo procura realizar principalmente na linha de herança é esquemática e burocrática.

A linha geral e a política econômica do Partido sempre objetivaram a construção da sociedade socialista, sem a exploração do homem pelo homem; um regime que garanta a independência da pátria e enriqueça incessantemente a vida das pessoas. Os resultados são conhecidos. Mas o desenvolvimento em perspectiva tornou imperativa a necessidade de dar maior vida às forças motrizes de nosso sistema social, sobretudo através do aprofundamento da linha de massas e do aperfeiçoamento do mecanismo econômico.

A linha constante do Partido tem sido, e é, fazer com que as amplas massas trabalhadoras, na produção e em toda a parte, sejam sempre o sujeito principal da atividade dirigente, que sua iniciativa e contribuição constituam sempre o fator determinante para a elaboração e aplicação das políticas adotadas em diversos campos. O povo é o senhor do país e dos destinos do socialismo precisamente porque realiza e dirige simultaneamente. Em cada ação, seja grande ou pequena, estes dois aspectos do exercício do poder devem marchar em unidade, passo a passo. Esta é a característica essencial do regime socialista. O trabalho fechado, o centralismo excessivo, a manifestação do formalismo e da rotina obstaculizam o progresso do socialismo.

Em conformidade com o estágio atual de desenvolvimento intensivo, em cada unidade de trabalho, de produção e de serviços deve se reforçar as motivações internas estimuladoras para dar o máximo possível e exigir ou gastar o mínimo possível. Mas, na prática, em muitas ocasiões esses dois aspectos das relações do indivíduo e do grupo com a sociedade são vistos e tratados separadamente, atribuindo ao Estado a completa responsabilidade pelas deficiências e sobrecarregando-o com investimentos, importações e custos. Atualmente o mecanismo econômico que temos em vigor estimula mais o consumo do que a produção.

Na fase de desenvolvimento intensivo, que atualmente se torna dominante em nossa economia, onde tem prioridade a qualidade, o rendimento, a eficácia, o progresso técnico e científico, torna-se indispensável o ulterior aperfeiçoamento dos elementos constitutivos do mecanismo econômico. Este deve se libertar sem perda de tempo dos elementos envelhecidos de algumas práticas emprestadas não eficazes; paralelamente a

isto é necessário corrigir as deficiências e erros que se verificam etc. Esta é naturalmente uma questão difícil. De nossa experiência e da prática dos outros aprendemos como não devemos agir, enquanto que para definir como devemos dar novos passos exige-se profundos estudos e reflexões.

Ao buscar o aperfeiçoamento do mecanismo econômico não abriremos mão do centralismo democrático, nem da planificação socialista, nem das conquistas sociais que têm importância vital para o povo. Por isto não vacilemos diante da necessidade de promover mudanças. No 8.º Pleno afirmamos: nós construímos uma nova sociedade, em busca permanente, por isto pode ser que nem sempre acertemos no alvo. Mas a timidez não pode nos amarrar as mãos. Isto não é próprio do estilo de nosso Partido, que nunca hesitou em buscar caminhos novos de desenvolvimento de acordo com as condições criadas. O Partido sempre foi e é inovador porque a nossa própria ciência, o marxismo-leninismo, em sua essência alimenta-se do espírito inovador. A direção do Partido e do Estado deu em tempo orientações para realizar estudos referentes aos principais campos das relações econômicas, de seu mecanismo. Esses estudos devem ser aprofundados, mas neste Pleno do CC podemos discutir sobre as diretrizes principais que constituem e sobre quais são os caminhos pelos quais devemos marchar.

A elevação da iniciativa das massas exige que o centro renuncie a muitas competências no campo da planificação. A questão das competências deve ser vista com profundidade, assim como os caminhos para revolucionarizar as atividades na base e para aumentar a responsabilidade direta das empresas e das regiões.

A ampliação das competências da base na planificação subentende uma transição qualitativa da atividade dirigente do centro para as regiões e das regiões para as empresas cooperativas e instituições. A modificação que fizemos para a planificação na agricultura não deve ser vista apenas como uma questão de índices. Ela tem a ver com uma nova concepção sobre a estrutura de produção e a relação entre a base e o centro. Devemos agir assim também quanto à indústria alimentícia e alguns setores da indústria leve, o transporte, os serviços comunais e o comércio?

A base deve ser estimulada a fazer a organização mais ade-

quada, a se aproximar do ótimo para a concentração da produção e a eficácia. Onde for razoável e proveitoso deve-se proceder a uma maior divisão das empresas e cooperativas e à reorganização de seus setores. Há opiniões no sentido de que, onde isto for eficaz, sejam introduzidas formas de organização como o trabalho com plano-tarefa, com o pagamento por unidade de produção etc. Isto ajudaria no estímulo da produção e dos serviços?

Foram criadas todas as condições para ampliar a esfera de ação de métodos econômicos e para a utilização das avanças materiais, abrindo mão dos métodos de direção administrativa, mas também aprofundando o caráter científico das ordens e tarefas do alto, nas condições em que sua utilização seja indispensável. Pensamos que o passo decisivo neste domínio será a criação de possibilidades econômicas para que as empresas desfrutem realmente da independência que lhes é reconhecida pelas leis econômicas e políticas do socialismo. Na prática atual o cálculo econômico da própria empresa funciona principalmente para cobrir as despesas da produção com as receitas da venda. Enquanto que, em relação às necessidades da reprodução ampliada, no campo dos investimentos e dos meios circulantes, permanece interessado o Estado, trabalha-se com financiamento e dotações. A direção da atividade da empresa faz cálculos independentes, aperfeiçoa-se estudando separadamente com critérios únicos as atividades que serão financiadas pelas suas receitas, distinguindo-se daquilo que será financiado pelo orçamento estatal. Isto significa que as receitas devem ser utilizadas ali onde são geradas. Dessa forma o interesse do coletivo adquirirá expressão material. O principal é compreender e persistir na idéia de que tem importância fundamental para a atividade de uma empresa o resultado econômico que ela própria alcança, o seu balanço interno entre as suas receitas e despesas.

Nessas condições será necessário rever no fundamental também o problema das dotações estatais porque elas constituem a cobertura para o trabalho débil, a passividade e a estagnação. Há opiniões segundo as quais a dotação seja utilizada apenas em casos indispensáveis, que são julgados de maneira consciente e não que seja imposta pelos resultados desfavoráveis e despesas não eficazes das empresas.

A aplicação deste conceito de financiamento da economia que é recomendada pelos estudos, exigiria alguns aperfeiçoamentos e adaptações também no campo da remuneração dos trabalhadores e dos preços. No campo da remuneração do trabalho o principal é que os salários dos trabalhadores do setor estatal da economia sejam determinados à base da realização da norma no posto concreto de trabalho, como ocorre hoje, mas também à base dos resultados finais da fábrica ou da empresa.

Os salários podem se transformar num estímulo mais poderoso mesmo tomando alguma medida parcial. Por exemplo, seu valor atual pode não se alterar, mas pode haver mudanças no método de recompensa pela ultrapassagem do plano, estimulando aqueles setores em que temos mais interesse, como o petrolífero, da produção de cromo, as exportações etc. Assim, pode-se agir em geral para mudar a relação entre o salário-base e os acréscimos, em favor desses últimos.

Estudiosos têm feito propostas, a fim de incentivar a produção agrícola em todas as regiões, para que sejam revistos os preços de estocagens, com tendência a seu aumento e ao aprofundamento das diferenciações segundo as regiões, mas também para aumentar a medida de atração da renda diferencial pelas cooperativas fortes, especialmente as de tipo superior, onde o Estado fez importantes investimentos a fundo perdido.

Com algumas mudanças nos preços por atacado deverão reduzir-se as rentabilidades imerecidas, as eficácias fictícias, as redistribuições que nada têm a ver com as prioridades do desenvolvimento e com a política social e de classe. Isto criará condições para construir relações econômicas que se apoiem sobre valores reais e sobre as verdadeiras contribuições dos diversos ramos e setores da produção. O desejo de fazer uma política com qualquer preço e qualquer relação nos confrontaria com as leis internas da economia.

Ao intervir no sistema de preços de estocagem e por atacado, surgiram também opiniões sobre a necessidade de promover ajustes igualmente em alguns preços de mercadorias no varejo. O Partido tem orientado e trabalhado no sentido de que esses preços sejam estáveis. Este Pleno pode reafirmar que os produtos de primeira necessidade devem continuar a ser vendidos com preços invariáveis e garantidos. Enquanto que, no que se refere a algumas outras mercadorias, não as de primei-

ra necessidade, se for indispensável, os preços podem variar, transformando o fator oferta-demanda num estímulo para a elevação da produtividade do trabalho e o melhor atendimento das necessidades das pessoas.

Seja como for, todas essas grandes questões, que têm a ver com o sistema de financiamento e de crédito, com os salários e os preços, estão em estudo. A tarefa deste Pleno é manifestar a opinião em princípio quanto às principais questões e avaliar as conseqüências políticas, econômicas e sociais que delas decorrem. Por seu lado, os órgãos estatais e de estudos devem acelerar o trabalho e aprofundar as soluções que recomendam.

A experiência da construção socialista, especialmente nos anos 80, esta década de avanço apoiado apenas nas nossas fontes econômicas, nos ensina que para atender melhor às necessidades do povo é possível estimular ainda mais a iniciativa das massas. Assim, pode-se encorajar os cidadãos a construírem mais habitações com os seus próprios fundos não apenas na aldeia, mas também nas empresas agrícolas, onde o trabalho pode ser organizado como nas cooperativas. Nas cidades e centros de trabalho distantes delas pode-se estimular o conserto e a ampliação das casas privadas existentes, assim como a construção de habitações pelos cidadãos, individualmente ou em grupos, à base de contratos com obrigações recíprocas entre si e com o Estado.

O mecanismo de nossa economia não poderia ser dinamizado, se deixássemos de fora da atenção do Partido e de toda a sociedade as relações entre a demanda e a oferta, entre o consumo e a produção.

A dependência real da produção em relação ao consumo, ao mercado, exige uma cuidadosa aplicação das prioridades econômicas, mas também uma luta pela eficácia, pela sensível elevação da produtividade do trabalho. Os meios de produção são indispensáveis e em geral no plano estratégico eles se desenvolvem mais rapidamente do que os artigos de consumo. Mas, no fundo, os meios de produção são necessários para aumentar os artigos de consumo do povo. Quanto menos unidades de meios de produção sejam necessárias para assegurar uma unidade de artigo de consumo, melhor será para a sociedade.

Enfatizamos que no plano para o ano de 1990 o aumento

das mercadorias industriais e alimentícias para abastecer o mercado é uma das prioridades.

A adequação da capacidade aquisitiva do povo com as fontes materiais atualmente e no futuro exige o aumento da produção de alimentos por nossa agricultura. Nessas condições o estímulo à produção agro-pecuária deve ser considerado uma tarefa permanente. Tomamos algumas medidas, mas devem se aprofundadas. Assim, é necessário compreender que o quintal coletivo, os rabanhos e porções de terra dos cooperativistas devem se encarregar ainda mais do abastecimento do campesinato. Somente isto cria condições para aumentar a produção que a cooperativa fornece às cidades. Mas não encorajamos na medida necessária a aparição das cooperativas agrícolas no mercado das cidades, onde possam vender os produtos agro-pecuários aos preços que elas próprias estabelecem, com uma tolerância em relação aos preços estatais.

Há poucos dias decidimos distribuir a cada família cooperativista, assim como àquelas das empresas agrícolas estatais que habitam no campo, o gado para a satisfação de suas necessidades em carne. Não se deve esquecer que o campesinato tem grandes possibilidades para aumentar a produção pecuária, de feijão, batata, legumes e frutas. Por isso, ao lado da luta pela consolidação e fortalecimento dos rebanhos e porções de terra dos cooperativistas, podem ser tomadas algumas medidas complementares, como esta para apressar a solução do problema do abastecimento de carne.

As decisões que este Pleno do Comitê Central adotará influirão no fortalecimento ulterior da situação e da estabilidade interna, darão impulso à construção do socialismo e à revolucionarização do país, temperarão o Partido e a unidade do povo em torno dele, consolidarão ainda mais as vitórias conquistadas, a liberdade, a independência e a soberania de nossa pátria.

A democratização da vida econômica e social reforça a consciência e ação do povo*

Ramiz Alia

Decorridos três meses desde o 9º Pleno do Comitê Central, o país venceu uma nova fase de impulso revolucionário. O povo acolheu bem as decisões desse pleno e se inspirou para empreender ações visando aperfeiçoar incessantemente nossa sociedade. O papel das massas foi muito reforçado e aumentou a consciência de sua responsabilidade política.

As informações chegadas ao Comitê Central evidenciam que durante este período o Partido, os órgãos do poder e da economia deram mais provas de atividade e mobilização. A participação das massas em toda a atividade social foi mais efetiva. O debate social pela justa solução dos problemas foi mais vivo.

No curso destes três últimos meses, de aplicação das decisões do 9º Pleno, procedeu-se à eleição e reeleição de muitos quadros, dos quais alguns foram mantidos em suas funções, enquanto outros foram substituídos por jovens camaradas mais aptos. Somente em Tirana, elegeram-se 266 novos diretores, chefes e funcionários. Eu gostaria de informar aos camaradas que, ao se realizarem estas modificações, as decisões do 8º Pleno do CC para estabelecer uma proporção numérica mais jus-

* Discurso realizado na 10ª Reunião Plenária do CC do PTA.

ta entre os funcionários membros do Partido e aqueles não membros, nos órgãos do Estado, são melhor aplicadas. Assim, por exemplo, atualmente nos departamentos ministeriais e nas instituições centrais os comunistas constituem somente 33% do número geral dos empregados e dos funcionários, enquanto 67% não são membros do Partido. No Distrito de Tirana, o número geral de quadros e do pessoal engenheiro e técnico que dirigem a economia e a cultura, os complexos, usinas, fábricas, empresas e cooperativas agrícolas, é composto de 17,5% de comunistas e de 82,5% de trabalhadores não filiados ao Partido.

Como prevíamos, o desenvolvimento da linha de massas foi acompanhada da redução do terreno para o burocratismo. Os laços dos órgãos do Partido e do poder com os trabalhadores foram mais reforçados. A crítica e autocrítica foram mais corajosas. As massas trabalhadoras demonstraram cultura, sabedoria e equilíbrio na solução dos problemas e na tomada de decisões. Isto é um grande incentivo para o Partido avançar conseqüentemente neste caminho. A capacidade das massas de colocar em função do progresso socialista os meios, as leis e as instituições democráticas, manifesta a justeza da decisão do Partido. Ao contrário, seu não entendimento nos faria retroceder.

O 9º Pleno refletiu claramente o caráter militante e antiburocrático do nosso Partido. A realização de reuniões abertas das organizações de base com a livre participação dos membros da coletividade colocou sua atividade e a de todos os comunistas sob o controle direto das massas, acentuou o papel criador dos trabalhadores na elaboração dos planos e das diretrizes do desenvolvimento, reafirmou a unidade do povo em torno do Partido.

Ao afirmar estes passos encorajadores, nós devemos estar conscientes de que neste domínio temos e teremos muito a fazer. A batalha pela democratização da vida do país constitui um processo histórico que deve acompanhar passo a passo o socialismo. As medidas atuais constituem de fato um segundo ciclo, uma nova fase do período histórico que surgiu às vésperas dos anos 70, após os conhecidos discursos do camarada Enver Hoxha e as decisões tomadas pelo Partido naquela época para revolucionar multilateralmente sua vida e a vida de todo o país.

Nosso Partido marchará decididamente no caminho escolhido. As decisões fixadas no 9º Pleno que desenvolveremos e concretizaremos após a presente reunião, correspondem aos interesses do povo e da pátria. Nós visamos elevar o papel das massas, a fim de que os operários, os camponeses, a intelectualidade, a juventude, isto é, todo o povo, sejam o verdadeiro senhor do país e que exerçam seu poder e sua soberania em todos os setores, na economia, cultura e defesa. Nós visamos revolucionarizar a vida do país e do Partido, através do fortalecimento da democracia socialista a fim de desenvolver a economia, de aumentar o interesse dos trabalhadores em cada área da atividade social, de melhorar incessantemente as condições de vida.

Nós todos devemos estar conscientes, começando pelos membros do Comitê Central do Partido e do governo, que a aplicação, a realização das metas que se colocam diante de nós não são fáceis. É sempre difícil realizar mudanças, porque aqui se entrelaçam muitos fatores: a tradição, a cultura e as condições materiais. Tomemos o problema das responsabilidades. Estamos todos de acordo com que o papel das massas e sua iniciativa não podem ser elevados sem renunciar ao centralismo exagerado das responsabilidades nos órgãos centrais ou nos comitês executivos. Mas o burocratismo e a rotina resistem. Para renunciar a qualquer coisa é necessário aprender a fazer outra coisa superior. É mais fácil aplicar uma velha prática de algumas dezenas de anos, do que aprender um novo método de direção.

Alguns funcionários de alto escalão que estão habituados a tirar proveito dos direitos dos outros e a assegurar a autoridade através de ordens e decisões pessoais colocam a seguinte questão: “E nós, que faremos agora?” Estes camaradas se esquecem de que os órgãos centrais e os comitês executivos não estão lá para distribuir os fundos e a base material, mas para se ocupar seriamente e com competência da elaboração das políticas de desenvolvimento nas áreas respectivas, da estratégia do progresso técnico e tecnológico, dos estudos e generalizações de valor, extraídos da prática, do contato e dos controles exercidos nas empresas de seus sistemas. Nas condições atuais é possível proceder a uma divisão científica das metas e funções em toda a pirâmide do aparelho dirigente.

O 9º Pleno do Comitê Central do Partido apresentou uma nova regra para a atividade social e econômica, apoiada na disciplina, sobre normas e leis unificadas, que não aceitam exceções. Estimula-se as massas a colocar toda atividade sob seu controle. Mas devemos percorrer um longo caminho para realizar os objetivos. Nós iremos enfrentar tanto os indivíduos que não compreendem o desenvolvimento como os que tentam prejudicar o socialismo. É preciso não esquecer que neste campo também existe a luta de classes.

Assim, parece fácil a aplicação da decisão de eleger diretamente pelas coletividades os quadros, os diretores e os responsáveis de diversas instituições. Entretanto, a aplicação da linha de massas enfrentam dificuldades em alguns organismos do Partido, do poder e da economia. Em consequência, tomam-se atitudes que impedem artificialmente a aplicação da vontade do povo, exerce-se pressão sobre as coletividades para proteger o responsável existente, em alguns lugares as eleições são abertas, a fim de aprovar a candidatura preferida pelo “presidium” da reunião, em outros, alguns arrivistas preguiçosos se aproveitam do direito democrático da eleição na base para desacreditar os quadros que são exigentes e respeitam a disciplina etc. Eis aí outra dificuldade a ser superada com paciência, trabalho educativo, abnegação, mas também com respeito às regras precisas e claras.

O Partido deve acompanhar continuamente todo o trabalho para a aplicação das decisões do 9º Pleno. Se em Tropoia ou em outro distrito as coletividades recusam algumas recomendações dos órgãos responsáveis a propósito das eleições para os postos dirigentes, isto deve preocupar o Comitê do Partido e o comitê executivo do distrito a fim de conhecer melhor a situação e reforçar suas ligações com o povo. Se no distrito de Berat sabe-se que o Comitê do Partido pode cumprir as tarefas com metade dos efetivos, deve-se imediatamente tomar medidas concretas. Se, por fim, em todo o país discute-se a padronização das exigências para um posto de trabalho e a revisão dos critérios necessários, este debate deve englobar os órgãos centrais, inclusive o aparelho do Comitê Central.

É necessário levar em conta que as instâncias são eleitas e renovadas periodicamente, segundo os estatutos e as regras internas do Partido, enquanto que os aparatos continuam os

mesmos. Mesmo após o 9º Pleno os aparatos, em muitos casos, no centro e nos distritos, persistem com a velha prática, ou seja controlando os outros. Na aplicação dessas decisões, uma coisa é elementar: “é necessário começar por si mesmo”. As exigências para os instrutores devem se adaptar à época.

As decisões do 9º Pleno colocam a meta de elevar ainda mais o trabalho educativo do Partido e das organizações de massas para convencer o povo. Toda a propaganda deve responder às exigências do momento. Deve rejeitar as fórmulas e os chavões e dar mais argumentos, enfrentar, dando provas de paciência e de cultura, as questões que se colocam e os problemas que surgem. O Partido e os organismos das massas devem convencer as pessoas e rejeitar toda influência da propaganda hostil contra nosso país e o socialismo.

É indispensável trabalhar infatigavelmente para reforçar a unidade do povo em torno do Partido, esta é a nossa arma provada. Trabalhar com os operários e camponeses, com a intelectualidade e sobretudo com a juventude que é o futuro da pátria. É necessário trabalhar a fim de proteger e desenvolver ainda mais os valores humanos criados pelo socialismo, o amor pela pátria e sua liberdade, a honestidade e a pureza morais, o espírito revolucionário e progressista.

Nunca é demais explicar às massas que apenas 45 anos atrás, quase 85% da população era analfabeta. Enquanto que hoje 75% da juventude vai à escola secundária. Não podemos esquecer que em 1945 a média de vida do albanês era de 38 anos. Atualmente ela ultrapassa os 70 anos. Não muito distante, há 25 anos atrás, as mulheres albanesas eram consideradas criaturas de segunda categoria e hoje mais de 60% dos professores ou dos médicos são mulheres. O desemprego na Albânia não existe, pode-se dizer o mesmo para as drogas ou para o terrorismo. A desigualdade social desapareceu junto com a repressão nacional. O país se desenvolve e progride sem dívidas ou cadeias de escravidão. O povo é livre em sua própria pátria soberana. Nenhuma dificuldade ou lacuna temporária pode encobrir estas conquistas do povo e do socialismo.

As importantes transformações econômicas, políticas e sociais que fizeram o país passar do estado feudal para a vida moderna, não poderiam ser realizadas por nenhuma outra ordem social, senão pela sociedade socialista, onde o povo e o poder

estão ligados estreitamente um ao outro. Estes êxitos decorrem da existência na Albânia de uma vida livre e democrática, onde os direitos e os deveres do cidadão estão em harmonia com os interesses de toda a sociedade.

Os êxitos registrados em todos os domínios estão ligados ao papel do Partido, ao nome de Enver Hoxha, que guiaram, com sabedoria e resolução, o povo albanês de uma vitória a outra. É por isso que o povo ama o Partido e a ele está ligado como unha e carne, é por isso que o povo e o Partido respeitam Enver Hoxha e seguem com conseqüência seus ensinamentos.

A 10ª reunião do Comitê Central do Partido representa um aprofundamento do trabalho do 9º Pleno. O principal objetivo da presente reunião é o exame das medidas capazes de levar ao aperfeiçoamento do mecanismo econômico. Sua finalidade, demonstrou o camarada Adil Çarçani em seu relatório, é o aumento da eficácia da economia, a criação de condições nas empresas para o autofinanciamento, para a participação dos trabalhadores na distribuição dos excedentes do ganho do plano, o estabelecimento de relações entre a centralização e as prerrogativas da base segundo as exigências do momento, pelo ajuste e a aplicação dos planos visando elevar o papel dos métodos econômicos e do mercado, para a aproximação dos preços aos valores das mercadorias. Em todas estas questões fundamentais tem havido esforço visando encontrar novas soluções socialistas que traduzam de fato os critérios próprios de uma economia intensiva conhecendo um impulso dinâmico. A produção requer soluções a longo prazo que criem possibilidades para todo mundo dispor de capacidades reais e iniciativas e não somente vigiar a aplicação de regulamentos e agir mecanicamente, fazer apenas retoques sem acrescentar nada ao objetivo. Pelo atual mecanismo da economia será necessário um papel maior da ciência na elaboração das políticas de desenvolvimento.

Os aperfeiçoamentos examinados e aprovados neste Pleno são o resultado lógico das condições objetivas existentes. Fizemos mudanças de grande envergadura porque são necessárias após a evolução da situação econômica do país e a melhor formação ideológico-cultural das pessoas. Fez-se uma boa experiência e entre as questões econômicas existem relações estáveis. Nosso Partido estimula as mudanças e as orienta rumo a novas perspectivas de desenvolvimento, de colocar o sistema

econômico e financeiro a serviço do progresso técnico e de estruturas mais racionais de produção. Tudo isto para que estejamos em condições de valorizar mais rapidamente nossas riquezas naturais e melhorar o bem-estar de nosso povo. A força mobilizadora do Plano deve ser reforçada em todos os lugares, estimulando o interesse econômico em toda a parte.

As mudanças inspiradas pelo Partido em matéria de relações de produção, que estamos em vias de aprovar nesta reunião do Pleno do Comitê Central, representam uma preciosa contribuição para a ciência da economia política socialista.

A promoção e o enriquecimento das concepções teóricas econômicas devem ir lado a lado com as mudanças advindas na economia. Elas ganham um novo conteúdo, sobretudo no estágio de seu desenvolvimento intensivo. Se não me engano, posso afirmar que como o socialismo é um longo processo de desenvolvimento, sua teoria econômica vai sempre se aperfeiçoando. Ela deve sempre criar as condições propícias para valorizar todas as fontes de desenvolvimento de que dispõe o país, com uma grande eficiência econômico-social.

As medidas que acabamos de discutir, devem ser acompanhadas de novos princípios de educação econômica e moral, de uma psicologia e uma atitude novas em face do trabalho e da propriedade social. Tudo isso pode ser realizado modificando nossos objetivos no campo da educação, a fim de coordenar seu trabalho com a ação do mecanismo econômico. Isto deve começar com os textos escolares, a imprensa e a propaganda para continuar com a atividade educativa do Partido. Então, agindo-se assim, a educação ganha mais importância na vida da sociedade.

As alavancas e os métodos econômicos são capazes de incitar as idéias, aumentar o interesse e a responsabilidade de não importa qual operário ou mesmo especialista, de não importa qual organismo econômico. A gestão da empresa com contabilidade própria torna-se real desde que a reprodução ampliada seja financiada pelos recursos internos das empresas e por créditos, quando uma parte das rendas dos trabalhadores e dos responsáveis seja condicionada e definida pelo nível da realização das rendas líquidas do centro de trabalho, e cada empresa será obrigada a quitar suas obrigações com os órgãos centrais, vendendo sua produção aos diversos distritos e honrando suas

obrigações com a exportação. Nestas condições, cada trabalhador e quadro está diretamente interessado em expressar suas opiniões a propósito do andamento do trabalho em sua empresa e a melhor organização da produção, a aplicação de uma tecnologia moderna, a aplicação da disciplina pelos operários, a administração parcimoniosa dos materiais, a economia das matérias-primas, a ter um número restrito de responsáveis aptos, tendo grandes capacidades. Somente agindo assim as medidas de revolucionarização e de extensão da democracia socialista não serão consideradas princípios só no geral, mas estarão ligadas também ao interesse material dos trabalhadores, porque estes têm o direito de ganhar até três salários a mais por ano retirados dos fundos de excedentes da empresa. Neste sentido, torna-se mais real o controle operário e a produção recebe novos impulsos, tal como a educação e a têmpera das pessoas.

O ganho econômico, como o ganho social do programa que estamos em vias de pôr em prática, será determinado, no fim das contas, pelo nível de crescimento da produtividade e da realização das unidades econômicas. Em outros termos, em toda a parte há uma força decisiva o crescimento da eficácia dos custos, do trabalho social e dos investimentos capitais. São os órgãos centrais que se ocupam destas questões, mas eles não podem ir até o fim, porque eles têm a possibilidade. Por outro lado, os responsáveis pelas empresas se interessam mais pela produção global e pelos novos investimentos que pela qualidade, pelos estoques, pelo retorno financeiro. É com o novo mecanismo econômico que nós devemos resolver esta contradição, fazendo passar para a base a questão das decisões e das responsabilidades quanto a um grande número de problemas.

Devemos valorizar, no mais alto grau, a base material-técnica existente, as fontes de trabalho que aumentam incessantemente, as condições climáticas favoráveis e as riquezas naturais. Isto no interesse imediato e estratégico de toda a sociedade. É este objetivo que devem visar todos os canais e alavancas de nosso mecanismo econômico. Para solucionar este problema capital, somos chamados a melhorar a atividade dos órgãos do Partido e de suas alavancas.

Quando se fala de eficácia, pensamos na satisfação normal das necessidades da população e da economia, na melhoria da qualidade de vida. Podemos alcançar estes objetivos supremos

aumentando as receitas, produzindo artigos necessários em quantidade, qualidade e em menores prazos. Estas questões estão ligadas umas às outras, e na prática não devemos permitir a parcialidade.

Todo interesse deve encontrar sua expressão econômica. O interesse de uma empresa pelo plano não é do mesmo grau de importância que seu interesse pela entrega das mercadorias, pelas obrigações financeiras no que concerne ao Estado e por seus próprios ganhos. O operário também deve estar consciente que a realização e a conclusão do plano ou mesmo sua não realização têm impactos diversos sobre seu salário.

Temos possibilidades reais e objetivos claros para melhorar as alavancas do mecanismo econômico, mas a experiência prova que nenhuma medida que se traduz nos fatos está imune contra as consequências negativas. Cada melhoria levado às relações econômicas é realizada pela atividade das pessoas e é o resultado de seus interesses. Devemos incentivar e apoiar o interesse econômico das pessoas por seu trabalho e sua criatividade, mas levando em conta que teremos de fazer face também a manifestações de interesse do indivíduo ou mesmo de um grupo em detrimento da sociedade, que devem ser prevenidos e limitados. A indiferença e a magnanimidade pequeno burguesa são fenômenos nocivos, mas podem tornar-se perigosos nas condições de aumento das atribuições da base e da extensão da margem de ação das alavancas econômicas. Por outro lado, uma condição decisiva para alcançar os resultados desejados é a consolidação da disciplina no trabalho pelos operários e o pessoal engenheiro e técnico. Deve-se colocar um termo no liberalismo e na corrupção estabelecendo-se regras e princípios rigorosos. Atualmente os próprios operários estão muito interessados em aplicar as regras da disciplina, pois é do trabalho em comum que dependem os ganhos de cada um deles.

Graças às operações econômicas e financeiras empreendidas é que se tem a possibilidade de realizar uma melhor harmonia entre o lado material e o lado financeiro em todo o ciclo da reprodução. Isto será possível sobretudo como meio de acomodação dos preços de estocagem dos produtos agrícolas e pecuários e dos preços no atacado para os meios de produção assim como aplicando o autofinanciamento das empresas e tor-

nando a remuneração dos operários dependente dos resultados definitivos da menor unidade econômica que tem sua contabilidade à parte. Tem-se por resultado uma espécie de reavaliação do papel econômico dos ramos da produção e da contribuição dos próprios trabalhadores à edificação socialista. Isto estimulará os esforços para ter uma melhor eficácia econômica, o progresso técnico e as trocas econômicas favoráveis com o exterior.

Graças ao aperfeiçoamento do mecanismo da economia, assiste-se à criação de condições próprias para sustentar algumas orientações nas proporções e prioridades da utilização dos recursos da sociedade, segundo a perspectiva do desenvolvimento intensivo da produção e da necessidade de realizar algumas rápidas modificações qualitativas no consumo do povo.

Neste domínio, necessitar-se-ia fazer mudanças mais radicais, mas dado que não se quer tocar nos preços de venda a varejo dos artigos de primeira necessidade, avançar mais quer dizer aumentar as subvenções do orçamento administrativo. O importante é que, segundo as orientações do 9º Pleno do CC do Partido, devemos restringir a margem de ação dos fatores não econômicos sobre os preços e limitar a possibilidade de custos não produtivos fora do limite permitido pela produtividade do trabalho social. A redução mais estimulada da redistribuição entre os ramos da produção fixa uma meta a longo prazo que deve ser realizada gradualmente, paralelamente ao desenvolvimento da economia e à melhoria do bem-estar do povo.

Os estudos fundamentando as decisões que estamos tomando devem ser apreciados sob um outro aspecto: também eles estimularam o pensamento econômico e social para fazer melhorias análogas mesmo em outros domínios que não se relacionem com seu objetivo. Neste quadro os especialistas fizeram observações e análises e avançaram propostas concretas a fim de fazer algumas modificações na exploração individual e coletiva.

Levando-se em conta os fatos atuais, podemos afirmar que os objetivos do 9º Congresso do Partido no que diz respeito ao abastecimento do povo em produtos alimentares, sobretudo em produtos pecuários, serão alcançados no geral. Mas se há 4 anos tínhamos considerado o abastecimento da população prioridade deste quinquênio, atualmente isto transformou-se na prioridade número um. Devemos avançar nos objetivos do plano alimentar a longo prazo de nosso Partido. Certamente,

isto deve ser acompanhado de mudanças necessárias em matéria de organização. Nosso objetivo é transformar em produtos alimentares o recurso muito pouco explorado, a saber, o trabalho vivo.

C Como se sabe, a criação de rebanhos, efetuada após a aplicação precoce das diretrizes do Partido, no lugar de nos trazer as vantagens da produção centralizada, como se pensava no início, nos levou a restringir ao máximo o número de pessoas que se ocupam do trabalho pecuário e a produção caiu a um nível mínimo. Se anteriormente no setor do trabalho pecuário trabalhavam a cada dia dezenas e dezenas de milhares de pessoas, após a introdução do gado em rebanhos, seu número reduziu a três, quatro mil. Afora isso, em todos os distritos se abateu-se um grande número de gado e assiste-se a uma falta imperdoável de atenção tanto com alimentação do gado como com seu tratamento veterinário.

Algumas dessas falhas foram reparadas após a criação de pequenos rebanhos. O número de pessoas que cuidam do gado aumentou de 5 a 6 vezes e o número de cabeças de gado também. Após 10 anos, depois da suspensão da introdução do gado em rebanhos chegou-se a assegurar um número de cabeças de gado igual ao número existente no começo dos anos 80, enquanto que a produção de leite aumentou não mais em dezenas, mas em centenas de milhares de toneladas etc.

Os pequenos rebanhos, enquanto nova forma de organização, provaram sua superioridade, sobretudo na zona de planície. Nas zonas onde se prestou atenção, o abastecimento do campo foi bastante satisfatório. Mas é preciso dizer também que os pequenos rebanhos não se beneficiam da base material necessária. Para seu desenvolvimento há ainda hesitações, sobretudo por parte dos quadros e dos trabalhadores. Atualmente os pequenos rebanhos fazem 1/3 de todas as cabeças de gado do país, e embora o Partido tenha insistido muito, à sua disposição colocou-se somente 20 mil hectares de terra, enquanto que para os grandes rebanhos mais de 120 mil hectares. Nem o número das cabeças de gado, nem as raças e nem a idade das vacas têm respondido às necessidades sempre maiores do abastecimento do povo. Então, na zona de colinas e montanhas para as pequenas tropas, necessitaríamos de um longo período para chegar aos níveis exigidos de abastecimento.

Para resolver a questão do abastecimento que constitui a preocupação principal do Partido, para a satisfação das necessidades do povo, reveste-se de grande importância a decisão tomada neste Pleno no que diz respeito à exploração individual. Que o campesinato cooperativista julgue e decida ele mesmo no campo, como se disse aqui no Pleno, como se resolverá da melhor maneira o problema de seu abastecimento. Lá onde ele pensa que é necessário manter a exploração coletiva, os pequenos rebanhos e os pedaços de terra, que ele continue a seguir este caminho. Este seria talvez o caminho mais recomendado nas zonas de planície, de intensificação prioritária. Neste caso é necessário tomar medidas visando tornar mais rentáveis os rebanhos. Se ele julga que é mais eficaz manter a vaca e alguns pequenos rebanhos na exploração individual, então as cooperativas agrícolas devem decidir elas mesmas, segundo o desejo de seus membros. Neste caso, pode-se assegurar os animais aos cooperativistas para os pequenos rebanhos em troca de pagamento ou se pode comprá-los dos camponeses que até o presente não criaram rebanhos. No que concerne às fazendas estatais, o abastecimento em produtos pecuários será assegurado como até o momento atual, somente pelos rebanhos.

Os Comitês do Partido, os Comitês executivos, assim como os presidentes das cooperativas agrícolas, independentemente desta decisão, não devem pensar que eles serão dispensados dos negócios e “liberados” do encargo do abastecimento do povo em produtos pecuários. Não. Ao contrário, é necessário que eles propiciem um trabalho educativo interno, a fim de aumentar a produção, tanto para o campo como para a cidade. Os órgãos do Estado tem numerosos deveres sobretudo para definir as regras e os princípios do mercado camponês e sua responsabilidade em relação ao Estado. Durante este Pleno do Comitê Central discutimos acerca das medidas que serão tomadas no campo do direito, das reformulações do código penal etc. Segundo a afirmação do 9º Pleno, é o momento que exige estas mudanças. Quanto mais nossa ordem socialista se reforça, mais a unidade do povo se torna de aço, mais a cultura e a consciência das massas se elevam e nossa legislação socialista torna-se mais democrática.

Quero assinalar que as propostas aproveitadas não enfraquecem nossa luta em defesa do poder popular e da ordem so-

cialista. Ao contrário, nossas leis, nosso Estado, serão severos e resolutos em assestar fortes golpes a todo momento nos diversos inimigos e malfeitores que ousem levantar a mão contra o poder popular, contra a propriedade socialista e a propriedade dos cidadãos, contra todos os que entravam as normas e os princípios da vida socialista. Nossas leis, tanto no presente como no futuro, estarão a serviço das massas trabalhadoras, das pessoas que estão inteiramente engajadas no trabalho pelo progresso e a prosperidade da pátria, de sua defesa segura.

As reformulações do código penal estabeleceram numa relação mais justa entre a defesa dos interesses do Estado e da sociedade com os do cidadão, do indivíduo. Pode-se realizar tudo isto não graças a uma forma declarativa, mas criando as instituições competentes, como a criação do Ministério da Justiça, da reabilitação a advocacia etc, modificando alguns artigos do código penal porque o tempo demonstrou que eles são inúteis. O camarada Manush Myftiu explicou estas modificações. Elas serão submetidas em breve, junto com as questões referentes ao aperfeiçoamento do mecanismo econômico, à Assembléia Popular que vai decidir definitivamente. No que se refere às medidas relativas às eleições aos órgãos do poder, das quais falamos no 9º Pleno, estão em processo de preparação e serão apresentadas em outra sessão da Assembléia Popular.

O programa que aprovamos atualmente, no domínio das relações de produção e as medidas a propósito da reformulação da legislação, refletem a força do nosso Partido do Trabalho, correspondem ao nível de desenvolvimento do país. Nossa sociedade possui todo o potencial para realizar o progresso. Nós aplicaremos esse programa e essas medidas e os traduziremos em novas realizações graças à força unida do povo, em seu interesse e no interesse da edificação socialista no domínio da economia e em outros terrenos.

Aos organismos do Partido, aos órgãos do poder e a todas as organizações de massas cabe a meta de elevar seu trabalho a um nível mais alto, a fim de corresponder às exigências da época. Eu já disse que as mudanças em curso não podem ocorrer espontaneamente. Elas implicam um trabalho mais qualificado em todos os terrenos. Não se pode atingir as novas metas recorrendo-se aos velhos métodos e mentalidades.

Primeiramente é necessário explicar às massas, aos operários e aos camponeses, à intelectualidade e à juventude todas essas decisões. É necessário que todos compreendam que sua aplicação terá como resultado o reforço do socialismo, o fortalecimento da economia, a melhoria da vida do povo. Pode-se realizá-la graças ao trabalho, a um grande trabalho, à mobilização, ao espírito militante.

Nós compreendemos a informação dada pelo camarada Hekuran Isai sobre o assunto da aplicação das metas do 9º Plano e o cumprimento do plano do Estado. Os resultados do primeiro trimestre em geral são bons. Mas o plano não foi realizado em alguns setores, principalmente devido a razões objetivas. A grande seca influi gravemente sobre a situação da energia. Isto tornou impossível não somente a realização da exportação, mas obrigou o governo a fechar algumas fábricas como a de ferro-níquel etc. e a importar energia elétrica para enfrentar as necessidades da economia. As dificuldades aumentaram igualmente devido às mudanças e problemas ocorridos nos países do Leste e em geral às novas reestruturações políticas e econômicas na Europa.

Nestas condições, é necessário elevar o espírito patriótico e militante de cada cidadão de nosso país. Os comunistas e todos os trabalhadores devem tomar a ofensiva, tendo em vista atingir e superar as metas em toda a parte, descobrir novas reservas, desenvolver a iniciativa. Cada operário, camponês e intelectual, deve compreender que a pátria exige hoje mais do que nunca a contribuição máxima de cada um, o trabalho efetivo e a atitude revolucionária em seu local de trabalho.

A luta do povo e do nosso Partido visa à edificação de uma sociedade livre e justa, sem exploradores e explorados, onde é necessário apreciar e recompensar cada segundo do trabalho realizado e o papel jogado no progresso da sociedade, onde a vida material e espiritual das pessoas se enriqueça dia a dia. Temos lutado e continuaremos a lutar por uma sociedade socialista numa Albânia livre, independente e soberana.

Devemos reforçar incessantemente e elevar a novos patamares esta sociedade, para cuja construção nosso povo consagrou todas as suas energias durante cinco decênios. Esta sociedade, cujas bases foram forjadas com o de 28 mil mártires e que nós edificamos à custa do suor, dos sacrifícios e da luta

multifacética contra a miséria, contra o estado atrasado, contra os numerosos inimigos e sabotadores. este é nosso dever. Ninguém mais pode cumprir este dever a não ser nosso povo, o poder popular, nosso Partido.

Sublinho esta questão porque agora, após o derrocada que aconteceu no Leste da Europa e na União Soviética, a reação e a burguesia internacional se esforçam para impor aos povos seus princípios de verdades absolutas, proclamar como universal sua ordem social, seu modo de vida, intervir nos negócios internos dos outros, a fim de ditar receitas sobre o que é necessário fazer e como agir. Com este fim eles recorrem às pressões políticas e aos bloqueios econômicos, colocam em movimento suas agências de espionagem e espalham toda espécie de invenções, graças aos meios de comunicação. Aqueles que falam de democracia e do pluralismo de idéias exercem um certo “terrorismo” político a respeito do marxismo-leninismo.

Campanhas ferozes de propaganda são organizadas de tempos em tempos igualmente contra nosso país e nosso Partido. Os promotores são os iugoslavos, mas a reação grega e outros não ficam atrás. Eles fazem coro e propagam mentiras as mais fantásticas. Segundo eles, na Albânia existe o terror, mata-se pessoas nas ruas, procede-se a prisões em massa, etc.

Os iugoslavos desejariam que existissem esses tumultos na Albânia porque eles procuram desviar a atenção da opinião pública mundial de suas crises internas e sobretudo da violência e das mortes que eles provocam em Kosovo. Os outros, que na maioria dos casos não conhecem a história, nem a cultura, nem o caminho do desenvolvimento da Albânia, fazem analogias com os países do Leste e inventam a teoria do “dominó”. Eles buscam sensações.

Como havíamos sublinhado anteriormente, na Albânia não ocorrerá nada de semelhante ao que aconteceu nos países do Leste. O povo albanês derramou seu sangue por sua liberdade e sua independência e, por conseguinte, jamais permitirá que alguém venha tornar-se dono de sua casa, não permitirá jamais aos *beys* nem aos *aghas*, nem aos outros ricos que recuperem o poder, as terras e as fábricas e sugar-lhe o sangue. É por isso que tanto os inimigos externos como os internos e a escória de nossa sociedade, cada um que ouse ameaçar, por

pouco que seja, a liberdade da pátria, do poder popular e o socialismo, enfrentará um povo unido fortemente em torno do Partido do Trabalho, um povo resolvido a defender, mesmo sacrificando a vida, as vitórias conquistadas.

A nossa sociedade não é uma cópia de outro país, nossa revolução não foi importada nem imposta do exterior. Ela encontra inspiração no marxismo-leninismo, e se desenvolveu sobre o nosso solo nacional. É uma continuação das tradições ilustres do movimento progressista albanês. Constitui um componente básico de nossa revolução. Quem não compreende isto não pode conceber nem explicar a história da nova Albânia, o caminho original que ela seguiu.

É verdade que no curso da edificação socialista nos esforçamos em tirar proveito igualmente da experiência dos outros. Mas nós nunca dançamos segundo o refrão estrangeiro e nada aplicamos de forma mecânica sem passar pelo filtro albanês.

Nosso Partido agiu com audácia e de forma dialética. Não teve medo de ver a realidade de frente, de analisar seriamente os sucessos e as derrotas. Ele tirou conclusões do que é necessário fazer para levar avante o socialismo e o que não deve ser feito para não pôr em risco o presente e o futuro do povo e da pátria. Isto nós fizemos no 9º Pleno do CC, é o que nós fazemos atualmente na reunião de hoje. Mas como no passado, no presente também nós não imitamos, não andamos de acordo com a via ou desejo de ninguém.

Nosso Partido e nosso Estado, mesmo em matéria de relações com o exterior, deve agir como sempre em conformidade com as mudanças ocorridas na arena internacional, mas tendo sempre em vista os interesses do povo e do socialismo, da liberdade, da independência e da soberania nacional, a questão da paz e da segurança.

No curso do 8º e 9º Plenos falamos das mudanças ocorridas na União Soviética e no Leste europeu. Estes países se livraram do socialismo mesmo formalmente, tanto ideológica, como praticamente eles negaram todas as coisas que se ligam à revolução e à luta da classe operária e sua missão.

Mas os acontecimentos ocorridos no Leste europeu e na União Soviética, que suscitaram grande euforia tanto no Leste como no Oeste, não justificam as esperanças daqueles que se

apoderaram do poder e dos que os sustentam. Afirma-se que tudo vai bem, mas há desilusão e inquietação.

A situação econômica na Romênia e na Polônia, na RDA, Hungria e Bulgária se agravou. A produção nestes países caiu abaixo do nível existente após as greves, estruturas e reestruturas econômicas e sociais. A situação econômica e a qualidade de vida da União Soviética são mais frágeis que há cinco anos, no período de lançamento da *perestroika*. As massas trabalhadoras em todos os países do Leste estão preocupadas com a introdução de novos mecanismos econômicos impostos pelo capital internacional, que colocam em perigo mesmo as conquistas sociais herdadas, a garantia do trabalho, da moradia, das pensões de aposentadoria, etc.

Nenhum país do Leste europeu conhece a estabilidade política. Sob o slogan do pluralismo, assistiu-se à criação de partidos, grupos e associações políticas diversos, que entraram em competição para ganhar voz e ter um lugar no poder. Na Romênia alguns partidos exigem a volta dos velhos proprietários das terras cultivadas e dos terrenos onde há edificações. Na Polônia e na Hungria se organiza a privatização das fábricas e das usinas, que eram propriedade do Estado. Neste clima, comecem a nascer também organizações fascistas, enquanto as tendências nacionalistas e as querelas ocupam a cena. Na URSS chegou-se até a confrontos armados, onde mataram armênios, azerbaijanos, tadjiques e usbeques. A Lituânia; Estônia; Letônia e a Geórgia procuram oficialmente sua independência da URSS. Ultimamente assiste-se de novo a disputas antigas entre a Hungria e a Romênia.

Os acontecimentos do Leste criaram problemas inclusive sobre o plano europeu, porque romperam o equilíbrio existente e atingiram as alianças existentes. Assiste-se ao problema da reunificação das duas Alemanhas, que é, sem dúvida, um direito da nação alemã. Mas é uma questão que inquieta muitos países e fez ressurgir amizades e inimizades antigas.

Mas não é somente o problema alemão que domina a cena européia. É importante também o problema dos blocos militares, da Otan e do Pacto de Varsóvia, isto é, o problema da segurança européia. Os EUA e a URSS procuram dirigir os acontecimentos nos canais que eles desejam, resguardando cada

um seus interesses. Mas mesmo para eles, atualmente é difícil “reconduzir os demônios à garrafa”.

A situação criada é inteiramente nova e caracterizada por uma ofensiva geral da burguesia internacional e das forças oportunistas contra os valores socialistas e comunistas, contra a prática da edificação socialista e a união internacionalista dos trabalhadores. É o mais agressivo e o mais perigoso ataque empreendido contra a revolução.

Não há dúvida de que a alternativa socialista de organização da sociedade humana não pode desaparecer, porque com a existência dos explorados e dos exploradores, haverá luta para resolver esta contradição. Mas a perspectiva histórica é outra na atualidade. Esta atualidade histórica está carregada de perigos e de ameaças concretas, de guerras que se deve travar hoje e não amanhã.

O problema das relações com o exterior deve ser considerado em sua complexidade. Agora que o equilíbrio político na Europa foi rompido, devemos pensar seriamente: como agir no mundo para resguardar os interesses de nossa pátria?

Nestas circunstâncias, podemos vislumbrar duas possibilidades em nossas relações com o exterior: a primeira fecharmos em nossa concha, limitar nossos contatos, passar à defensiva ideológica, política e cultural. Mas essa via não pode e nem deve ser nosso caminho, nossa política. Nosso Partido nunca escolheu o isolamento. Aqueles que não desejam o bem da Albânia se esforçam para isolá-la, recorrendo aos blocos econômicos para este fim.

A segunda via é a do diálogo, nosso engajamento numa luta diplomática aberta. Mas o que quer dizer uma luta diplomática aberta? Quer dizer levar esta luta lá onde ela tem lugar, o quer dizer, aceitar as regras de seu jogo.

Há quem pense que a luta diplomática significa escrever artigos de jornal, fazer declarações governamentais e públicas, uma luta de propaganda. Esta é uma idéia não somente errônea mas muito ingênua.

A luta diplomática significa fazer contatos, conversas, acordos, compromissos, recusas e aprovações, levando-se em conta o interesse nacional e o critério nacional.

O que nossa história nos ensina quanto a isso? Desde o início do movimento de secessão do Império Otomano até nos-

os dias, os albaneses combateram em duas frentes: a luta armada e a luta diplomática.

A Liga de Prizren, as insurreições dos anos 1910-1912, a luta de libertação nacional são os melhores exemplos. O essencial é que os albaneses venceram sempre.

O fio vermelho que percorre todo o movimento de libertação albanês é a definição clara e precisa da filosofia política nacional, que nunca mudou.

Nosso ideal nacional sempre foi um ideal democrático, porque os albaneses não aspiram ocupar territórios de outrem, eles não alimentaram nenhuma espécie de expansão política, econômica ou cultural. A aspiração fundamental do povo albanês foi ter um Estado livre, independente e soberano e nada mais.

Mesmo suas idéias políticas concernentes à linha interna foram sempre democráticas. Isto porque foi um povo camponês, cuja tendência foi sempre a igualdade, a justiça, a tolerância, o coletivismo, a ajuda mútua, a grandeza de alma, etc., ou porque ele sofreu muita opressão nacional e econômica. Ele não dispôs de uma burguesia propriamente dita e consolidada para se submeter à influência de sua ideologia.

Tendo por base este ideal nacional e este espírito democrático, foi possível a construção de uma unidade política estável na questão fundamental, isto é, a salvaguarda da independência do país e do Estado albanês durante todos os períodos da história moderna.

Certamente, houve períodos e momentos turbulentos, mas a ressurreição teve lugar sobre esta base inesgotável de inspiração. O critério nacional, de um lado serviu de guia nas relações internacionais e de outro determinante para o universo espiritual dos albaneses. Na Albânia as pessoas são avaliadas nos momentos críticos, não por sua situação de classe ou religião, ou pela hierarquia governamental, nível de instrução, etc., mas por sua atitude política em face da independência, da liberdade e da soberania do país. Por outro lado, como pequeno país, a Albânia não pôde ter importância e jogar papel determinante nos acontecimentos do mundo. Ela tinha importância somente por sua posição geo-estratégica. Ela se esforçou para compensar seus inconvenientes — população numericamente pequena, território restrito, fraco peso econômico — fazendo

manobras diplomáticas, tirando vantagem das contradições entre seus inimigos para proteger seus interesses.

Se analisarmos com mais detalhes a atividade de Abdyl Frasheri, de Ismail Qemali e de Enver Hoxha, o poder desses três homens de grande estatura, nascidos do seio da Albânia nos momentos-chaves de sua história, não exageraríamos se dissessemos que eles foram mestres em táticas diplomáticas. Nosso Partido, que foi desde sua fundação um combatente resolutivo da liberdade e da independência nacional, deve seguir, sem hesitação, esta tradição notável.

Persistindo neste caminho a nova Albânia sempre deu provas de realismo em sua política externa, exerceu sua atividade internacional levando em conta os interesses supremos de nossa pátria e da contribuição que ela pode dar à consolidação da paz e da segurança geral.

A política do nosso Partido e do nosso Estado nunca foi passiva nem contemplativa. E não poderia ser. Os acontecimentos no mundo sempre foram, como são, interdependentes, disto ninguém pode escapar. O problema é como fugir das influências negativas destes acontecimentos e como aproveitar os acontecimentos positivos. Certamente, tanto as perdas como os ganhos não acontecem espontaneamente. Como eles têm lugar num momento e espaço determinado, seu impacto sobre nós depende de nossa reação e de nossa ação no tempo e no espaço.

Tomemos por exemplo a Europa e os últimos acontecimentos. Neste continente, do qual fazemos parte, aconteceram grandes mudanças que levaram a uma mistura total das cartas. Novos problemas políticos, econômicos, de segurança e outros foram criados implicando assim uma análise e um novo tratamento. Não seríamos dialéticos se pensássemos que estes problemas podem ser concebidos e enfrentados recorrendo às fórmulas e aos meios de luta utilizados até agora. É importante para nós preservar os princípios e nos guiar por eles. Mas também nesta questão é necessário distinguir o que é substancial do que não o é, o que é prioritário do secundário, o que é permanente do que é temporário. É necessário saber não considerar como estratégicas as ações táticas e vice-versa.

A Albânia foi desde o início contra a divisão da Europa em blocos, contra as zonas de influência, contra a restrição da soberania de suas nações. Nós nos opusemos a todas estas polí-

ticas, que, segundo nosso ponto de vista, incitam e agravam as tensões e os conflitos neste continente, a todas estas medidas e atitudes que atacam de maneira direta ou indireta a liberdade e a independência dos países europeus, o direito à autodeterminação.

Nós pensamos que a segurança européia não pode ser garantida graças à corrida armamentista, à oposição entre os blocos militares, à discriminação política e à diversão ideológica, aos diversos blocos e ao arsenal ininterrupto da guerra fria.

Ansiamos e desejamos que os países europeus resolvam seus conflitos e tensões não recorrendo à força e às ameaças, mas ao diálogo, à razão e ao entendimento, à igualdade e ao respeito mútuo, a fim de instaurar uma coexistência verdadeiramente pacífica.

Atualmente, na Europa, constata-se esforços para encontrar maneiras de reduzir as tensões. Isto está ligado às situações criadas, mas se adequa também nossas nossas intenções. No 9º Pleno tiramos a conclusão de que nestas condições é necessário levar em consideração algumas iniciativas empreendidas, entre as quais as reuniões multilaterais. Então, o reatamento da Albânia no processo de cooperação e de segurança européia, sua participação nas reuniões organizadas com este fim, corresponde hoje aos nossos interesses. Isto comprova não somente o interesse que liga a Albânia à segurança de nosso continente, mas também sua contribuição para seu fortalecimento.

Aplicando as decisões do 9º Pleno, nossos órgãos estatais devem agir igualmente no que tange ao Mercado Comum Europeu. Na Europa Ocidental criou-se uma comunidade de Estados em que está em curso a unificação não somente da economia mas igualmente de numerosos setores da política interna e externa. A comunidade européia representa uma realidade conhecida publicamente. O estabelecimento de laços diplomáticos e de contatos com ela servirá a nossos interesses econômicos e políticos, como serve igualmente o aumento da cooperação com os membros desta comunidade, que já se transformou numa prática útil.

Ainda que de outra natureza mais complexa, levando-se em conta os acontecimentos ocorridos, figura também na ordem do dia o problema do restabelecimento das relações diplomáticas com os Estados Unidos da América e a URSS. Eu dese-

jo sublinhar que a Albânia jamais teve fobia diante dos grandes. Ela não pode suportar e não aceita as intenções impostas por políticas que estão em contradição com sua liberdade e sua independência, com sua vontade.

Como se sabe, após a libertação do país, o governo albanês dispendeu muitos esforços a propósito do estabelecimento de laços amistosos com os EUA, laços que tinham existido antes da guerra e que foram confirmados durante seu transcurso. Infelizmente, os EUA, depois da libertação do país, condicionaram o reconhecimento do novo governo albanês à mudança do sistema social surgido de nossa revolução popular. Eles se opuseram durante longo período à admissão da Albânia na ONU e tudo fizeram por seu isolamento internacional. Estes atos, sem mencionar outros, criaram um grande fosso entre os dois países, que permanece aberto ainda hoje.

Da mesma forma, foi a União Soviética que rompeu de forma unilateral as relações diplomáticas com a Albânia, assim como todos os laços econômicos e de outro tipo. O motivo principal reside em que a Albânia não aceitou sua hegemonia, não aceitou tornar-se simples executora de sua política externa, não aceitou confirmar e se submeter às suas exigências. A ruptura das relações políticas e econômicas, alargando as divergências ideológicas às relações entre os Estados, foi uma vingança que visou a atentar contra a RPS da Albânia.

A respeito do estabelecimento de relações com outros Estados nós não colocamos condições políticas, mas também não as aceitamos. Nós só exigimos uma coisa, que é ao mesmo tempo uma questão legítima, que aceitem a Albânia tal como ela é. Nós aceitamos igualmente os outros tal como eles são. A escolha do sistema social é uma questão soberana de cada povo e ninguém tem o direito de se intrometer nisso.

Se atualmente os Estados Unidos da América e a União Soviética mudaram verdadeiramente como dizem sua atitude em relação à Albânia, nós não temos razões para nos opor. Não ansiamos e não desejamos ser hostis com os outros. Ao contrário, como havíamos sublinhado no 9º Pleno, nós respondemos à amizade com amizade, não damos nenhum passo atrás quando dão provas em relação a nós de arrogância, subestimação e prepotência. As relações entre os Estados são normais e frutíferas quando se respeitam os princípios básicos de igualdade,

de não intervenção, de respeito à liberdade, de independência e de soberania de cada um, de cooperação com vantagens mútuas. Isto vale também para a Inglaterra. Apesar das mudanças na Europa, ela persiste em manter a mentalidade antiga dos anos 40 e mantém o ouro albanês bloqueado. É chegado o tempo de renunciar a esta posição.

Nós quisemos e queremos ter relações amistosas com todos os países, independentemente de seu sistema social. Prestamos particular atenção às relações com os vizinhos. Neste quadro queremos boas relações com a Iugoslávia, porque somos vizinhos e como tal temos interesses comuns. Nem nós, nem eles, podemos nos afastar dos Bálcãs, onde residem há séculos os albaneses e os eslavos do sul. A história nos obrigou a coexistir. Mas como podemos coexistir? Os albaneses dos dois lados da fronteira deram provas de desejar viver como amigos e não como inimigos. As discórdias, os conflitos, não trazem nenhuma vantagem.

Infelizmente, à mão estendida dos albaneses em sinal de amizade, os iugoslavos responderam com o punho fechado. Belgrado seguiu uma política antialbanesa, inspirada em concepções e ideologias arcaicas, em nome da nostalgia, do romantismo feudal e da euforia do império.

Esta política conduziu a um grave conflito com os albaneses de Kosovo e a uma crise nacional em toda a Iugoslávia. O efeito desta política é a situação anormal das relações iugoslavo-albanesas.

Esta política fracassou porque as crises internas não encontraram saída, recorrendo à violência ou mesmo graças à criação de conflitos artificiais com os vizinhos. O problema de Kosovo, como os outros problemas da Iugoslávia, é resultado da confrontação entre as reivindicações pela liberdade, pela democracia e o progresso de uma parte, e os esforços de dominação, o arbítrio, a repressão e a violência, de outra.

Esta linha de demarcação já atravessa a Iugoslávia inteira. De uma parte se encontram os dirigentes da Sérvia e de outra, os povos da Iugoslávia, onde, conforme o que lemos e entendemos, foi reforçada a convicção de que os problemas de Kosovo e da Iugoslávia podem ser resolvidos somente pela via democrática, por meio do diálogo, da igualdade e do respeito aos direitos e interesses de ambas as partes.

Chegou o tempo de Belgrado compreender que os problemas não se resolvem recorrendo à violência e desrespeitando a autonomia de Kosovo. O povo de Kosovo já escolheu seus representantes, reunidos nas alternativas democráticas, com os quais pode-se negociar e resolver os problemas, na base da igualdade, abertamente, sem preconceitos e incompreensões.

A República Popular Socialista da Albânia, como frequentemente declarou, está disposta a negociar com a Iugoslávia visando à normalização total das relações entre as duas partes, no interesse da boa vizinhança, da segurança da região e da paz.

Nosso país dá uma grande importância ao processo da cooperação entre os Estados dos Balcãs, disposto não somente a assegurar a paz na nossa península, mas mais além. Este ano em Tirana será realizada a reunião dos ministros das Relações Exteriores dos países balcânicos. Faremos tudo o que for possível para o êxito desta reunião e para que assinale uma virada rumo ao fortalecimento da boa vizinhança e das relações fraternais entre nossos países.

As decisões deste Pleno se revestem de uma importância muito grande para o presente e o futuro de nosso país. É certo que elas encontrarão o apoio unânime de nosso povo e de nosso glorioso Partido. Devemos mobilizar todas as nossas forças a fim de tornar nossa pátria mais forte e a vida do povo mais próspera e mais feliz, para levar adiante a bandeira do marxismo-leninismo e do socialismo na Albânia livre e independente.

Perestroika; A contra-revolução revisionista*

João Amazonas

No plano mundial, aprofundam-se as divergências no campo ideológico entre o revisionismo contemporâneo, contra-revolucionário, e o marxismo-leninismo vivo e atuante, teoria científica da classe operária. Atualmente, há nova versão e nova ofensiva do revisionismo soviético contra o movimento revolucionário, que se expressa particularmente na política da PERESTROIKA, de Mikhail Gorbachov.

De revisionismo envergonhado que procurava passar o contrabando burguês disfarçadamente a revisionismo sem máscara que adere abertamente ao capitalismo — eis a trajetória dos renegados soviéticos agora adeptos da PERESTROIKA. Com grande estardalhaço, em todos os Continentes, no mesmo dia e traduzidos em dezenas de idiomas, a editora Harper & Row, Publishers, Inc., dos Estados Unidos, lançou no mercado livreiro internacional a obra encomendada a Mikhail Gorbachov por ele intitulada “Novas idéias para o meu País e o Mundo”. Tal cartão de visita é suficiente para identificar o conteúdo do livro tão badalado pela burguesia. Se os monopolistas norte-america

* Extrato do Informe Político — O BRASIL NUMA ENCRUZILHADA HISTÓRICA — apresentado por João Amazonas, no VII Congresso do PCdoB realizado em São Paulo, nos dias 11 a 14 de maio de 1988.

nos mostram tanto empenho em divulgar o receituário oportunista do manda-chuva russo é porque não contém absolutamente nada de socialismo e de revolução, muito, porém, de anti-socialismo e contra-revolução. Não se conhece exemplo de que o imperialismo gastasse um único centavo para propagandear favoravelmente a política da classe operária no poder.

Mas é bom não subestimar. O que é claro para nós, revolucionários, não o é para as grandes massas da população. Há muita gente “entusiasmada” com a PERESTROIKA. Particularmente, a pequena burguesia que sonha com o socialismo burguês, dirigido pela *intelligentsia*. Nessa área, o livro faz “estragos”, conquista adeptos, partidários da social-democracia. Este, um dos objetivos da *Publishers*. O outro, mais contundente, é demonstrar pela pena de Gorbachov que o socialismo fracassou, que está em franco retrocesso e tornou-se inviável. Visa com isto a alcançar a classe operária, que é a força historicamente destinada a derrocar o capitalismo e edificar uma nova sociedade.

Por esse motivo vale a pena desmascarar até o fim as teses de Gorbachov, em PERESTROIKA. Os marxistas-leninistas já haviam desmantelado, em grande parte, o kruschovismo da década de 50, bem como o maoísmo dos anos 60/70. Ocorre que o revisionismo reaparece agora com novos disfarces, outra roupagem, ainda que com o mesmo conteúdo oportunista, a mesma traição de Kruschov e companhia à causa revolucionária.

a) A idéia central

Negar a luta de classes e o materialismo histórico é a idéia central do livro de Gorbachov. E com isso ele renega a revolução e o socialismo. As armas nucleares que, por sua quantidade e poder destrutivo, poderiam arrasar o mundo, servem de base à falsa argumentação do autor de PERESTROIKA. E não somente essas armas, também as convencionais que, com a nova tecnologia, diz o traidor, se equiparam em destruição às armas nucleares. Face ao apocalipse, por ele inventado, Gorbachov propõe salvar a humanidade. Esta, no entanto, não poderia ser salva se “continuássemos a pensar em termos de classe e luta de classes”. Agora, o humanismo ascende a primeiro plano. Evitar a guerra a todo o transe e manter o *status quo* seria a questão decisiva. “A filosofia marxista — afirma o renegado

— foi dominada ao referente às questões da vida social, por uma abordagem inspirada na divisão de classes”. Atualmente, acentua, “com a emergência das armas nucleares, com o risco iminente de total destruição da vida, surge o limite à confrontação dos interesses de classe”. Desse modo, desaparece aquilo que Marx, Engels, Lênin e Stálin indicavam como o motor do desenvolvimento da sociedade humana — a luta de classes. Até agora, porém, não se conhece outra maneira de passar de uma formação econômico-social a outra que não seja através da luta de classes, da violência revolucionária. É evidente que, se a questão essencial passa a ser eludir a guerra e os confrontos de classe, então deverá ser mantido o *status quo*: o capitalismo explorando, oprimindo, e o proletariado curvado à triste sorte de escravo do capital. A humanidade, para não sucumbir no holocausto nuclear, estaria fadada a perecer na dor profunda da fome, da miséria, da pauperização relativa e absoluta dos trabalhadores, na degradação dos costumes, no aviltamento da moral, no aniquilamento da liberdade.

O que domina a cena histórica, em qualquer sistema econômico-social, são as leis objetivas que existem independentemente da vontade dos homens. No capitalismo reina a lei econômica fundamental da *mais valia* que permite a determinada classe apoderar-se do trabalho de outra classe. O desdobramento dos efeitos desta lei são as crises, o monopólio, o imperialismo, o domínio de um punhado de ricos sobre a imensa maioria da população mundial, a guerra etc. Esta contradição, entre a burguesia e o proletariado, como todas as que existem na natureza e na sociedade, tem de ser superada. Não pode manter-se em repouso, em estado de equilíbrio. Porque então não haveria desenvolvimento, a vida estancada desapareceria. A verdade é que não há nada parado nem em situação de equilíbrio duradouro na natureza e na sociedade. Nesta, a superação inevitável, dá-se unicamente por meio da luta de classes, da revolução social. Para efeito de raciocínio, suponhamos que uma parcela, a parte explorada, deserdada da sociedade decidisse não contestar os seus inimigos, permanecesse quieta para que houvesse paz. A outra parte, a dos exploradores, deixaria de explorar, de submeter mais e mais os trabalhadores, os povos? Cessaria de saquear as nações débeis? Seguramente não. Porque essa é a lei da selva do capitalismo, a razão de ser da sua existência.

Entretanto, não é apenas a argumentação falaciosa de Mikhail Gorbachov que carece de apoio na realidade, mas igualmente o seu plano de acomodação das classes antagônicas, dos conflitos políticos e sociais.

b) As proposições enganosas de Gorbachov

Que propõe o descarado defensor do capitalismo? Como pensa pôr em prática a sua *nova* filosofia política?

Antes de mais nada, sugere o abandono da luta revolucionária. “O povo — escreve Gorbachov — está cansado de tensões e confrontações.” Aqui cabe a pergunta: quem provoca as tensões e os confrontos? São os trabalhadores, o povo, ou os capitalistas e seu regime político-social? O renegado não tem o mínimo pudor de recomendar que se evite levar às últimas consequências as diferenças (ou contradições?) entre o capitalismo e o socialismo, *últimas consequências* que toda gente sabe ser a revolução. Segundo ele “o povo prefere buscar o mundo mais seguro”. E aqui cabe outra pergunta: onde? Na submissão completa às feras que sugam as suas energias e roubam a própria vida? Fora da luta de classes, dos confrontos sociais, não existe nada seguro, nem bom, para o proletariado. A luta revolucionária é a condição *sine qua non* da existência da classe operária e das massas trabalhadoras. À violência contra-revolucionária da burguesia e dos latifundiários aburguesados, os trabalhadores são obrigados, se não quiserem ser totalmente esmagados, a responder com a violência revolucionária. Não há argumento capaz de destruir a verdade contida nessa tese inquestionável de Marx e Engels.

A partir da negação da luta decidida do proletariado, Gorbachov chega à conclusão *lógica* de que se deve dar prioridade ao que ele denomina de “Princípios comuns a toda a humanidade”, colocando em segundo plano o princípio de classe. Não faltava mais nada! O anti-marxista empunha a bandeira do humanismo e posa para a História como o D. Quixote da involução social. Finge desconhecer que a noção de *humanidade* encerra a idéia de classe e de luta de classes. Porque até o atual estágio de desenvolvimento da sociedade, exceto a comunidade primitiva, inexistente humanidade fora das classes, separada das classes. A humanidade não é composta simplesmente de homens e mulheres, mas igualmente de pessoas que domi-

nam os meios de produção e vivem à custa de outras pessoas que não dispõem senão da sua força de trabalho e, para sobreviver, convertem-se em escravos do capital. Gorbachov, porém, quer que todos se identifiquem unicamente como gênero humano. Entretanto, no conjunto do gênero humano existem exploradores e explorados, ricos e pobres, parasitas e trabalhadores. Nessa unidade de contrários há luta de opostos irreconciliáveis. Enfim, a cessação da luta de classes é o que ele prega.

Na mesma linha de raciocínio, Gorbachov apaga as contradições entre os imperialistas e os povos. “É hora — recomenda — de esquecer (!) qualquer aspiração imperialista em termos de política externa.” Clauzewitz estaria fora de moda. Isso de que a guerra é a política por outros meios, seria coisa do passado. Contudo, a aspiração imperialista integra a natureza mesma dos monopólios. O imperialismo não pode viver sem explorar os povos, sem saquear nações débeis (e mesmo fortes). A guerra que desencadeia é a continuação da política de rapinagem e violência que pratica durante largo período. Tampouco se pode olvidar que há guerras nacionais, de libertação, e guerras civis de emancipação da classe operária. Neste caso a guerra é a continuação da política revolucionária que os operários e as massas populares põem em prática por longo tempo antes dos conflitos definitivos.

E o revisionista soviético arvorado em defensor do capitalismo *humanizado* vai adiante em sua arenga imbecil. Afirma que “pela primeira vez na História tornou-se exigência vital a idéia de se elaborarem normas de política internacional baseadas na ética e na moral, comuns a toda a humanidade”. Se algum dia ele leu marxismo, nada entendeu. Porque ali se diz muito claramente que a ética e a moral refletem a base econômica de determinado regime social. Qual pode ser a moral e a ética dos monopólios capitalistas? Hitler considerava moral matar os judeus e exterminar os adversários nos fornos crematórios. Reagan julga moral agredir a Nicarágua através de mercenários a seu serviço. Não existe moral comum a toda a humanidade. Porque a humanidade acha-se dividida entre exploradores e explorados, entre oligarquia financeira e povos vítimas do saque e da espoliação dos arquimilionários imperialistas. A moral do burguês não é a mesma da classe operária. Lênin assi-

nalou que “moral é tudo que serve para destruir a velha sociedade alicerçada na exploração e para unir todos os trabalhadores em torno do proletariado, chamado a criar a nova sociedade dos comunistas”. Gorbachov discorre sobre normas políticas internacionais baseadas na ética e na moral... Mas de que classe? De que segmento social? Certamente, refere-se à moral e à ética dos exploradores e opressores que pretende impor como sendo a de toda a sociedade humana. Não há meio de conciliar a ética dos banqueiros internacionais com a dos povos por eles saqueados. A moral do imperialismo é espoliar outras nações, submeter as mais fracas, calcá-las sob o seu tacão de ferro.

Toda essa falsa arguição tem por fim, em última instância, justificar acordos da União Soviética com os Estados Unidos para dividir o mundo em zonas de influência entre as duas superpotências. Gorbachov declara cinicamente, em PERESTROIKA, que o destino dos povos será “decidido conjuntamente pelos Estados Unidos e pela URSS”. É incrível, mas ele asseverou que “tanto a União Soviética como os Estados Unidos poderiam dedicar-se a grandes projetos conjuntos, reunindo esforços, recursos e potencial científico e intelectual para trabalhar no sentido de resolver os grandes problemas que afligem a humanidade”. Categoricamente, afirma não ter dúvida de que os Estados Unidos encontrarão um modo de “redirecionar suas energias e seus capitais (...) para ajudar a resolver os problemas econômicos e sociais do mundo moderno”. Gorbachov anuncia assim que o imperialismo deixou de ser imperialismo. Agora, passa a ser benfeitor dos povos. Com semelhantes sandices, tem em vista amai-nar a luta dos trabalhadores contra o imperialismo e o social-imperialismo, espalhar a ilusão de que o lobo virou cordeiro. Mas o proletariado e os povos não se deixarão enganar pelo canto de sereia desse traidor da classe operária e do socialismo.

c) Do capitalismo semicamuflado ao capitalismo às escâncaras

No concernente à situação interna da União Soviética, a questão central em destaque no livro de Gorbachov é também a negação da revolução, das classes e da luta de classes. Porém, há uma nuance. O capitalismo semicamuflado deu lugar ao capitalismo às escâncaras. PERESTROIKA é a condenção global das leis próprias do socialismo e a exaltação das leis objetivas do sistema capitalista reintroduzido na URSS.

Na época de Kruschov, passando por Brezhnev, já se faziam presentes tais leis. No curto período de Gorbachov entra-

ram plenamente em ação a lei da *mais valia*, a lei do valor, a lei da concorrência e da anarquia da produção, a lei da pequena produção individual que gera, a cada minuto, a cada hora, o capitalismo em massa. A busca do lucro, que provém da *mais valia*, é objetivo fundamental. As empresas autofinanciadas baseiam-se nesse objetivo. Os kolkoses no novo regime econômico transformam-se em grandes cooperativas capitalistas e dissemina-se o livre comércio capitalista.

Gorbachov fala claro: “Muitas coisas são estranhas em nosso país atualmente”. Estranhas porque são plantas exóticas brotadas no solo regado pelo socialismo proletário no jardim agora coberto de urzes que muita gente acreditava ser ainda a terra da promessa comunista. Eis a relação das coisas estranhas: “empreendimentos conjuntos com empresas estrangeiras”; “indústrias e fábricas, fazendas estatais e coletivas, todas autofinanciadas”; “suspensão de restrições quanto a produtos alimentícios produzidos em fazendas para empresas administradas por elas”; “encorajamento de empresa individual com produção e comércio em pequena escala”; “fechamento de fábricas e indústrias que operem com prejuízos” etc. Tudo isto seria estranho numa sociedade socialista, mas perfeitamente normal no regime capitalista, como o que a União Soviética passou a adotar há muitos anos.

PERESTROIKA apresenta outras coisas singulares. “Nos últimos quinze anos — afirma Gorbachov — a taxa de crescimento da renda nacional caíra para mais da metade e, no início dos anos 80, chegara a um nível próximo da estagnação econômica”. Em 1985, diz ainda, “o país estava à beira de uma crise”. Essa constatação exige um esclarecimento. É possível ocorrer tais fatos numa economia socialista? Evidentemente não. Podem surgir dificuldades momentâneas, não, porém, nesse nível. Os casos assinalados pertencem a categorias capitalistas. Tentando confundir os trabalhadores, declara que as raízes desses acontecimentos estão nos anos 30. É um contra-senso. Qualquer leigo em economia sabe que as crises não acontecem de 50 em 50 anos, mas de 10 em 10, de 8 em 8, ou mesmo de 5 em 5 anos. Dá também outra explicação subjetiva, idealista, superficial à situação calamitosa da URSS. Vejam só: “A atmosfera da complacência e a interrupção do processo normal de mudanças de lideranças fizeram surgir a estagnação e o atraso no país.” Refere-se à subida de Kruschov e, depois de sua queda, à de Brezhnev. Não há uma gota de verdade nessa esdrúxula afirmação. Stálin substituiu o insubstituível chefe da revolução, Lênin, e não sucedeu nada do que é alegado. A URSS continuou avançando. A causa real da estagnação e do atraso atual

está no abandono do socialismo, na volta ao capitalismo. Os fenômenos referidos têm a ver com o sistema burguês. Vêm da época de Kruschov, justamente do XX Congresso do PCUS que trocou o regime econômico-social da União Soviética.

d) A nova classe dirigente

O proletariado perdeu o seu papel de força dirigente da sociedade quando Kruschov e seus seguidores se apoderaram da direção do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). A burguesia passou a dirigir o Partido e o Estado através da pequena burguesia burocrática. Não por acaso, Gorbachov se desmancha em elogios à *intelligentsia*. “Está na hora de parar de tyrannizar a *intelligentsia*, isto é prejudicial e inadmissível”, exclama. Ele atribui, na realidade, à classe operária no poder até meados dos anos 50 essa pretensa tyrannização dos intelectuais que, diga-se de passagem, nunca suportaram a ditadura do proletariado. “A *intelligentsia* (...) sofreu enormes e irreparáveis perdas devido às violações da legalidade socialista e às repressões da década de 30”, sentencia o escriba da *Publishers*.

Agora — preceitua — “a classe intelectual (classe?) deu sinceras boas-vindas ao programa de renovação democrática da sociedade”. É compreensível que o renegado do socialismo fale dessa maneira. Ele pertence a essa “classe” que, na atualidade, substituiu o proletariado no poder. Nos anos 30, essa espécie de gente tentou, até mesmo em aliança com Hitler, destruir o poder dos trabalhadores. Foi derrotada. A classe operária venceu. O reverso ocorreu após a morte de Stálin. Os apóstatas revisionistas, num golpe de força bem arquitetado, assumiram a direção do Estado e do Partido. Triunfaram os inimigos do socialismo. O proletariado da URSS precisa adquirir uma compreensão mais profunda da realidade soviética dos nossos dias a fim de ajustar contas com os traidores e retomar o comando da sociedade e do país que fez a gloriosa revolução de 1917.

e) A transição do socialismo ao capitalismo

Mikhail Gorbachov alude ao período de 30 para atacar o regime proletário existente na época. A sua *nova* filosofia está essencialmente impregnada de rancor centuplicado contra o so-

cialismo científico. E como não pode hostilizar abertamente o socialismo, agride Stálin que faleceu há trinta e cinco anos. Gorbachov assevera que a PERESTROIKA se baseia “no princípio de mais socialismo e mais democracia”. Admite críticas a certos defeitos da economia, a deficiências da produção, a relações pessoais etc., coisas que o capitalismo também permite. O que não aceita é que se conteste o *novo* regime implantado na URSS na década de 50. E nesse particular a questão se liga à figura de Stálin, precisamente porque as fronteiras entre o socialismo e o capitalismo na URSS desapareceram após a sua morte. Referir-se a Stálin, à sua obra, à sua contribuição científica é falar do socialismo que ele defendia e construía com sucesso. O ataque raivoso ao dirigente máximo da fase da construção socialista é, na realidade, a investida colérica contra a ditadura do proletariado. As mentiras e as calúnias difundidas pelos revisionistas a respeito daquela fase, traduzem o ódio profundo da burguesia e também da pequena burguesia inconformada ao regime dirigido pela classe operária. A democracia gorbachoviana nada mais é do que o respaldo à transição do socialismo ao capitalismo que se vem efetuando na URSS.

Eis aí, em resumo, as *novas* e falsas idéias do novo portavoz do social-imperialismo. Elas têm um mérito, vão direto ao assunto da implantação em larga escala do capitalismo na URSS. Não resta nada dos ideais revolucionários de 1917, da teoria marxista-leninista; desaparecem as verdades irretorquíveis do materialismo histórico. As classes e a luta de classes deixam de existir. Por isso, Gorbachov proclama: “A espinha dorsal do novo pensamento é o reconhecimento da prioridade dos valores humanos ou, para ser mais exato, da necessidade de sobrevivência da humanidade”. De braços dados com os imperialistas norte-americanos ele prefere salvar não propriamente a humanidade mas o capitalismo, o imperialismo em decomposição. Os povos, e em primeiro lugar o proletariado da União Soviética, dar-lhe-ão a resposta merecida. Abaixo os traidores revisionistas, viva o marxismo-leninismo que guia a classe operária e os oprimidos de todo o mundo para a revolução, para o socialismo!

CAPÍTULO II
O AVANÇO
REVISIONISTA

O marxismo e a discussão sobre a natureza da sociedade soviética

*Luis Fernandes**

Este artigo foi escrito em meados de 1985 — poucos meses depois da ascensão de Gorbachov à liderança da URSS e quatro anos antes do “vendaval” que transformou o panorama político e econômico do Leste europeu no segundo semestre de 1989. Na sua versão original, o artigo fazia uma resenha de cinco grandes vertentes de interpretação que procuravam se apoiar na teoria marxista para dar conta da natureza da formação social existente na União Soviética (e por “tabela” nos demais Estados a ela aliados na Europa Central e do Leste):

- 1. Teses que apresentavam a URSS como uma sociedade socialista;*
- 2. Teses que analisavam a URSS como uma sociedade em transição para o socialismo;*
- 3. Teses que interpretavam a URSS como uma sociedade estagnada na transição para o socialismo, marcada pela degeneração burocrática;*
- 4. Teses que defendiam a existência de um novo modo de produção, nem socialista e nem capitalista na URSS;*

* Formado em Política Internacional pela Universidade Georgetown, nos EUA. Este trabalho foi escrito no contexto de seu curso de mestrado em ciência política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro — IUPERJ.

5. *Teses que consideravam haver ocorrido um processo de restauração do capitalismo na URSS.*

Por falta de espaço, não incluímos nesta versão do artigo a resenha referente às visões que apresentavam a URSS como uma sociedade “em transição para o socialismo” ou como um “novo modo de produção” (a segunda e quarta na lista acima). Quem quiser ler a versão integral do artigo pode achá-la na revista Comunicação e Política, nº 7 de janeiro de 1987, publicada pela Editora Forence Universitária, Rio de Janeiro.

A releitura do artigo é hoje particularmente interessante pois a evolução vivida pela União Soviética com a “Perestroika” e os recentes acontecimentos do Leste europeu servem como certa “comprovação empírica” para identificar que hipóteses explicativas se aproximaram mais do real curso dos acontecimentos. Afinal, nas ciências sociais, diferentemente das ciências exatas, não há como controlar diretamente o conjunto de variáveis pertinentes para testar de imediato uma hipótese explicativa. É a própria evolução histórica que vai indicando quais teorias explicativas se aproximam mais do real curso das mudanças na sociedade. Assim, o próprio leitor poderá julgar a validade das diferentes interpretações, em função da evolução histórica do Leste nos últimos anos.

A revolução de outubro de 1917 na Rússia representou, sem sombra de dúvida, o mais vasto processo de transformação social do nosso século. Até hoje serve como fonte de inspiração para as lutas dos povos que buscam a sua emancipação nas mais diferentes regiões do globo. Seu impacto fortaleceu enormemente o prestígio da teoria marxista como instrumental para alcançar profundas mudanças sociais.

Mas que tipo de sociedade se ergueu na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) após a tomada do poder? Qual a natureza do atual sistema social dominante nesse país que se tornou a segunda potência do mundo? Mesmo entre as correntes teóricas que buscam se apoiar em conceitos e categorias da teoria marxista, a polêmica em torno desta questão é viva e acalorada. Nem podia ser de outra forma, pois a perspectiva assumida nesta questão tem profundas implicações políti-

cas num mundo onde tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos jogam papéis preponderantes. No presente trabalho procuraremos apresentar uma resenha das principais interpretações que pretendem se apoiar no marxismo para estudar a natureza da sociedade soviética.

A discussão entre as correntes “marxistas” sobre a natureza da sociedade soviética começou no próprio nascedouro da revolução russa. As primeiras críticas que procuraram se apoiar em concepções marxistas partiram de teóricos da social-democracia, nomeadamente do seu principal dirigente Karl Kautsky. O movimento comunista, naturalmente, foi estruturado na Terceira Internacional em torno da defesa da natureza socialista da revolução soviética. Mas mesmo aí surgiram vozes discordantes como a de Rosa de Luxemburgo. A crítica à atuação dos bolcheviques tornou-se ainda mais dura e severa com as formulações de Trotski na década de 20 e 30. Após a II Guerra Mundial, uma das críticas mais notórias da experiência soviética foi formulada pelo dissidente da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, Miiovan Djilas, no seu livro *A Nova Classe*.

A verdade, no entanto, é que até a década de 60, este debate teve um impacto apenas marginal entre os adeptos do marxismo. A defesa da natureza socialista da sociedade soviética era esmagadoramente majoritária. Esse quadro modificou-se com a ascensão do grupo de Kruschov à direção do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e a subsequente cisão do movimento comunista internacional no que convencionou-se chamar de “disputa sino-soviética”¹. As profundas divergências que se abriram no seio do movimento comunista detonaram um processo de questionamento geral da experiência soviética, em particular da sua evolução interna e externa após ascensão de Kruschov, que vem se desenvolvendo com cada vez mais intensidade até os dias de hoje.

No pano de fundo das diferentes interpretações sobre a natureza da sociedade soviética estão as particularidades que marcaram a primeira revolução socialista vitoriosa no mundo.

1. A cisão do movimento comunista na década de 60 ficou conhecida como uma disputa “sino-soviética” porque os dois maiores partidos envolvidos eram efetivamente o PC Soviético e o PC Chinês, que haviam dirigido as duas maiores revoluções do nosso século. A verdade, no entanto, é que o primeiro partido a combater abertamente o grupo de Kruschov na direção do PCUS foi o pequenino Partido do Trabalho da Albânia (PTA).

Ao elaborar uma teoria socialista, calcada em bases científicas, Marx nunca elaborou um “anteprojeto” do que “deveria” ser a futura sociedade comunista. Nem poderia, pois sua crítica aos socialistas “utópicos” se baseou na negação dos intrincados e complexos modelos intelectuais de “sociedades perfeitas”, elaborados totalmente à margem da luta de classes. Os dois trabalhos onde ele mais discute os contornos da sociedade futura são a “Crítica ao Programa de Gotha” e o “Guerra Civil na França”. Neste último, Marx procura extrair lições da experiência efêmera da Comuna de Paris para futuras revoluções vitoriosas, especialmente no que diz respeito às bases do Estado de Ditadura do Proletariado. Na crítica ao Programa de Gotha do Partido Socialista Operário da Alemanha, ele aborda, entre outras questões, o problema das marcas deixadas pela sociedade capitalista na nova sociedade comunista nascente. Marx argumenta aqui a necessidade de uma primeira fase de transição no comunismo (o socialismo), que prepare as condições da passagem para o comunismo completo. O texto chega mesmo a abordar as tarefas econômicas essenciais desta primeira fase.

O problema é que estas considerações do “fundador” do socialismo científico repousavam numa avaliação de que as primeiras revoluções socialistas vitoriosas eclodiriam nos países onde o capital estivesse mais concentrado e a classe operária mais desenvolvida — nos países mais avançados do mundo capitalista, nomeadamente na Inglaterra, Alemanha ou França. A partir desta base, a revolução teria um desenvolvimento relativamente rápido pelo resto do mundo. Acontece que as condições do capitalismo na sua etapa imperialista levaram, após a morte de Marx e de Engels, a que a primeira revolução vitoriosa se processasse num país que não era dos mais desenvolvidos do mundo capitalista — a Rússia — e que ficou durante muito tempo isolado perante um brutal cerco de países imperialistas. Essa realidade colocou problemas e desafios novos para a teoria marxista. Em grande medida, são as diferentes respostas dadas a esta questão que fundamentam as distintas interpretações sobre a natureza da atual sociedade soviética.

Este debate sobre a natureza da URSS exigiu de todos um maior aprofundamento e precisão na utilização de categorias do pensamento marxista. Cada corrente teve de explicitar mais

claramente o seu entendimento de conceitos como Modo de Produção, Classes Sociais, Propriedade Privada, Mais-Valia, Capitalismo, Socialismo, Comunismo, Imperialismo, Leis de Desenvolvimento Social, entre outros.

A defesa da natureza socialista da URSS

A defesa da natureza socialista da sociedade soviética naturalmente tem os seus principais defensores no próprio PCUS e nos demais Partidos Comunistas com ele alinhados. Na produção teórica soviética, esta natureza socialista é encarada como ponto pacífico e qualquer formulação em contrário não é sequer levada em consideração.² O máximo que se vê são referências à proibição constitucional da propriedade privada sobre os meios de produção como refutação inequívoca das formulações que negam o socialismo na URSS. Não existe, assim, um debate aberto que procure ir ao âmago da questão na polémica com as correntes adversárias.

É possível, no entanto, extrair dos materiais soviéticos as premissas, nem sempre explícitas, sobre as quais se apóia sua defesa da natureza socialista da URSS. Somos auxiliados nesta tarefa pela produção teórica recente de intelectuais que evoluíram de posições “maoístas” para um posicionamento pró-soviético. A crescente aliança da China com os Estados Unidos na década de 70, com base na chamada “Teoria dos Três Mundos”, levou alguns setores desiludidos com a política do PC Chinês a buscar uma reaproximação com o PCUS. Isto teve como consequência a elaboração de diversos trabalhos de autores como norte-americanos Jonathan Arthur e Albert Sysmanski, que buscaram refutar as teorias do PC Chinês e fundamentar teorica-

2. Ver a este respeito os seguintes exemplos de textos soviéticos que abordam a questão da natureza da formação social existente na URSS:

Vários autores, URSS: *A Caminho da Sociedade Comunista*, Editorial Estampa, Lisboa, 1975.

Vários autores, *Unión Soviética; Guia Político-Económica*, Editorial Progreso, Moscou, 1977.

Vários autores, *Economia Política, Socialismo*, Editorial Progreso, Moscou, 1977.

V. Chevstov, *O PCUS e o Estado na Sociedade Socialista Desenvolvida*, Edições Progreso, Moscou, 1981.

Vários autores, *A economia Política do Socialismo*, Edições Progreso, Moscou, 1985.

mente a existência do socialismo na URSS.³ Esses trabalhos têm o mérito de trazer à tona premissas que ficam apenas implícitas nos trabalhos dos autores soviéticos, além de polemizar abertamente com as correntes adversárias.

O ponto de partida para os autores que defendem a natureza socialista da URSS reside na própria negação da possibilidade de degeneração do socialismo. Segundo esta visão, é impossível o retrocesso de um sistema social mais avançado para outro mais atrasado. A roda da História só anda para a frente. Uma vez concluída a construção da base econômica do socialismo, a não ser pela ameaça de invasão externa, é inconcebível o retorno da sociedade à lógica do passado. O máximo que pode ocorrer é o surgimento de *defeitos* no sistema por causa de *erros* dos seus governantes, mas isto nunca chega a colocar em risco a natureza *socialista* desse sistema.

Essa concepção é defendida textualmente no livro "Socialism in the Soviet Union" de Jonathan Arthur.

"Onde, em todas as sociedades existentes até aqui, é que o sistema escravista degenerou ou foi forçado a retroceder pela contra-revolução em direção ao modo de produção que o precedeu — o comunismo primitivo? Onde é que a sociedade feudal, uma vez estabelecida, se degenerou e voltou a se transformar numa sociedade escravista? Onde é que o capitalismo, depois de fincar raízes e suplantando o feudalismo, se degenerou ou foi forçado a retroceder pela contra-revolução em direção ao feudalismo?"⁴

"Uma vez alcançado um novo patamar de desenvolvimento, não se pode retroceder ao patamar antigo, inferior, seja através de uma transição "pacífica" ou de uma contra-revolução violenta. Uma vez nascido, um bebê não pode ser colocado de volta no ventre da mãe. Uma vez nascida do ventre da velha sociedade capitalista, a sociedade socialista não pode voltar ao corpo da mãe."⁵

O raciocínio básico desta visão é de que um modo de produção, uma vez *consolidado e firmemente estabelecido* na economia de uma sociedade, só pode se desenvolver em direção

3. Ver a relação de obras destes autores na bibliografia.

4. J. Arthur, *Socialism in the Soviet Union*, Workers Press, Chicago, 1977. p. 4.

5. Ibid., J. Arthur, p. 9.

a modos de produção mais avançados. Uma vez firmemente consolidado o socialismo, é impensável um retrocesso em direção ao capitalismo. Assim, qualquer formulação que argumente a degeneração do socialismo na União Soviética deve ser descartada já de saída.

É importante ressaltar que esta formulação tem como premissa fundamental a visão do socialismo-como um modo de produção *separado e independente* do comunismo! Até recentemente, isto nunca era abertamente explicitado, pois é notória a revisão feita aqui da colocação do problema por Marx na "Crítica ao Programa de Gotha". Mas agora já se vê artigos e livros soviéticos afirmando mais ou menos abertamente esta visão, como na seguinte citação de um livro sobre o "socialismo desenvolvido" de V. Chevstov — "A construção prática do socialismo na URSS e noutros países evidencia que este sistema possui um grau bastante elevado de independência em relação ao comunismo que se manifesta na ação das suas próprias leis e princípios."⁶

Marx concebia o socialismo (a primeira fase do comunismo) como uma *etapa de transição* para a segunda fase do comunismo completo. Por isso mesmo, é uma fase onde convivem elementos do comunismo (como a socialização dos meios de produção) com elementos sobreviventes do capitalismo (como o "direito burguês" nas relações de distribuição, as diferenças entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre campo e cidade, etc.). A sociedade avança na transição para a fase superior justamente na medida em que combate e supera estas sobrevivências do capitalismo. Por consequência, é um contrassenso falar na "consolidação" e "firme estabelecimento" do socialismo. O socialismo se "consolida" na medida em que se *supera* avançando na transição para o comunismo. Enquanto não se completa esta transição, em escala mundial, o perigo de degeneração capitalista estará sempre presente em função das contradições a que nos referimos acima. Não reconhecer esta natureza contraditória que impulsiona o próprio desenvolvimento social significa resvalar para uma visão "evolutiva" e não *dialética* das leis de desenvolvimento da sociedade.

6. V. Chevstov, *O PCUS e o Estado na Sociedade Socialista Desenvolvida*. Edições Progresso, Moscou, 1981, p. 9.

Segundo a formulação dos teóricos soviéticos atuais, a fase de transição propriamente dita se limita ao breve período que separa a tomada do poder pelos trabalhadores, da construção da base econômica do socialismo. A partir daí, cessam os antagonismos de classe e a própria luta de classes. A sociedade entra na fase do “socialismo desenvolvido”, onde o problema central da passagem ao comunismo se reduz ao desenvolvimento das forças produtivas. O mesmo V. Chevstov coloca a questão deste modo.

“Com a construção da base econômica do socialismo foram eliminadas as classes exploradoras, resolvendo-se deste modo a questão de quem vencerá quem. (...)”

São próprios do socialismo desenvolvido um elevado nível de maturidade de todas as relações sociais; uma poderosa base técnica e material; uma estrutura de sociedade que se define pela ausência dos antagonismos entre as classes e nações e um alto grau de unidade e homogeneidade...”⁷

Ao elaborar o conceito de “modo de produção” na análise do processo de produção social, Marx enfatizava dois aspectos centrais — as relações dos homens com a Natureza (as forças produtivas) e as relações dos homens entre si (as relações de produção). Esses dois aspectos se inter-relacionam e são inter-dependentes. A forma como os homens se relacionam no processo real de produção é que define o “modo de produção”. Por isso em vários artigos, Lênin tem o cuidado de distinguir a simples “estatização” dos meios de produção no socialismo da sua “socialização”. A estatização é apenas o primeiro passo para a efetiva socialização. Esta requer o controle efetivo e crescente do conjunto dos trabalhadores sobre o processo de produção, o que implica numa grande elevação do nível de conhecimento técnico e científico dos trabalhadores como um todo, a progressiva redução das diferenças entre tarefas de direção e tarefas de execução no processo produtivo, etc.

Na visão soviética atual, no entanto, a questão da existência do socialismo na URSS se resolve pela proclamação jurídica da propriedade social sobre os meios de produção, e a proibição legal da propriedade privada sobre os mesmos. Isto po-

7. *Ibid.*, V. Chevstov, p. 13 e p. 16.

de ser visto nas seguintes formulações de Chevstov e do guia oficial da URSS publicado pela Editora Progresso, editora oficial soviética para divulgação externa da política do PCUS.

“Na sua forma mais geral, o socialismo significa o estabelecimento da propriedade social dos instrumentos e meios de produção, a supressão das fontes materiais de exploração de umas classes e grupos sociais por outros.”⁸

“A base econômica da sociedade socialista é a propriedade social dos meios de produção, que plasma a própria essência deste regime, sua natureza econômica e social, e é a condição decisiva das vantagens radicais do socialismo”.⁹

A partir da proclamação jurídica da propriedade social sobre os meios de produção, nesta visão que enfatiza a “homogeneidade” do “socialismo desenvolvido”, a questão central passa a ser o desenvolvimento das forças produtivas através do APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO. Isto pode ser visto numa das primeiras declarações dadas pelo próprio Gorbachov ao assumir a secretaria-geral do PCUS.

“O desenvolvimento da sociedade soviética dependerá, principalmente, das mudanças qualitativas na economia, da sua intensificação e do aumento da sua eficácia. É sob essa ótica que devemos analisar a situação econômica e traçar nossos objetivos.”¹⁰

Esta formulação “economicista” da direção soviética passa ao largo do problema, absolutamente fundamental no socialismo, de que as diferenças sociais herdadas do passado tem uma nítida marca de classes. Assim, esta visão exclusivamente técnica do desenvolvimento das forças produtivas tem como consequência a *ampliação* (em vez da redução) da esfera do “direito burguês” na sociedade e o *agravamento* (em vez da diminuição) das desigualdades sociais. Numa clara demonstração disto, Gorbachov afirma no mesmo discurso:

“À luz desses problemas, não podemos deixar de considerar anormal a diminuição do prestígio do trabalho dos engenhei-

8. *Ibid.*, V. Chevstov, p. 10.

9. Vários autores, *Unión Soviética; Guia político-económica*, Editorial Progresso, Moscou, 1977, p. 72.

10. M. Gorbachov, “Relatório sobre a Convocação do XXVII Congresso Ordinário do PCUS”, publicado no livro URSS - Uma Nova Etapa, Editora Revan, Rio de Janeiro, 1985, ppp. 14-15.

ros. Devemos ressaltar esta situação e elevar o papel e a autoridade dos contra-mestres, engenheiros projetistas, tecnólogos e dar-lhes novos incentivos morais e materiais.”¹¹

A não visualização de contradições com marca de classe no socialismo tem profundas implicações na forma pela qual os autores soviéticos abordam o problema do Estado na URSS. Na visão “clássica” de Marx, o Estado é visto como um órgão de dominação de classe, onde a classe dominante monopoliza em suas mãos o poder da violência e da repressão armada. É a partir desse núcleo que se montam as instituições que buscam obter o consenso da sociedade em relação à política estatal. Assim, todo Estado é um órgão de opressão, independente da forma democrática de governo que assuma. A questão central é ver contra quem e de que forma é exercida essa opressão. Se se trata do poder de uma minoria visando sua auto-preservação, ou do poder da maioria visando sua auto-dissolução.

Ao analisar o Estado na URSS, os autores soviéticos levam a cabo uma substancial revisão desta concepção, formulando a tese do “Estado de Todo o Povo”. A elaboração deste conceito vem do XX Congresso do PCUS em que Kruschov se firmou na direção do Partido e vem sendo mantida até hoje. Para elucidar esta tese, voltamos a recorrer ao texto de V. Chevstov.

“Na sociedade soviética, o sistema político era inicialmente um sistema de ditadura do proletariado. Na sociedade socialista desenvolvida, embora ela continue sendo uma sociedade de classes, já não existe uma classe dominante, assim como não existe, naturalmente, a ditadura de uma determinada classe.”¹²

“Uma vez que na sociedade socialista não existem classes exploradas, e por conseguinte, classes com interesses opostos, o Estado de Todo o Povo não desempenha já o papel de esmagamento dos inimigos de classe. Este traço que caracteriza o Estado como fenômeno de classe, desaparece totalmente...”¹³

É interessante contrapor esta colocação dos atuais soviéticos ao comentário feito por Engels sobre o Programa de Go-

11. *Ibid.*, M. Gorbachov, p. 21.

12. *Op. cit.*, V. Chevstov, *O PCUS e o Estado na Sociedade Socialista Desenvolvida*, p. 25.

13. *Ibid.*, V. Chevstov, p. 91.

tha citado anteriormente numa carta endereçada ao revolucionário alemão Bebel.

“Os anarquistas nos lançaram repetidamente à face essa coisa de “Estado do Povo”, apesar de que a obra de Marx contra Proudhon, e em seguida o Manifesto do Partido Comunista dizem claramente que, com a implantação do regime social socialista, o Estado se dissolverá por si mesmo e desaparecerá. Sendo o Estado uma instituição meramente transitória, que é utilizado na luta, na revolução, para submeter os adversários pela violência, é um absurdo falar do Estado Popular Livre: enquanto o proletariado ainda necessitar do Estado, não o necessitará no interesse da liberdade, mas para submeter os seus adversários, e tão logo que for possível falar-se de liberdade, o Estado como tal deixará de existir.”¹⁴

Os autores soviéticos ficam assim, numa situação complicada para justificar a continuidade (e a onipresença!) do Estado numa sociedade pretensamente homogênea e sem contradições de classe. É inconcebível, para eles, a noção de que por trás da proclamação formal da propriedade social sobre os meios de produção na sociedade soviética possam ter se desenvolvido relações *reais* de produção contrárias a esta mesma socialização. As grandes desigualdades sociais na URSS, que mesmo os autores mais ferrenhamente pró-soviéticos tem de admitir, são atribuídos a “defeitos nas relações de distribuição”. Assim, no seu livro sobre a economia soviética, publicado pela Editora Progresso, o economista norte-americano vinculado ao PCEUA, Victor Perlo, escreve o seguinte:

“É muito difícil distinguir entre a simples diferença nos rendimentos reais e a obtenção de privilégios especiais além de um limite sensato. As minhas observações levaram-me à conclusão de que alguns privilégios existem, mas que são insignificantes em comparação com aqueles de que gozam os círculos altos e poderosos da sociedade capitalista.”¹⁵

Face à acusação de outras correntes de que isto seria na verdade uma forma camuflada de exploração, os autores ex-

14. P. Engels, “Carta a Augusto Bebel”, publicado no volume 3 das *Obras Escolhidas* de Marx e Engels, Editora Alfa-Ômega, São Paulo, d.s., pp. 229-230.

15. V. Perlo, *Estabilidade Dinâmica: a Economia Soviética Hoje*, Edições Progresso, Moscou, 1981, p. 205.

maoístas que citamos no início deste capítulo contra-argumentam que não se trata de um processo de extração de “mais-valia” da classe operária, porque o burocrata soviético não pode usar os seus rendimentos para a compra de meios de produção, transformando o seu dinheiro em capital privado. É evidente, no entanto, que por trás da propriedade estatal soviética podem se desenvolver relações nas quais os trabalhadores são afastados de qualquer controle sobre o processo produtivo, e a propriedade privada de uma minoria é restaurada através de uma espécie de capitalismo de estado. Mais sensíveis a este argumento, os autores ex-maoístas a que nos referimos anteriormente elaboraram uma série de premissas fundamentais necessárias para caracterizar uma sociedade como “capitalista”, e que julgam estar ausentes da realidade soviética.

1. A concepção marxista sobre o capitalismo implica na divisão do capital em várias unidades concorrentes. Por isso, é inconcebível qualquer teoria que analise a economia soviética como sendo dominada por um único e gigantesco monopólio estatal, uma espécie de “capitalista coletivo” que domina o Estado.

2. No capitalismo, a força de trabalho tem de ser uma mercadoria como as outras, comprada para fazer expandir o capital dentro do ciclo $D - M - D$. Nesse sentido, tem de haver mecanismos capazes de manter no nível mais baixo possível o preço da mão-de-obra.

3. No capitalismo o desemprego tem de ser um fenômeno estrutural. É através de manutenção permanente de um exército industrial de reserva que o valor da mercadoria-força de trabalho é achatado, pois sempre há trabalhadores sobrando para ocupar o lugar dos que querem “ganhar mais”. Na URSS não existe desemprego. O que há é falta de mão-de-obra. Por isso, a força de trabalho não pode ser considerada uma mercadoria.

Outro argumento contra o qual polemizam abertamente os autores ex-maoístas é a acusação de que a União Soviética seria uma potência “imperialista”. Eles lembram que na definição de Lênin, o imperialismo implica num SISTEMA de exportação de capital excedente, que busca a expansão externa para procurar aplicações interativas em outros países. Não se trata, portanto, de mera exploração de vantagens comerciais ou de relações de troca desigual com outras nações. Nem tão pou-

co se refere simplesmente a uma POLÍTICA externa de agressão e violação dos direitos de outros povos. Do ponto de vista do imperialismo, isto é apenas a CONSEQUÊNCIA da busca voraz do lucro pelo capital. Como a URSS não investe capital no exterior nem monta empresas soviéticas em outros países é inaceitável, com base na teoria marxista-leninista, caracterizar a União Soviética como imperialista, ou “social-imperialista”.

Esta formulação do que é básico nos diferentes conceitos marxistas ajuda a apontar possíveis linhas de investigação empírica para “testar” a validade das teses que defendem a natureza socialista da URSS contra as formulações das demais correntes. Na última parte deste trabalho procuraremos explorar estas possibilidades de investigação.

Terminamos aqui a exposição do raciocínio básico dos defensores da natureza socialista da sociedade soviética. Não incluímos as formulações de outras correntes, como os partidos “euro-comunistas” ou a Liga dos Comunistas da Iugoslávia, que embora reconheçam a URSS como um país socialista, mantêm posições asperamente críticas no tocante a aspectos da sociedade soviética como a burocratização, a falta de liberdades civis, etc. Em relação à caracterização da natureza da formação social existente hoje na União Soviética, no entanto, o raciocínio é basicamente o mesmo.

A URSS vista como uma sociedade estagnada na transição para o socialismo

A noção básica dos diferentes autores que compõe a vertente que passamos a analisar agora, é de que a sociedade soviética se encontra “estagnada” na transição para o socialismo em função de uma grave deformação burocrática. Os pontos de contato com a visão de Goldfield são evidentes, no tocante à caracterização da URSS como uma formação social em “período de transição”. A diferença essencial é que a vertente de autores que analisamos agora não considera que a sociedade soviética esteja marchando nesta transição rumo ao socialismo, mas está de alguma forma estagnada nesse processo.

Mais uma vez, no pano de fundo desta formulação estão as particularidades que marcaram a revolução soviética. Ao to-

mar o poder na Rússia, os bolcheviques consideraram, no primeiro momento, que sua insurreição seria uma “ponte” para revoluções imediatas em outros países capitalistas mais desenvolvidos, nomeadamente a Alemanha. Dessa forma, o processo revolucionário socialista se desenvolveria fundamentalmente dentro dos marcos previstos por Marx e Engels. O auxílio estatal das nações socialistas mais desenvolvidas garantiria à URSS uma passagem relativamente rápida para o socialismo.

Com a derrota da vaga revolucionária nos países europeus, no entanto, a URSS, se deparou com uma situação nova e inesperada. O que fazer agora? Era possível construir o socialismo na Rússia sem revoluções vitoriosas em países europeus mais desenvolvidos? Baseados na teoria de Lênin sobre o imperialismo e o desenvolvimento desigual das nações, os dirigentes do partido bolchevique chegaram à conclusão de que era possível construir o socialismo no antigo Império Russo — uma nação imperialista mas com um atraso econômico bastante acentuado em relação aos países capitalistas mais desenvolvidos — com base na aliança entre operários e camponeses. Esta era claramente a posição defendida por Lênin no início da década de 20, como pode ser visto nas seguintes citações.

“Com efeito, o poder do Estado sobre os grandes meios de produção, o poder do Estado nas mãos do proletariado, a aliança do proletariado com muitos milhões de pequenos e muito pequenos camponeses, a garantia da direção do campesinato pelo proletariado, etc, não é isto tudo o que é necessário para edificar a sociedade socialista integral a partir da cooperação, a partir apenas da cooperação, que antes desprezávamos como mercantilista e que também agora, sob a NEP, temos o direito de desprezar sob um certo aspecto, não será isto tudo o que é necessário para a construção da sociedade socialista completa? Isto não é ainda a construção da sociedade socialista, mas tudo isto é necessário e suficiente para essa construção.”¹⁶

“Se para criar o socialismo é necessário um determinado nível de cultura (ainda que ninguém possa dizer qual é precisamente esse determinado nível de cultura, pois ele é diferente

em cada um dos Estados da Europa Ocidental), porque é que não podemos começar primeiro pela conquista, por via revolucionária, das premissas para esse determinado nível, e já depois, *com base no poder operário e camponês e no regime soviético* (ênfase minha — L. F.), pôr-nos em marcha para alcançar outros povos?”¹⁷

Nestas colocações de Lênin podemos extrair duas noções fundamentais. A primeira é de que não seria impossível para a URSS construir o socialismo sem o auxílio estatal de revoluções proletárias vitoriosas nos países mais desenvolvidos. A segunda é de que, a partir de uma política correta por parte do poder soviético, o campesinato poderia ser uma força *aliada* da classe operária na construção de uma sociedade socialista tendo como base a aliança operário-camponesa.

As premissas básicas do pensamento dos autores que passamos a analisar agora são justamente o inverso destas colocações leninistas. Assim, o grande teórico da social-democracia, Karl Kautski, ridicularizava a noção de que o proletariado russo estava maduro para empreender a construção do socialismo.

“Lá onde o proletariado foi treinado na auto-gestão cooperativa, sindicalista e urbana, para participar do poder legislativo e controlar o governo, e onde numerosos intelectuais estão prontos a pôr seus conhecimentos a serviço da produção socialista, que se pode, de imediato, sem perturbações, substituir o capitalismo em todos os lugares, pois, na nova situação, seu modo de produção tornou-se impossível. Em um país pouco desenvolvido do ponto de vista econômico, e onde o proletariado constitui apenas minoria, não se pode esperar muita maturidade do proletariado.”¹⁸

Mesmo ao criticar Kautsky, Rosa Luxemburgo tem em relação à falta de condições para construir o socialismo na URSS uma posição semelhante. Ela vai, inclusive, mais além e afirma que é impossível construir o socialismo em marcos nacionais.

“Todos estamos sujeitos às leis da história, e é somente a

16. V. Lênin, “Sobre a Cooperação”, publicado no volume 3 das *Obras Escolhidas*, Edições AVANTE!, Lisboa, 1979, pp. 657-658.

17. V. Lênin, “Sobre a Nossa Revolução”, publicado no volume 3 das *Obras Escolhidas*, Edições AVANTE!, Lisboa, 1979, p. 665.

18. K. Kautsky, *A Ditadura do Proletariado*, Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979, p. 57.

nível internacional que a ordem socialista da sociedade pode se realizar.”¹⁹

Ambos também coincidem em relação à sua visão do campesinato como uma força hostil à construção do socialismo. Quanto a isto, Rosa Luxemburgo afirma sobre as consequências da reforma agrária realizada pela revolução russa.

“Antes, somente uma pequena casta de nobres e proprietários capitalistas das terras, e uma pequena minoria de ricos burgueses das vilas, se opunham à reforma agrária socialista. Sua expropriação pelo movimento revolucionário de massas era como um mero jogo de criança. Agora, após ter se “apoderado” da terra, surge uma massa enorme, poderosa e recém-criada de camponeses proprietários em oposição a qualquer tentativa de socializar a produção agrária, disposta a defender sua propriedade recém-conquistada de qualquer ataque socialista. A questão da futura socialização da economia agrária — ou seja, qualquer socialização em geral na Rússia — se tornou uma questão de luta e oposição entre o proletariado urbano e as massas camponesas.”²⁰

Kautsky também raciocina com base neste antagonismo fundamental de interesses entre o proletariado e o campesinato. Só que, ao enfatizar a debilidade do proletariado russo, ele chega à conclusão, num primeiro momento, de que a revolução soviética não passou na verdade de uma revolução camponesa-agrária.

“A situação da Rússia é inteiramente outra (em relação aos países capitalistas avançados — L. F.). Mostramos, linhas atrás, a enorme preponderância do campesinato. Sua aliança com o proletariado tornou possível a vitória da revolução, mas revela ao mesmo tempo o ASPECTO BURGUEZ DESSA REVOLUÇÃO, tanto mais que ela termina e se consolida como tal, isto é, garantindo mais a propriedade privada camponesa, recentemente adquirida, prepara terreno para uma economia capitalista e para uma oposição crescente entre camponeses e proletários. As tendências econômicas desenvolvendo-se em tal dire-

19. R. Luxemburgo, *The russian Revolution*, University of Michigan Press, Michigan, 1972. p. 79.

20. *Ibid.*, R. Luxemburgo, pp. 44-45.

ção são, atualmente, preponderantes na Rússia, e mesmo a ditadura mais violenta não poderá alterá-las. Pelo contrário, como DITADURA DOS CAMPONESES, sua inclinação será favorecer essas tendências.”²¹

É evidente que de premissas semelhantes, os dois teóricos alemães chegaram a conclusões bastante diversas. Karl Kautsky conclui que os bolcheviques não deveriam ter tomado o poder, e critica o abandono das instituições democráticas-liberais pelo poder dos soviets. Já Rosa Luxemburgo considera que foi correto ter ousado tomar o poder, mas condiciona a possibilidade da passagem ao socialismo à vitória da revolução proletária nos países mais desenvolvidos do Ocidente. Nesta base ela também critica a negação do respeito à liberdade das minorias, o que considera a “essência da democracia”, pelo poder soviético.

As formulações destes dois autores foram feitas logo nos primeiros anos da revolução russa. Não se pode afirmar com absoluta certeza qual seria a sua posterior avaliação do desenvolvimento da sociedade soviética. Pelas premissas do seu pensamento, no entanto, tudo indica que eles tenderiam para uma análise semelhante à que é desenvolvida por Trotski na década de 20 e sobretudo na década de 30.

O trabalho de Trotski onde ele sistematizava de forma mais completa e acabada sua avaliação sobre o desenvolvimento da sociedade soviética é o livro *A Revolução Traída* escrito em 1936. Trotski parte das mesmas premissas que os dois teóricos alemães. Sua noção central é a de que o nível de desenvolvimento das forças produtivas na Rússia era pequeno demais para permitir a construção do socialismo. Ele chega mesmo a afirmar que a passagem ao socialismo só se torna possível quando a capacidade técnica e produtiva estiver mais desenvolvida do que nos países mais adiantados do capitalismo.

“Marx entendia por ‘estágio inferior do comunismo’ o de uma sociedade cujo desenvolvimento econômico seria, desde o início superior ao do capitalismo avançado... Se a sociedade que deveria formar com base na socialização das forças produtivas dos países mais avançados do capitalismo na sua época representava para Marx o ‘estágio inferior do comunismo’,

21. *Op. Cit.*, K. Kautsky, *A Ditadura do Proletariado*, p. 73.

esta definição não se aplica manifestamente à URSS, que se mantém hoje muito mais pobre do que os países capitalistas, quanto à técnica, aos bens e à cultura.”²²

Como a revolução proletária não vingou no Ocidente, como inicialmente se esperava, e a economia soviética permaneceu com bases técnicas atrasadas, a URSS ficou presa no período de transição.

“As formas soviéticas de propriedade, fundadas sobre as aquisições mais recentes da técnica americana e alargadas a todos os ramos da economia, identificar-se-iam já com o primeiro estágio do comunismo. As formas soviéticas, em presença do baixo rendimento do trabalho, não significam mais do que um regime transitório cujos destinos não estão ainda definitivamente pesados pela História.”²³

Neste estágio transitório, o Estado tem um caráter contraditório. Por um lado é operário na medida em que defende a propriedade coletiva dos meios de produção, por outro é burguês na medida em que defende relações de distribuição baseadas no direito burguês e, portanto, na desigualdade. Isto seria a base objetiva do processo de burocratização do Estado e cristalização na direção do poder de uma camada dirigente contra-revolucionária. O Estado na União Soviética assim, seria um estado operário degenerado. Trotski descarta a possibilidade desta camada burocrática dominante ser considerada uma classe capitalista de estado, porque ela não goza de direitos particulares de propriedade sobre os meios de produção, nem pode transmitir por herança o direito à exploração do Estado por seus filhos.

Da mesma forma que Karl Kautski e Rosa Luxemburgo, o campesinato é visto por Trotski como uma força hostil ao socialismo. Ele inclusive vai mais além e afirma que este caráter anti-socialista se mantém mesmo após o agrupamento dos camponeses nas fazendas coletivas ou kolkhoses. Em função desta oposição interna da massa de camponeses, face à impossibilidade do Estado prover instrumentos de produção em grande escala para a terra coletivizada, além da insatisfação do grosso da classe operária com a burocracia reinante,

22. L. Trotski, *A Revolução Traída*, Golbal editora, São Paulo, 1980, p. 36.

23. *Ibid.*, L. Trotski, p. 46.

Trotski previa categoricamente em 1936 que a União Soviética seria inapelavelmente derrotada numa futura guerra com a Alemanha ou qualquer outra potência imperialista, a não ser que houvesse uma nova revolução proletária vitoriosa no Ocidente.

Esta é a caracterização feita da sociedade soviética no período de transição feita por Trotski.

“A URSS é uma sociedade intermédia entre o capitalismo e o socialismo, na qual:

a) as forças produtivas são ainda insuficientes para conferir à propriedade do Estado um caráter socialista;

b) a propensão para a acumulação primitiva, nascida da necessidade, manifesta-se por todos os poros da economia planificada;

c) as normas de repartição, de natureza burguesa, se encontram na base da diferenciação social;

d) o desenvolvimento econômico, melhorando lentamente as condições dos trabalhadores, contribui para a rápida formação de uma camada de privilegiados;

e) a burocracia, explorando os antagonismos sociais, tornou-se uma casta incontável, estranha ao socialismo;

f) a revolução social, traída pelo partido governante, vive ainda nas relações de propriedade e na consciência dos trabalhadores;

g) a evolução das contradições acumuladas pode conduzir a sociedade para o socialismo, ou fazer recuar a sociedade para o capitalismo;

h) a contra-revolução em marcha para o capitalismo deverá quebrar a resistência dos operários;

i) os operários, dirigindo-se para o socialismo, deverão derrubar a burocracia.

A questão será definitivamente resolvida pela luta das duas forças vivas na arena nacional e internacional.”²⁴

Muitas das críticas dirigidas às vertentes de interpretação sobre a natureza da sociedade soviética que discutimos anteriormente poderiam ser aqui retomadas na apreciação da tese trotsquista. Um dos problemas iniciais é que Trotski busca definir

24. *Ibid.*, L. Trotski, p. 176.

o modo de produção existente na URSS pelo lado do desenvolvimento das forças produtivas, e não pelas relações estabelecidas no processo de produção. Lembramos a sua formulação de que o sistema soviético, baseado na técnica moderna americana, seria socialismo, enquanto com uma técnica atrasada, não. E se o problema fosse de fato este, então seríamos forçados a reconhecer que a União Soviética da década de 80 já é uma nação socialista, ou então muito próxima disso. Afinal a URSS se transformou hoje na segunda potência econômica do mundo, embora mantenha um certo atraso na revolução técnico-científica em relação aos EUA. E isto sem que tenha se verificado nenhum processo de retração ou derrubamento da burocracia, como Trotski previa no item i da sua caracterização da URSS.

Na sua caracterização do período de transição, Trotski, assim como Goldfield e Rothenberg, também acaba confundindo tarefas que são próprias do estágio inferior do comunismo. Assim, no item c, ele afirma que as normas de repartição no período de transição teriam ainda uma natureza burguesa gerando uma diferenciação. Ora, o próprio Marx é que elaborou a noção do direito burguês ser a norma reguladora das relações de distribuição *no socialismo*. E como já vimos anteriormente, ele nunca argumenta, quer no socialismo, quer no comunismo, com base no fim da diferenciação social e na igualdade.

Também é muito discutível, do ponto de vista marxista, a noção de que a classe operária tomou poder, mas não governa. Na formulação de Trotski, o poder é operário, mas o governo é burguês e contra-revolucionário. É difícil entender, até mesmo em tese, como a forma de governo pode ser antagônica com a essência de classe do Estado. O próprio Marx estudou processos singulares onde o poder de Estado num determinado período se colocou como que acima das classes, em função de um certo equilíbrio entre a aristocracia e a burguesia na luta pelo poder. Mas não é este o caso no período de transição trotsquista. O Estado *já* é operário e a burguesia *já* foi eliminada. Não há classes em equilíbrio na economia e na política.

Aqui chegamos ao coração do problema da formulação de Trotski. Pela própria descrição do período de transição na URSS feito por ele, é evidente que se trata de uma situação efêmera, que tende rapidamente a retroceder para o capitalismo, ou avançar para o socialismo. Como o próprio fundador da

Quarta Internacional afirmava, não se tratava de um regime capaz de reproduzir independentemente as suas relações. Tratava-se de um período de transição, assim, definido no sentido mais restrito do termo. Na década de 30, Trotski esperava um desenlace rápido para esse impasse. Ou por uma nova revolução política do proletariado, ou pela restauração do capitalismo e da propriedade privada na URSS.

Mas isto já foi há meio século atrás. Segundo os seus seguidores, o sistema descrito por ele como uma ditadura burocrática continua de pé, aparentemente com mais estabilidade do que muitos regimes capitalistas ocidentais. O próprio Trotski não teve que explicar a não correspondência das suas previsões com o desenvolvimento concreto da sociedade soviética nas décadas posteriores e com episódios históricos concretos como a derrota da agressão nazista na II Guerra Mundial. Poucos anos depois de escrever “A Revolução Traída”, morreu assassinado no México. Seus seguidores é que ficaram com a espinhosa tarefa de tentar explicar o desenvolvimento da sociedade soviética com base no modelo teórico exposto por Trotski. Nisto, processaram-se novas divisões entre os trotsquistas. Alguns passaram a entender que o capitalismo já fora restaurado na URSS depois da II Grande Guerra. Outros, evoluíram em sentido oposto, achando que a URSS chegou ao lumiar do socialismo. Entre os que continuam sustentando as teses do “período de transição”, apesar do sentido restrito dado por Trotski a essa noção, se destaca o economista belga Ernest Mandel. Nos seus trabalhos mais recentes, ele mesmo fica preso à formulação contraditória do seu mestre, ora apresentando a sociedade soviética como uma “formação com relações de produção específicas”, ora dizendo que “não é um novo modo de produção definitivamente cristalizado e capaz de auto-reprodução autônoma.”²⁵

Uma formulação que retoma a caracterização da URSS como uma sociedade em transição do capitalismo para o socialismo mas encara essa transição em termos muito mais amplos, é Rudolf Bahro. A análise deste “dissidente” alemão-oriental

25. Ver a esse respeito o seu trabalho “The Laws of Motion of the Soviet economy”, publicado na revista *The Review of Radical Political Economics*, vol. 13, nº 1, de 1980.

compara o atual estágio da União Soviética e de seus aliados como um período de passagem da sociedade primitiva para a sociedade de classes, que historicamente ficou caracterizado por formações com o “despotismo agrário” ou o “Modo de Produção Asiático”. Adolfo Gilly, num livro recentemente publicado no Brasil, sintetiza assim o raciocínio fundamental de Bahro.

“No primeiro extremo do vasto período histórico estão as sociedades de transição da sociedade sem classes à sociedade de classes; uma transição que vai de sociedades com uma divisão de trabalho embrionária e quase natural, sem produto excedente estável, a sociedades com uma crescente divisão do trabalho e um produto excedente estável, crescente e suficiente para eximir do trabalho produtivo e direto uma parte de seus membros.

No último extremo estão as sociedades de transição da sociedade de classe à sociedade sem classes. Nelas desapareceu a propriedade privada dos meios de produção, mas persiste ainda a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, já que o desenvolvimento das forças produtivas ainda não permitiu a absorção do trabalho excedente pelo trabalho necessário...”²⁶

A questão da transição aqui é tratada como um longo período histórico, e não como uma transição mais restrita assim como foi encarada por Trotski. Para Bahro, o problema fundamental é que os países capitalistas mais avançados, ao se industrializarem, barraram o caminho à industrialização dos países dependentes do sistema imperialista. Assim, o impulso para a industrialização tomou corpo em movimentos revolucionários que procuravam uma via não-capitalista para a sociedade industrial. É este o caso da Revolução de Outubro na Rússia, considerada por Bahro como um país pré-capitalista até a tomada do poder pelos bolcheviques. Embora isto não estivesse claro para Lênin e para os demais dirigentes da revolução, este era o verdadeiro sentido daquele movimento. Em função do atraso do desenvolvimento das forças produtivas na sociedade soviética, a revolução gerou uma tentativa frustrada de superar a

26. A. Gilly, *Sacerdotes e Burocratasw: Introdução ao Socialismo Real*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1985, p. 9.

antiga divisão de trabalho. O resultado concreto desta tentativa foi a instituição de uma espécie de “despotismo industrial”, onde acabou-se mantendo a antiga divisão do trabalho, apesar da eliminação da propriedade privada.

Esta é a descrição dada às sociedades de “socialismo realmente existente” ou “proto-socialismo” por Bahro.

“A eliminação da propriedade privada dos meios de produção não significa absolutamente a transformação delas em propriedade de todo o povo. A sociedade inteira encontra-se, melhor dizendo, privada de toda a propriedade diante da grande máquina do Estado. O controle do aparelho produtivo, de grande parte do sobre-produto, do processo de reprodução, dos consumos e da distribuição pôs em movimento um mecanismo burocrático que tende a sufocar qualquer iniciativa subjetiva ou repeti-la para a esfera do privado... A natureza do socialismo realmente existente é vista como uma socialização que assumiu a forma alienada de uma estatização baseada numa superação frustrada da antiga divisão do trabalho.”²⁷

Entre os traços essenciais deste “despotismo industrial” se destacam:

1. Organização burocrático-centralista de toda a sociedade;
2. Caráter estratificado da sociedade;
3. Acentuada impotência dos que participam diretamente da produção;
4. Relativa debilidade dos impulsos produtivos;
5. Organização político-ideológica típica de um Estado teocrático.

Nestas sociedades, segundo Bahro, a exploração é um fenômeno eminentemente político.

“Por mais estranho que possa parecer à primeira vista, a exploração representa em nossos países um fenômeno político, isto é, um reflexo da distribuição do poder político.”²⁸

A exploração, que representa a alavanca original de uma reprodução em fase de expansão notável, ‘envergonha-se’ — pode-se dizer assim, em linguagem de psicologia — de existir no socialismo realmente existente.”²⁹

27. R. Bahro, *A Alternativa; Para uma Crítica do Socialismo Real*, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1980, p. 13 e p. 16.

28. *Ibid.*, R. Bahro, p. 94.

29. *Ibid.*, R. Bahro, p. 204.

Para o “dissidente” alemão-oriental, os países capitalistas ocidentais também se desenvolvem em direção semelhante ao despotismo industrial. A propriedade privada estaria sendo superada pelas estruturas do monopolismo de Estado, dando vazão também a um controle cada vez mais “burocrático” sobre o processo produtivo. Defendendo a noção de Bahro contra as interpretações que apontam a restauração do capitalismo na URSS, Elmer Altvater escreve:

“As sociedades socialistas atuais não podem ser analisadas com o conceito de ‘capitalismo de estado’ já que, embora o modo de produção baseado na antiga divisão do trabalho possa ser capitalista, o modo de dominação, a forma pela qual se exerce, se legitima e se reproduz a autoridade política não é capitalista.”³⁰

Justamente o que diferenciaria o capitalismo deste “despotismo industrial”, portanto, é que no capitalismo se processa a primazia da economia e dos interesses econômicos na sociedade, enquanto no “socialismo realmente existente” o que se verifica é a primazia da política.

Embora dê conta de um processo de transição entendido do ponto de vista histórico mais amplo, superando determinadas limitações da visão trotsquista, esta visão de Bahro também apresenta problemas. Em primeiro lugar, do ponto de vista marxista, não se pode caracterizar um modo de produção pela forma como se organiza o poder político da sociedade. O essencial são as relações de produção estabelecidas no processo de produção entre os homens. Se estas são capitalistas, não há como fugir à caracterização dessa sociedade como capitalista. Nem tão pouco pode se encarar a exploração como um “fenômeno político”. Para Marx, trata-se de um processo eminentemente econômico. Outro problema é a forma pela qual o trabalho excedente é distribuído entre os membros da classe ou classes dominantes, onde o Estado e a esfera política podem jogar um certo papel. Mas isto não transforma a exploração do homem *em si* numa relação política.

Outro problema, em termos de análise histórica, é a apre-

sentação do surgimento da propriedade privada e da sociedade de classes como *consequência* da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Esta noção fundamenta toda a formulação de Bahro na caracterização da atual sociedade soviética como uma sociedade em transição no sentido exatamente oposto. É duvidoso que Marx tenha colocado a questão nestes termos. Seu enfoque enfatiza a crescente divisão e antagonismo do trabalho intelectual e manual como fruto de mudanças no processo produtivo, do processo de divisão da sociedade em classes antagônicas. De qualquer forma, isto mereceria uma maior investigação e aprofundamento histórico.

A URSS vista como uma sociedade onde foi restaurado o capitalismo

Passamos agora a analisar a vertente de autores que considera haver sido de alguma forma restaurado o capitalismo na sociedade soviética. Logo após a formação da União Soviética, os setores anarco-sindicalistas imediatamente classificaram o novo regime de “capitalismo de estado”. Entre as correntes marxistas, no entanto esta interpretação não teve a menor aceitação. As teses da restauração do capitalismo na URSS só passaram a ser consideradas mais seriamente após a evolução da sociedade soviética depois da ascensão do grupo de Kruschov à direção do PCUS e a subsequente cisão que se verificou no Movimento Comunista Internacional.

Nos meios intelectuais do Ocidente, a tentativa mais conhecida de caracterização do processo de restauração capitalista na URSS é a do economista francês Charles Bettelheim. Ao buscar fundamentar as teses de Mao Tsé-tung e do Partido Comunista Chinês sobre a União Soviética, Bettelheim chega à conclusão de que “sob a capa da propriedade estatal, existem hoje na URSS relações de exploração semelhantes às que existem nos outros países capitalistas, embora a *forma de existência* dessas relações assumam um caráter particular, que é precisamente o do capitalismo de Estado.”³¹

30. E. Altvater, “The Primacy of Politics in Post-Revolutionary Societies”, artigo publicado na revista *The Review of Radical Political Economics*, vol. 13, nº 1, de 1980, p. 1.

31. C. Bettelheim, *A Luta de Classes na União Soviética* 1º volume, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976, p. 26.

A evolução do pensamento de Bettelheim a esse respeito é deveras interessante e revelador. Na coletânea de artigos escritos de 1962 a 1967, “A Transição à Economia Socialista”, ele chega à conclusão de que não basta proclamar a abolição de relações mercantis e salariais no socialismo, ao estudar as experiências cubana e chinesa. No final da década de 60, já considera que o capitalismo foi restaurado na URSS, fundamentalmente a partir da ascensão de Kruschov. No livro “A Luta de Classes na União Soviética” — 1.º volume, ele conclui que a restauração do capitalismo na década de 60 foi apenas a culminação de um processo vivido já a partir da década de 20 na URSS. Ao terminar o segundo volume dessa obra, na segunda metade da década de 70, ele já afirma que a coletivização do campo soviético na passagem da década de 20 para a década de 30 representou a vitória da nova burguesia e a implantação do capitalismo na URSS. Por fim, nos últimos volumes da sua grande obra publicados recentemente, Bettelheim afirma que a revolução russa, independente dos desejos da liderança do partido bolchevique, não passou de uma nova forma de revolução burguesa, visando a industrialização rápida em termos capitalistas. Por trás de toda esta evolução há um fio condutor de análise apoiado numa base teórica coerente. É o que veremos em seguida.

Para empreender a sua análise sobre a natureza da sociedade soviética, Bettelheim inicia afirmando a necessidade de romper com noções errôneas que ele identifica com o “marxismo enrijecido”, principalmente no tocante a:

1. Os fundamentos das relações das classes.
2. O papel das forças produtivas.

Vamos nos debruçar sobre as formulações teóricas do autor em relação a estes pontos.

Os Fundamentos das Relações das Classes. Quanto a esta questão, Bettelheim considera que a principal deformação do marxismo é tratar as relações de classe como algo juridicamente definido e determinado. Segundo ele, deve-se descartar a noção de que a eliminação da propriedade dos meios de produção elimina a burguesia. Nas suas próprias palavras:

“Para se compreender as transformações da sociedade soviética e a possibilidade do restabelecimento de sua ditadura

burguesa na URSS (sem modificação das relações jurídicas de propriedade), é preciso abandonar a tese do desaparecimento das classes exploradoras pelo simples fato de existir a ditadura do proletariado (sobre que classe exerceria sua ditadura?), bem como a da predominância das formas estatais e kolkosianas de propriedade...”³²

Em primeiro lugar chama a atenção a confusão feita pelo autor entre ditadura do proletariado e socialismo. Ninguém defende a tese do “desaparecimento das classes exploradoras” na ditadura do proletariado. O que a visão marxista tradicional apresenta é a sua eliminação no *socialismo*. Bettelheim confunde o conceito de regime de Estado (a ditadura do proletariado) com o conceito de modo de produção (o socialismo — fase inferior do modo de produção comunista). É possível haver em determinado período histórico, por exemplo, ditadura do proletariado sem o predomínio, ainda, do socialismo na sociedade. É o caso da própria União Soviética no início da década de 20 sobre o NEP. O sistema de estado era de ditadura do proletariado, mas na visão de Lênin, era necessário desenvolver o capitalismo de estado em escala relativamente ampla, para se contrapor à dispersão da produção camponesa-comunal, da pequena produção mercantil e do capitalismo privado. Isto em função do recuo temporário que o poder soviético foi forçado a empreender em determinadas tarefas econômicas, para poder reconstruir a economia e desenvolver as forças produtivas após a destruição da guerra civil.

A verdadeira questão em debate é a continuidade da existência de classes exploradoras, nomeadamente a burguesia, no *socialismo*. Bettelheim advoga que a burguesia *continua existindo* no socialismo, e critica as noções que defendem o seu desaparecimento. A colocação do problema por Bettelheim diz respeito à definição dada às classes na teoria marxista. Vamos nos apoiar em duas definições de Lênin sobre este assunto.

“Chama-se classes a grandes grupos de pessoas que se diferenciam entre si pelo seu lugar num sistema de produção social historicamente determinado, pela sua relação (na mais das vezes fixada e formulada nas leis) com os meios de produção,

32. *Ibid.*, C. Bettelheim, p. 31.

pelo seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo de obtenção e pelas dimensões da parte da riqueza social de que dispõem.”³³

“E que são as classes em geral? São aquilo que permite a uma parte da sociedade apropriar-se do trabalho de outra. Se uma parte se apropria de toda a terra, temos as classes dos latifundiários e dos camponeses. Se uma parte da sociedade tem as fábricas, tem as ações, tem os capitais, enquanto outra trabalha nessas fábricas, temos as classes dos capitalistas e dos proletários.”³⁴

Nesta definição de Lênin, chamamos a atenção para algumas questões essenciais. A primeira, é que ao caracterizar o modo pelo qual os homens se relacionam entre si no processo produtivo, a questão da *propriedade* sobre os meios de produção é fundamental para definir as classes existentes nessa sociedade. A segunda, é que a questão da existência da *exploração* do homem pelo homem também ocupa um lugar central na determinação das classes. A forma pela qual uma classe se apropria do sobre-trabalho de outra, indica que classes estão em jogo. No tocante à propriedade sobre os meios de produção, é evidente que a concepção marxista se refere a relações reais estabelecidas entre os homens no processo produtivo, e não ao fato destas relações estarem ou não consignadas em leis. Nas sociedades modernas, o reconhecimento legal normalmente vem *depois* do estabelecimento *de fato* de relações de propriedade no processo de produção. No caso da burguesia, cabe ver se há um “grande agrupamento de pessoas” detentora das fábricas na sociedade, ampliando o seu capital através da exploração da mão-de-obra assalariada, isto é, através da apropriação do sobre-trabalho dos operários.

Ora, como já vimos anteriormente, na fase inferior do comunismo (o socialismo) impera o princípio do “direito burguês”, segundo a qual cada um recebe de acordo com o trabalho que “dá” à sociedade. Nas palavras de Marx:

33. V. Lênin, “Uma Grande Iniciativa”, publicado no volume 3 das *Obras Escolhidas*, Edições “AVANTE!”, Lisboa, 1979, p. 151.

34. V. Lênin, “As tarefas das Uniões da Juventude”, publicado no volume 3 das *Obras Escolhidas*, Edições “AVANTE!”, Lisboa, 1979, p. 332.

“Congruentemente com isto, nela o produtor individual obtém da sociedade — depois das devidas deduções — precisamente o que deu... Aqui impera, evidentemente, o mesmo princípio que regula o intercâmbio de mercadorias, uma vez que este é o intercâmbio de equivalentes. Variaram a forma e o conteúdo, porque sob as novas condições ninguém pode dar senão o seu trabalho, e porque, agora nada pode passar a ser propriedade do indivíduo, fora dos meios individuais de consumo. Mas, no que se refere à distribuição destes entre os diferentes produtores, impera o mesmo princípio que no intercâmbio de mercadorias equivalentes: troca-se uma quantidade de trabalho, sob uma forma, por outra quantidade igual de trabalho, sob outra forma diferente.”³⁵

Se não há, portanto, apropriação do sobre-trabalho de uma classe por outra no socialismo, não há exploração do homem pelo homem. Ao se realizar o princípio burguês de intercâmbio de equivalentes, elimina-se a existência da classe burguesa, que só pode existir negando na prática esse princípio oriundo do tempo do pequeno produtor isolado. É inconcebível, assim, do ponto de vista marxista a continuidade da burguesia no socialismo. Não pode haver classes exploradoras onde não há relações de exploração. Poderá haver indivíduos com valores e concepções burguesas, mas nunca uma classe burguesa.

Ao contrário de Marx, no entanto, Bettelheim considera que a “divisão social entre funções de direção e de execução, a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, as diferenças entre cidade e campo e entre operários e camponeses” constituem a “base objetiva para a existência de classes”, em geral, e de classes exploradoras em particular, no socialismo.³⁶ Já na análise exposta por Marx em “Crítica ao Programa de Gotha”, estas diferenças são vistas como *heranças* da antiga sociedade dividida em classes antagônicas no socialismo. Com base nelas, podem surgir elementos na sociedade socialista que passam a combater aberta ou veladamente a transição para o comunismo completo, procurando ampliar e perpetuar sua posição mais privilegiada. Por isso, a luta para ir superando estas dife-

35. K. Marx, *Crítica ao Programa de Gotha*, publicado no volume 2 das *Obras Escolhidas*, de Marx e Engels, Editora Alfa-Ômega, São Paulo, s.d., p. 213.

36. *Op. cit.*, C. Bettelheim, *A Luta de Classes na União Soviética* — 1º volume, p. 33.

renças na passagem para a fase superior do comunismo é uma *luta de classes*, muito embora já não existam mais classes antagônicas no socialismo. É impossível eliminar estas diferenças sem uma grande elevação do nível de vida material e cultural do povo. Mas, para Bettelheim, a questão da existência do socialismo é vista não do ponto de vista *materialista* do estudo da existência ou não de relações de exploração na produção, mas do ponto de vista *idealista/subjetivo* da vontade da liderança de acabar com as diferenças a que nos referimos acima. Está aqui a raiz da sua confusão entre as concepções de sistema de Estado e modo de produção.

O Papel das Forças Produtivas. A segunda questão levantada pelo economista francês é a necessidade de romper com a visão “economicista” do marxismo que subordina unilateralmente a transformação das relações sociais ao desenvolvimento das forças produtivas. Em relação a isto ele escreve:

“O desenvolvimento das forças produtivas jamais pode, por si só, fazer desaparecer as formas capitalistas da divisão do trabalho e as outras relações sociais burguesas... somente a luta de classes travada sob a ditadura do proletariado e corretamente dirigida — graças a uma experimentação científica de massa e à análise teórica — pode eliminar as relações econômicas capitalistas combatendo a divisão capitalista do trabalho e, simultaneamente, as relações ideológicas e políticas que permitem a reprodução de relações de exploração e de opressão.”³⁷

Lembramos aqui que o que Bettelheim chama de “relações econômicas capitalistas” e “divisão capitalista do trabalho” são as diferenças herdadas pelo socialismo da antiga sociedade dividida em classes antagônicas, tais como as distinções entre campo e cidade, trabalho intelectual e trabalho manual, etc. A crítica à visão economicista deste problema, segundo a qual estas diferenças diminuíram e a consciência socialista cresceria espontaneamente com o desenvolvimento das forças produtivas, é mais do que justa. O próprio desenvolvimento da sociedade soviética revela como a modernização técnica e produtiva pode levar a uma *cristalização e agravamento* destas diferenças, se tratadas isoladamente do esforço de tornar os produ-

tores cada vez mais “senhores” de todo o processo produtivo. Mas Bettelheim acaba caindo no extremo oposto — o de achar que é possível reduzir bruscamente estas diferenças *independentemente* do grau de desenvolvimento produtivo e cultural da sociedade. Assim é errado formular que “somente a luta de classes” pode eliminar as diferenças sociais herdadas do passado, bastando para isso que seja “corretamente dirigida”. O fato é que o grau de desenvolvimento das forças produtivas coloca limites concretos e objetivos em relação ao grau de diferenças capaz de ser eliminado em cada período. Ao não reconhecer isto, Bettelheim mais uma vez resvala para o campo do idealismo e do voluntarismo.

A este respeito, é bastante elucidativo um trecho de Engels no trabalho “Acerca das Relações Sociais na Rússia”:

“Só ao atingir um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, muito elevado mesmo para as nossas condições presentes, torna-se possível elevar a produção até alcançar um nível em que a liquidação das diferenças de classe represente um verdadeiro progresso, tenha consistência e não traga consigo o estancamento, ou inclusive, a decadência do modo de produção da sociedade.”³⁸

Neste artigo, Engels está polemizando com o autor russo Tkatchov, que afirmava ser mais fácil a passagem para o socialismo na Rússia, já que o capitalismo era ainda incipiente e a miséria das massas mais acentuada. É interessante que esta mesma formulação criticada por Engels é retomada por Mao Tsé-tung, inspirador máximo de Bettelheim, ao considerar superada a compreensão de Lênin sobre este mesmo problema.

“Lênin diz que ‘a transição do capitalismo para o socialismo é mais difícil num país atrasado’. Isto parece incorreto hoje. Na atualidade, a transição é menos difícil nas economias atrasadas, por que quanto mais pobre um povo, mais ele quer a revolução.”³⁹

Ao tentar levar a cabo uma brusca redução nas diferenças sociais da China baseado na pequena produção camponesa, prin-

38. F. Engels, *Acerca das Relações Sociais na Rússia*, publicado no volume 2 das *Obras Escolhidas* de Marx e Engels, Editora Alfa-Ômega, São Paulo, s.d., p. 237.

39. Mao Tsetung, *A Critique of Soviet Economics*, Monthly Review Press, Nova Iorque, 1977, p. 50.

37. *Ibid.*, C. Bettelheim, p. 25.

principalmente no período do “Grande Salto Adiante” e da “Grande Revolução Cultural Proletária”, o “Grande Timoneiro” encaminhou a sociedade chinesa justamente para o beco sem saída previsto acima por Engels. A consequência foi o virtual colapso da economia e um grande atraso no desenvolvimento da sociedade. Bettelheim se apóia justamente nessas experiências malogradas para fazer sua crítica ao desenvolvimento da sociedade soviética.

Por isso não é de forma alguma surpreendente a evolução do pensamento do economista francês sobre a natureza da sociedade soviética. Ele começou tentando fundamentar a tese chinesa de que o capitalismo havia sido restaurado na URSS a partir da ascensão de Kruschov. Ao analisar a sociedade soviética, localizou a existência de diferenças acentuadas, como as entre campo e cidade, trabalho manual e trabalho intelectual, tarefas de direção e tarefas de execução, etc. Identificou isto com a restauração do capitalismo. Só que ao olhar para trás, verificou que estas diferenças estavam presentes na sociedade soviética há mais tempo, e passou a considerar que o capitalismo foi restaurado já no início da década de 30. Investigando um pouco mais, viu que era impossível à URSS eliminar “de golpe” as diferenças de classe que ele identificou com o capitalismo. Com isso, conclui que, apesar dos desejos da liderança bolchevique, a revolução russa não passou de uma revolução burguesa/capitalista de novo tipo. De tanto criticar o economicismo, acabou se re-encontrando com a posição defendida pelo “renegado economicista” Karl Kautsky em 1918!

A descrição deste capitalismo de estado na União Soviética é melhor feita pelo colaborador de Bettelheim, Bernard Chavance.

“A característica essencial do proletariado nos países capitalistas, também verificada na URSS, é a separação radical entre os produtores diretos e os meios de produção. Uma análise concreta da sociedade soviética prova não só que esta separação radical existe e é dominante na sociedade, mas também que ela está sendo constantemente reproduzida e se torna cada vez mais penetrante. Este distanciamento crescente deriva do fato que o extrato dominante possui os meios de produção, apropria-se deles; e é este fato que explica a constituição

do extrato dominante como uma classe exploradora que se apropria ‘privadamente’ do trabalho excedente não pago dos produtores diretos.”⁴⁰

O problema todo é que a característica “essencial” do proletariado nos países capitalistas *não* é sua separação dos meios de produção. Isso é apenas a consequência. O que *caracteriza* o proletariado no capitalismo é o fato dele ser *explorado* pela “escravidão assalariada”, o fato de criar mais-valia que é apropriada pela burguesia. O que tem de ser revelado para comprovar a natureza capitalista da URSS é a extração de mais-valia da classe operária soviética. E isso em nenhum momento é feito, quer por Bettelheim ou Chavance.

Os textos elaborados pelo PC chinês acerca desta questão também não são muito felizes. A começar pelo fato de não existir nenhum grande trabalho que procure aprofundar a discussão sobre a natureza atual da União Soviética, mas apenas publicações esparsas. Em geral, especialmente no período de predomínio do chamado “Bando dos Quatro”, as análises chinesas resvalam para o campo do idealismo ao reduzir a questão de se a economia é capitalista ou socialista à questão da linha política dos dirigentes. Isto era reduzido inclusive a nível de cada empresa, onde a orientação preferida pelo diretor determinava se essa fábrica era “capitalista” ou “socialista”. Vejamos algumas “pérolas” deste pensamento maoísta.

“A que classe pertence na realidade uma empresa? Isso depende da linha que nela se aplique e da classe que detém a decisão.”⁴¹

“A política é a expressão concentrada da economia. A correção ou incorreção da linha política e ideológica, e a questão de que classe está na liderança, define que classe é de fato proprietária das fábricas.”⁴²

“(Onde se segue uma linha capitalista) atos de exploração capitalista, como a conversão de dinheiro e mercadorias em ca-

40. B. Chavance, “Sobre as Relações de Produção na URSS”, artigo publicado na revista *Teoria e Política*, ano 1, nº 3, 1980, pp. 93-94.

41. Artigo não assinado. “A Propósito da Ideologia Burguesa Compradora de Teng Hsiao-ping no Plano Econômico”, publicado na *Antologia de Crítica a Teng Hsiao-ping*, Edições Maria da Fonte, Lisboa, s.d., p. 59.

42. Chang Chun-chiao, *On Exercising All-Round Dictatorship over the Bourgeoisie*, Foreign Languages Press, Pequim, 1975, p. 10.

pital, ocorrerão; mudanças acontecerão na natureza da propriedade de certas unidades que seguirem a linha revisionista; e instâncias de opressão e exploração do povo trabalhador voltarão a surgir.”⁴³

É interessante notar que estes textos abandonam qualquer abordagem baseada nos conceitos marxistas de modo de produção, formação social, etc. para relatar “atos”, “episódios” e “instâncias” de exploração capitalista nos locais que adotaram uma linha errada. A análise não sai dos marcos do idealismo mais vulgar, e por isso pode prescindir de qualquer estudo mais sério da realidade soviética. Basta determinar se a orientação desta ou daquela figura é a mais correta, e o resto virá em decorrência. A consequência política-prática desta concepção na China foi o endeusamento da figura de Mao Tsétung em todas as instâncias da sociedade, visto como garantia de que o país continuaria se desenvolvendo firmemente no caminho socialista.

Uma posição mais séria e profunda no estudo do desenvolvimento da sociedade soviética foi desenvolvida por outro grupo de partidos e organizações comunistas que não aceitaram as posições defendidas pelo PCUS a ascensão de Kruschov. O Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista do Brasil fazem parte desta corrente. O ponto de partida dessa análise é a noção da continuidade das contradições e da luta de classes no socialismo, mesmo após a eliminação das antigas classes exploradoras. Um texto da diretora do Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas do PTA coloca a questão deste modo:

“A luta de classes é a principal força motriz, não só para a sociedade de classes antagônicas, mas para toda sociedade de classes, também para a sociedade socialista... As contradições antagônicas não desapareceram em nosso país com a supressão das classes exploradoras, elas subsistem ao lado de contradições não-antagônicas. A contradição antagônica fundamental é sempre a contradição entre o capitalismo e o socialismo, entre a via capitalista e a via socialista... A amarga experiência da União Soviética demonstrou que, enquanto esta contradição

não for resolvida completa e definitivamente nos terrenos político e econômico, ou seja, a vitória da revolução socialista não pode ser considerada completa e definitiva. Se a luta de classes não é desenvolvida correta e continuamente, não só no terreno ideológico, como também no político e econômico, existe a possibilidade de ver as contradições não-antagônicas se transformarem em contradições antagônicas.”⁴⁴

Esta análise sobre a continuidade da luta de classes no socialismo tem implicações diretas no estudo da natureza da sociedade soviética. Assim, a possibilidade da restauração do capitalismo está presente durante todo o período do socialismo. E aqui não há meio-termo. Se não se aplicar uma política *consciente* de ir eliminando as diferenças sociais herdadas do capitalismo, combatendo os valores e preconceitos do passado, e incorporando cada vez mais as amplas massas das decisões econômicas e políticas (à medida que se desenvolvem as forças produtivas e se eleva o nível técnico e cultural de todo o povo), as forças do conservadorismo empregnadas do hábito se consolidam e podem arrastar a sociedade de volta à lógica do sistema anterior. Ainda mais quando se trata de um país ou grupo de países cercados por economias capitalistas mais desenvolvidas. É por isso que a visão economicista, no afã de aumentar a qualquer custo a produção sem levar em conta a complexidade das tarefas da transição para o comunismo, acaba consolidando e alargando as posições de privilégio e restabelecendo mecanismos capitalistas na gestão da economia. As diferenças e as posições de privilégio, impostas à sociedade socialista no seu nascedouro, transformam-se em elementos permanentes no sistema de relações sociais.

No entender desta corrente de partidos e organizações comunistas, a ascensão do grupo de Kruschov à direção do PCUS representou justamente o triunfo desta concepção “economicista”. É apontada a reintrodução de relações capitalistas na economia soviética a partir da série de reformas econômicas que culminaram nas chamadas “reformas de Kossiguin” anun-

43. Yao Wen-yuan, *On the Social Base of the Lin Biao Anti-Party Clique*, Foreign Languages Press, Pequim, 1975, pp. 7-8.

44. N. Hoxha, *Algunas Cuestiones Fundamentales de la Política Revolucionaria del Partido del Trabajo de Albania para el Desarrollo de la Lucha de Clases*, Editora “O NENTORI”, Tirana, 1977, p. 7 e pp. 17-18.

ciadas em 1965. Segundo esta análise, os elementos centrais desta reforma seriam:

1. O objetivo central da produção a nível de cada empresa passou a ser o lucro.
2. Grande parte do lucro gerado passou a ser retido na própria empresa para reinvestimentos em bens de capital.
3. Foi abolido o sistema de abastecimento gratuito e centralizado dos meios de produção do Estado para as empresas.
4. As empresas passaram a comprar estes meios de produção, baseados em empréstimos a longo prazo do banco estatal ou em lucros retidos.
5. Os diretores das empresas passaram a gozar de grande autonomia, determinando o ritmo de produção, alocação de investimentos, número de empregados e níveis salariais da “sua” empresa.

Tudo isto ocorre em direção contrária aos argumentos levantados antes neste trabalho, de que na URSS o “dinheiro não pode ser transformado em capital, não pode ser investido em meios de produção”. Sob o sistema de auto-gestão financeira introduzido por Brejnev e Kossiguin, e ainda mais ampliado nos dias de hoje, cada empresa ou combinado de empresas financia a expansão do seu próprio capital, seja pagando com seus lucros os empréstimos do banco estatal ou investindo diretamente através dos “fundos de investimento”. O diretor nomeado concentra nas suas mãos as decisões sobre alocação de recursos, e como ressalta o economista soviético A. Omarov, “torna-se desnecessário sublinhar que se acha investido de todos os poderes necessários para executar as suas obrigações.”⁴⁵ Assim os produtores perdem qualquer controle mais efetivo sobre o processo de produção, tornando-se meras peças na lógica da expansão contínua do capital. O Estado passa a atuar como capital financeiro e os meios de produção se transformam novamente em Capital. A planificação passa a atuar em bases inteiramente diferentes.

Em linhas gerais esta é a caracterização dada para o desenvolvimento da sociedade soviética nas últimas décadas pelos -

45. A. Omarov, *Organização da Indústria e da Construção na URSS*, Editorial Estampa, Lisboa, 1976, p. 99.

autores desta corrente. É evidente que o que se descreve aqui implica um processo de restauração *real* da propriedade privada sobre os meios de produção na URSS, por trás da sua projeção legal na Constituição. Este processo, naturalmente, não pode se verificar sem contradições e percalços. Pelo que se pode depreender da própria imprensa soviética, um dos problemas fundamentais é que os dirigentes econômicos gozam de poderes e privilégios compatíveis com seus comparsas no Ocidente, sem ter de enfrentar os riscos de “perder tudo” em função de decisões econômicas erradas. Isto tem causado um problema cada vez mais grave de ineficiência e esbanjamento de recursos. Em função disso, o próprio Gorbachov ataca hoje abertamente o “desperdício e corrupção” da gestão da economia no período de Brejnev, propondo disciplinar a atividade de todas as empresas através do “aumento da responsabilidade, inclusive *jurídica*, de pessoas concretas (*diretores* — L. F.) pela conservação e devida utilização dos bens.”⁴⁶ Possivelmente isso implique num reconhecimento formal parcial da restauração da propriedade privada sobre os meios de produção.

Os partidos e organizações desta corrente argumentam que as modificações nas relações de produção da sociedade soviética descritas acima significaram a reintrodução de mecanismos de extração de mais-valia, com o sentido da produção sendo determinado pela lógica da acumulação do capital. O grosso desta mais-valia, como em qualquer sociedade capitalista, seria reinvestido na produção através dos fundos de investimento ou pelos financiamentos do banco estatal. Já vimos a descrição disto acima. Já a parte que vai para o consumo individual dos integrantes da nova “classe dominante” seria apropriada dos seguintes modos:

1. através da ampliação do leque salarial;
2. através de um intrincado sistema de prêmios e bonificações;
3. através de uma série de regalias sociais e mordomias.

O dirigente do PTA falecido recentemente, Enver Hoxha, “localizou” a nova burguesia soviética da seguinte forma:

“A restauração do capitalismo levou à polarização da atual

46. P. Cit., M. Gorbachov, “Relatório sobre a Convocação do XXVII Congresso Ordinário do PCUS”, p. 19.

sociedade soviética, onde uma pequena parte da mesma domina e explora a maioria esmagadora do povo. A capa constituída pelos burocratas, os tecnocratas e a intelectualidade de alto nível se criou e tomou a forma de uma classe burguesa exploradora em si, que se apropria e distribui entre os seus membros a mais-valia que extrai explorando ferozmente a classe operária e as amplas massas trabalhadoras. A diferença dos países do capitalismo clássico, onde a mais-valia é apropriada de acordo com a proporção do capital de cada capitalista, é que na União Soviética e nos demais países revisionistas ela é distribuída de acordo com o escalão da alta capa da burguesia na hierarquia estatal, econômica, científica, cultural, etc.”.⁴⁷

Em relação à caracterização da URSS como uma potência social-imperialista (“socialista em palavras, imperialista em essência”), a análise desta corrente comunista não se limita a descrever episódios de exploração de vantagens comerciais ou de relações de troca desigual no comércio, como faz o PC chinês. Ela estuda sobretudo o processo pelo qual, com a implementação das medidas da reforma econômica, algumas empresas e às vezes ministérios inteiros começaram a argumentar que não podiam usar integralmente os seus fundos de investimento internamente nas unidades, pois a lucratividade das inversões sofreria uma queda. Segundo os autores, isto comprova a existência da tendência à queda na taxa de lucro na economia soviética. Desta forma, se gera um capital excedente que acaba pressionando no sentido da expansão externa, para buscar realizar maiores lucros com a exploração da mão-de-obra em outros países. Isso se processaria fundamentalmente através das seguintes formas:

1. através da concessão de créditos e “ajudas” estatais;
2. através da montagem de empresas mistas no exterior;
3. através do financiamento de projetos de interesse soviético;
- D 4. através do investimento direto dos bancos soviéticos sediados nos centros financeiros do Ocidente.

O reverso da medalha deste processo tem sido a crescente reintegração da economia soviética na economia capitalista mundial. Assim um estudo feito por Charles Levinson em 1976 indicava a instalação de escritórios em Moscou de nada

menos que 17 multinacionais norte-americanas, 18 japonesas, 13 alemães ocidentais, 20 francesas, 7 italianas, 6 inglesas, 8 suecas, entre outras. A penetração de capitais estrangeiros na economia soviética se dá de diversas formas — através do co-produção, venda de patentes e licenças, instalação de fábricas completas, empréstimos de capital, etc. Em função disso, a dívida da URSS com bancos credores ocidentais anda por volta do 20 bilhões de dólares.

A análise desta corrente de partidos e organizações comunistas sobre a natureza da sociedade soviética mantém um rigor conceitual bastante acurado na utilização de categorias e concepções da teoria marxista. O problema é que nem sempre as generalizações feitas sobre a sociedade soviética vêm acompanhadas de evidência empírica para substanciar as conclusões. No tocante às modificações nas relações de produção na URSS, por exemplo, a análise se apóia sobretudo em descrição do andamento e das medidas da reforma econômica feitas pelos próprios autores soviéticos. Daqui se tira as implicações das modificações em termos da teoria marxista. Não se apresenta um estudo *concreto* mais detalhado do andamento real desta reforma e de como as medidas propostas foram implementadas *de fato* no interior das empresas. As razões para isso são mais do que evidentes. Afinal, seria praticamente impossível proceder a investigações independentes mais profundas sobre esta questão tão sensível no interior da própria URSS. O resultado é que, de uma maneira geral, oferece-se bastante evidência empírica para comprovar a conversão da URSS numa potência imperialista (em função do acesso a dados e regulamentos que envolvem transações entre países), mas a evidência empírica acaba sendo parca na comprovação do processo de restauração do capitalismo no *interior* da sociedade soviética. Por tudo que foi escrito até aqui neste trabalho, já estará evidente que a minha convicção pessoal em relação à discussão sobre a natureza da sociedade soviética se enquadra na vertente que acabamos de discutir.

47. E. Hoxha, *El Imperialismo y la Revolución*, Editora “8 Nentori”, Tirana, 1979, p. 113.

Carta a um leitor*

João Amazonas

Ao sr.

Kardeck do Nascimento

Peço desculpas pela demora em responder a sua carta. Antes de mais nada devo dizer que a considero oportuna e sincera. Não importa que o signatário, como diz, seja um ardoroso espírita. O importante é que levanta algumas questões que preocupam muita gente e cujas dúvidas precisam ser esclarecidas.

Sem pretender possuir o monopólio da verdade, tentarei expor nossa opinião relativamente ao assunto tratado na carta.

1 - O problema central de suas indagações refere-se ao tratamento político que se deve dar ao revisionismo e à União Soviética. Você admite que a União Soviética é revisionista, “desviou-se da rota”. Acredita, no entanto, que “apesar desse retrocesso” continua sendo uma aliada das forças antiimperialistas e revolucionárias. Segundo suas opiniões, seria um erro combatê-la duramente, pois “ainda leva seu tijolinho na edificação do edifício do socialismo no mundo”.

* Resposta de João Amazonas à carta de um leitor, publicada na revista *Princípios* n.º 5, de março de 1983.

Pensamos diferente. A União Soviética da época de Lênin e de Stálin estabeleceu e construiu o socialismo numa luta gigantesca de vida ou morte, transformou-se na esperança dos explorados e oprimidos de todo o Globo. Porém, desde a metade da década de 50, com a traição de seus dirigentes aos ideais do proletariado, deixou de ser socialista, voltou ao capitalismo, um capitalismo distinto na forma dos demais países capitalistas, mas idêntico no conteúdo. À primeira vista parece que a União Soviética continua socialista. Ali as fábricas e usinas, como também os bancos, o transporte, o comércio etc não foram devolvidos a proprietários privados. No campo, se bem que se liquidaram muitos *sovkoses* (empresa inteiramente estatal) prosseguem existindo os antigos *kolkoses* (propriedade coletiva). Assim, visto de maneira superficial, tem-se a impressão que funciona uma economia coletivizada, socialista, como a de outrora. Na realidade, tal não sucede. Coletivizada, sim. Mas nas mãos de quem? Do proletariado? Não. Nas mãos de usurpadores do poder que o utilizam em benefício próprio e de uma camada de burocratas, tecnocratas, militares, aproveitadores de todo tipo. Esta camada apossa-se de boa parte dos valores criados pelos trabalhadores, o que lhe assegura um alto nível de vida.

Num regime autenticamente socialista, a classe operária, os produtores em geral, devem ser os principais beneficiários do sistema socialista. Todavia, na União Soviética da atualidade, esses beneficiários são os dirigentes do Estado e do Partido, os administradores das empresas e *kolkoses*, os oficiais de elevada graduação, os técnicos, os funcionários destacados do aparelho partidário etc. Todos eles ganham salários muitas vezes maiores do que o salário médio do operariado. Sem dúvida, na primeira fase, a sociedade socialista admite diferenças salariais, não há igualitarismo. Mas essas diferenças tendem sempre a reduzir-se à medida em que se eleva a qualificação geral da mão-de-obra e o padrão tecnológico da produção. Dirigir o Estado, o Partido, as Forças Armadas, não dá direito, no socialismo, a privilégios de qualquer natureza. Não podemos esquecer que Marx e Engels apoiaram e elevaram a nível de princípios, as medidas da Comuna de Paris que atribuíam aos funcionários do Estado um salário igual ao da média do salário dos operários. É uma função social à qual se devem integrar as am-

plas massas de trabalhadores. Lênin dizia que uma cozinheira precisa saber dirigir o Estado.

As vantagens que aquela camada de beneficiários do regime desfruta provêm, como no capitalismo, do trabalho de outrem, da *mais valia* tirada dos operários e dos camponeses. Além de salários altíssimos em relação à média da remuneração dos trabalhadores, esses elementos dispõem de verdadeiras mordomias: casas de campo, automóveis de luxo, clínicas especializadas, facilidades para viagens de recreio ao exterior, armazéns especiais de produtos de consumo de boa qualidade a preços reduzidos, acesso fácil aos melhores espetáculos de arte, ampla utilização dos meios de comunicação etc. São os burgueses da Rússia.

No campo, acelerou-se igualmente a marcha para o capitalismo. Os *kolkoses*, que pouco a pouco deviam passar de propriedade de grupo a propriedade de todo o povo (como são as empresas), converteram-se em cooperativas de tipo capitalista. Extinguiram-se praticamente todos os meios que asseguravam essa passagem, entre os quais as Estações de Máquinas e Tratores em poder do Estado. Os *kolkoses*, tornaram-se proprietários de meios de produção.

No que se refere às relações da URSS com outros países, sua política tem cunho capitalista-imperialista. Participa do comércio desigual, vendendo às nações atrasadas (e também aos aliados próximos) seus produtos por altos preços e comprando matérias-primas e produtos manufaturados por baixos preços. Enquadra no seu sistema de opressão e exploração os países nos quais têm influência, acobertada com a capa de "ajuda internacionalista" ou sob o pretexto de integração na chamada comunidade socialista. Quando tais países reagem à espoliação, Moscou recorre à força armada, à pressão econômica e militar. Foi assim na Checoslováquia, na Polônia, no Afeganistão etc. Pode-se alegar que, se não fosse a União Soviética, a Checoslováquia teria caído nas garras do imperialismo ocidental. O que é verdade, pois aí também o revisionismo havia liquidado o socialismo. Mas a intervenção militar soviética só teve um móvel: garantir o domínio imperialista da URSS naquele país. O fato se repete na Polônia. Ao contrário do que você afirma ("a União Soviética salvou a Polônia de retornar ao capitalismo, foi uma vitória dos comunistas") - o que a URSS fez

foi “salvá-la” do capitalismo ocidental, se é que a salvou, para manter ali o seu exclusivo domínio. Se o movimento intitulado *Solidarnosc* vencesse, o povo polonês iria viver sob o jugo da reação e da exploração imperialista ocidental, de braços dados com o Vaticano. Em decorrência da proclamação do estado de sítio do general Jaruzelski, a Polônia, onde o socialismo já não existe há quase três décadas, continuará atada de pés e mãos à União Soviética.

2 - Você diz que a Rússia “apesar de ser revisionista tem colaborado para o enfraquecimento do capitalismo”. Será? Pensamos de outra maneira. Até a metade da década de 50, a URSS desfrutava de imenso prestígio, plenamente justificado pela sua posição socialista, internacionalista. Era um poderoso baluarte da revolução proletária mundial. Junto com a URSS criara-se todo um campo socialista que ia da Europa ao Oriente, englobando metade da população do Planeta. Nos países capitalistas existiam fortes Partidos Comunistas, revolucionários, marxistas-leninistas, fundados na época da III Internacional. Se essa situação tivesse perdurado (e certamente progredido), hoje estaríamos ajustando definitivamente as contas com o sistema capitalista-imperialista em todo o mundo. Atravessaríamos uma fase de profundas transformações radicais na sociedade, apoiadas no processo objetivo do desenvolvimento social. Que ocorreu, no entanto? A URSS enveredou pelo caminho revisionista, abandonou a senda revolucionária, desmantelou a construção do socialismo. E influiu decisivamente na conversão dos partidos proletários-revolucionários em partidos revisionistas, agentes da burguesia, defensores da colaboração de classes, do caminho pacífico etc. O campo socialista sofreu um golpe esmagador. É claro que isto representou o *maior serviço já prestado ao capitalismo*, salvou-o da derrocada próxima. Vê-se, assim, que o que a União Soviética fez (e faz) não foi enfraquecer o capitalismo mas, ao contrário, tentar fortalecê-lo, alimentar por mais algum tempo a já longa agonia de sua existência final. É certo que o capitalismo vive uma fase de enfraquecimento contínuo, como sistema econômico-social. Isto é devido não à posição da Rússia e sim à atuação de leis objetivas que corróem inevitavelmente os seus fundamentos.

3 - Em tais condições, pode-se admitir a União Soviética revisionista como aliada das forças revolucionárias? Você afirma que sim. Também nesta questão divergimos. O revisionismo é o perigo principal no movimento operário mundial. Semeia a confusão ideológica, desvia os trabalhadores da luta conseqüente. Aliando-nos ao revisionismo soviético contribuiríamos para sustentar a corrente que minou e continua minando as forças revolucionárias, colaboraríamos para fomentar ilusões na União Soviética social-imperialista, ainda insuficientemente desmascarada. Se somos partidários da revolução e do socialismo devemos denunciar firmemente os que procuram confundir e enganar a classe operária e as massas populares, principalmente aqueles que se disfarçam de marxistas-leninistas invocando o passado da Revolução Russa a fim de camuflar melhor sua traição aos ideais socialistas.

Há ainda outras razões. Em que pese a demagogia pacifista e a propaganda de uma pretensa solidariedade internacionalista, a União Soviética realiza uma política expansionista e belicista. Faz a guerra no Afeganistão, usando diretamente tropas e armamentos russos; faz a guerra na Etiópia contra a Eritréa, aliada aos nacionalistas etíopes; faz a guerra ao Irã através do farto material bélico vendido ao Iraque; em certo sentido, faz também a guerra na Polônia contra os trabalhadores. Está por trás dos chauvinistas sérvios que atacam brutalmente os albaneses de Kosova. Acaso semelhante conduta pode ser denominada de política de paz, como repetem freqüentemente os dirigentes de Moscou? A cada dia observa-se que uma nova guerra mundial está em preparação. Quem a prepara? Evidentemente, as duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, envolvidas na maior e mais dispendiosa corrida armamentista de todos os tempos. O motivo da guerra reside na disputa exasperada entre esses dois competidores pela dominação mundial. Os Estados Unidos são adversários de morte dos povos, com eles não pode haver a mínima complacência. Mas a União Soviética não se mostra muito diferente: mais sofisticada, porém tão exploradora e opressora quanto os imperialistas norte-americanos. Justo, portanto, declarar que esses dois países, no mesmo grau, são inimigos dos povos e da paz. Se apoiarmos um deles contra o outro, estaremos traindo os interesses fundamentais dos trabalhadores. Porque fortaleceremos a política imperia-

lista e de hegemonia mundial de um deles, em prejuízo da luta revolucionária emancipadora do proletariado e das massas populares.

4 - Você diz que os comunistas fazem alianças com o capitalismo ("quando chegam à conclusão que estas ajudam a causa da revolução"), e pergunta por que então não fazer também aliança com a União Soviética. Você argumenta que "Lênin fazia alianças com o capitalismo". Ainda aqui nossos pontos de vista não coincidem.

É verdade que os comunistas fazem alianças, as mais variadas, com países e forças de natureza capitalista e mesmo imperialista. Durante a II Grande Guerra, Stálin fez aliança com os Estados Unidos e a Inglaterra, por exemplo. Essa aliança tinha objetivo claro e justificado, era, nas condições em que se efetuou, obrigatória. Visava derrotar o principal inimigo da revolução, que constituía grave e imediata ameaça à URSS socialista e à liberdade e independência de todos os povos. Embora os Estados Unidos e a Inglaterra fossem também inimigos da revolução, o *principal inimigo*, naquele momento, era a Alemanha nazista. Hoje, como se apresenta semelhante questão? Acaso, como colocam os chineses, alegando que a União Soviética é o inimigo principal? Ou como os soviéticos e seus seguidores, afirmando que esse inimigo são os Estados Unidos? Com tais afirmativas os chineses pretendem que se faça aliança com os imperialistas norte-americanos contra a URSS; e os soviéticos querem que se concerte tal aliança com eles contra os Estados Unidos. Nem uma coisa, nem outra. Na situação atual são dois (e não apenas um) os *inimigos principais* da revolução, do socialismo, dos povos - os Estados Unidos e a União Soviética. Ambos perseguem os mesmos fins - o domínio do mundo. E são numerosos os exemplos do que significa viver sob a bota dos imperialistas norte-americanos ou sob o tacão dos revisionistas soviéticos. Lênin, em caso assemelhado, antes e durante a I Grande Guerra, não ficou do lado da Rússia czarista e seus aliados (França, Inglaterra), nem do lado da Alemanha e seus parceiros. Atacou os dois blocos, tomou posição contra uns e outros, inimigos na mesma medida da revolução e dos povos. Somente desse modo pôde aproveitar as contradições no campo imperialista e levar a cabo a tomada do poder pelo proletariado russo.

Haverá o perigo de, atacando a União Soviética e seu revisionismo, levar água ao moinho dos monopolistas norte-americanos e dos reacionários em geral? Não. Os marxistas-leninistas têm posição independente e atacam no mesmo nível e ao mesmo tempo as duas superpotências e os reacionários. É o que fazemos no caso da Polônia e, em certa medida, no do Afeganistão. Nisto nos distinguimos também dos pseudo-socialistas, do tipo do Partido dos Trabalhadores (PT), que não fazem mais do que bater palmas aos agentes do Vaticano e do imperialismo, empenhados em utilizar o proletariado polonês colocando-o a serviço de seus objetivos.

5 - Você considera que combatendo duramente a União Soviética "jogaremos esse país no inferno juntamente com os verdadeiros comunistas que ali devem existir", o que seria, no seu entender, negação do internacionalismo proletário. E aduz: "a nossa tarefa devia ser ganhar esse país para a rota da qual se afastou".

Um país como a União Soviética que abandonou, renegou, espezinhou o socialismo não será recuperado através da conciliação e de táticas hábeis. Sua volta ao socialismo depende de uma nova revolução, pois nenhum país capitalista cede posições de mando pacificamente. Por acaso estaríamos ajudando a revolução na Rússia se marchássemos de braços dados com os traidores do socialismo? Desse modo não faríamos senão ajudar os revisionistas e continuar enganando os trabalhadores soviéticos e, o pior, concorreríamos para facilitar a execução dos seus planos de domínio do mundo. Somente há um meio para mudar essa situação: desmascarar decididamente e com argumentos convincentes o caráter social-imperialista do atual sistema dominante na URSS, impedir dessa forma que as ilusões no falso socialismo soviético adormeçam a vontade de luta das massas pela revolução. Que os operários soviéticos saibam que estamos do seu lado contra os revisionistas, que apoiamos o seu combate para pôr abaixo os opressores e burgueses soviéticos de hoje a fim de reimplantar a ditadura do proletariado e avançar no fumo do comunismo. Esse o verdadeiro internacionalismo. O argumento que você invoca (atacar a União Soviética é jogar no inferno os comunistas que lá existem) não é justo. Se o aceitássemos, então tampouco poderíamos atacar dura-

mente os Estados Unidos porque lá também há comunistas.

6 - Por fim, manifestamo-nos inteiramente de acordo com você quando diz que “nossa luta será vitoriosa, porque os ventos sopram a nosso favor, mas não tenhamos dúvidas de que será árdua e que ainda vai exigir muitos sacrifícios”. Estamos persuadidos que assim será. A falta de experiência e de vigilância revolucionária permitiu, em boa parte, que os revisionistas desviassem da rota revolucionária o primeiro país a edificar o socialismo. Atualmente nossa luta é mais difícil, contamos porém com fatores favoráveis. Mais difícil porque perdemos um poderoso reduto revolucionário e porque há ainda muita ilusão na União Soviética revisionista, bem como certo desânimo entre determinadas camadas do povo devido ao que ali sucedeu. Todavia, atua a nosso favor a situação em que se encontra o capitalismo, engolfado na maior crise da sua história, mais parasitário do que antes, mais vulnerável, incapaz de resolver os problemas graves que engendrou para a maioria da população do Planeta. Contudo, a fim de que triunfe a nossa causa, devemos ser inflexíveis na defesa dos princípios revolucionários, no combate obstinado a tudo o que entrava a marcha da revolução.

Não sei se fui suficientemente claro na exposição de nossas idéias e em que medida esta carta poderá ajudá-lo. De qualquer modo, essa foi a nossa intenção.

A vitória sobre o fascismo e a contra ofensiva do imperialismo*

Enver Hoxha

As potências imperialistas e todo o capitalismo mundial provocaram e deflagaram a II Guerra Mundial com a finalidade de dirigi-la contra a União Soviética e o socialismo. Mas esta guerra, longe de destruir o primeiro Estado socialista, significou para o imperialismo golpes e danos de tal magnitude que puseram em questão a existência de todo o seu sistema.

Nos campos de batalha não só foram derrotados os exércitos do fascismo como também a ideologia anticomunista do imperialismo mundial e a política contra-revolucionária do oportunismo internacional. As potências fascistas - Alemanha, Itália, Japão - que constituíam a principal força de choque do capitalismo internacional em sua investida contra o socialismo e o comunismo, foram desbaratadas. Os impérios britânico e francês, que até então vinham fazendo a “grande política” mundial, perderam seu poder e sua influência, colocando-se à retaguarda da política dos Estados Unidos. A frente anticomunista rachou-se de cima a baixo e o “cordão sanitário” imposto à União Soviética despedaçou-se.

* Extrado do livro “O eurocomunismo é anticomunismo” - Ed. Anita Garibaldi, escrito por Enver Hoxha, fundador e primeiro secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia até sua morte, em abril de 1985.

A União Soviética, que suportou o maior peso da guerra e desempenhou um papel decisivo na vitória sobre o fascismo e na libertação dos povos subjugados, saiu dessa guerra fortalecida e com um indiscutível prestígio internacional. Na grande contenda com o imperialismo, o sistema socialista deu à história prova de sua superioridade, estabilidade e invencibilidade. Como resultado das condições criadas e da luta antifascista de libertação nacional, uma série de países, sob a direção dos partidos comunistas, desligaram-se do sistema capitalista e orientaram-se pela via do socialismo. Criou-se o campo socialista, que constitui o acontecimento mais importante depois da Revolução de Outubro.

Em todos os países, os partidos comunistas experimentaram um desenvolvimento sem precedentes. Permanecendo à frente da luta contra o fascismo, provaram com o sangue de seus militantes e com suas atitudes, que eram a força política mais conseqüente e fiel aos interesses do povo e da nação, os mais resolutos combatentes pela liberdade, pela democracia e pelo progresso. O marxismo-leninismo difundiu-se por todo o mundo, o movimento comunista internacional estendeu sua influência e sua autoridade a todos os continentes.

As grandes idéias de liberdade, independência e libertação nacional, que inspiraram a luta antifascista, não penetraram apenas na Europa, mas também na Ásia, na África e na América Latina. O triunfo sobre o fascismo e a criação do campo socialista despertaram os povos dos países coloniais. O sistema colonial imperialista mergulhou em sua mais profunda crise. O poderoso movimento de libertação nacional nas colônias, que abarcavam quase a metade da humanidade, irrompeu como um vulcão. Os regimes coloniais e semicoloniais, retaguardas do sistema capitalista, começaram a desmoronar. Debilitado por todas estas derrotas, o sistema imperialista começou a estremecer a partir de seus alicerces.

Todas estas mudanças constituíram uma grande vitória não só da União Soviética, dos países de democracia popular e dos povos do mundo, como também da imortal teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin, cuja vitalidade e justeza foram corroboradas uma vez mais e com uma nova força, na maior guerra que a humanidade conheceu até o presente, no curso da qual se enfrentaram dois mundos, o socialista e o capitalista. Todas as

mudanças ocorridas a partir da II Guerra Mundial confirmaram na prática as teses de Marx e Lênin segundo as quais o mundo capitalista se encontrava em processo de putrefação e caminhava em direção à sua ruína, ao passo que a revolução e o socialismo estavam em ascensão.

Estas grandes vitórias do socialismo, dos povos e da teoria marxista-leninista obrigaram o imperialismo mundial a elaborar sua nova estratégia defensiva e ofensiva para conter a maré montante da revolução e da luta dos povos, para reforçar os abalados alicerces do sistema capitalista.

A linha comum elaborada pelas potências imperialistas após a guerra apontava em duas direções fundamentais:

Primeira: essas potências mobilizaram todas as forças e meios de que dispunham para soerguer seu potencial econômico, político e militar afetado pela guerra, para reforçar o sistema capitalista que trepidava devido ao poderoso impulso das lutas revolucionárias e de libertação dos povos. Empenharam-se em consolidar as alianças anticomunistas existentes e estabelecer outras novas e empreenderam grandes esforços para conservar o colonialismo através do neocolonialismo.

Depois da II Guerra Mundial, o imperialismo norte-americano passou a posições dominantes do ponto de vista econômico, e em certa medida militar, com relação à Europa e à Ásia, arruinadas pela guerra. A economia norte-americana militarizada era bastante poderosa. Os Estados Unidos pretendiam estabelecer sua própria hegemonia político-econômico-militar em todo o mundo, com o objetivo principal de cercar e debilitar a União Soviética, a qual saíra vitoriosa da II Guerra Mundial e sem dúvida alguma se restabeleceria com rapidez também do ponto de vista econômico e contribuiria para a consolidação e o progresso dos novos Estados de democracia popular que surgiram na Europa e na Ásia. Com este propósito foram elaboradas as táticas imperialistas da luta político-ideológica, da luta econômica e as táticas militares. Estas últimas eram uma continuidade dos planos norte-americanos forjados no curso mesmo da II Guerra Mundial, planos esses que haviam transformado os Estados Unidos numa grande potência na produção de armas modernas, na potência que descobrira e produzira a bomba atômica, lançada pela primeira vez sobre Hiroshima e Nagasaki.

Os Estados Unidos assumiram a liderança do mundo capitalista e o papel de seu “salvador”. Assim, as pretensões do imperialismo norte-americano de dominar o mundo passaram a colocar-se em primeiro plano. “A vitória na II Guerra Mundial - declarava Harry Truman, que sucedeu Franklin Roosevelt na presidência dos Estados Unidos - colocou o povo norte-americano ante a necessidade permanente e urgente de converter-se em guia mundial”. Em essência tratava-se de um chamamento de guerra contra a revolução e o socialismo, para conquistar novas posições dominantes nos planos econômico e militar a nível mundial, para reanimar seus aliados e salvar o sistema colonial. Na realização desta estratégia recorreram à UNRRA*,

* UNRRA - United Nations Relief and Rehabilitation Administration - Administração das Nações Unidas para Ajuda e Reconstrução.

elaboraram o “Plano Marshall”, criaram a OTAN e erigiram os demais blocos agressivos do imperialismo norte-americano.

Segunda: a questão fundamental para o capital consistia em pôr em prática uma atividade de sapa frontal contra a ideologia marxista-leninista, a fim de afastar de sua influência os setores mais revolucionários dos trabalhadores e fazer degenerar o socialismo.

Ao lado da desenfreada corrida armamentista, da militarização da economia e dos bloqueios econômicos aos países socialistas, o imperialismo mobilizou também ingentes meios propagandísticos, filósofos, economistas, sociólogos, escritores e historiadores em sua raivosa campanha contra a revolução e o socialismo, a fim de apresentar o capitalismo e o Estado capitalista como reformados, como “capitalismo popular”, como “Estado do bem-estar geral” etc. A burguesia aproveitou-se, além disso, da conjuntura econômica favorável do pós-guerra para alardear sobre o “florescimento do capitalismo”, difundir entre as massas a ilusão do suposto desaparecimento das crises, da anarquia, do desemprego e outras mazelas do capitalismo, da suposta superioridade do capitalismo sobre o socialismo, que era apresentado como um sistema “totalitário” situado atrás da “cortina de ferro” etc.

Com o objetivo de obstaculizar a luta de libertação dos povos, sufocar a revolução proletária, destruir o socialismo,

defender e consolidar suas próprias posições, a burguesia, em momentos de agonia e de crise geral de seu sistema capitalista, instiga, alenta e mobiliza, além de outros meios, as diversas correntes oportunistas e revisionistas. Estes inimigos do proletariado e da revolução põem em tensão todas as suas forças para golpear antes de tudo o marxismo-leninismo, ideologia que torna a classe operária consciente de sua situação social e de sua missão histórica, com a finalidade de deformar esta ideologia, fazê-la inofensiva para a burguesia e inútil para o proletariado. Este papel infame e traidor foi assumido uma vez mais pelas novas correntes do revisionismo surgidas após a II Guerra Mundial e que, sumariamente, foram chamadas de “revisionismo contemporâneo”.

O revisionismo contemporâneo, prolongamento das teorias anti-marxistas dos partidos da II Internacional, da social-democracia européia, adequou-se aos tempos posteriores à II Guerra Mundial. Sua origem está na política hegemônica do imperialismo norte-americano. As variantes e as correntes do revisionismo contemporâneo têm as mesmas bases e a mesma estratégia e somente se diferenciam pelas táticas que aplicam e pelas formas de luta que empregam.

O revisionismo contemporâneo no poder, nova arma da burguesia contra a revolução e o socialismo*

Enver Hoxha

(...) Após a II Guerra Mundial, na grande campanha do imperialismo norte-americano e das demais forças reacionárias agrupadas ao seu redor para combater o socialismo e a revolução, uniram-se também os *revisionistas iugoslavos*. A corrente iugoslava, que representava o revisionismo no Poder, apareceu num momento crucial da luta entre o socialismo e o imperialismo.

O período posterior à II Guerra Mundial não poderia ser tranqüilo, não só para o imperialismo como também para o socialismo. De acordo com as novas condições criadas, o imperialismo enfrentaria situações fatais para a sua existência, enquanto que o socialismo deveria consolidar-se, fortalecer-se e conceder sua ajuda, num caminho justo, à libertação e ao progresso dos povos do mundo. Era o momento não só de curar as feridas da guerra,, como também de desenvolver corretamente a luta de classes, tanto nos países onde o proletariado havia tomado o Poder, como na arena internacional. A vitória sobre o

* Extrato do livro "O eurocomunismo é anticomunismo"

fascismo havia sido alcançada, porém a paz era relativa, a guerra prosseguia por outros meios.

Os países socialistas e seus partidos comunistas se propunham a tarefa de consolidar as vitórias pela via marxista-leninista, converter-se em exemplo e modelo para os povos e para os demais partidos comunistas que não estavam no Poder. Os partidos comunistas dos países socialistas deveriam, ao lado disto, forjar-se ainda mais na ideologia marxista-leninista, procurando evitar que esta se convertesse num dogma e fazer com que continuasse sendo, como de fato é, uma teoria revolucionária para a ação, um instrumento para conseguir profundas transformações sociais. Após a histórica vitória sobre a coalizão fascista, os países socialistas e os partidos comunistas em particular, não deveriam envaidecer-se, pensar que eram infalíveis e esquecer ou debilitar a luta de classes. Stálin compreendia bem este importante momento que se vivia e sublinhava a necessidade de prosseguir a luta de classes no socialismo.

Foi precisamente sob estas circunstâncias que os titistas se lançaram contra o marxismo-leninismo. O titismo não tirou logo a máscara em sua luta contra a revolução, contra o socialismo; pelo contrário, tratou de prosseguir disfarçadamente sua obra de preparar o terreno para desviar a Iugoslávia para o caminho capitalista e transformá-la em um instrumento do imperialismo mundial.

É fato conhecido que o titismo se inclinava espiritual, ideológica e politicamente para o Ocidente, para os Estados Unidos da América; também é sabido que, desde o início, mantinha numerosos contatos políticos e realizava acordos secretos com os ingleses e outros representantes do capitalismo mundial. Os dirigentes iugoslavos abriram totalmente as portas à UNRRA, através da qual e sob o pretexto da ajuda que lhes dava em trapos e alimentos, armazenados como estoques desde a época da guerra, os imperialistas norte-americanos e ingleses tratavam de infiltrar-se em muitos países do mundo e especialmente nos países de democracia popular. Os imperialistas queriam preparar um terreno mais ou menos apropriado para empreender ações futuras de maior envergadura. Os iugoslavos se aproveitaram bem das dádivas da UNRRA, porém esta, por sua vez, conseguiu impor sua influência sobre os mecanismos estatais pouco consolidados do Estado iugoslavo recém-constituído.

O imperialismo norte-americano e toda a reação internacional apoiaram sem reservas o titismo desde o primeiro momento, pois perceberam nele a linha, a ideologia e a política que conduziriam à degenerescência dos países do campo socialista, à sua cisão e ao rompimento de sua unidade com a União Soviética. A atividade do titismo coincidia inteiramente com o objetivo do imperialismo norte-americano de solapar o socialismo a partir de dentro. Mas o titismo serviria à estratégia do imperialismo também para paralisar as lutas de libertação e isolar os novos Estados, que acabavam de sacudir o jugo colonial, do movimento revolucionário.

Desde o início, os revisionistas iugoslavos opuseram-se à teoria e à prática do verdadeiro socialismo de Lênin e Stálin em todas as questões e em todos os campos. Tito e seu grupo ataram a Iugoslávia ao mundo capitalista e assumiram a tarefa de transformar tudo neste país — a política, a ideologia, a organização estatal, a organização da economia, a organização do exército — conforme o estilo dos Estados capitalistas ocidentais. Propunham-se transformar a Iugoslávia o quanto antes em um país burguês-capitalista. As idéias de Browder, que eram as do capitalismo norte-americano, encaixaram-se na plataforma político-ideológica do titismo.

Em primeiro lugar, os titistas revisaram os princípios fundamentais do marxismo-leninismo a respeito do papel e da missão do Poder revolucionário e do partido comunista na sociedade socialista. Atacaram a tese marxista sobre o papel dirigente do partido comunista em todos os campos da vida no sistema da ditadura do proletariado. Seguindo o exemplo de Browder na América, os titistas liquidaram praticamente o partido, não somente mudando-lhe o nome, ao qual denominaram Liga dos Comunistas, mas também modificando seus objetivos, suas funções, a organização e o papel que este partido deveria desempenhar na revolução e na edificação do socialismo. Os titistas transformaram o partido em uma associação de educação e de propaganda. Despojaram o Partido Comunista da Iugoslávia de seu espírito revolucionário e, *de fato*, chegaram ao extremo de fazer desaparecer a influência do partido, elevando o papel da Frente Popular acima deste.

Na questão cardeal do partido — o fator de direção na revolução e na construção do socialismo — existe uma comu-

nhão de pontos de vista políticos, ideológicos e organizativos entre o browderismo e o titismo. Dado que o titismo, assim como o browderismo, é liquidacionista e antimarxista no terreno decisivo do papel de vanguarda do partido da classe operária na revolução e na edificação do socialismo, acaba sendo também nos demais terrenos.

A semelhança dos pontos de vista dos titistas com os de Browder aparece também na atitude em relação à “democracia norte-americana”, que tomaram como modelo para edificar o sistema político na Iugoslávia. O próprio Kardelj admitiu que este sistema “... é parecido com a forma de organização do Poder executivo nos Estados Unidos”.*

Após liquidar o partido e romper com a União Soviética e os países de democracia popular, a Iugoslávia se embrulhou num caos de atividades econômicas e organizativas. Os titistas proclamaram a propriedade estatal como “social” e, sob a palavra-de-ordem anarco-sindicalista “as fábricas aos operários”, camuflaram as relações capitalistas de produção e jogaram os destacamentos da classe operária uns contra os outros. À coletivização dos pequenos produtores — que se denominou o “modelo russo” — opuseram o “modelo norte-americano” da criação das granjas capitalistas e o incentivo às fazendas camponesas privadas.

Esta transformação nos terrenos econômico, político e ideológico traria consigo, naturalmente, como de fato ocorreu, a transformação contínua da organização estatal, da organização do exército, da organização do ensino e da cultura. Nos anos 50, os titistas proclamaram o chamado socialismo de autogestão, que foi utilizado para disfarçar o regime capitalista. Este “socialismo específico”, segundo eles, construir-se-ia apoiando-se, não no Estado socialista, mas nos produtores diretos. Nesta base propugnavam a extinção do Estado já no socialismo, negando a fundamental tese marxista-leninista sobre a necessidade de existência da ditadura do proletariado durante todo o período de transição entre o capitalismo e o comunismo.

Para justificar sua via de traição e tratando de enganar os povos, os titistas apresentaram-se como “marxistas criadores”

* E. Kardelj, *As diretrizes do desenvolvimento do sistema político de auto-gestão socialista*, Rilindja, Prishtina, 1978, p. 235.

povos, os titistas apresentaram-se como “marxistas criadores” que se opunham somente ao “stalinismo”, mas não ao marxismo-leninismo. Assim, confirmou-se mais uma vez que a palavra-de-ordem de “desenvolvimento criador do marxismo e da luta contra o dogmatismo” é a preferida e comum a toda variante do revisionismo.

Os Estados Unidos, a Inglaterra, a social-democracia europeia etc., deram à Iugoslávia titista uma múltipla ajuda política, econômica, militar e a mantiveram de pé. A burguesia não se opunha a que a Iugoslávia conservasse sua aparência socialista, inclusive estava interessada nisto. Somente que este tipo de “socialismo” deveria diferir fundamentalmente do socialismo previsto e construído por Lênin e Stálin, que os revisionistas iugoslavos começaram a atacar, a qualificar de “forma inferior do socialismo”, de “socialismo estadista”, “burocrático” e “antidemocrático”. O “socialismo” iugoslavo deveria ser uma sociedade híbrida capitalista-revisionista, mas essencialmente burguês-capitalista. Deveria ser um “cavalo de Tróia” a ser introduzido também nos demais países socialistas com a finalidade de afastá-los do caminho do socialismo e ligá-los ao imperialismo.

Efetivamente, o titismo passou a ser o inspirador dos elementos revisionistas e oportunistas nos países outrora socialistas. Os revisionistas iugoslavos desenvolveram nesses países uma vasta atividade de subversão e de sapa. Basta citar os acontecimentos da Hungria em 1956, nos quais os titistas iugoslavos desempenharam um papel muito ativo para abrir caminho à contra-revolução e empurrar este país para o campo do imperialismo.

O lugar que ocupou o titismo na estratégia geral do imperialismo com vistas a minar por dentro os países socialistas, foi explicado clara e abertamente pelo próprio Tito em seu conhecido discurso de Pula em 1956. Já naquele tempo declarou que o modelo iugoslavo de “socialismo” não é válido unicamente para a Iugoslávia, mas que também deveriam segui-lo e aplicar aos demais países socialistas.

Também os conceitos e as teorias titistas sobre o desenvolvimento mundial e as relações internacionais se acomodaram à estratégia do imperialismo norte-americano. O principal teórico do revisionismo iugoslavo, Kardelj, em seu discurso de Oslo, já em outubro de 1954, investiu abertamente contra a teo-

ria da revolução, alardeando as “novas” soluções que o capitalismo havia encontrado. Tergiversando a essência do capitalismo monopolista de Estado que, acabada a II Guerra Mundial adquiriu vastas proporções em muitos países capitalistas, proclamou-o como um elemento do socialismo, ao mesmo tempo que qualificou a democracia burguesa clássica de “reguladora das contradições sociais no sentido do reforço gradual dos elementos socialistas”. Declarou que estava em curso uma “revolução gradual em direção ao socialismo” e qualificou este fenômeno de “fato histórico” em uma série de Estados capitalistas. Estes conceitos revisionistas, idênticos em essência aos de Browder, foram incluídos no programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia e converteram-se num instrumento de subversão ideológica e política contra o movimento revolucionário e libertador do proletariado e dos povos.

Nesta base, os revisionistas iugoslavos elaboraram suas teorias e práticas do “não-alinhamento”, que iam ao encontro da estratégia do imperialismo norte-americano para conter o ímpeto da luta antiimperialista dos povos do chamado “terceiro mundo”, para solapar seus esforços em defesa da liberdade, da independência e da soberania. Os titistas dizem a estes povos que suas aspirações poderão ser alcançadas aplicando-se a política de não-alinhamento, ou seja, da não oposição ao imperialismo. Segundo os titistas a via para o desenvolvimento destes países deve ser buscada na “colaboração ativa”, na “cooperação cada vez mais ampla” com os imperialistas e com o grande capital mundial, na ajuda e nos créditos que devem obter dos países capitalistas desenvolvidos.

A própria realidade da atual Iugoslávia se encarrega de demonstrar para onde conduz o caminho preconizado pelos revisionistas de Belgrado. Devido a sua colaboração com o imperialismo norte-americano, com o social-imperialismo soviético e com os demais grandes Estados capitalistas, às vultuosas ajudas e créditos que tem recebido deles, a Iugoslávia transformou-se num país dependente do capitalismo mundial em todos os terrenos, em um país com independência e soberania cerceadas.

O aparecimento na cena mundial do *revisionismo kruschovista* forneceu uma ajuda muito grande e muito desejada à estratégia do imperialismo norte-americano e a toda a luta da burguesia internacional contra a revolução e o socialismo. A traição

kruschovista significou para o socialismo e o movimento revolucionário e de libertação dos povos o golpe mais duro e perigoso que até então haviam conhecido. Converteu o primeiro país socialista e grande centro da revolução mundial num país imperialista e em foco da contra-revolução. As repercussões desta traição a nível nacional e internacional foram verdadeiramente trágicas.

Não apenas os movimentos revolucionários e de libertação dos povos têm sofrido e estão sofrendo as conseqüências desta traição, como também colocam em grande risco a paz e a segurança internacionais.

Como corrente ideológica e política, o kruschovismo não tem grande diferença das outras correntes do revisionismo contemporâneo. É resultado da mesma pressão externa e interna da burguesia, do mesmo distanciamento dos princípios do marxismo-leninismo, do mesmo objetivo de opor-se à revolução e ao socialismo de salvaguardar e consolidar o sistema capitalista.

Sua diferença diz respeito unicamente ao perigo que representa. O revisionismo kruschovista continua sendo até agora o revisionismo mais perigoso, mais diabólico, mais ameaçador. Isto se deve a duas razões. *Primeiro*: porque se trata de um revisionismo mascarado, que conserva sua aparência socialista, e para enganar as pessoas e fazê-las cair em suas armadilhas, utiliza-se amplamente de terminologia marxista e, conforme o caso e a necessidade, também das palavras-de-ordem revolucionárias. Através desta demagogia trata de levantar uma cortina de fumaça para que não se veja a atual realidade capitalista da União Soviética e, acima de tudo, ocultar seus fins expansionistas, fazer com que os movimentos revolucionários e de libertação se equivoquem e se convertam em instrumentos de sua política. *Segundo*: e isto reveste-se de uma grande importância, o revisionismo kruschovista converteu-se na ideologia dominante num Estado que representa uma grande potência imperialista, o que lhe dá numerosos meios e possibilidades para manobrar em vastos terrenos e em grandes proporções.

O kruschovismo e as outras correntes revisionistas identificam-se em seu objetivo de liquidar o partido comunista e transformá-lo em uma força política a serviço da burguesia. Caso concreto é o da União Soviética, onde foi liquidado o Partido Comunista de Lênin e Stálin. É certo que não se mudou o no-

me do partido, como ocorreu na Iugoslávia, mas sem dúvida este partido foi despojado de sua essência e de seu espírito revolucionário. Mudou o papel do Partido Comunista da União Soviética e seu trabalho para fortalecer a ideologia marxista-leninista foi substituído pela deformação da teoria marxista-leninista, valendo-se de diversas máscaras, da fraseologia ôca, da demagogia. O organismo político do Partido transformou-se assim, como o Exército, a polícia e os demais órgãos da ditadura da nova burguesia num organismo para reprimir as massas, sem mencionar sua transformação em veículos da ideologia e da política de opressão e exploração. O Partido Comunista da União Soviética degradou-se, perdeu sua força e converteu-se em “partido de todo o povo”, ou seja, já não é o partido de vanguarda da classe operária que leva adiante a revolução e edifica o socialismo, mas sim o partido da nova burguesia revisionista, que degenera o socialismo e promove a restauração do capitalismo.

Assim como Browder, Tito, Togliatti e outros pregaram a transformação de seus partidos em “associações”, “ligas”, “partidos de massa”, supostamente para ajustar-se às novas mudanças sociais que se haviam operado como consequência do desenvolvimento do capitalismo, do crescimento da classe operária e de sua influência política e ideológica etc., Kruschov justificou a mudança do caráter do partido para adaptar-se supostamente às condições criadas na União Soviética, onde, segundo ele, a edificação do socialismo havia sido concluída e havia-se iniciado a construção do comunismo. Segundo Kruschov, a composição do partido, sua estrutura, seu papel e seu lugar na sociedade e no Estado deveriam mudar em consonância com esta “nova época”.

Quando Kruschov começou a preconizar estas teses, não só o comunismo não havia começado a ser edificado na União Soviética, bem como mesmo a construção do socialismo não havia terminado completamente. É certo que as classes exploradoras haviam desaparecido como classes, mas seus vestígios, inclusive físicos, e com maior motivo ideológicos, ainda existiam. A II Guerra Mundial havia obstaculizado a vasta emancipação das relações de produção; e as forças produtivas, que constituem a base necessária e indispensável para isto, haviam sido gravemente afetadas. A ideologia marxista-leninista era a ideolo-

gia dominante, mas não se pode dizer que as velhas ideologias haviam sido erradicadas inteiramente da consciência das massas. A União Soviética ganhara a guerra contra o fascismo, mas uma guerra por outros meios e não menos perigosa fora desencadeada contra ela. O imperialismo, com o norte-americano à frente, havia declarado a “guerra fria” ao comunismo e todos os dardos venenosos do capitalismo mundial estavam dirigidos acima de tudo contra a União Soviética. Sobre o Estado soviético e o povo deste país exercia-se uma grande pressão, a fim de infundir-lhes o temor à guerra, reprimir seu ímpeto revolucionário, conter seu espírito internacionalista e de oposição ao imperialismo.

Frente a estas pressões internas e externas, Kruschov se rendeu e capitulou. Começou a apresentar a situação como se fora cor de rosa, com o objetivo de dissimular suas ilusões pacifistas. Suas teses sobre a “edificação do comunismo”, o “término da luta de classes”, o “triunfo definitivo do socialismo” pareciam inovadoras, mas na realidade eram reacionárias. Tendiam a ocultar uma nova realidade em gestação: o surgimento e o desenvolvimento da nova camada burguesa e suas pretensões de instaurar seu Poder na União Soviética.

A linha e o programa que Kruschov apresentou ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), não só constituíam a linha da restauração do capitalismo na União Soviética, mas também uma linha de sabotagem à revolução, de submissão dos povos ao imperialismo, da classe operária à burguesia. Os kruschovistas preconizaram que, na etapa atual, a principal via de transição ao socialismo era a via pacífica. Recomendaram aos partidos comunistas que seguissem a política de conciliação de classes, de colaboração com a social-democracia e outras forças políticas da burguesia. Esta via coadjuvava a consecução dos objetivos pelos quais o imperialismo e o capital vinham lutando há muito tempo e utilizando todos os meios, das armas à subversão ideológica. Abriu vastos caminhos ao reformismo burguês e deu ao capital a possibilidade de manobrar nas difíceis situações econômicas, políticas e militares que se criaram depois da II Guerra Mundial. Isto explica toda essa grande publicidade que a burguesia dedicou por toda parte ao XX Congresso do PCUS, chamando Kruschov de o “homem da paz”, o que “compreende as situações”, em con-

traste com Stálin que era partidário da “ortodoxia comunista”, da “irreconciliabilidade com o mundo capitalista” etc.

Com suas prédicas sobre a via pacífica para o socialismo, os kruschovistas pretendiam que os comunistas e os revolucionários do mundo não se preparassem nem levassem a efeito a revolução, mas que toda a sua atividade se reduzisse à propaganda, aos debates e às manobras eleitoreiras, às manifestações sindicais e às reivindicações imediatas.

Esta era a via tipicamente social-democrata, combatida com tanto ardor por Lênin e desbaratada pela Revolução de Outubro. Os pontos de vistas kruschovistas, que haviam sido extraídos do arsenal dos chefes da II Internacional, suscitavam perigosas ilusões e desacreditavam a própria idéia da revolução. Não preparavam a classe operária e demais massas trabalhadoras para permanecerem vigilantes e oporem-se à violência burguesa, mas a resignarem-se diante desta e se submeterem. Confirmaram isto igualmente os acontecimentos da Indonésia, Chile etc., onde os comunistas e os povos pagaram muito caro as ilusões revisionistas sobre a via pacífica ao socialismo.

Sem dúvida, não menos benéfica ao imperialismo e à burguesia, e prejudicial à revolução, era a outra tese do XX Congresso do PCUS, a da “coexistência pacífica”, que os kruschovistas pretenderam impor a todo o movimento comunista, estendendo-a até às relações entre as classe, entre os povos e seus opressores imperialistas. Ao colocar-se o problema nos termos “ou coexistência pacífica, ou guerra destrutiva”, os povos e o proletariado mundial, segundo os kruschovistas, não tinham outra alternativa senão curvar-se, renunciar à luta de classes, à revolução e a todo ato “que pudesse desagradar” o imperialismo e provocar a deflagração da guerra.

Os pontos de vista kruschovistas sobre a “coexistência pacífica”, que se entrelaçavam estreitamente com os relativos à “mudança de natureza do imperialismo”, ajustavam-se de fato às prédicas de Browder de que o capitalismo e o imperialismo norte-americano se haviam convertido em um fator de progresso para o mundo do pós-guerra. Embelezando o imperialismo norte-americano e criando uma falsa imagem dele, relaxava-se a vigilância dos povos frente à política hegemônica e expansionista dos Estados Unidos e se sabotavam suas lutas de libertação e antiimperialistas. A “coexistência pacífica” kruschovista,

não só como ideologia, mas também como linha política prática, incitava os povos e em particular os novos Estados da Ásia, África e América Latina etc., a apagar os “focos de guerra”, a buscar sua aproximação e conciliação com o imperialismo, a aproveitar a “colaboração internacional” para “desenvolver em paz” a sua economia etc. Esta linha, com outras expressões, termos e fórmulas era a linha que recomendava Browder ao afirmar que a rica América do Norte, nas condições da “coexistência pacífica” entre os Estados Unidos e a União Soviética, podia ajudar todo o mundo a restabelecer-se e progredir. Era a linha difundida e aplicada na Iugoslávia por Tito, que havia aberto as portas do país às ajudas, aos créditos e aos capitais norte-americanos. Era o desejo de Mao-Tsetung e outros dirigentes maoístas de edificar a China com a ajuda norte-americana, coisa que até este momento lhes fora impossível devido às circunstâncias e os diversos acontecimentos.

Mas, assim como os titistas, e agora os maoístas, tampouco a União Soviética podia evitar a ajuda norte-americana e dos outros países ocidentais. A integração da União Soviética e dos outros países revisionistas atados a ela na economia mundial capitalista, tem adquirido vastas proporções. Estes países se alinham entre os maiores importadores de capital ocidental. Suas dívidas, pelo menos as que se têm tornado públicas, são calculadas em dezenas de bilhões de dólares. Em algumas ocasiões e devido às conjunturas criadas, como agora com os acontecimentos no Afeganistão, este processo diminui sua marcha, mas nunca se detém. Os interesses capitalistas de ambas as partes são tão imensos que, em situações particulares, se sobrepõem a todas as fricções, rivalidades e confrontos.

Os revisionistas soviéticos utilizaram a tese da “coexistência pacífica” não só para justificar sua política de concessões ao imperialismo norte-americano e de compromissos com ele. Esta linha lhes tem servido e lhes serve também de máscara para encobrir a política expansionista do social-imperialismo soviético, para relaxar a vigilância e a resistência dos povos frente aos planos imperialistas e hegemônicos dos dirigentes revisionistas soviéticos. A tese sobre a “coexistência pacífica” era um chamamento que os revisionistas soviéticos faziam aos imperialistas norte-americanos para repartir e dominar conjuntamente o mundo.

A linha revisionista kruschovista abriu caminho ao imperialismo e à reação para se aproveitarem das situações e desencadear uma ofensiva geral contra o comunismo. Em particular esta nova campanha contra a revolução e o socialismo foi auxiliada pelos ataques e pelas calúnias dos revisionistas kruschovistas contra Stálin e sua obra.

A guerra contra Stálin foi empreendida pelos revisionistas kruschovistas para justificar o caminho antimarxista que tomaram tanto dentro como fora do país. Não poderiam renegar a ditadura do proletariado e transformar a União Soviética em Estado burguês capitalista, menos ainda realizar regatérios com o imperialismo, sem renegar a obra de Stálin. Por esta razão a campanha de guerra contra Stálin foi levada a cabo utilizando acusações extraídas do arsenal da propaganda imperialista e trotskista, que apresentava o passado da União Soviética como um período de “represálias em massa” e o sistema socialista como “repressão da democracia”, como “ditadura à la Ivan, o Terrível” etc.

No entanto, apesar dos ataques e calúnias dos imperialistas, dos revisionistas e demais inimigos da revolução, o nome e a obra de Stálin, são e continuarão sendo imortais. Stálin foi um grande revolucionário, um eminente teórico que se coloca ao lado de Marx, Engels e Lênin.

A vida tem confirmado e confirma diariamente a justeza das análises e das posições do Partido do Trabalho da Albânia em relação ao revisionismo kruschovista. Na União Soviética foi destruído o socialismo e se restaurou o capitalismo, enquanto que, na arena internacional, as posições e os atos da direção soviética puseram cada vez mais a descoberto o caráter social-imperialista da União Soviética, sua ideologia reacionária de grande potência. Desta forma, o revisionismo kruschovista converteu-se não somente na ideologia da restauração do capitalismo e da sabotagem à revolução e à luta de libertação dos povos, mas também em ideologia da agressão social-imperialista.

A estratégia e a tática de Kruschov a nível interno da União Soviética*

Enver Hoxha

As raízes da tragédia da União Soviética. As etapas cumpridas por Kruschov para usurpar o poder político e ideológico. A casta kruschovista inutilizou a espada da revolução. O que se ocultava debaixo da “direção coletiva” de Kruschov? Kruschov e Mikoyan, cabeças do complô contra-revolucionário. O vento do liberalismo sopra na URSS.

Uma das principais linhas da estratégia e da tática de Kruschov a nível interno da URSS consistia em tomar totalmente em suas mãos o poder político e ideológico, pondo-o a serviço do exército soviético e da segurança do Estado.

Para alcançar esse objetivo, o grupo de Kruschov devia agir por etapas. No início não atacaria frontalmente o marxismo-leninismo, a edificação do socialismo na URSS, nem a Stálin. Ao contrário. Seu grupo se apoiaria nas realizações alcançadas, inclusive exaltando-as o mais possível, para conseguir prestígio e fomentar uma situação de euforia, com o intuito de, mais adiante, minar a base e a super-estrutura socialistas.

Primeiramente este grupo renegado tinha que assenhorar-

* Extrato do livro “Os Kruchovistas” — “8 Ventori” — Tirana, tradução dos editores da versão espanhola.

se do Partido, com o objetivo de aniquilar possível resistência daqueles quadros que não tinham perdido a vigilância revolucionária de classe, neutralizar os vacilantes e atraí-los às suas fileiras, através do convencimento ou de ameaças, ao mesmo tempo aos postos chave da direção ou elementos nocivos, antimarxistas, arrivistas, oportunistas, elementos que, naturalmente não faltavam no Partido Comunista da URSS e nos aparelhos do Estado soviético.

Ao terminar a Grande Guerra Pátria (II Guerra Mundial), surgiram no Partido Comunista da URSS certos fenômenos negativos. A situação econômica difícil, as devastações, as destruições, as grandes perdas humanas sofridas pela URSS, exigiam uma mobilização total dos quadros e das massas para assegurar a consolidação e o progresso do país. Mas, no lugar disso, o que se viu foi o envilecimento do caráter e da moralidade de muitos quadros. Por outro lado, os elementos megalômanos, com sua presunção ostensiva pelas gloriosas batalhas ganhas, suas condecorações, privilégios, muitos outros vícios e concepções errôneas, despojaram o Partido de sua vigilância, corroíram-no por dentro. No exército, criou-se uma casta que estendeu sua dominação brutal e arrogante também ao Partido, descharacterizando seu caráter proletário. Essa casta inutilizou a espada da revolução que devia ser o Partido.

Penso que no Partido Comunista da URSS, antes mesmo da Guerra, mas de modo particular depois desta, observava-se alguns sinais de condenável apatia. Este Partido gozava de grande prestígio, tinha uma trajetória de grandes êxitos, mas, ao mesmo tempo, tinha começado a perder seu espírito revolucionário. O burocratismo e a rotina já o contaminavam. As normas leninistas, os ensinamentos de Lênin e Stálin foram convertidos pelos "homens do aparelho" em fórmulas e slogans vazios e sem valor para a ação. A URSS era um grande país. O povo trabalhava, produzia, criava. Dizia-se que a indústria desenvolvia-se nos ritmos pretendidos, que a agricultura socialista progredia, mas o nível de desenvolvimento não era o desejado.

Não era a linha "errônea" de Stálin que freava o progresso. Ao contrário, essa linha era correta, marxista-leninista, porém era aplicada erroneamente com frequência, inclusive deformada e sabotada por elementos hostis.

A justa linha de Stálin era deformada também pelos inimi-

gos camuflados nas fileiras do Partido e nos organismos do Estado, por oportunistas, liberais, trotskistas, revisionistas, como eram - e apareceram abertamente mais tarde - os Kruschov, os Mikoyan, os Suslov, os Kosiguin, etc.

Krushov e seus íntimos colaboradores no golpe, já antes da morte de Stálin, encontravam-se entre os mais altos dirigentes, atuando cuidadosamente, preparando e esperando o momento propício para uma ação aberta em grande escala. De fato, todos esses traidores eram conspiradores conhecedores da experiência dos diversos contra-revolucionários russos, da experiência dos anarquistas, trotskistas, bucharinistas. Conheciam, também, a experiência da revolução e do Partido Bolchevique, mas da revolução nada de positivo haviam aprendido, somente assimilaram aquilo que necessitavam para miná-la e minar o socialismo, escapando dos golpes da revolução e da ditadura do proletariado. Enfim, eram contra-revolucionários e elementos de dupla face em suas ações.

Por um lado dedicavam apologias ao socialismo, à revolução, ao Partido Comunista Bolchevique, a Lênin e Stálin, e pelo outro preparavam a contra-revolução.

Toda essa corja agrupada sabotava, usando os métodos mais sutis, mascarados com elogios a Stálin e ao regime socialista. Estes elementos desorganizavam a revolução organizando a contra-revolução, mostravam-se "severos" contra os inimigos internos para difundir o medo e o terror no Partido, no Poder e no seio do povo. Sempre eram eles os que prestavam contas a Stálin de uma situação de euforia criada artificialmente, mas, na realidade, minavam a base do Partido, a base do Estado, degeneravam os espíritos e elevavam às nuvens o culto a Stálin com intuito de derrotá-lo mais facilmente amanhã.

Esta era toda uma atividade hostil e diabólica que agarrou pelo pescoço à URSS, ao Partido Comunista e a Stálin, que, tal como ficou provado posteriormente, estava rodeado de inimigos. Quase nenhum dos membros do Presidium e do Comitê Central levantou a voz em defesa do socialismo e de Stálin.

Caso se realize uma minuciosa análise das diretrizes políticas, ideológicas e organizativas de Stálin na direção e organização do Partido, da luta e do trabalho, não se encontrará em geral nenhum grande erro de princípios, mas se levarmos em

conta como estas diretrizes eram deformadas pelos inimigos e como eram postas em prática, veremos as nefastas consequências dessas deformações e ficará claro porque o Partido começou a burocratizar-se, a deixar-se invadir por um trabalho de rotina, por um formalismo paralisante, que sufocavam seu espírito e ímpeto revolucionário. O Partido ia-se cobrindo de um espesso mofo, caía na apatia política, pensando erroneamente que só a cabeça, a direção atua e resolve tudo.

Uma concepção semelhante criou tal situação por todos os lados que, perante qualquer problema, dizia-se “isto diz respeito à direção”, “o Comitê Central é infalível”, “isto foi dito por Stálin e acabou”!, etc. Pode ser que muitas coisas não tenham sido ditas por Stálin, mas eram encobertas com seu nome. Os aparelhos e os funcionários se fizeram “todos poderosos”, “infalíveis”, atuavam por via burocrática sob as fórmulas do centralismo burocrático, da crítica e da autocritica bolcheviques, que na realidade já não eram bolcheviques. Assim, pois, não há dúvida de que o Partido Bolchevique havia perdido sua vitalidade de antes. Esse Partido vivia de fórmulas corretas, mas eram somente fórmulas; aplicava, mas tinha perdido toda iniciativa; os métodos e as formas de trabalho utilizados pela direção do Partido resultavam um balanço oposto ao esperado.

Nessas condições, as medidas administrativas burocráticas começaram a predominar sobre as medidas revolucionárias. A vigilância já não era operante, porque tampouco era mais revolucionária, apesar de declarada como tal com toda fanfarra. De uma vigilância de Partido e de massas se passou a uma vigilância dos aparelhos burocráticos e se transformou, de fato - ainda que não inteiramente, do ponto de vista das formas - numa vigilância da segurança do Estado, dos tribunais.

É compreensível que dentro desse quadro existente no PCUS, tenham-se enraizado e desenvolvido sentimentos e pontos de vista não proletários, alheios à classe, nas fileiras dos comunistas e na consciência de muitos deles. Pouco a pouco começou a estender-se o arrivismo, o servilismo, o charlatanismo, o nepotismo, a moral anti-proletária etc. Tudo isso corroía o Partido por dentro, sufocava o espírito da luta de classes e de sacrifício, levando à busca de uma vida “agradável”, tranqüila, de privilégios, de vantagens pessoais, de menor trabalho

e esforços. Assim se criou a mentalidade burguesa e pequeno-burguesa que se observava ou se expressava através de fórmulas e sentenças tais como: “nós temos trabalhado, combatido e vencido por este Estado socialista, agora gozemos e aproveitamos. Nós somos invulneráveis e o passado justifica tudo”.

O pior era que essa mentalidade estava tomando corpo também entre os velhos quadros do Partido, com um bom passado e de origem proletária, e igualmente aos membros do Presidium do Comitê Central, que deviam ser um exemplo de pureza para os demais. Muitos desses quadros encontravam-se na direção, nos aparelhos e utilizavam belamente as palavras e frases revolucionárias, as fórmulas teóricas de Lênin e Stálin, colhiam os laureis do trabalho alheio e estimulavam o mau exemplo. Assim no PCUS foi-se criando uma aristocracia operária de quadros burocráticos.

Este processo de degenerescência se desenvolvia, desgrazadamente, sob slogans alegres e otimistas de que “tudo vai bem, normalmente, de acordo com as normas e as leis do Partido”, que de fato eram violadas, “a luta de classes segue-se desenvolvendo”, “o centralismo democrático é preservado”, “a crítica e a autocritica continuam como antes”, “existe a férrea unidade no Partido”, “já não há elementos fracionistas e antipartido”, “passou o tempo dos grupos trotskistas, bukharinistas” etc.

Este conceito deformado da situação, que é onde reside a essência do drama e do erro total, era considerado em geral inclusive pelos elementos revolucionários como uma realidade normal, por isso se pensava que não existia motivo para alarme, que os inimigos, os ladrões, os que infringiam a moral eram condenados pelos tribunais, que os membros indignos do Partido eram expulsos do Partido como de costume, e como de costume admitiam-se outros novos, que os planos eram realizados, ainda que em alguns casos não, que as pessoas eram criticadas, condenadas, elogiadas etc.

Desse modo, a vida, segundo eles, seguia normalmente seu curso e assim era informado a Stálin de que “tudo marchava normalmente”.

Estamos convencidos de que se Stálin, como grande revolucionário que era, houvesse conhecido a verdadeira situação do Partido, teria assestado um golpe demolidor a esse espírito

doentio e o Partido e o povo soviético teriam se levantado, porque, com razão, eles tinham grande confiança em Stálin.

Os aparelhos não só informavam erroneamente a Stálin e deformavam burocraticamente suas diretrizes, como também haviam criado tal situação no Partido e no povo que quando o mesmo Stálin, na medida em que lhe permitia sua idade e sua saúde, reunia-se com as massas do Partido e do povo, estas não lhe informavam das deficiências e dos equívocos que sucediam, já que os aparelhos haviam incucado aos comunistas e às massas a idéia de que “não devemos inquietar a Stálin”.

O grande barulho que faziam os kruschovistas sobre o pretenso culto a Stálin era na realidade um blefe. Esse culto não havia sido cultivado por Stálin, que era um homem simples, mas sim por toda bazofia revisionista acumulada na cabeça do Partido e do Estado, que, entre outras coisas, se valia do grande carinho que os povos soviéticos tinham por Stálin, particularmente depois da vitória sobre o fascismo.

Lendo-se os discursos de Kruschov, Mikoyan e de todos os outros membros do Presidium, vê-se os elogios desenfreados e hipócritas que estes inimigos jogavam a Stálin enquanto vivia. Essa leitura provoca náuseas quando se sabe que por detrás desses elogios, os ditos elementos escondiam seu trabalho hostil dos comunistas e das massas, enganados que estavam, ao pensar que tinham diante de si dirigentes fiéis ao marxismo-leninismo e camaradas fiéis a Stálin.

Inclusive depois da morte de Stálin os “novos” dirigentes soviéticos, e principalmente Kruschov, se abstiveram ainda durante certo tempo de falar mal de Stálin, até o valorizavam e o tratavam de “grande homem”, de “líder com uma autoridade indiscutível” etc. Kruschov tinha que falar assim para ganhar crédito dentro e fora da URSS, para fazer crer que era fiel “ao socialismo e à revolução”, “continuador” da obra de Lênin e Stálin.

Kruschov e Mikoyan eram os mais encarniçados inimigos do marxismo-leninismo e de Stálin. Um e outro eram a cabeça do complô e do golpe de Estado que haviam preparado a algum tempo com arrivistas e anti-marxistas do Comitê Central, do exército e dirigentes de base. Estes golpistas não revelaram seu jogo de imediato após a morte de Stálin, e sim quando deviam, e na medida que lhes era necessário, continuavam

destilando seu veneno, misturando-o com apologias a Stálin. Devo dizer que Mikoyan em particular, nos numerosos encontros que tivemos, jamais pronunciou um elogio a Stálin, por mais que em discursos e bravatas, com ou sem justificativa, os golpistas entoassem glórias a Stálin. Alimentavam o culto a Stálin a fim de isolá-lo o mais possível das massas e, usando esse culto como máscara, preparavam a catástrofe.

Kruschov e Mikoyan atuaram de acordo com um plano pré-estabelecido e, com a morte de Stálin, encontraram campo livre para a ação, devido inclusive a que outros, desde Malenkov e Vorochilov, passando por Béria e Bulganin, mostraram-se não somente cegos como também ambiciosos, pugnando cada um pelo poder.

Estes e outros velhos revolucionários e comunistas honestos tinham-se transformado em representantes típicos da rotina burocrática dessa “legalidade” burocrática que tinha sido instituída, e quando quiseram recorrer a essa “legalidade” contra o complô aberto dos kruschovistas, já fazia tempo que os fatos estavam consumados.

Kruschov e Mikoyan, em perfeita unidade, souberam manobrar entre aqueles, opor uns aos outros. Em poucas palavras, acionaram a seguinte tática: criar intrigas e cindir o Presidium, organizar as forças golpistas fora dele, continuar falando bem de Stálin para ganhar as massas de dezenas de milhões e aproximar assim o dia da tomada do poder, liquidar os adversários e toda uma época gloriosa da construção do socialismo, das vitórias da Guerra Pátria etc. Toda essa atividade febril (e isso nós notávamos) tendia a criar a popularidade de Kruschov dentro e fora da União Soviética.

O projeto de império*

Enver Hoxha

A conversão dos países socialistas em províncias russas. Mudanças na direção búlgara ditadas por Moscou. Em Moscou se dá corda ao relógio de Yivkov. O complexo danubiano e a “ruptura” dos romenos com os soviéticos. A supressão oficial do Kominform. As ilusões reformistas dos partidos italiano e francês. Togliatti, pai do “policentrismo”. Encontro inesquecível com dois queridos camaradas franceses, Marcel Cachin e Gaston Monmousseau. As vacilações de Maurice Thomez. A ruptura da unidade do movimento comunista, serviço colossal ao imperialismo mundial.

As teses do XX Congresso e particularmente o golpe desferido contra Stálin no informe “secreto” de Kruschov, entusiasmaram os elementos revisionistas, seja nos partidos dos países socialistas, como nos demais partidos. A reabilitação dos inimigos do socialismo na União Soviética serviu de exemplo para que começassem a ressurgir os “casos” Rajk, Kostov, Gomulka, Slansky e de outros inimigos, condenados pela ditadura do proletariado.

A subversão contra-revolucionária em seu conjunto, inicia-

* Extrato do livro “Os Kruschovistas”

da pela camarilha kruschovista na União Soviética, servia igualmente a seus desígnios na política externa. A princípio seus principais objetivos, eram: consolidar sua dominação sobre os partidos e os países de ex-democracia popular que acreditava ter sob seu controle e colocar sob seu domínio os partidos e países que ainda não haviam se submetido; colocar inteiramente a seu serviço os partidos comunistas e operários dos países capitalistas; ganhar a confiança do imperialismo norte-americano e do imperialismo mundial, golpeando o socialismo na União Soviética e em outros países, apregoando o “marxismo criador” através de uma série de teses oportunistas.

Kruschov raciocinava que, caluniando Stálin, tornaria a União Soviética “benquista” e sobretudo sua própria pessoa no mundo inteiro. Assim, contava ele, a reação mundial estaria satisfeita, todos os demais partidos se ajustariam a ele, Tito amoleceria e se aproximaria, e todos juntos, tal como uma família ressuscitada, se encontrariam e se abraçariam com o imperialismo e o capitalismo mundial. Kruschov e os kruschovistas lhes diriam: “Não somos mais os comunistas de punhal entre os dentes como na época de Lênin e Stálin. Não somos mais pela revolução mundial, e sim pela colaboração, a coexistência pacífica e a via parlamentar. As portas dos campos de concentração, criados por Stálin, foram abertas, reabilitamos os Tuachevski e os Zinoviev, e inclusive podemos chegar até a reabilitar Trotski. Liberamos os Silzhenitsin e permitimos a publicação de seus livros antisoviéticos. Arrancamos Stálin do mausoléu e queimamos seu corpo.¹ E àqueles que consideram nossa ação como um crime contra Stálin, dizemos: Acaso querem este cavalo morto? Muito bem, peguem-no!”.

Kruschov, como já assinalei acima, necessitava desfazer-se de seus adversários não somente na União Soviética, como também nos países de democracia popular. Era necessário afastar das direções dos partidos aqueles que tinham confiança na linha marxista-leninista de Stálin. Era preciso igualmente, liquidar os que se opunham a Tito, com o qual havia chegado a um

1. Os revisionistas soviéticos decidiram, no XXII Congresso do PCUS em outubro de 1961, retirar o corpo de Stálin do Mausoléu. Neste mesmo congresso, Kruschov propôs que em Moscou se erguesse um monumento aos contra-revolucionários, para perpetuar, como disse, “a memória dos camaradas que tombaram vítimas da arbitrariedade”. (Nota da Editora)

acordo, e fazer que aqueles que condenaram os agentes de Tito em seus países, reabilitassem a estes traidores e abandonassem a direção. Kruschov recorreu a todos os meios: Gottwald morreu, Bierut morreu, Gomulka e Kadar voltaram a assumir o Poder. Dej mudou de camisa, Rakosi e Chervenkov foram liquidados. Nós fomos os únicos que Kruschov não conseguiu liquidar.

Certamente, procurando a aproximação com o imperialismo norte-americano, o revisionismo kruschovista buscava subir ao palco como um parceiro pujante, dotado de uma indústria e uma agricultura desenvolvidas, capazes de competir com as dos Estados Unidos da América (como se apregoava com estardalhaço), e de um império colonial, que englobaria os países do campo socialista.

Kruschov e consortes já haviam começado seu trabalho para a criação deste “império” e agora o estavam desenvolvendo ainda mais. Em alguns lugares este trabalho foi fácil, em outros suscitou atritos, enquanto que na Albânia estes objetivos jamais foram realizados.

A Bulgária, por exemplo, jamais causou preocupação aos revisionistas soviéticos. Depois da morte de Dimitrov e de Stálin, Velko Chervenkov não pôde, segundo parece, impor sua “autoridade” no Partido Comunista Búlgaro. Tinha se convertido em obstáculo no caminho de Kruschov e sem dúvida alguma, as intrigas soviéticas, as intrigas deste último, que tomou o Poder e fez o que já se sabe, não são alheias a sua eliminação.

Imediatamente após o XX Congresso, Chervenkov, então primeiro ministro, foi atacado pelo “culto à personalidade”, pelos “erros” que havia cometido, etc. Mas Velko não parecia daqueles que levantavam um culto à sua pessoa. Serviam-se dele como bode expiatório para justificar as “retificações” que se procederam com a reabilitação de Kostov e companhia. Chervenkov deixou docilmente seu posto de primeiro ministro para Anton Yugov, que por sua vez, não duraria muito tempo.

Na época de Dimitrov, Anton Yugov era ministro do Interior; com a chegada de Chervenkov chegou a vice-primeiro ministro. Durante a guerra, Yugov combateu, e combateu forte, na clandestinidade. Foi um dos principais e mais dinâmicos dirigentes da insurreição que conduziu, a 9 de setembro de 1944, à libertação da Bulgária. Quando fui pela primeira vez à

Bulgária, notei que Dimitrov sentia um profundo respeito por Yugov, o mantinha perto de si e, pelo que parecia, depositava uma grande confiança nele. Independentemente de algumas deficiências de Yugov e na medida que pude conhecê-lo, era, na minha opinião, de todos os dirigentes búlgaros, depois da morte de Dimitrov, ideológica e politicamente o mais lúcido, homem decidido em suas opiniões, audaz e bom organizador. Encontrei-o, em muitas ocasiões na Bulgária, em Moscou e também na Albânia, quando veio nos visitar, e sempre se mostrou franco, amável e comunicativo comigo.

Yugov conhecia bem a situação política, econômica e organizativa da Bulgária e este conhecimento, segundo minhas impressões, não o adquiria unicamente através dos informes, mas principalmente através de contatos diretos. Saía a campo e era o homem das massas. Não apenas sabia organizar, como também adotar decisões e defendê-las. Em outras palavras, Yugov não era um dirigente fácil de subjugar e dos que sempre dizem “sim, sim, às suas ordens”.

Yugov também desempenhou seu papel na organização do Partido Comunista Búlgaro, sob a direção de Dimitrov. E o mesmo se pode dizer quanto à reconstrução da indústria e a organização das cooperativas agrícolas que foram criadas segundo o modelo e no caminho dos kolkozos soviéticos.

Quando Chervenkov foi destituído de seu posto de secretário geral do Partido, ao ser substituído por Yivko², Yugov permaneceu em seu posto de vice-primeiro ministro. Astuto como ele só, Kruschov preferiu Todor Yivkov, que lhe serviria melhor. Com Yugov, Kruschov não podia manobrar a seu bel prazer. Yugov simpatizava com esta solução kruschoviana? Certamente que não, e o manifestava. Nas inúmeras vezes que me encontrei com ele, pude ver que Yugov desprezava Yivkov.

Um belo dia, Yugov também foi eliminado como Chervenkov, sem o menor ruído. Não nos inteiramos dos motivos, ainda que possamos imaginá-los. Yugov deve ter-se colocado em oposição a Yivkov, quer dizer, a Krushov. Em poucas palavras, havia se declarado adversário da transformação da Bulgária em colônia da União Soviética kruschovista, da perda da inde-

pendência e da soberania da Bulgária. Diferente de Yivkov, Yugov não era, nem jamais chegaria a ser, uma marionete nas mãos dos kruschovistas.

Junto com suas qualidades de dirigente, Yugov também tinha, a meu ver, seus defeitos no plano pessoal. O principal era sua presunção, que se manifestava em suas jactâncias e nos termos que empregava para glorificar seu trabalho e sua própria pessoa. Viajei com ele através da Bulgária, me acompanhou nas visitas às cidades, campos, cooperativas agrícolas, lugares históricos, fábricas, espetáculos, etc. Apreciei a beleza de seu país, o carinho do povo e dos comunistas búlgaros por nosso povo e nosso Partido. A companhia de Yugov sempre foi para mim agradável e muito instrutiva.

Porém, em tudo ressaltava sua mania de se valorizar. Viajávamos em seu automóvel, atravessávamos muitas aldeias e Yugov não deixava de dizer-me não só o nome de cada cooperativa, como também sua superfície, o número de seu gado, de seus cavalos e inclusive de suas cabras, sem falar dos hectares de vinhedo e da variedade de uva, e o número de árvores frutíferas. Tudo com estatísticas!

Eh! Agora também os estadistas podem falar! Mas Yugov não. Oportuno, sempre com uma saída preparada, vinha a dizer-me “veja, eu estou a par de tudo”.

Quando se organizava algum espetáculo popular em nossa homenagem, no mesmo instante, punha-se de pé, entrava em cena e dançava e cantava. Era um homem alegre, de “bon-vivant”.

Yugov, em todo caso, era uma boa pessoa e guardo dele boas recordações. Não penso que tenha degenerado política e ideologicamente.

Depois de sua eliminação, Kruschov nomeou Todor Yivkov dirigente da Bulgária, ou melhor dizendo, “interventor” dos soviéticos na Bulgária. O tanto que Dimitrov havia elevado o prestígio do Partido Comunista Búlgaro e da Bulgária, T. Yivkov o rebaixava agora. Este elemento sem personalidade veio à tona com a ajuda de Kruschov, e se converteu em seu dócil laçao. Em meus encontros com Dimitrov, jamais havia visto Yivkov. Mais tarde, na época de Chervenkov, me encontrei com ele várias vezes. A primeira vez, me deu uma suposta explicação sobre a agricultura búlgara; a segunda, me acom-

2. Abreviação irônica de T. Yivkov.

panhou a alguma parte, fora de Sofia, a uma plantação de morangos.

Quando me falou da agricultura de seu país, tive a impressão que não era Yivkov quem falava, e sim seu bloco de anotações. Era o oposto de Yugov. Na agenda havia anotado, alfabeticamente, cifras para tudo, desde a população do país até o número de pés de tabaco. Numa palavra, durante uma hora, me despejou uma montanha de cifras, sem tirar nenhuma conclusão. Outro camarada, que se encontrava ali, me fez uma exposição muito melhor da economia búlgara em geral e da indústria em particular. Havia me esquecido completamente de Yivkov, mas eis que mais tarde, com a destituição do Chervenkov, aquele nos é apresentado como primeiro secretário (!). Ficamos surpreendidos, ainda que não houvesse do que se surpreender. Também o conheci nestas funções! Nada tinha mudado nele, além das novas poses que assumia para diferenciar-se do que havia sido então; já não pegava seu bloco de anotações, sorria constantemente, usava um gorro e utilizava uma linguagem "popular".

Depois, também nunca tive com ele uma conversa séria. Muitas vezes fomos a algum almoço que nos ofereceram os camaradas da direção búlgara. Yivkov nos levava aos palácios do rei Boris, o de Sofia, de Eksinograd de Varma, mas não nos dizia nada preciso, jogava conversa fora, só para passar o tempo.

As metamorfoses de Yivkov se realizaram pouco a pouco, conforme instruções recebidas de Kruschov. "Com a União Soviética pelos séculos!". Chegou a ser o lema de Yivkov. Sua submissão a Kruschov chegou a ser completa. Yivkov "concebeu" e difundiu a idéia de "sincronizemos nossos relógios com o de Kruschov". Yivkov tornou suas, as táticas de Kruschov para os partidos comunistas e operários; hoje falava contra Tito, amanhã se pronunciava a seu favor, num dia abria as fronteiras para organizar férias conjuntas com os iugoslavos, e no dia seguinte as fechava. Um dia reclamava a Macedônia, outro dia a deixava no esquecimento. Ao seguir o caminho e os "conselhos" de Kruschov, Yivkov se converteu numa "personalidade" e, ao mesmo tempo que elevavam sua "personalidade", os revisionistas kruschovistas se apoderaram de toda Bulgária. Os soviéticos a dirigiam em cada rincão e em cada setor. Existia formalmente um governo, um partido e uma administração búlgaros, mas de fa-

to, os soviéticos dirigiam tudo. Os kruschovistas transformaram a Bulgária num perigoso arsenal. A Bulgária se converteu numa praça de armas dos social-imperialistas russos contra nosso país e contra os demais países balcânicos. Esta é a obra de Yivkov e de sua equipe, vivendo às custas da Bulgária e servindo ao social-imperialismo soviético.

Como mostram os fatos históricos também Dej e consortes eram e continuam sendo satélites de Kruschov. São elementos que viraram com o vento. A amizade íntima Tito-Kruschov, por exemplo, teve também suas querelas, provocadas entre outras coisas, pela questão húngara, polaca, etc., quer dizer que havia querelas e rancores, ainda que depois viessem as reconciliações e os abraços de amigos. Dej, sem o menor escrúpulo político, havia se deixado arrastar totalmente pelo turbelinho da atividade traidora antimarxista de Kruschov, que o levava e o trazia como e onde bem quisesse.

Mais adiante falarei dos acontecimentos de Bucareste e Moscou em 1960, mas quero assinalar aqui que Dej, no curso destes acontecimentos, demonstrou uma vez mais, sua permanente essência de homem que não repugnava izar ou pisotear qualquer bandeira. Alguns momentos, os momentos chave na vida e na atividade de um homem, tomados em conjunto, dão o seu retrato. Eis aqui, o de Dej: em 1948 e 1949 anti-revisionista, anti-titista resoluto e zeloso, depois de 1954 pró-revisionista e pró-titista ativo e entusiasta; em 1960 pró-kruschovista de primeira linha, mais tarde pareceu que também içava esta bandeira com atitude vacilante e tendia a manobrar, de cada vez, com duas ou três bandeiras. Em poucas palavras, era o político das piruetas conjunturais, da linha "de estar bem com todos", com Tito, com Kruschov, com Mao Tsetung; e seus sucessores chegariam inclusive a entender-se com o imperialismo norte-americano. Dej e seus sucessores podiam estar, e estiveram de fato, não importa com quem, mas não estiveram nem podiam estar com o marxismo-leninismo conseqüente.

Acabamos de ver tanto o período de florescimento da amizade Dej-Kruschov como o período de fissuras nesta amizade.

Kruschov pensava que tinha Dej no bolso de seu colete, como a espátula de marfim, que usava para brincar no curso das reuniões. Como manejava sua espátula é que pensava manejar Dej. Depois de 1960, julgando a situação madura, Kruschov

colocou seu plano anexionista, segundo o qual o território compreendido entre a região de Bucarest e a fronteira com a União Soviética seria economicamente unido à Ucrânia Soviética num “complexo agro-industrial”. Mas esta idéia era demasiado torpe. Dej havia aguentado muitas coisas, mas desta vez esbravejou.

Só quando Kruschov feriu a Romênia Dej calou seus ataques contra nós. Mas; jamais teve a coragem civil, muito menos marxista-leninista, para fazer a menor autocritica ante nosso Partido por tudo o que havia dito e feito. Este revisionista, que não vacilou em beijar a mão de Tito, não se desculpou ante nosso Partido. Diz-se que Dej morreu de câncer. Enviamos uma delegação a seu enterro em sinal de amizade ao povo romeno. Ali, Ceausescu, que substituiu Dej, limitou-se a apertar a mão de nossa delegação. E nós respondemos com a mesma moeda a este novo revisionista, que desde que assumiu o Poder, adotou como lema permanente a política de compromissos com todos os cabecilhas revisionistas e imperialistas: com Brezhnev, Tito, Mao, Nixon e toda a reação mundial.

Este indivíduo, que tinha sido um pequeno lacaios de Dej, ao tomar o Poder, desmascarou-o totalmente e, reforçando suas próprias posições, lutava para converter-se numa “personalidade mundial” como Tito, para ocupar o lugar deste, graças a uma certa resistência frente às supostas pressões ditadas pelos soviéticos.

Inclusive depois das contradições que surgiram entre os romenos e os soviéticos, as relações estatais conosco permaneceram inalteráveis, frias e inconsistentes, estacionadas. Não temos nem teremos relações com o partido romeno enquanto este não reconhecer publicamente os erros que cometeu frente ao nosso Partido.

Naturalmente, lamentamos que a Romênia tenha se convertido num país capitalista como a Iugoslávia, a União Soviética, etc, um país que de socialista não tem mais que o nome.

Todos os Dej, Yivkov, Ceausescu, etc, são criações do revisionismo, que Kruschov e os kruschovistas utilizaram e utilizam para seus objetivos.

Os kruschovistas soviéticos substituíram a confiança e a amizade marxista-leninista pela dominação do grande Estado “socialista”, a fim de formar a “família socialista”, a “comunidade socialista”, onde hoje pesa a mão de ferro de Brezhnev

e dos marechais soviéticos que soltam o garrote do Tratado de Varsóvia sobre a cabeça de todo “filho pródigo” da família.

Kruschov e seus cupinchas não suportavam nenhuma crítica ou observação dos demais, nenhuma disciplina nem controle recíproco, mesmo formais. As reuniões, declarações, decisões conjuntas eram, para eles, puramente formais e sem nenhuma validade caso obstaculizassem seus planos.

Por que os kruschovistas eliminaram e, mais ainda, denegriram o Kominform? Fizerem-no porque o Kominform havia condenado Tito, porque o consideravam criação de Stálin e porque ele havia adquirido uma “má fama” aos olhos dos imperialistas. Aqui se vê que não era questão de formas organizativas já que, afinal, que diferenças existiria na forma entre o “escritório de contatos”, proposto por Krushov (que nunca chegou a ser criado) e o Kominform? O objetivo era reabilitar Tito e satisfazer o imperialismo.

Mas, mais tarde, numa reunião consultiva do campo socialista, a proposição para a constituição deste “escritório” foi parar no lixo, em parte porque os kruschovistas se arrependeram, em parte porque houve oposição, sobretudo dos poloneses. Estes, (Ochab e Cyrankiewicz) se movimentaram bastante contra esta idéia. Inclusive ao se decidir a publicação de um órgão conjunto, chegaram a manifestar: “- Bom, então publiquemo-lo eventualmente, pois, pelo que parece, devemos tê-lo”.

Deste encontro estéril, não me esqueço do entusiasmo com que Togliatti abraçou a idéia de Kruschov e como, sem esperar mais tempo, pôs-se a desenvolvê-la: insistiu na criação dos “escritórios de contato”, um para os partidos dos países socialistas e outro para os partidos dos países capitalistas! O futuro pai do “policentrismo” aprofundou ainda mais o assunto em questão e propôs que o Partido Comunista da União Soviética não estivesse representado no segundo escritório, “ainda que, acrescentou Togliatti, para dourar a pílula, será nosso dirigente”.

O partido revisionista italiano esteve na vanguarda do trabalho hostil contra o comunismo internacional e contra os países e os partidos comunistas e operários do campo socialista.

Os “comunistas” italianos e franceses alimentaram grandes ilusões com a democracia burguesa e o caminho parlamentar. Estes dois partidos, depois da II Guerra Mundial, participa-

ram nos governos burgueses dos primeiros tempos. Esta era uma tática da burguesia para evitar as greves e o caos, conservar a economia e sobretudo reforçar suas posições não só econômicas como também militares e policiais. Esta participação dos comunistas nos governos burgueses foi como um fogo de palha. A burguesia expulsou os comunistas do Poder, os deslocou, deslocou-os para a oposição e promulgou leis eleitorais em virtude das quais apesar do grande número de votos obtido pelos comunistas, o número de seus deputados no parlamento foi reduzido ao mínimo.

Tito e Togliatti, como se tornou claro posteriormente, desde aquele tempo comiam no mesmo prato, por isso o partido italiano saiu em ajuda, ainda que não abertamente no princípio, ao partido de Tito. Togliatti, que era um revisionista convicto, porém mascarado, e toda a direção do Partido Comunista Italiano, que fazia parte do Kominform, estavam contrariados com a condenação de Tito. Votaram a favor desta condenação por conformismo, já que não tinham a coragem de se contrapor abertamente. Mas o tempo mostrou que os revisionistas italianos eram dos mais zelosos em ir abraçar-se com Tito.

Com a viagem de Kruschov a Belgrado e sua reconciliação com Tito, Togliatti e cupinchas encontraram o caminho de Belgrado aberto para reconciliar-se com os titistas, e também para desenvolver abertamente seus pontos de vista revisionistas, divisionistas, contra Stálin e a União Soviética, não só como Estado, mas também como sistema. Togliatti e os toglitistas passaram para o lado de Tito de maneira aberta e não adotaram a tática de zig-zags seguida por Kruschov. Por sua vez, Kruschov manobrava também com Togliatti, o exaltava e lhe fazia alguma crítica para mantê-lo sob seu domínio.

Os dirigentes do partido italiano como Togliatti, Longo e companhia se mostraram sensíveis às teses revisionistas do XX Congresso e, em especial, às calúnias de Kruschov contra Stálin. Pouco depois deste congresso, numa entrevista que concedeu à revista "Nuovi Argomenti", Togliatti desencadeou seus ataques contra o sistema socialista, contra a ditadura do proletariado e contra Stálin. Também foi aí que lançou a idéia do "poli-centrismo", que era a idéia do divisionismo e cisão do movimento comunista internacional.

Quanto aos dirigentes do Partido Comunista Francês, co-

mo Thorez, Duclos e outros, é fato que, a princípio, não receberam bem e não aceitaram o informe "secreto" de Kruschov contra Stálin. Depois da publicação deste informe na imprensa ocidental, o Birô Político do Partido Comunista Francês emitiu uma declaração, onde denunciava este ato e expressava suas reservas aos ataques contra Stálin. O próprio Thorez me disse acerca deste problema: "pedimos explicações aos camaradas soviéticos; eles nos deram, mas não estamos convencidos". Disse a Thorez: "Vocês não estão convencidos, enquanto nós estamos em absoluto de acordo". Assim, Thorez e o Partido Comunista Francês sabiam há tempos qual era a nossa opinião sobre o XX Congresso e as calúnias dos kruschovistas contra Stálin.

Os franceses e os italianos se tratavam como cão e gato. Conversei com Thorez e com Duclos sobre as atitudes dos dirigentes do PC Italiano opostas à linha marxista-leninista, em defesa dos revisionistas titistas e contra nosso Partido. Via-se que, no início, eles e todos os franceses no geral, relacionavam-se bem conosco. Nós nos atínhamos a nossos pontos de vista, eles aos seus. Quanto nós, criticávamos ininterruptamente os titistas, e eles mostravam que não tinham nenhuma confiança em Tito. Também com os dirigentes italianos seguíamos o mesmo caminho.

Antes dos acontecimentos que trouxeram a divisão, estive-ram em nosso país dois eminentes veteranos comunistas, os camaradas Marcel Cachin e Gaston Monmousseau. O nosso Partido como um todo e o nosso povo os recebeu com alegria e carinho. Tive com eles conversações muito abertas e cordiais. Visitaram nosso país, falaram dele com muita simpatia, escreveram muito bem de nosso Partido e de nosso povo no "L'Humanité". Monmousseau publicou, por sua vez, um livro muito interessante sobre nosso país. Sentado com ele ao redor do fogo, me falou de sua visita a Korça, de sua participação na colheita de uvas com os cooperativistas da região. No curso da conversa, perguntei ao autor de Jean Becot, que é oriundo de Champanha, famosa por seus vinhos: — Camarada Monmousseau, como vê nosso vinho? Me respondeu num tom gozador: — Vinagre! Ri com vontade e lhe disse: — Tem razão, mas deve dizer-me como fazê-lo. E Monmousseau me falou um hora seguida sobre o vinho, o que me ajudou muito. Escutei com admiração ao velho, que tinha as maçãs do rosto rosadas e olhos

brilhantes como o fogo, com a cor do vinho de sua terra natal, Champanha.

Antes que partíssemos à Conferência dos 81 partidos em Moscou,³ Maurice Thorez nos comunicou que desejava passar um período de férias em nosso país. O recebemos com grande satisfação. Mas pensamos (e não nos equivocamos) que fôra enviado pelos soviéticos para “suavizar-nos”.

Em Durres, onde passava suas férias, enumerei a Thorez todas as vilezas cometidas pelos soviéticos contra nós. Maurice escutava com atenção. Ficou surpreso, pois ainda não tinha conhecimento disto. Haviam ocultado tudo dele. Falei da Reunião de Bucarest e da postura que adotamos ali. Disse-me que a delegação de seu partido, que havia participado da reunião, o informara da posição do Partido do Trabalho da Albânia. E, como esta atitude o havia impressionado, ao vir à Albânia pensava falar conosco sobre isto. Thorez considerou a Reunião de Bucarest útil e não se pronunciou, no mínimo que fosse, se foi ou não correta. Não criticou nossa atitude em Bucarest, e depois de escutar minhas considerações limitou-se a dizer: “Camarada Enver, isto que lhe fizeram, devem esclarecê-lo com a direção soviética”. Com relação à luta contra o titismo, Maurice a aprovava totalmente. Nos despedimos, e ele partiu de barco para Odessa antes de meu pronunciamento na Conferência dos 81 partidos em Moscou. Maurice Thorez nos convidou para jantar. Desta vez ficou claro que havia sido empurrado por Kruschov para convencer-nos a não falar contra a traição revisionista. Mas fracassou em sua missão. Não admitimos os “conselhos” errados que nos deu.

Maurice Thorez nos criticou na Conferência, ainda que utilizando termos moderados. Enquanto que Jeannette Vermeersch, esposa de Thorez, depois que pronunciei meu discurso, me disse: “Camarada Enver, aonde querem chegar por este caminho? Não os compreendemos”. “Não nos compreendem hoje, mas talvez amanhã poderão compreender-nos”, disse-lhe.

É conhecido o destino que teve o Partido Comunista Francês. Este também mergulhou de cabeça no caminho

3. Julho-agosto de 1960. (Nota da Editora)

revisionista. Traiu o marxismo-leninismo, seguiu e continua seguindo com alguns matizes a linha de Kruschov e de Brezhnev.

Togliatti, por sua vez, não vacilou como os franceses e saiu abertamente, tal como Tito, com seus pontos de vista revisionistas, que legou a Longo e Berlinguer com seu “testamento”⁴. Togliatti é o pai do “policentrismo” no movimento comunista internacional. Naturalmente o “policentrismo” não convinha a Kruschov, que pretendia conservar a “batuta de maestro”, como tão pouco convém aos kruschovistas que hoje dominam a União Soviética. Às reuniões de Kruschov e de Brezhnev, os togliattistas lhes opunham e lhes opõem as “reuniões” dos partidos comunistas dos países capitalistas da Europa, América Latina etc. Os franceses, que se inclinavam para Kruschov, desaprovavam e combatiam as proposições de Togliatti. Não vou me estender nisto, pois já escrevi sobre esta teoria e dos atos anti-marxistas destes revisionistas.

Os revisionistas italianos nunca viram com bons olhos a Albânia Socialista nem o Partido do Trabalho da Albânia. Nos primeiros anos após a Libertação, o velho Terracini veio visitar a Albânia junto com uma jovem atriz. Permaneceu alguns dias e tal como chegou se foi. Mais tarde veio também Pajetta, que permaneceu dois dias e nos outorgou a Mehmet e a mim a condecoração “Garibaldi” da guerra da Espanha e da Resistência e, como veio, se foi. Os revisionistas italianos apenas uma vez se lembraram de escrever sobre a Albânia Socialista em seu órgão “L’Unità”. Talvez não quisessem ferir os neofascistas italianos que estavam no Poder, e cujos exércitos derrotamos durante a guerra, ou quiçá porque desmascarávamos seu camarada Tito!

O Partido Comunista Italiano era um Partido que seguia uma velha linha oportunista, era uma frente aberta para conseguir votos. Na direção, as disputas por postos, salários, mandatos de deputados ou senadores eram permanentes. Vinha um dirigente deste partido, destituído de seu posto por Togliatti, e se lamentava conosco, mas, no dia seguinte se lhe

4. O Testamento de Yalta, escrito por Togliatti antes de sua morte na cidade de Yalta, União Soviética. Este “Testamento” constitui o código do revisionismo para o chamado caminho italiano para o socialismo, o “policentrismo”, o “pluripartidarismo”, a “liberdade de credo”, etc. (Nota da Editora)

atirassem um osso e o fizessem senador, tornava-se manso como um cordeiro.

Lembro de um encontro em Karlovy Vary com um destes dirigentes, membro, naquele tempo, da direção do Partido Comunista Italiano de Togliatti: “Ele me disse: “sou contra Togliatti e seus pontos de vista”. “Como?” perguntei-lhe. Enumerou uma série de “argumentos”, e no final disse suas razões: “Togliatti não permite que os discursos que pronuncio no parlamento sejam publicados. Tanto Togliatti como Pajetta não só não os publicam na Itália, como também intervêm ante os soviéticos para que estes não os publiquem em Moscou. Peço-lhe, camarada Enver, que intervenha junto a Kruschov.” Realmente fiquei surpreso, e de imediato lhe contestei: “Como intervir? Eu, digamos, posso influir para que sejam publicados ou não na Albânia, mas na União Soviética?! Você deve dirigir-se aos camaradas soviéticos. Eles são donos de sua casa e são os que decidem”.

Depois da ruptura com os kruschovistas também este teve “discrepâncias” com a direção revisionista italiana. Mas não eram de princípio, tratava-se somente de querelas por postos e dinheiro. No dia seguinte, se chegasse a ser senador, também este indivíduo se acalmaria e calaria a boca. Assim eram e continuam sendo os revisionistas italianos, colaboradores da burguesia italiana e internacional.

Toda esta atividade revisionista rompeu, destroçou a colaboração e a harmonia marxista-leninista que existiam no movimento comunista internacional. Kruschov e os kruschovistas prestaram um inestimável serviço ao imperialismo mundial e se puseram diretamente a seu serviço. A ação sabotadora que o imperialismo e seus lacaios não conseguiram realizar em décadas inteiras, foi consumada por Kruschov e os kruschovistas de todos os matizes, onde quer que estivessem. Lançando calúnias sobre Stálin, a União Soviética, o socialismo e o comunismo, todos eles se colocaram ao lado dos caluniadores capitalistas, debilitaram a União Soviética, o que no fundo, era o sonho e o objetivo dos capitalistas. Romperam a unidade monolítica que combatia os capitalistas, suscitaram dúvidas sobre a revolução e a sabotaram, coisa que os capitalistas haviam perseguido continuamente. Semearam a discórdia e a divisão no seio dos diversos partidos comunistas e operários, derrotando e instalando

do na sua cabeça camarilhas capazes de melhor servir a seus interesses hegemônicos, estremecidos pelo grande terremoto. Estes inimigos atacaram o marxismo-leninismo em todas as direções, em cada uma de suas manifestações, e o substituíram pela ideologia reformista social-democrata, abrindo desta forma caminho ao liberalismo, ao burocratismo, ao tecnocratismo, ao intelectualismo decadente, à espionagem capitalista nos partidos, numa palavra, à degenerescência. O que o capitalismo mundial não havia conseguido fazer, a camarilha kruschovista o fez por ele.

No entanto, nem o imperialismo norte-americano, nem o capitalismo mundial julgavam suficiente esta ajuda colossal, esta grande sabotagem que Kruschov e os kruschovistas perpetravam contra o marxismo-leninismo e o socialismo. Por isso, a burguesia e a reação desencadearam o ataque contra os partidos revisionistas a fim de agravar o mais possível sua crise, para não só desacreditar o marxismo-leninismo e a revolução, acentuar a divisão entre os partidos comunistas e operários e acelerar sua rebelião contra Moscou, como também para debilitar, submeter e escravizar, com todos estes atos, a União Soviética como grande potência política, econômica, ideológica, independentemente de que a ideologia kruschovista não era o marxismo, e sim o anti-marxismo. O capitalismo mundial, encabeçado pelo imperialismo norte-americano, devia combater para impedir que o hegemonismo kruschovista se mantivesse vivo e se consolidasse sobre as ruínas que havia provocado.

Por esta razão, o imperialismo norte-americano e o imperialismo mundial intensificaram seu trabalho de sabotagem nos países do campo socialista, para minar o império colonial que Kruschov projetava. Neste clima favorável criado pelas consignas dos kruschovistas, se reativaram não só cabecilhas dóceis a Kruschov, tais como Yivkov, como também agentes dos norte-americanos, ingleses e franceses, dos alemães ocidentais e também de Tito. Em muitos partidos emergiram pessoas que não estavam satisfeitas com o rumo que se levava em direção à “democratização” e à liberalização, seja pelo próprio caráter do revisionismo, seja pela pressão e a atividade de espionagem do imperialismo. Os inimigos do socialismo na Hungria, Polônia, Checoslováquia e Romênia desejavam avançar a passos rápidos pelos caminhos da restauração do capitalismo, livrando-

se dos farrapos demagógicos que o grupo dos dirigentes soviéticos tratava de conservar. Os laços tradicionais da burguesia destes países com o Ocidente e o desejo de libertar-se o quanto antes do horror à ditadura do proletariado (apesar de que os kruschovistas haviam-na destruído), os orientavam no sentido de Washington, Bonn, Londres e Paris.

Kruschov confiava que colocaria novamente na garrafa os demônios que havia soltado.

Mas, estes, liberados, desejavam pastar por conta própria nos prados que os kruschovistas consideravam como seus. Os “demônios” não obedeceram à “flauta mágica” de Kruschov e este se viu obrigado a submetê-los a seu controle pela força dos tanques.

CAPÍTULO III OPINIÕES DO PCdoB

A atualidade das idéias de Lênin*

João Amazonas e Maurício Grabois

O nome de Vladimir Ilitch Lênin, um dos maiores gênios da Humanidade, domina toda uma época da história universal. Desde a última década do século passado até os dias de hoje, suas idéias imortais iluminam a árdua caminhada dos povos em busca da completa libertação. Foi o dirigente da Grande Revolução de Outubro que descortinou novas e brilhantes perspectivas para os explorados e oprimidos, assinalando o início da derrocada final do capitalismo. A concepção marxista revolucionária, à qual ligou definitivamente seu nome, apodera-se mais e mais das massas e se transforma em força invencível que, como avalanche, leva de roldão tudo que é retrógrado e obscurantista. Por isso mesmo, em todos os continentes, os trabalhadores e as forças populares comemoram entusiasticamen-

* Este artigo, redigido nas selvas do Araguaia, foi publicado no nº 40, de abril de 1970, do Jornal A Classe Operária, órgão central do Partido Comunista do Brasil, para comemorar o 100º aniversário do nascimento de Vladimir Ilitch Lênin.

Maurício Grabois era dirigente do PCdoB e comandante da resistência armada do Araguaia, assassinado em dezembro de 1973.

Decorridos 20 anos de sua publicação, conserva o mesmo interesse da época em que foi escrito. Seu conteúdo corresponde plenamente ao momento atual, quando se realiza intensa luta ideológica no movimento operário e comunista em defesa dos ideais revolucionários, contra o revisionismo e toda a espécie de oportunismo, contra os mitos criados nestas últimas décadas.

te, neste mês, seu centenário de nascimento. A comemoração se verifica no momento em que se estende, em vasta escala, a rebelião das massas contra os opressores e quando boa parte da população do Globo luta pelo socialismo. As idéias de Lênin afirmaram-se de maneira irresistível, comprovaram na vida a sua justeza e triunfaram plenamente.

Os revisionistas soviéticos fazem grande alarde a propósito do centenário de Lênin. Realizam pomposas conferências, suntuosos atos comemorativos e reuniões solenes. E, não satisfeitos com mobilizar seus apaniguados em todos os países, chegam à infâmia de propor despudoradamente que a ONU, na qual dominam os Estados Unidos, celebre também este centenário. Incorporam, assim, os imperialistas ianques às festividades por eles promovidas. Toda essa febril agitação visa a dar uma imagem deturpada de Lênin. Objetivam os revisionistas embair a opinião pública e utilizar cinicamente o prestígio do fundador do bolchevismo para fins social-imperialistas e contra-revolucionários. Comportam-se como os filisteus burgueses aos quais Lênin causticou ao afirmar que as classes opressoras, depois da morte dos grandes revolucionários, "tentam convertê-los em santos inofensivos, canonizá-los, por assim dizer, cercar seus nomes de uma certa auréola de glória para 'consolar' e enganar as classes oprimidas, castrando o conteúdo de sua doutrina revolucionária, cegando o seu gume revolucionário, envilecendo-a".

O Partido Comunista do Brasil registra o 100.º aniversário de Lênin expressando sua profunda admiração pelo inesquecível guia do proletariado mundial e seu reconhecimento pela imensa contribuição que ele deu à causa dos trabalhadores. Esforçando-se por se tornarem verdadeiros discípulos de Lênin, os comunistas brasileiros procuram assimilar suas idéias e agir em consonância com elas. Buscam nas cristalinas fontes do leninismo lições e estímulo para orientar-se com acerto na complexa luta do povo por sua emancipação. Toda vez que assim têm procedido, alcançam importantes êxitos. Os ensinamentos de Lênin sobre o Partido, a luta ideológica, o papel das massas, a violência revolucionária e o internacionalismo, entre inúmeros outros, constituem, hoje, poderosos meios nas mãos dos revolucionários. Ajudaram os comunistas brasileiros, nos anos difíceis da maré montante do revisionismo que avassalava o

movimento operário, a defender o partido do proletariado, a manter-se nas posições marxistas-leninistas e a traçar uma orientação correta.

Precisamente por permanecerem fiéis às idéias de Lênin sobre o Partido, os comunistas brasileiros reorganizaram, em 1962, o Partido Comunista do Brasil. O criador do primeiro Estado Socialista considerava o Partido como o instrumento fundamental da revolução. À tarefa de construir a vanguarda da classe operária dedicou o melhor de seus esforços. Empenhou-se na edificação de um partido de novo tipo, bem diferente dos antigos partidos social-democratas, efetivamente revolucionário por sua teoria e sua prática. Esta organização teria de ser coesa e disciplinada, constituída por revolucionários consequentes, homens e mulheres provados, capaz de enfrentar os mais tempestuosos choques de classes. Queria um partido para os combates mais encarniçados, que não temesse as dificuldades, não perdesse o rumo nem com os êxitos nem com os fracassos. Forjou, assim, o Partido Bolchevique, principal artífice da Revolução Proletária e da construção socialista na União Soviética. Propugnando uma indestrutível unidade no Partido, opunha-se, por todos os modos, à coexistência nas fileiras partidárias de revolucionários e oportunistas. Preconizava a rutura orgânica, radical, com os partidos que se desviavam do verdadeiro caminho da revolução. Quando, no curso da I Guerra Mundial, os dirigentes dos partidos da II Internacional traíram os interesses fundamentais dos trabalhadores, Lênin não hesitou em desmascará-los e em indicar a necessidade da formação de novos partidos que pudessem desempenhar efetivamente as funções de vanguarda do proletariado. Agora, quando os entrelaços de classes se tornam mais agudos e se evidencia mais claramente a traição revisionista, a concepção de Lênin sobre o Partido adquire maior oportunidade.

Alicerçados nesta concepção, os comunistas brasileiros romperam com os revisionistas que renegaram o marxismo e conduziram o movimento operário do país à capitulação diante da burguesia. Desde 1957, sob a influência direta do XX Congresso do PCUS, afluíram no Partido sérias tendências oportunistas que o levaram a transformar-se num partido social-democrata. A linha política aprovada em março de 1958 e as decisões do V Congresso, em 1960, que se afastavam do marxis-

mo-leninismo, acabaram por liquidar o partido da classe operária. Simultaneamente com esta traição dos revisionistas, proliferavam também teses liquidacionistas que negavam a necessidade do Partido e defendiam a formação de agrupamentos pequeno-burgueses. Imbuídos do preceito leninista de que a classe operária não possui na luta contra seus inimigos outra arma que a organização baseada nos princípios, os comunistas convocaram e realizaram a Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962 e separaram-se definitivamente dos oportunistas dirigidos por Prestes. Os sucessos alcançados pelo PC do Brasil, após sua reorganização, vieram comprovar, uma vez mais, a justeza dos fundamentos leninistas sobre o Partido. Na presente situação, mais do que em qualquer outro período, o povo brasileiro necessita de um partido leninista. Sem um partido desse tipo é impossível unir as grandes massas e as forças patrióticas para derrubar a ditadura e liquidar o regime reacionário de latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas norte-americanos. Construir tal partido vem sendo a preocupação básica do Comitê Central desde 1962. Ainda em sua última reunião de dezembro de 1969, as questões levantadas no Capítulo III do documento aprovado visam, exatamente, a superar deficiências que se apresentam e a elevar a combatividade do Partido a fim de que se coloque à altura das tarefas que lhe cabem realizar.

Também no que se refere à luta contra as idéias estranhas, os comunistas brasileiros inspiraram-se em Lênin. Este emérito teórico marxista jamais deu tréguas ao oportunismo de todos os matizes. Era inimigo acérrimo do revisionismo e dos fari-seus da social-democracia. Em carta a Inês Armand, revelou o quanto era atacado pelos oportunistas e salientou que a luta contra eles foram uma constante em sua existência. “Ei-lo, o meu destino. Uma campanha após outra, contra a estupidez e o primarismo dos políticos, contra o oportunismo etc. Isto, desde 1893. E o ódio com o qual estas pessoas mesquinhas me gratificam. Entretanto, eu não trocava este destino por uma ‘paz’ com esses mesquinhos personagens”. Em nenhum momento conciliou com os tergiversadores do marxismo ou com os falsos doutrinadores revolucionários. Desde os populistas russos até Kautski, assim como os oportunistas de direita e de “esquerda” nos primeiros anos da Revolução de Outubro —

todos foram energeticamente combatidos por Lênin. Destacava ao máximo a importância da luta ideológica como uma das formas da luta de classe. Não deixou sem resposta nenhuma tese ou opinião errônea, dentro e fora da Rússia, que circulasse no movimento operário. Tinha em conta que as concepções contrárias aos interesses do proletariado, difundidas sem contestação, mesmo em âmbito estreito, podem causar prejuízos e transformar-se em entraves de maior envergadura. Por isso mesmo, sua vasta obra está impregnada de espírito polêmico e criador, é uma defesa admirável dos princípios do marxismo. Em todos os campos de atividade, nos mais intrincados problemas da política e da filosofia, da arte e da literatura, da ciência e da economia ou da construção do socialismo, Lênin interveio para rechaçar as idéias e teorias falsas.

Sustentando a bandeira do leninismo, os comunistas brasileiros têm-se preocupado em rebater as idéias estranhas ao marxismo, tendo como alvo principal o revisionismo contemporâneo. Travaram intensa luta ideológica, sem precedentes no movimento operário do país, contra a linha adotada por Prestes, linha decalcada nas teses do XX Congresso do PCUS. E isto numa situação em que os revisionistas contemporâneos não estavam ainda suficientemente desmascarados no plano mundial. Não temeram romper com a organização que enveredara pelo caminho da traição. Esta luta alcançou significativos êxitos. Os partidários de Prestes apareceram com sua verdadeira fisionomia de reformistas, seguidores da burguesia, e perderam, com conseqüência deste desmascaramento, grande parte da influência que exerciam sobre as massas. As teses errôneas de Kruschov, aceitas sem restrições pelos dirigentes prestistas, encontraram firme oposição dos elementos que se mantiveram leais à concepção leninista. Ao combater estas teses, numa luta de princípios, difícil e complexa, não só puseram a nu o conteúdo falso das lucubrações revisionistas, como conseguiram elaborar orientação correta sobre importantes questões da revolução brasileira.

O Partido Comunista do Brasil, depois de sua reorganização, travou luta ideológica não apenas contra o revisionismo, mas, também, contra outras tendências adversas que surgiram no movimento revolucionário, como o trotsquismo e o “foquismo”. Os trotsquistas, aproveitando-se da guinada para a direi-

ta realizada pelo partido de Prestes, tratavam de reorganizar suas forças, já de há muito desmanteladas, e de aparecer como verdadeiros marxistas. Os leninistas não se deixaram levar pelas manobras trotsquistas e revelaram a catadura contra-revolucionária desses agentes do inimigo. Posteriormente, em *Carta Aberta*, rebateram opiniões erradas de Fidel Castro e condenaram sua integração cada vez maior com os revisionistas soviéticos. Mais tarde, mostraram a essência pequeno-burguesa e prejudicial do “foquismo” que se difundia no Brasil e na América Latina.

Assim, os comunistas brasileiros, nestes anos de reorganização do Partido, não deixaram de responder e de atacar as concepções opostas ao marxismo-leninismo. Esta luta ainda prossegue e está longe de chegar a seu termo. O PC do Brasil considera que, na presente situação, o legado de Lênin exige dos autênticos revolucionários o combate sem descanso às idéias errôneas que vêm sendo veiculadas no movimento operário e popular e que objetivam desviá-lo do seu verdadeiro leito. Esse legado impõe aos comunistas do Brasil aprofundar mais o conhecimento da realidade do país e da teoria revolucionária para refutar, no terreno das idéias, o que é nocivo à luta do povo, seja qual for a sua origem.

Igualmente, no que concerne ao caminho a revolução brasileira, os comunistas basearam-se no leninismo. O emprego da violência revolucionária das massas constitui um dos aspectos fundamentais da obra e da ação prática do grande estrategista e tático do proletariado. Em seu livro *O Estado e a Revolução*, ele fundamentou amplamente, seguindo os postulados de Marx e Engels, a necessidade da violência como força transformadora da sociedade e demonstrou ser impossível à classe operária conquistar o poder pela via pacífica. “A substituição do Estado burguês pelo Estado proletário — disse — é impossível sem uma revolução violenta”. Por isso mesmo, foi intransigente na repulsa aos defensores do caminho parlamentar, que negavam a luta armada para levar a cabo a revolução. Lênin mostrava que o exército permanente e a polícia são instrumentos fundamentais do poder do Estado, a principal arma de repressão das massas populares por parte das forças reacionárias. Afirmava que sem destruir tais instrumentos não se dará a libertação dos explorados e oprimidos.

Norteando-se por estas indicações básicas, os comunistas no Brasil, em 1960, opuseram-se, de modo tenaz, às teses apresentadas e aprovadas no V Congresso do Partido. Justamente a defesa do caminho revolucionário, da luta armada, foi o centro dos debates então travados entre os marxistas-leninistas e os revisionistas de Prestes. Durante o governo de Goulart, a política do desenvolvimento pacífico, seguida pelo partido prestista e por outras correntes, estendeu-se e ganhou muitos setores da população. Na aparência, a situação parecia indicar que a via pacífica acabaria vingando no país. Mas o PC do Brasil, estribado na teoria de Lênin e numa análise realista da vida política brasileira, não cessou de desmascarar essa solução, demonstrando toda a sua falsidade. Tendo em conta a experiência histórica dos povos, afirmou repetidas vezes que era necessário preparar a ação armada porque as forças reacionárias não se entregariam sem resistência e terminariam por contra-atacar para derrotar as forças populares. Isto foi o que, de fato, ocorreu com o golpe militar de abril de 1964. Hoje, mais do que antes, a luta armada é uma necessidade vital para o povo brasileiro, questão decisiva, de salvação nacional. Sem empunhar armas e fazer a guerra popular, não se poderá pôr fim a uma ditadura terrorista como a que impera no país. Os militares no Poder cerraram as menores brechas à atividade democrática e estão em guerra aberta contra o povo. As forças revolucionárias outra saída não têm senão a de se preparar intensamente para enfrentar seus piores inimigos através da violência, derrotar as Forças Armadas, destroçar a máquina do atual Estado policial-militar e instaurar um Poder popular-revolucionário.

O pensamento de Lênin sobre o papel do Partido e das massas impregna a orientação do PC do Brasil. Vladimir Ilitch foi ardente partidário da mobilização, organização e educação das massas. Já em seu combate aos populistas, nos primórdios do movimento social-democrata russo, em fins do século passado, denunciou vigorosamente a falsa teoria dos heróis “ativos” e das multidões “passivas”. Via a revolução como obra de milhões de pessoas, sob a direção do Partido. “As melhores vanguardas exprimem — disse em abril de 1920 — a consciência, a vontade, a paixão e a imaginação de dezenas de milhares de homens, enquanto que a revolução é feita em momentos de exaltação e tensão especiais de todas as faculdades

humanas, pela consciência, vontade, paixão e imaginação de dezenas de milhões de homens impulsionados pela mais aguda luta de classes". Toda orientação que não visasse a ganhar as massas para a idéias revolucionárias era por ele repelida com energia. Foi impiedoso com os "esquerdistas" que não levavam em consideração o nível de consciência dos trabalhadores e procuravam evitar o difícil trabalho para incorporá-los à revolução. Foi também adversário irreconciliável do seguidismo, da prosternação diante do movimento espontâneo das massas. Rebateu a tese dos oportunistas da II Internacional, que dizia ser impossível a revolução sem que toda a classe operária estivesse nas fileiras do movimento revolucionário. Ridicularizando esta tese, mostrava que nem mesmo os sindicatos, no regime capitalista, conseguem agrupar todo o proletariado. Destacou com ênfase o papel de vanguarda do partido e o exemplo pessoal dos comunistas com o fim de despertar e mobilizar os trabalhadores. Exaltou muitas vezes a iniciativa revolucionária e estimulou sempre as ações combativas. Para ele, o Partido devia estar à frente das massas e, ao mesmo tempo, indissoluvelmente ligado a elas.

Conquistar as forças populares para a luta revolucionária, levá-las à ação contra a ditadura tem merecido atenção especial dos comunistas brasileiros. A linha política traçada na VI Conferência Nacional Extraordinária tem em vista estreitar a ligação do Partido com as massas e fazer avançar a revolução. Combatendo as correntes pequeno-burguesas, os comunistas voltaram sempre o gume de seu ataque às concepções que elas defendem de desprezo pelas massas. A orientação do Partido sobre a luta armada, exposta no documento *Guerra Popular, Caminho da Luta Armada no Brasil*, tem como vigamestra a participação das grandes massas na luta libertadora. A mobilização dos vastos setores da população do campo e das cidades é uma garantia para livrar o país do jugo norte-americano e da reação interna. Ao mesmo tempo, o Partido, em diversos informes e resoluções, destaca a importância da iniciativa de luta dos comunistas. O exemplo pessoal, quando corresponde aos interesses e às aspirações do povo, pode desatar incalculáveis energias revolucionárias. A guerra popular, embora sendo em essência uma guerra das massas, começa de pequenas ações que se avolumam constantemente e

que se orientam no sentido de trazer contingentes populares, sempre maiores, para a participação direta na luta. O Partido não deve ficar à espera do movimento espontâneo. Tem de tomar a iniciativa revolucionária no sentido de cumprir seu papel de vanguarda, uma vez que este papel não é desempenhado unicamente por uma linha acertada, mas também pela ação prática de todos os dias. Aos comunistas brasileiros cabe empenhar-se com mais decisão e constância no trabalho junto às massas. Nesse aspecto, há uma longa estrada a percorrer, na qual apenas foram dados os primeiros passos. Sem dúvida, o estudo e a assimilação das idéias de Lênin muito ajudarão a realizar esta tarefa fundamental.

O PC do Brasil tem tradições de internacionalismo proletário. Procurou sempre pautar sua conduta, neste terreno, pelo exemplo leninista. V. I. Lênin tinha elevado espírito internacionalista que constituía traço marcante de sua personalidade. Colocou sempre os interesses da revolução mundial acima de quaisquer injunções de caráter nacional. No período da I Grande Guerra, ergueu-se corajosamente contra o social chauvinismo dos partidos da II Internacional e lançou a orientação de que cabia à classe operária de cada país transformar a guerra imperialista em guerra civil contra a sua própria burguesia. Ele indicou que "o internacionalismo proletário exige: 1) a subordinação dos interesses da luta proletária em um país aos interesses desta luta em escala mundial; 2) que a nação que triunfou sobre a burguesia seja capaz e esteja disposta a fazer os maiores sacrifícios nacionais em favor da derubada do capital internacional". Dedicou enorme atenção ao movimento comunista internacional, estimulou a criação de novos partidos operários marxistas em todo o mundo. Ajudou, por todos os modos, os partidos e grupos marxistas que se desprendiam dos velhos partidos oportunistas, independente de que fossem débeis ou fortes. Nestes partidos e grupos via o futuro da revolução mundial. Como chefe incontestável do proletariado, opinava abertamente sobre a tática a seguir e criticava os erros e desvios que surgiam no processo de formação dos partidos. Não apenas pôs em relevo a podridão oportunista da II Internacional como também contribuiu decisivamente para o surgimento da Internacional Comunista, que, nas décadas de 20 e 30, desempenhou missão de pri-

meira ordem no movimento operário revolucionário mundial.

O internacionalismo proletário foi um dos motivos que levaram os comunistas brasileiros à rutura com os revisionistas de Prestes. Estes, sob o pretexto de conseguir a legalidade, haviam retirado dos estatutos partidários a declaração expressa de que o Partido se regia pelos princípios do internacionalismo proletário. Continuando a velha tradição, o Partido, depois de sua reorganização, apoiou com firmeza a China Popular quando esta foi agredida pelos reacionários hindus e posteriormente deu apoio caloroso à Revolução Cultural Proletária, logo em seu início.* Colocou-se decididamente ao lado da República Popular da Albânia na ocasião em que os revisionistas soviéticos realizavam contra ela infame campanha de mentiras e calúnias. Manifestou sua total solidariedade ao povo vietnamita em luta contra os invasores norte-americanos. Solidarizou-se com o povo tchecoslovaco, vítima de perversa agressão por parte de tropas soviéticas e do Pacto de Varsóvia. Nestes oito anos de sua reorganização, o Partido tem procurado estreitar seus laços de amizade com o PC da China, com o Partido de Trabalho da Albânia e com todos os partidos verdadeiramente marxistas-leninistas.** Coerente com a sua posição internacionalista, o Partido sempre defendeu a opinião de que se faz indispensável maior aproximação entre os partidos marxistas-leninistas, a troca de informações e o intercâmbio de experiências entre eles, o debate das questões comuns ao movimento comunista mundial, a ajuda em todos os terrenos e o apoio mútuo — tudo isso visando ao reforçamento da luta contra o imperialismo norte-americano e os revisionistas soviéticos. Sempre considerou que o movimento comunista jamais pode encerrar-se nos mesquinhos limites do nacionalismo. Seria extremamente pernicioso se a atividade de cada partido ficasse circunscrita às fronteiras nacionais e se cada um deles se desinteressasse pelo que ocorre com os demais.

Para os comunistas brasileiros, o centenário do nascimento de V. I. Lênin é motivo não somente de destacar a ajuda inestimável que ele prestou ao movimento comunista. É também uma oportunidade para reverenciar a memória deste profundo

pensador revolucionário e ressaltar a grandiosidade de sua obra e a atualidade de sua doutrina. Lênin abriu caminhos novos, enriqueceu imensamente o marxismo. Vivendo uma nova época, a época do imperialismo e das revoluções proletárias, que ainda hoje perduram, fundamentou as principais questões atinentes à luta dos povos neste período da história da Humanidade,. Fez ressurgir, como disse Stálin com justeza, a essência revolucionária do marxismo que havia sido desfigurada pelos oportunistas da II Internacional. Presentemente, quando os revisionistas contemporâneos tudo fazem objetivando abastardar o pensamento de Lênin, retirando-lhe o conteúdo crítico e revolucionário, deturpando seu sentido proletário de classe, é dever de todos os verdadeiros marxistas salientar com veemência o caráter eminentemente revolucionário de seu pensamento, afiada arma de transformação social. O leninismo representa uma grande bandeira a ser levada adiante por todos os que almejam o socialismo e o comunismo. É um manancial inesgotável de saber que amplia os horizontes de luta dos trabalhadores.

Revolucionário em toda a plenitude, político notável, homem de ciência, pesquisador incansável, Lênin foi inimigo de todo dogmatismo e das idéias estereotipadas. Em sua opinião, Marx e Engels, fundadores do socialismo científico, tinham lançado as pedras angulares da extraordinária doutrina social do proletariado e aos seus discípulos cabia desenvolvê-la.

O leninismo é precisamente um desenvolvimento genial do marxismo. O enriquecimento da teoria do proletariado, com a generalização de novas experiências, é uma imposição do progresso social e da marcha ascendente da ciência, uma exigência da luta revolucionária. É preciso levar sempre em conta o novo que surge e a complexidade dos fenômenos. “A história em geral — disse Lênin — e a das revoluções em particular é sempre mais rica de conteúdo, mais variada de forma e de aspectos, mais viva e mais ‘astuta’ do que imaginam os melhores partidos, as vanguardas mais conscientes das classes mais avançadas”. Onde a teoria se fossiliza e as idéias se petrificam, sem ter em consideração a vida em constante movimento e renovação, o marxismo perde totalmente sua feição revolucionária, degrada-se e transforma-se numa seita, numa concepção morta, sofre uma metamorfose, torna-se o seu oposto, isto é, o antimarxismo.

O espírito do leninismo exige, assim, uma aplicação viva

* Em dezembro de 1978, o PCdoB fez autocrítica deste apoio.

** Esta posição frente ao PC da China foi alterada a partir do final de 1976.

e criadora das grandes idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin e de seus mais destacados discípulos. O marxismo-leninismo não se esgota, nem poderia esgotar-se com a contribuição de Lênin. Já passaram 46 anos da morte deste inolvidável guia dos povos e o mundo sofreu profundas mutações. Ainda que a Humanidade continue vivendo a época do imperialismo e das revoluções proletárias, novos fenômenos sociais e políticos ocorreram, acelerou-se a crise geral do capitalismo e a revolução adquiriu novas dimensões. Tais fenômenos têm de ser interpretados à luz do marxismo-leninismo, e as soluções para os problemas da revolução demandam uma compreensão correta da realidade presente e de cada lugar, a fidelidade aos princípios revolucionários. A aplicação mecânica da experiência de outros povos não poderá conduzir à vitória.

Os revisionistas soviéticos, para impingir seus contrabandos reacionários, proclamam-se leninistas e dizem que põem em prática o leninismo de forma criadora. Não passam, porém, de falsários políticos. Suas idéias nada têm de comum com Lênin, são a expressão máxima do antileninismo, uma réplica hodierna das velhas concepções que Lênin combateu incansavelmente durante toda a sua movimentada e prodigiosa vida. Os revisionistas contemporâneos são os mais furiosos inimigos do leninismo, os mais raivosos adversários do socialismo proletário. Brezhnev, Kosiguin, Suslov e seus comparsas transformaram, criminosamente, o Partido de Lênin numa organização fascista. Adotam orientação semelhante à profligada com indignação pelo criador do Partido Bolchevique com relação aos corifeus da II Internacional: socialistas de palavra e imperialistas de fato. Com a única diferença que os social-imperialistas desmascarados por Lênin eram agentes da velha burguesia, enquanto os atuais social-imperialistas são expressão da nova burguesia que surgiu na URSS.

Outros, e não os revisionistas soviéticos, são os continuadores de Lênin. Entre estes, avulta a figura de Stálin que, empunhando o estandarte do leninismo, dirigiu a construção socialista na União Soviética e enriqueceu imensamente a doutrina do proletariado. Mao Tsé-tung abordou novos problemas da doutrina proletária.* Enver Hoxha, o grande dirigente do po-

vo albanês, examinou em profundidade, e de modo original, muitas questões, tornando mais rico o tesouro do marxismo-leninismo. Outros discípulos de Lênin, em diferentes países, trazem ensinamentos, tanto na teoria como na prática, que impulsionam o desenvolvimento da invencível ciência social da classe operária.

O povo brasileiro, que vive uma situação em constante agravamento, comemora o 100.^o aniversário do nascimento de Lênin lutando contra as forças reacionárias internas e o imperialismo norte-americano. Esta luta reclama combatentes de elevada têmpera revolucionária. O estudo da obra e da vida de V. I. Lênin, em ligação com a prática, ajudará imensamente a forjar verdadeiros homens de vanguarda, lutadores inquebrantáveis da causa do povo e do socialismo. É da maior importância estudar Lênin, em particular *O Estado e a Revolução*, *A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo* e *O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*.

A bandeira vermelha erguida por Lênin desde a sua juventude, a bandeira gloriosa de Marx e Engels, a mesma bandeira que Stálin defendeu com todas as energias, tremula vitoriosa em muitos países do Globo onde se trava a luta pelo socialismo. Tremula também nas mãos dos comunistas brasileiros, fiéis seguidores de Lênin.

Decorridos cem anos do seu nascimento, Lênin continua vivendo no coração dos povos e sua obra magistral servirá, através dos tempos, de inspiração e exemplo a todos os que almejam o nobre ideal da sociedade sem classes, sem opressão e exploração, o ideal do comunismo.

* Esta afirmativa foi revista na polêmica com os revisionistas da China.

As obras e os ensinamentos de Stálin continuam vivos na consciência dos povos*

João Amazonas

25 anos se passaram desde a morte de Joseph Stálin. Durante este quarto de século, os revolucionistas e todos os inimigos do socialismo não se cansaram de atacar a vida e a obra desse insigne revolucionário, fiel discípulo e continuador de Lênin. Sua figura de combatente da nobre causa do comunismo projeta-se, no entanto, cada vez com maior força no cenário da luta de classes, onde ele se revelou um dos maiores homens da história contemporânea.

Filho de modesto sapateiro, Stálin distinguiu-se nas fileiras do proletariado como grande marxista-leninista. Sua juventude transcorreu em meio aos combates gloriosos contra as forças obscurantistas da velha Rússia, conheceu as agruras do exílio e as infâmias das prisões czaristas. Esteve sempre num posto de luta, a serviço do Partido Comunista e da revolução. Por três décadas, à frente do PC bolchevique e do Partido Socialista, dirigiu a construção do socialismo na União Soviética, bem como o movimento operário mundial.

A avaliação de sua personalidade e de sua atuação está inseparavelmente ligada aos resultados da luta que dirigiu, de significação histórica. Não foi fácil a construção do socialismo

* Publicado no jornal "A Classe Operária" de março de 1978.

num só país, sob o cerco capitalista. A Rússia era atrasada quando da vitória da revolução. Nela subsistiam diversos tipos de economia, da patriarcal à socialista. Arruinada e devastada pela conflagração de 1914/18 e, depois, por três anos consecutivos de guerra civil mesclada com invasões estrangeiras, acumulou dificuldades sem conta. Aí a pequena burguesia, a força conservadora mais recalcitrante, representava o contingente maior da população. Em tais condições, reconstruir a economia em novos moldes, edificar o Estado de ditadura do proletariado, promover a defesa do país, educar as amplas massas no espírito do socialismo requeriam muita energia e uma direção firme e clarividente. Lênin guiou os primeiros passos da República dos Soviets, vindo a falecer quando a URSS começava a remontar a fase da NEP. Deixou valiosíssimas indicações sobre o caminho a seguir que exigiam, contudo, para sua concretização, um comando capaz, armado de férrea vontade. Coube a Stálin a tarefa honrosa de pôr em prática o legado de Lênin. Sob sua direção realizou-se a fase mais árdua da construção socialista. E ele venceu-a magnificamente. A União Soviética transformou-se radicalmente em todos os sentidos, e alcançou o nível dos países capitalistas mais avançados. Provou ser possível estruturar, sem padrões nem monopólios imperialistas, uma vida de progresso e justiça social.

A construção do socialismo, porém, não é algo que se efetue num mar de rosas. É uma batalha da luta de classes que reclama, ao lado do esforço heróico por superar obstáculos de grande porte, uma vigilância permanente contra os inimigos de dentro e de fora do país, continuamente empenhados em fazer fracassar a revolução. No curso da construção, estão sempre surgindo tendências adversas que provêm, muitas delas, das antigas concepções e estilos de vida, do individualismo e ambições pequeno-burguesas refletidas no liberalismo, no burocratismo, na ânsia de fazer carreira. É ilusão pensar que, conquistado o poder, com o passar do tempo, essas tendências enfraquecem ou desaparecem. Elas encontram-se disseminadas no conjunto da população e manifestam-se não apenas como freio às novas idéias senão também na forma de resistência ativa ao sistema instaurado. Em alguns casos, evoluem do descontentamento por interesses pessoais contrariados para a conspiração e as tentativas de derrubada da ditadura do proletariado.

Reeducar a pequena burguesia, urbana e rural, e mesmo setores da classe operária, ganhar as amplas massas para as idéias da nova vida não é coisa simples. É talvez o mais intrincado problema, um combate que não se pode prever quanto tempo durará, mas de cujo desfecho depende, em larga medida, a consolidação definitiva do socialismo.

Stálin, simultaneamente com a enunciação das medidas destinadas a impulsionar o trabalho construtivo, enfrentava os vacilantes e derrotava as conspirações maquinadas na sombra. Ele generalizou uma série de experiências nesse terreno de grande valor para o movimento revolucionário. Na Rússia, as tentativas de restauração da velha ordem foram numerosas. Lênin desbaratou-as em diversas ocasiões. Quando já ia avançado o processo de criação da base material do regime, sucederam outras, virulentas e ameaçantes. Chegaram mesmo a se entrosar com os serviços de inteligência de governos estrangeiros, pon-do em grave risco a existência da URSS. Seus protagonistas não eram pessoas desconhecidas, ostentavam o título de membros do Partido ou vestiam a farda do Exército Vermelho. Alguns com certa folha de serviços prestados ao país. Todos eles desmascararam-se ante a opinião pública, passaram pelos tribunais do povo onde confessaram os conluícos contra-revolucionários. Trotski, Kamenev, Zinoviev, Bukarin, Toucachevski e outros conspiraram contra o regime socialista, pretenderam quebrar a unidade do Partido a fim de facilitar a execução de projetos criminosos. Se suas tentativas vingassem, a construção socialista teria fracassado, a URSS não resistiria às hordas hitleristas e o mundo talvez ainda hoje se visse a braços com os horrores do nazismo.

A vida comprovou que a luta contra os inimigos do socialismo era justa, no tempo de Lênin e no tempo de Stálin, ainda que pudessem ter ocorrido algumas injustiças à margem dos objetivos visados. Depois da morte de Stálin os fatos acentuaram a importância dessa luta e revelaram aonde conduziu sua subestimação e a falta de vigilância. Então outros renegados se levantaram e, dessa vez, com êxito. O chefe da traição chamava-se Kruschov e seu sucessor Brezhnev. Alcançando as posições dirigentes, em pouco tempo destruíram as principais conquistas da classe operária, aniquilaram o seu Partido, substituíram a ditadura do proletariado, rejeitaram a revolução e o marxismo.

mo-leninismo. A União Soviética converteu-se numa superpotência social-imperialista que subjuga militarmente outras nações. Também em vários países onde houve falta de vigilância e acomodação ideológica triunfaram as tendências oportunistas que causaram e continuam causando imensos prejuízos ao movimento revolucionário.

É sintomático. Todos os que combatem raivosamente Stálin e negam seu papel proeminente na construção da nova sociedade e no desenvolvimento da luta dos povos são, sem exceção, adversários jurados do socialismo proletário. Não passam de partidários do velho regime capitalista condenado pela história, do socialismo burguês ou pequeno-burguês. Não se apontam um só que se coloque na posição de classe do proletariado, dos seus interesses fundamentais, da doutrina do socialismo científico. A manifestação do furor antistalinista é expressão do ódio à ditadura do proletariado, ao partido da luta de classes e da revolução social, ao marxismo-leninismo. Eles não vacilam em pintar a fisionomia da sociedade em construção — bela para os proletários e explorados de todo o mundo — como a de um monstro prediluviano. Com isto exprimem sua aversão ao sistema que tem por base a dominação dos antigos escravos do capital, expressam o inconformismo do pequeno-burguês que se considera tolhido em suas aspirações mesquinhas e individualistas.

Os marxistas-leninistas não julgam tudo o que fazem isento de quaisquer parcelas de erros, nem crêem que já esteja totalmente completada a imagem da nova vida em construção. A feição atual do socialismo ainda não traduz, nem poderia traduzir em tão curto período, todo o maravilhoso esplendor da causa que representa. Mas já demonstra, em suas linhas fundamentais, a grandeza dessa causa. Seus aspectos mais toscos, seus ângulos destoantes, chegará o momento em que serão removidos, dando lugar ao aparecimento das formas definitivas, admiráveis, da criação proletária. Uma obra tão ciclópica como a construção do comunismo, que durará muitos anos e percorrerá vias não experimentadas, pouco conhecidas, inclui a possibilidade de equívocos na escolha dos melhores métodos, na fixação de orientações as mais vantajosas. Por isso, os marxistas-leninistas examinam sempre, com espírito crítico, seu trabalho e o resultado das diretrizes estabelecidas. Não se deixam

levar pela rotina nem pela auto-suficiência. Sabem que, se já são claras as rotas por onde passam a formação da base material do socialismo, embora perdurem problemas complicados a resolver, não são nítidas todavia as formas novas de consciência e convivência social que se desenvolverão no futuro. Nesse campo, como nos demais, os comunistas portam-se como pessoas avançadas, revolucionárias, como homens que não desprezam a ciência. Não têm nem poderiam ter fórmulas acabadas para tudo e todos. Ao combater as sobrevivências, geralmente fortes, da antiga moral e dos velhos costumes, ao assinalar o condicionamento de classe das criações artísticas e culturais de outras épocas, sem negar o seu valor, mantêm o espírito aberto à pesquisa e ao entendimento do que desponta de novo, muitas vezes de maneira imprecisa. Sabem que o povo é o criador dessas novas formas que se implantam sobre determinada estrutura econômica. O comunismo não é adversário da criatividade nos diferentes domínios da vida social. Somente ele assegura a autêntica liberdade de criação, somente ele favorece o pleno gozo da liberdade. Comunismo é sinônimo de libertação do homem das peias que o prendem e o tornam servo de uma civilização fundada na exploração e na opressão.

Stálin dedicou toda a sua vida à luta pelo comunismo, foi intransigente no combate aos erros e desvirtuações dos princípios revolucionários. Foi também um pesquisador profundo dos novos caminhos, das distintas formas que tomarão a sociedade futura. Enriqueceu a ciência social em todos os aspectos. À frente do povo soviético e do movimento operário internacional, deu provas de firmeza e perspicácia, conquistou grandiosas vitórias. Seus feitos, seus ensinamentos, continuam vivos na consciência das massas trabalhadoras, no coração dos que anseiam por uma luminosa era na história da humanidade.

A teoria dos três mundos, versão oportunista da luta de classe do proletariado*

João Amazonas

Em fins do ano passado (1977), um órgão oficial de imprensa dos criadores da teoria dos três mundos publicou longo artigo da autoria de dirigentes do Partido Comunista da China, visando fundamentar essa teoria oportunista, revisionista, que vem merecendo o repúdio dos revolucionários proletários de toda parte.

Largamente difundido, o artigo pretende não apenas expor de modo mais amplo as idéias de seus autores como igualmente contestar as opiniões emitidas por inúmeros partidos marxistas-leninistas. O PC do Brasil encontra-se entre aquelas organizações que tomaram posição clara e pública contra a orientação trimundista. Em defesa de seus pontos de vista, sente-se no dever de responder às teses e argumentos invocados naquele artigo, tendo em mira o esclarecimento e a educação marxista-leninista de seus militantes.

I

O trabalho difundido pela imprensa trimundista é um monturo de incoerências, sofismas e deturpações objetivando des-

* Extrato do artigo escrito em março de 1978. Publicado no livro "O Revisionismo Chinês de Mao Tse-tung" — Ed. Anita Garibaldi.

viar os trabalhadores e as massas populares da senda revolucionária e sujeitá-los aos planos belicistas e hegemônistas das grandes potências.

Uma nova teoria oportunista da revolução

No primeiro capítulo, seus autores ocupam-se em explicar o porque da divisão do mundo em três partes e em justificar o surgimento da nova e estranha teoria. Fugindo à análise de questões essenciais da época que vivemos, recorrem a citações, fora de tempo e de lugar, de Marx, Engels, Lênin e Stálin. E sorrateiramente atribuem-lhes a origem do monstrengo que criaram. Para desnortear o leitor, distorcem o problema fundamental, que é a elaboração de outra teoria da revolução, antileninista, apresentando-o como simples enfoque do quadro mundial nas atuais condições da luta de classes. Tentam fazer crer que o que está em jogo é a aceitação ou não do princípio da mutabilidade da situação, do exame da realidade objetiva.

Os marxistas-leninistas jamais encararam a realidade como algo que não se modifica. Justamente porque ela está em constante mutação é que a tática varia segundo as circunstâncias. Essa mutação é fruto do agravamento das contradições fundamentais da sociedade. A cada momento, o exame da realidade nos conduz a ver mais claramente a disposição de forças nas arenas internacional e nacional e, em consequência, a determinar, se for o caso, reajustamentos em nossa tática. No Brasil, presentemente, dizemos que na luta contra a ditadura destacam-se três correntes: as forças populares, as forças conciliadoras e as forças reacionárias e fascistas. Contudo, nossa orientação política não parte desse fato, mas da situação criada no país com a implantação de um regime antipopular e antinacional, do estado de espírito da classe operária e das massas populares.

Não se trata, portanto, de admitir ou rejeitar modificações no quadro mundial ou o exame da realidade de cada momento, ainda que esse exame assumam distintas feições, dependendo da concepção de quem o realiza. A questão em foco é o surgimento de outra teoria, pretensamente científica, da luta revolucionária.

Marx e Engels, em seu tempo, haviam elaborado uma teo-

ria da revolução proletária que correspondia à época do capitalismo não-monopolista, ao período em que a revolução era fundamentalmente um problema dos países mais desenvolvidos do ponto de vista industrial. Para alcançar a vitória e manter-se, a revolução devia ocorrer, simultaneamente, em vários países.

Mais tarde, defendendo os mesmos princípios, noutra situação histórica, Lênin elaborou uma completa e bem fundamentada teoria da revolução, ligada à época do imperialismo, à dominação dos monopólios. Ela decorria da análise das contradições básicas da sociedade, engendradas pelo capitalismo em sua última fase. Demonstrando que as contradições entre a burguesia monopolista e o proletariado nos países desenvolvidos; entre o sistema imperialista e os povos oprimidos das colônias e nações dependentes; e entre os diferentes grupos imperialistas pelo domínio de fontes de matérias-primas, mercados e zonas de influência — agravam-se continuamente e reclamam solução, Lênin concluiu que “o imperialismo é a véspera da revolução proletária”. Com essa profunda e dialética interpretação da realidade, indicava uma nova maneira de encarar a revolução. Esta já não podia ser examinada a partir das condições econômicas de tais ou quais países desenvolvidos, separadamente; da presença ou ausência de condições objetivas em tal ou qual país avançado; do resultado do desenvolvimento isolado de um dado país. A revolução tornou-se um problema mundial, de todos os países tomados globalmente, pois as condições objetivas para a revolução se dão no conjunto da economia imperialista. Ela é uma consequência do desenvolvimento das contradições inerentes ao sistema mundial do imperialismo. Surge ali onde é mais fraco o elo da cadeia da frente imperialista, seja num país desenvolvido, seja num país atrasado. A teoria leninista articulava num todo único a luta revolucionária do proletariado nas metrópoles com o movimento nacional-revolucionário nas colônias e nações dependentes. Rigorosamente científica e comprovada pela vida, ela abriu largos horizontes aos trabalhadores e povos explorados de todo o Globo. Nela apoiados, os comunistas traçam suas estratégias e táticas, analisam a situação concreta, a marcha do processo revolucionário, a luta de classes na arena internacional e nacional. Enquanto não mudar a época histórica, essa teoria continuará plenamente em vigor.

Todavia, os oportunistas sempre tentaram, sob diferentes pretextos, marginalizá-la e substituí-la. Kruschov, no XX Congresso do PCUS, em 1956, apresentou outra teoria da revolução. Alegando existir nova e favorável correlação de forças no plano mundial, traçou um caminho oposto ao leninismo, no qual o proletariado alcançaria o poder por meios pacíficos, o socialismo triunfaria como resultado da competição pacífica entre os dois sistemas, os acontecimentos se desenrolariam dentro do âmbito da coexistência pacífica, num mundo sem guerra nem exércitos. Era uma teoria revisionista, burguesa, contra-revolucionária.

Agora, são os teóricos dos três mundos que recriam uma “nova” doutrina da revolução. Como Kruschov, alegam haver uma favorável correlação de forças internacionais — “a força dos povos dos diferentes países cresce dia-a-dia, os fatores da revolução não cessam de aumentar” — não obstante em outras passagens do artigo citado mostrarem-se pessimistas — “o campo socialista não mais existe, (...) a traição soviética provocou uma cisão e criou dificuldades temporárias no seio do movimento operário e nas fileiras da luta revolucionária mundial contra o imperialismo”. Sua teoria substitui os postulados científicos de Lênin por um amontoado de fórmulas desprovidas de lógica e uma “saída” tipicamente revisionista. Segundo essa teoria, o proletariado não se encontra no centro da época atual, a luta de classes não é o motor do desenvolvimento social, o chamado terceiro mundo constitui a força motriz da história. A revolução já não é, como assinalou Lênin, produto do amadurecimento de condições objetivas no conjunto do sistema imperialista, mas resultado da luta nacional, encarada esta como um movimento que engloba as forças reacionárias dos países atrasados e por elas dirigido. A questão nacional, assim desfigurada, seria, na atualidade, “o problema-chave da luta de classes”, “uma importante condição prévia (o grifo é nosso) da vitória do proletariado”. Já não é consequência da ação combativa da classe operária e das massas populares, à escala mundial, mas dos choques entre diferentes Estados; não se produz, como disse Lênin, sob a forma de uma época na qual “alia-se a guerra civil do proletariado contra a burguesia nos países avançados com toda uma série de movimentos democráticos e revolucionários, nele compreendido o movimento de

libertação nacional nas nações não desenvolvidas, retardatárias e oprimidas”. Enfim, a revolução surgiria como fruto da união, sem princípios, do “terceiro” com o “segundo” mundos e mais a metade do “primeiro” (os Estados Unidos) contra o social-imperialismo. Semelhante teoria não está voltada contra o sistema imperialista, porém contra determinado país imperialista, não visa à destruição do imperialismo e à vitória do socialismo, mas unicamente à liquidação do que seus autores chamam o inimigo principal. Não conduz à libertação das nações oprimidas ou dependentes, mas ao reforçamento da dominação imperialista e das classes dirigentes reacionárias daquelas nações.

É preciso notar que essa teoria não surge por acaso. Durante certo tempo, seus elaboradores defenderam a tese de que vivíamos uma outra época. Embora mais tarde tivessem reconhecido, formalmente, que a época atual continua sendo a definida por Lênin, na prática persistem na antiga concepção. Eles opõem-se a atribuir ao movimento operário um caráter revolucionário, truncam a verdade com o propósito de evitar que esse movimento se oriente para a luta contra as bases do capitalismo.

Aceitar ou negar a teoria de Lênin sobre a revolução proletária — tal o problema essencial. Daí decorre todo o raciocínio acerca de como encarar o panorama político, o seu desenvolvimento, a orientação a dar aos trabalhadores e aos povos.

A deturpação dos clássicos

Propugnando uma nova teoria, os articulistas da imprensa oficial trimundista fazem digressões sobre o problema da distribuição de forças políticas e do inimigo principal, citando fartamente os clássicos do marxismo-leninismo. Nessa questão deturpam grosseiramente as idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Desfiguram o pensamento dos mestres do proletariado, aplicando-o a situações diversas das que lhe correspondem e a assuntos distintos dos que se acham em pauta.

“A divisão em três mundos — dizem eles — concorda perfeitamente com a classificação das forças políticas na Europa estabelecidas por Marx e Engels na segunda metade do século XIX, (...) com a divisão do mundo, de Lênin, após a I Guerra

Mundial, (...) com a classificação dos países antes da II Grande Guerra, de Stálin”. Isto é falso.

Em que, efetivamente, concorda? Que tem a ver a classificação de forças políticas num determinado período histórico com a de outros períodos, com a atualidade?

Quando Marx e Engels apreciavam a disposição de forças no velho Continente, isto ocorria no século passado. Nesse tempo não existia o imperialismo. A unificação nacional de muitos países europeus recém-terminava. O movimento operário, marxista, dava apenas os primeiros passos. Em vários países, os trabalhadores lutavam ainda contra os inimigos de seus inimigos. Encarnado no absolutismo russo, o império dos czares representava os restos mais agressivos do feudalismo na Europa. Há algo de comparável com a situação de hoje? Ao examinar o quadro político de então, Marx e Engels fixavam-se nas questões fundamentais, tinham em vista a revolução, o desenvolvimento independente do movimento operário, os aspectos efetivamente democráticos do processo político em curso. Outra era a época histórica.

Quando Lênin analisava a disposição de forças políticas do após-guerra, isto ocorria no início da terceira década deste século. A República Soviética mal tinha nascido; o imperialismo havia realizado pela força uma nova repartição do Globo, beneficiando os vencedores da terrível conflagração; o Tratado de Versalhes submetia à feroz exploração e opressão um país tão desenvolvido como a Alemanha; o descontentamento no seio do proletariado e das massas populares, traídos pelos social-democratas, estendia-se na Europa e no Oriente. Anos depois dessa apreciação, a Rússia, sob a ditadura do proletariado, tornara-se uma grande potência socialista. A Alemanha do Tratado de Versalhes reerguera-se, o hitlerismo dominou-a e levou-a à catástrofe da II Grande Guerra. Após a guerra, a China, a Albânia e outros países fizeram revoluções, desprenderam-se da dominação imperialista e reacionária, o sistema colonial entrou em decomposição. Por fim, a União Soviética renegou a causa do proletariado. Que tem de comum a situação política do pós-I Guerra Mundial e dos períodos subseqüentes com o quadro mundial de hoje no que respeita à disposição de forças?

Todavia, os autores do artigo em questão parecem não se dar conta dos câmbios verificados. Eles exclamam, estultamen-

te, ao final do que consideram o panorama descrito por Lênin em 1922: “Dir-se-ia que, na repartição de forças políticas do mundo, era a realidade atual que ele tinha em vista!” Os paralelismos históricos são sempre decalques inadequados. As transposições mecânicas de situações passadas para o momento presente só podem levar a equívocos sérios, revelam em geral a pobreza de pensamento teórico e a fuga da realidade.

Mas o erro não está simplesmente na transposição. Está também na deturpação do pensamento de Lênin quanto à análise feita no II Congresso da Internacional Comunista. Os escribas do órgão oficial da imprensa trimundista tiraram um fragmento da intervenção de Lênin, mutilando completamente sua visão dos acontecimentos, e nele baseiam toda a sua argumentação capenga. Quem lê o pronunciamento do chefe do Partido Bolchevique no II Congresso da Internacional Comunista nota imediatamente a avaliação complexa e global que fez da situação política de então. Ele analisa não a divisão do mundo em três partes — como pretendem os neo-revisionistas — mas todo o quadro surgido após a I Grande Guerra, partindo das “relações econômicas do imperialismo, do monopólio”. Mostra como se aguçaram as contradições do capitalismo: “A guerra, disse, agravou no mais alto grau todas as contradições capitalistas e isto é a origem de profunda efervescência revolucionária”. Examina a contradição entre povos e nações oprimidos, de uma parte, e o imperialismo, de outra, rematando: “Tal é a imagem do mundo após a guerra: um bilhão e um quarto de pessoas pelo menos estão submetidas ao jugo colonial, à exploração de um capitalismo bestial”. Evidencia também as contradições interimperialistas entre os Estados Unidos, que lucraram mais do que os outros com a guerra, e as demais potências capitalistas; entre as nações vencedoras e a Alemanha, “país dos mais avançados, culto e altamente desenvolvido sob o plano técnico do progresso moderno”; destaca igualmente, os antagonismos que afloraram da partilha da Turquia, Pérsia, Mesopotâmia e China “que dão lugar a ferozes querelas entre o Japão, a Grã-Bretanha, a América e a França”. Ele analisa do mesmo modo a contradição entre o capital e o trabalho. Refere-se ao brutal aumento dos preços dos gêneros alimentícios nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Japão “que criaram uma situação intolerável para os operários”. Diz que “o lucro dos

bancos (na Inglaterra) é da ordem de 40 a 50%, e a alta das ações alcança 400%, a riqueza de um ínfimo punhado de homens aumenta de modo incrível, um luxo desconhecido ultrapassa todos os limites, enquanto a miséria da classe operária não cessa de se agravar”. E, de passagem, ressalta ainda a contradição nascente entre o socialismo e o capitalismo: “Fracamente, arruinada, abatida, a Rússia, o país mais retardatário, luta contra todas as nações, contra a aliança dos Estados ricos, poderosos, que dominam o mundo, e ela sai vitoriosa dessa luta”.

Em síntese, esta a análise global que fez Lênin no II Congresso da Internacional Comunista. Como se pode reduzir toda essa complexa apreciação, rica de ensinamentos e de indicações táticas, a uma frase isolada, para afirmar nesciamente que Lênin não fez mais do que dividir o mundo em três partes? Além do mais, ele não se limitou a passar em revista o panorama mundial. Tirou as devidas conclusões que, para desgracia dos neo-revisionistas, não foram as de unir o “terceiro” mundo com o “segundo” mundo e mais a metade do “primeiro” contra a outra metade do primeiro mundo. Não. Como autêntico revolucionário, chegou à única e correta conclusão: “Nós estamos em presença — disse — do amadurecimento das duas condições da revolução mundial (a situação insuportável de vida das massas, que demonstravam não querer viver como antes, e o acirramento das disputas no seio dos exploradores e opressores, que leva ao seu debilitamento). E Lênin passa a abordar de maneira profunda e multilateral a crise revolucionária em curso, “base de nossa ação revolucionária”, indicando as tarefas dos combatentes de vanguarda. “Agora, afirmou, os partidos revolucionários devem demonstrar pela ação prática que possuem suficiente consciência, organização, laços com as massas exploradas, espírito de decisão e habilidade para explorar essa crise em proveito da revolução vitoriosa”. E para preparar, antes de tudo, essa demonstração — sublinhou — “nós estamos reunidos neste Congresso da Internacional Comunista”. Que formidável discernimento revolucionário do pós-guerra tinha Lênin!

É simplesmente estúpido dizer que o grande dirigente da maior revolução da história inclui a Rússia — como fazem os teóricos dos três mundos a respeito da China — entre os países coloniais. “Ele, escrevem os redatores da imprensa oficial

citada, põe a Rússia socialista na mesma categoria das nações e países oprimidos”. Lênin, referindo-se à situação econômica do mundo de após-guerra, comparou a existente na Rússia com a das colônias, comparação que estendia também no concernente às dívidas de guerra (que julgava, diga-se de passagem, valerem tanto quanto o farrapo de papel em que estavam escritas). Acaso a Rússia, que se libertara do imperialismo, do czarismo, que instituíra a ditadura do proletariado, poderia estar, do ponto de vista político e social, na mesma categoria das colônias? Distintamente Lênin reputava a situação desse país. Na carta aos operários norte-americanos, de agosto de 1918, ele escrevia: “Nós rompemos as cadeias do imperialismo e seus sórdidos tratados; nós conquistamos nossa liberdade a custa dos mais pesados sacrifícios; nós, república socialista martirizada e devastada pelos imperialistas, nós saímos da guerra imperialista e levantamos à face do mundo inteiro a bandeira da paz, a bandeira do socialismo”. E no informe apresentado às organizações dos povos do Oriente, em novembro de 1919, assinalava: “Nossa República dos Soviéticos deve, na atualidade, agrupar em torno dela todos os povos do Oriente que se levantam, a fim de fazer junto com eles a luta contra o imperialismo internacional”. Vale dizer, Lênin colocava a Rússia na sua condição de vanguarda, de país socialista que deve agrupar em torno de si os movimentos revolucionários dos povos. Bem diferente é a posição dos neo-revisionistas que incluem os países socialistas e o movimento revolucionário dos países atrasados no mesmo saco das forças reacionárias do chamado terceiro mundo.

Eis as posições de Lênin, que os elaboradores do artigo mencionado deturpam, reduzindo-as a uma frase desligada do contexto de sua intervenção no II Congresso da Internacional Comunista. Decididamente, a orientação de Lênin nesse Congresso não serve, não ajuda a argumentação facciosa e oportunista dos teóricos dos três mundos.

Tampouco as citações de Stálin vêm ao encontro de seus desejos. Após a revolução socialista na Rússia, ele afirmou, como antes fizera Lênin, que o mundo estava irremediavelmente dividido em dois campos. Essa divisão não refletia fenômenos conjunturais mas permanentes e dizia respeito ao antagonismo entre dois sistemas sociais diferentes — o capitalista e o socialista, divisão que inicia a crise geral do capitalismo. Jamais Stá-

lin fez outras classificações, obscurecendo essa questão fundamental. Porque uma coisa é a avaliação das diferentes forças em pugna, sempre em mutações, na esfera mundial ou dentro do sistema capitalista, fato que influencia a tática do proletariado, e outra é a existência de dois mundos diametralmente opostos que norteia as posições estratégicas da classe operária.

Invoca-se a sua afirmação de 1942 sobre o surgimento de dois campos opostos — o ítalo-alemão e o anglo-soviético-norte-americano — e com isso procura-se encontrar apoio à tese de uma frente comum dos povos, da reação e do imperialismo contra o social-imperialismo. Mas as situações são distintas, o paralelismo não tem cabimento. Stálin, naquela ocasião, apreciava um fenômeno conjuntural, que favorecia a luta do proletariado e das massas populares. Ele disse que “*no curso da guerra* (o grifo é nosso) imposta aos povos pela Alemanha hitlerista surgiu uma delimitação radical de forças”. Essa delimitação não fora criada artificialmente, apareceu de maneira concreta, expressando uma realidade contraditória na qual a classe operária e o socialismo ocupavam lugar de destaque. Aqui, não desaparecia o papel dirigente da URSS (que suportava o peso principal da guerra), nem o movimento revolucionário mundial se subordinava aos interesses da burguesia. Não se tratava de um conflito interimperialista como seria o dos Estados Unidos e outros países monopolistas contra o social-imperialismo russo.

Desvirtuando, ainda, o pensamento de Stálin, os autores do referido artigo atribuem-lhe a idéia de que o movimento nacional “deve englobar todas as forças que são contra a agressão imperialista, sem distinção de classes e de pontos de vista políticos”. A desfaçatez é patente. Primeiro, Stálin, no material citado (*Os Fundamentos do Leninismo*), não fala propriamente de agressão mas de opressão imperialista; segundo, Stálin afirma que o proletariado não apoiará todo movimento nacional — “trata-se de apoiar aqueles movimentos nacionais que tendem a enfraquecer, a derrubar o imperialismo, e não a mantê-lo e a consolidá-lo”; terceiro, Stálin considerava que o caráter do movimento nacional não podia ser aquilatado pela posição social dos que dele participam, mas pela sua natureza revolucionária, por seu caráter indubitavelmente antiimperialista. E é por isso que Stálin critica os trotsquistas, ao negarem a utilidade de apoiar “*as guerras revolucionárias* (o grifo é nosso) dos

países coloniais contra o imperialismo”. Ao desfigurar as idéias de Stálin sobre o problema nacional, os teóricos dos três mundos pretendem impingir a concepção errônea de que são revolucionários e antiimperialistas conseqüentes os movimentos reformistas da burguesia dos países atrasados, de que é progressista a posição das classes dominantes e dos governos reacionários desses países, classes e governos entrosados com a orientação imperialista, servindo-lhe de pontos de apoio, inclusive na repressão à luta libertadora conduzida pelo proletariado e pelas massas populares.

Quanto à citação de *Problemas Econômicos do Socialismo na URSS*, escrito por Stálin um pouco antes de sua morte, não se sabe bem o que querem provar com ela os trimundistas. Aí Stálin falava da guerra, das contradições interimperialistas e de como pôr fim ao conflito bélico. Ao que parece, os tergiversadores do seu pensamento desejam mostrar que a contradição entre capitalismo e socialismo, apesar de fundamental, pode ser posta de lado; os revolucionários deveriam ater-se, em sua atividade, unicamente às contradições interimperialistas. Mas Stálin, implicitamente, relaciona estas duas questões, afirmando que a guerra era inevitável nas condições de existência do imperialismo e que para acabar com ela é preciso liquidar o imperialismo. Por isso, ele indicou que a paz poderia ser mantida “se os povos tomassem essa tarefa em suas mãos e a levassem até o fim”.

Assim, as citações dos clássicos, apresentadas logo no início do artigo, deturpadas e fora de contexto, visam a confundir as pessoas que o lêem desatentamente. Não passam de subterfúgios, à guisa de explicação, da quimérica divisão do mundo.

Teoria de traição à revolução e ao socialismo

O artigo dos teóricos dos três mundos tem um lado positivo: ajuda o leitor a compreender melhor o sentido dessa teoria. Pretendendo fundamentá-la, eles revelaram a essência burguesa do seu pensamento, a tortuosidade do seu raciocínio para iludir as massas, a completa ausência de espírito científico no tratamento de questões concernentes ao desenvolvimento da sociedade. E evidenciaram, sem o desejar, o conteúdo verdadei-

ro da doutrina que defendem. Trata-se de uma teoria antileninista, revisionista, capitulacionista, burguesa e antioperária, enfim, contra-revolucionária.

Antileninista, sem dúvida. Nada tem de comum com a teoria de Lênin sobre a revolução. Ao renegá-la, os trimundistas elaboraram outra teoria que se distingue pelo caráter de classe burguês e pela compreensão errônea da época em que vivemos. Lênin situa o proletariado no centro da época atual, os trimundistas colocam aí a burguesia. Lênin aponta para o socialismo, os apologistas dos três mundos para a manutenção do *status quo*. Lênin tem como ponto de partida as contradições fundamentais da sociedade, os neo-revisionistas os problemas da conjuntura. São distintas as situações conjunturais de hoje e as do momento em que a Rússia derrubou o capitalismo, novos fenômenos ocorreram relacionados com a decomposição crescente do regime capitalista e com o avanço da consciência revolucionária das massas. Mas a teoria da revolução não pode basear-se em fenômenos de conjuntura e sim nos que constituem a essência de todo um período histórico. A época definida pelo chefe do Partido Bolchevique perdura e, portanto, os postulados que defendeu. Quem nega a teoria de Lênin, comprovada pela vida, ainda que se dizendo leninista, coloca-se à margem da grande doutrina de emancipação da classe operária, apóia-se de fato em concepções não-proletárias.

A teoria dos três mundos tem cunho revisionista. O revisionismo é tentativa de correção dos fundamentos da doutrina revolucionária elaborada por Marx e Engels, enriquecida por Lênin e por outros destacados combatentes de vanguarda. Essa revisão já foi tentada diversas vezes, desde Bernstein, Kautski e seus iguais. O resultado é bem conhecido: mera adaptação do marxismo ao capitalismo, abandono do objetivo final sob o pretexto de que "o movimento é tudo". Lênin enunciou com muita precisão a política revisionista — "definir a conduta em função das circunstâncias, adaptar-se aos acontecimentos do dia-a-dia, à versatilidade das minúcias políticas, esquecer os interesses vitais do proletariado e os traços essenciais do regime capitalista, de toda a evolução capitalista, sacrificar esses interesses vitais em nome de vantagens reais ou supostas do momento". Esta exatamente a orientação calcada na teoria dos três mundos: renúncia à revolução, primazia a questões do mo-

mento desligadas dos interesses fundamentais da classe operária. Na forma, essa teoria parece distinguir-se das outras versões revisionistas, mas no conteúdo tem igual significação. Os trimundistas não dizem, por exemplo, como os soviéticos, que o caminho da revolução seja pacífico. Ao contrário. Em palavras, contestam essa tese kruschoviana. No entanto, o caminho que indicam não é o da luta revolucionária das massas contra os seus opressores, é o da colaboração de classes sob a alegação de concentrar o fogo do inimigo principal, o da aliança sem princípios com os reacionários e imperialistas. Tampouco afirmam, como os soviéticos, que o socialismo triunfará através da competição pacífica capaz de conduzir a um mundo sem guerras, sem armas e sem exércitos. Ao revés. Crêem na inevitabilidade da guerra, pregam o armamentismo de Estados reacionários e imperialistas, querem que os países socialistas e o movimento revolucionário se juntem aos países dos chamados terceiro e segundo mundos (e mais a metade do primeiro) para participar do conflito interimperialista. Arriam, assim, a bandeira da revolução e do socialismo e arvoram o estandarte da convivência pacífica entre a revolução e a contra-revolução, entre o proletariado e a burguesia. Também não dizem, como os soviéticos, que as nações atrasadas, sem se transformarem em socialistas, poderão seguir a senda de um desenvolvimento não-capitalista. Em relação a essas nações, defendem um desenvolvimento baseado no domínio da burguesia e dos latifundiários por um longo período histórico, isto numa situação em que se agravam todas as contradições do mundo capitalista. Evidentemente, entre uns e outros tipos de revisionismo não há diferenças essenciais. Queiram ou não seus autores, a teoria dos três mundos é uma revisão, aberta e clara, do marxismo-leninismo em todos os seus aspectos.

A teoria dos três mundos é capitulacionista. Conquanto seus elaboradores se apresentem como adversários das duas superpotências, como adeptos de uma frente única contra o hegemomismo e o colonialismo, sua teoria é de completa capitulação face aos inimigos de classe do proletariado. Eles não acreditam nem confiam na potencialidade do movimento revolucionário, não vêem qualquer possibilidade de a revolução ascender a primeiro plano no quadro mundial. Perderam a confiança na classe operária, a perspectiva do socialismo. Apavorados

com o poderio do social-imperialismo que lhes parece esmagador, com seus planos de domínio do mundo, os teóricos trimundistas capitulam vergonhosamente diante do imperialismo norte-americano, dos imperialistas da Europa e da Ásia, dos reacionários das nações subdesenvolvidas. Passaram a admitir que somente essas forças, às quais deveriam agregar-se os países socialistas, têm condições na presente situação de se oporem com êxito e derrotar a potência militar da URSS. Não vêem que o social-imperialismo é forte na aparência e na medida em que engana as massas, porém fraco na realidade, porque seu regime é contrário ao socialismo proletário, à revolução, às aspirações mais sentidas dos povos. Embora seja mais jovem que os outros imperialistas, a União Soviética está minada por contradições que não poderá superar. Seu regime acabará vencido pela luta revolucionária das massas. Por isso, o combate à URSS deve ser feito não apenas nos planos político e estatal, mas também, e fundamentalmente, no plano ideológico e de princípios para conquistar as massas soviéticas e ajudá-las a se levantar contra as camarilhas traidoras. Se nós, que vivemos noutros países, chegamos a compreender a traição de Krushchov, Brezhnev *et cetera*, por que não a compreenderão também os milhões de operários e camponeses que fizeram a revolução e lutaram pela construção do socialismo? Se eles ainda não despertaram, ajudêmo-los. Este combate, de cujo êxito não se pode duvidar, os trimundistas jamais poderão fazê-lo apoiados numa teoria oportunista. Não é capitulando face aos Estados Unidos e a seus parceiros que se conseguirá derrotar os social-imperialistas. Quanto mais se aliam aos monopolistas ianques, europeus e asiáticos, quanto mais marchem de braços dados com a reação, mais argumentos os neo-revisionistas fornecem aos potentados do Krêmlin para embair as massas soviéticas e posar de socialistas. A capitulação é renegação do marxismo-leninismo, do socialismo, postergação indefinida da revolução — a derrota antes mesmo de travar a batalha decisiva.

A teoria dos três mundos é burguesa e antioperária. Apesar de seus autores afirmarem que ela responde à necessidade de “estabelecer a nova estratégia mundial do proletariado internacional e dos povos oprimidos”, na verdade, persegue outros fins. Sabe-se que a estratégia e a tática leninistas constituem a ciência da direção da luta revolucionária do proletariado. Ora,

a teoria dos três mundos não encara o proletariado como a classe que impulsiona na atualidade o processo do desenvolvimento histórico. Todas as suas diretivas e indicações chocam-se com os interesses vitais da classe operária, conduzem à sua submissão aos planos e políticas da burguesia. Um dos exemplos do cunho burguês dessa teoria nos é dado pela posição que adota a respeito da transformação da revolução burguesa em revolução proletária, transformação que representa uma das pedras angulares do leninismo. A orientação trimundista não somente serve de freio às mudanças revolucionárias como também se opõe, objetivamente, ao progresso da revolução — onde esta ocorreu — de sua passagem da 1.^a para a 2.^a etapa. Nos países do chamado terceiro mundo, contenta-se com a conquista da independência nacional e pretende que aí se mantenha, por um longo período histórico, a dominação da burguesia e dos latifundiários. Na maioria desses países, nem sequer se completou a 1.^a etapa da revolução, noutros estancou-se nessa etapa. Os trimundistas manifestaram abertamente sua objeção a que se mobilizem as massas para derrubar, revolucionariamente, as classes dominantes reacionárias das nações subdesenvolvidas. Estas são consideradas suas aliadas principais. Criticando tal concepção oportunista. Stálin salientava: “Os heróis da II Internacional afirmam que entre a revolução democrático-burguesa, de uma parte, e a revolução proletária, de outra, existe um abismo ou, em todo o caso, uma muralha da China que separa uma da outra por um intervalo de tempo mais ou menos prolongado, no curso do qual a burguesia chegada ao poder desenvolve o capitalismo, enquanto o proletariado acumula forças e se prepara para a ‘luta final’ contra o capitalismo”. E agregou: “Essa ‘teoria’ (...) não é senão um meio de camuflar, de esconder as pretensões contra-revolucionárias da burguesia” (*Os Fundamentos do Leninismo*). Não é por acaso que os trimundistas divulgam a idéia de que ao proletariado, nos dias de hoje, compete apenas estudar e difundir o marxismo, reorganizar suas fileiras, acumular forças, vale dizer, preparar-se a longo prazo para a luta final que nunca chegará, se deles depender. O caráter burguês dessa teoria está presente também na questão chave da hegemonia. A orientação que propugna conduz inevitavelmente à hegemonia da burguesia no processo político em curso, em detrimento do proletariado e das massas

oprimidas cuja função seria a de meras forças auxiliares. A hegemonia da classe operária não pode ser alcançada senão na luta contra os latifundiários para assegurar o apoio dos camponeses, no combate às posições anti-revolucionárias da burguesia e contra as vacilações da pequena burguesia. Não se pode servir a deus e ao diabo ao mesmo tempo, diz um antigo provérbio. Ou se luta pela hegemonia do proletariado ou pela hegemonia da burguesia. Não há meio termo.

Sendo antileninista, revisionista, capitulacionista, burguesa e antioperária — a teoria dos três mundos é intrinsecamente contra-revolucionária. Serve de respaldo aos planos agressivos e expansionistas do imperialismo. Desenvolve o chauvinismo e o nacionalismo estreito em prejuízo do internacionalismo proletário. Tende a enfraquecer e dividir o movimento operário e comunista mundial. Está em franca oposição à revolução proletária, exigência impostergável da época que vivemos.

* * *

A que outra conclusão ainda se poderia chegar? À conclusão de que é imprescindível combater conseqüentemente — desde as suas origens — a perniciosa teoria dos três mundos, destinada a salvaguardar o apodrecido sistema capitalista. Juntamente com a luta contra as demais versões revisionistas, é necessário não dar tréguas aos trimundistas, serviçais da burguesia, dos reacionários de distintos quilates. É o meio de elevar a consciência revolucionária dos explorados e oprimidos, de forjar os instrumentos de sua emancipação nacional e social, de fazer avançar, triunfante, no mundo inteiro, o socialismo.

É o que pensa e defende o Partido Comunista do Brasil.

Duas concepções, duas orientações políticas*

*Maurício Grabois***

A Declaração de Março de 1958¹ não exprime uma política justa, não corresponde aos interesses de classe do proletariado. No essencial, este documento defende uma linha oportunista de direita. Exagera a importância do desenvolvimento do capitalismo, toda a sua orientação decorre desse desenvolvimento, está inteiramente a ele subordinada.

A declaração embeleza o capitalismo. Procura mostrar que a indústria brasileira atingiu elevado nível de crescimento e atribui este crescimento ao capital nacional. Mas, na realidade, o imperialismo também participa desse processo de industrialização, domina ramos fundamentais da indústria do país. O exagero na apreciação do papel do desenvolvimento capitalista no processo revolucionário, leva a Declaração a idealizar a burguesia, que é tratada como se fosse força conseqüente, capaz de defender até o fim os interesses nacionais. Toda orientação estratégica e a linha tática expostas na Declaração têm em vista quase que exclusivamente os interesses da burguesia, conduzem ao fortalecimento de suas posições políticas, em prejuízo

* Trechos da primeira parte desse artigo editado em abril/60.

** Publicado na revista Princípios nº 6, junho de 1983.

1. Declaração de Março de 1958 do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil.

das demais forças revolucionárias. Superestima a magnitude e a profundidade da contradição entre a burguesia e o imperialismo, como se a burguesia não pudesse chegar a acordos com os imperialistas.

Depois de proclamar, em palavras, que a revolução brasileira na presente etapa é antiimperialista e antifeudal, a Declaração logo em seguida faz nova caracterização da revolução. Esta passa a ser somente nacional e deve enfrentar unicamente as tarefas anti-imperialistas. Os objetivos de caráter democrático ficam inteiramente subordinados à contradição anti-imperialista, que é considerada principal em toda a atual etapa histórica da sociedade brasileira. Assim, as tarefas democráticas são separadas mecanicamente dos objetivos nacionais e transferidas para outra etapa da revolução.

Daí resulta que, tendo em vista a frente única, a Declaração apresenta um esquema de disposição das forças revolucionárias que inclui até mesmo latifundiários e grupos da burguesia ligados a monopólios estrangeiros rivais dos monopólios norte-americanos. Tal disposição de forças corresponde a uma revolução exclusivamente nacional. Portanto, a solução da questão agrária deixa de ser uma das tarefas da revolução. É verdade que, em determinadas circunstâncias, latifundiários e setores da burguesia ligados aos imperialistas rivais dos norte-americanos, podem participar de certas ações contra o imperialismo ianque. Mas isto somente por objetivos limitados e por períodos relativamente curtos. Querer incluí-los na frente única democrática e antiimperialista seria incorrer em grave erro. Como assegurar na frente única a permanência simultânea de latifundiários e camponeses se os últimos — segundo as Teses² — estão “interessados em liquidar uma estrutura agrária retrógrada que tem apoio na exploração imperialista”?

Além disso, subordinando inteiramente as reivindicações democráticas ao fator nacional, a Declaração, ao invés de ampliar a frente única, como aparentemente pode parecer, não faz mais do que restringi-la. Isto porque será difícil, ou mesmo impossível, trazer as grandes massas camponesas para a frente única em que participem latifundiários. Tal fato poderia ocorrer se o país atravessasse uma situação que pusesse em perigo

toda a nação, como no caso de agressão ou ocupação militar estrangeiras, quando os interesses de todas as camadas sociais estão diretamente ameaçados. Mas tal coisa não acontece no Brasil. Do ponto de vista tático, em determinadas ocasiões, a classe operária e seu partido podem, na ação prática, não dar muita ênfase às reivindicações agrárias de caráter radical e unir-se a latifundiários que têm contradições com os imperialistas norte-americanos e a setores da burguesia ligados a grupos monopolistas que concorrem com os monopólios ianques. Mas, se se tem em conta que o núcleo da frente única é constituído pela classe operária e os camponeses, que o fundamental para a frente única é atrair para ela as amplas massas trabalhadoras das cidades e do campo, é errado colocar de maneira absoluta, nas condições atuais do Brasil, a predominância dos objetivos nacionais em detrimento das reivindicações democráticas.

Do conteúdo da Declaração depreende-se que tem mais valor para a formação da frente única a aliança com a burguesia do que os camponeses e a pequena burguesia urbana, colocados em plano muito secundário. A própria classe operária não é devidamente considerada, uma vez que suas reivindicações são inteiramente subestimadas. Por este caminho não se atrairá as grandes massas do povo, jamais se forjará a frente única democrática e antiimperialista.

Em palavras, a Declaração proclama a necessidade da hegemonia do proletariado na revolução. Mas esta questão não é somente um problema de definição. É um problema prático que, antes de tudo, se refere aos aliados da classe operária. Mais concretamente, quem exercerá influência sobre os camponeses e os dirigirá? O proletariado ou a burguesia? A Declaração, ao dar absoluta primazia ao lado antiimperialista da revolução brasileira, em detrimento de seu aspecto agrário, estabelece de fato uma linha de renúncia à direção do movimento revolucionário por parte do proletariado, porque tal orientação dificulta a mobilização dos camponeses, entrava o processo de formação da aliança operário-camponesa, fator decisivo para que a classe operária conquiste a hegemonia na revolução.

2. Teses para discussão no V Congresso do Partido Comunista do Brasil.

Oportunismo de direita da Declaração

As tendências oportunistas de direita da Declaração se manifestam com maior nitidez na questão do poder — problema fundamental da revolução. Partindo da justa constatação de que atualmente não há condições para alcançar um governo democrático e antiimperialista, a Declaração chega a uma conclusão falsa ao abdicar por completo da luta por este objetivo, limitando-se a reivindicar modificações parciais na política e na composição de sucessivos governos, nos marcos do regime vigente. Com esta tática gradualista, evolucionista, que contraria frontalmente a teoria marxista-leninista do Estado, pretende-se atingir um poder capaz de enfrentar as tarefas da revolução na presente etapa, o que equivale a afirmar que se conseguirá transformar o atual regime, em essência reacionário, num regime democrático e antiimperialista e, por extensão, o próprio capitalismo em socialismo. A Declaração considera que as forças revolucionárias chegarão ao poder através da acumulação de reformas profundas e conseqüentes na estrutura econômica e nas instituições políticas. Mas como acumular tais reformas no atual regime e com o poder nas mãos das forças reacionárias? A Declaração indica um caminho idílico em que irão sendo gradativamente retirados do governo os elementos reacionários e, também, gradativamente, irão ingressando no governo elementos progressistas, até que um dia se chegue a conquistar um poder democrático e antiimperialista.

Afirma a Declaração que a democratização é uma tendência permanente na vida política nacional, uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo. Assim, a democracia aparece como inerente ao capitalismo, tese tipicamente revisionista. Além disso, é uma afirmação que não corresponde à realidade e leva ao embelezamento do capitalismo. Em 38 anos de existência, o partido da classe operária só teve dois anos de vida legal; as organizações sindicais estão jungidas ao Ministério do Trabalho e quando se dispõem a uma ação independente, e não declarações verbais que não têm correspondência com a prática, são ameaçadas de intervenção e fechamento; o rádio e a televisão — meios mais modernos e eficientes de propaganda — são privilégios dos homens do poder; cidadãos suspeitos de comunistas são impedidos de ser candidatos a postos eleti-

vos; grandes massas do povo, principalmente os camponeses, por uma série de restrições, não participam na vida política do país. Algumas liberdades existentes, fruto da continuada e árdua luta do povo, são de tal forma generalizadas e exaltadas na Declaração, que se tem a impressão de que o Brasil vive numa autêntica democracia.

A Declaração prega a “via pacífica” da revolução

No que concerne ao caminho da revolução, a Declaração afirma que o Brasil é um dos países para o qual se abre a possibilidade real da via pacífica. Partindo de uma análise profundamente subjetiva, traça um caminho róseo, sem comoções sociais e choques violentos para realizar as tarefas da revolução. Levando ao absoluto a possibilidade do caminho pacífico, na prática, a Declaração o torna de fato o único caminho. Toda a orientação que estabelece é baseada nesse caminho, desarmando, assim, o proletariado e seu partido para qualquer outra eventualidade. Por isso, a advertência, feita de passagem, de que no caso dos inimigos empregarem a violência é indispensável ter em vista a solução não-pacífica, não tem a menor significação. Embora, na presente situação do mundo, se deva ter em conta a viabilidade do caminho pacífico, não se pode, nas condições brasileiras, torná-lo absoluto. Os comunistas preferem este caminho. Mas cometeriam grave erro se nele apoiassem toda a sua atuação, porque nada ainda tem comprovado que o caminho da revolução brasileira é o caminho pacífico. A experiência passada e recente dos países da América Latina mostra que não foi pacífico o caminho para derrubar as ditaduras. Mesmo no Brasil, a prática mostra que as mudanças na estrutura econômica do país ou nas instituições políticas, não se fizeram sem o apelo à força armada, embora nem sempre se verificassem choques sangrentos.

A Declaração de Março de 1958 é, assim, um documento que encara os problemas da revolução brasileira do ponto de vista da burguesia, conduz à negação da luta revolucionária, à adaptação ao capitalismo e ao evolucionismo sob o disfarce de caminho pacífico. Isto favorece a penetração da ideologia

burguesa entre as massas, o que dificulta ganhá-las para as posições do proletariado.

A atividade dos comunistas a partir de março de 1958

Em sua atuação prática, os comunistas têm alcançado alguns êxitos. Nas últimas campanhas eleitorais, de um modo geral, tiveram uma participação ativa. Enfrentando as restrições antidemocráticas que tolhem sua ação política, o Partido, em alguns lugares, ajudou a formar coligações que asseguraram a vitória de candidatos nacionalistas. Elegeu também inúmeros candidatos comunistas que concorreram aos postos eletivos sob diferentes legendas partidárias. Apesar das deficiências apresentadas em sua atividade, os comunistas têm contribuído para fortalecer a organização sindical da classe operária e para fazer avançar o processo de sua unificação. Ocuparam lugar de destaque nas lutas pelas reivindicações dos trabalhadores, particularmente no que se refere ao aumento de salário e contra a carestia de vida. Os comunistas ajudaram a impulsionar as lutas patrióticas, realizando ações unitárias com outras forças, o que contribuiu, de certo modo, para fortalecer o movimento nacionalista. Estes êxitos, porém, são relativamente pequenos se se tem em conta as condições bastante favoráveis existentes no país para o avanço do movimento democrático e antiimperialista e para o crescimento do partido.

A prática destes últimos dois anos tem revelado com bastante nitidez o caráter oportunista da atual orientação. Esta tem levado o partido à renúncia de uma posição independente, tanto no terreno político como no ideológico.

De um modo geral, a posição do partido é de reboque em relação às forças aliadas, em particular, à Frente Parlamentar Nacionalista e ao PTB. Subestima-se o Partido sob o pretexto de fortalecer a frente única. Se é falso encarar com reservas ou hostilidade o movimento nacionalista, considerando que a participação nele significa submeter-se à hegemonia da burguesia, o Partido não pode deixar de fazer-se ouvir no seio das massas e na vida política brasileira, de aparecer com sua verdadeira fisionomia de partido de vanguarda da classe operária. É muito fraca a atuação política do partido. Os comunistas, atual-

mente, se satisfazem com a defesa que os aliados realizam dos objetivos comuns da frente única. Para as grandes massas não são claras as palavras de ordem do Partido. Sem jornais diários, sem parlamentares que falem em seu nome, contando com pequeno número de dirigentes conhecidos, o Partido se dilui no movimento geral da frente única, não consegue atrair nem os setores mais esclarecidos dos trabalhadores para as fileiras partidárias, nem as massas para sua orientação.

A posição do Partido face ao governo do sr. Juscelino Kubitschek é dúbia. Durante longo período não se fez nenhuma crítica ao governo. Quando os dirigentes comunistas vieram para a atividade pública legal, foram dadas entrevistas que implicavam praticamente no apoio em bloco à política governamental. Posteriormente, começou-se a apoiar os lados positivos do governo e a criticar os negativos, mas dava-se tanta ênfase ao apoio, e as críticas eram tão tímidas e inconseqüentes, que, para as massas, a posição dos comunistas se apresentava como favorável ao governo. É característico que, depois de ter-se combatido a política econômico-financeira do governo, se tenha passado a combater unicamente certos aspectos dessa política. A apresentação de soluções positivas sem que, simultaneamente, se desenvolva a crítica à política do governo, transforma, na prática, os comunistas em seus colaboradores. A ação dos comunistas que assume maior relevo tem sido a de apoiar. Geralmente, apóiam promessas que não se tornam realidade ou medidas de fachada que logo são anuladas por outros atos reacionários. Tudo isto contribui para que amplos setores do Partido tenham uma atitude de conformismo, de passividade ou mesmo de concordância diante do governo. Se não se combate energicamente a política errônea do governo, as forças mais reacionárias utilizarão em seu favor, como já vêm fazendo, o descontentamento popular.

A orientação de luta por um governo nacionalista e democrático, através de sucessivas mudanças na política e na composição do atual governo, vem fracassando. Que se conseguiu com a aplicação desta tática? No que se refere à política do governo, esta se mantém, no fundamental, antipopular e de capitulação ao imperialismo norte-americano. No que concerne às modificações na composição do governo, se é certo que saíram da pasta da Fazenda o sr. Lucas Lopes e, do BNDE, o sr. Rober-

to Campos, verdade é também que ingressaram no ministério os srs. Armando Falcão, Amaral Peixoto, Horácio Lafer, Paes de Almeida, além do sr. Lúcio Meira, na direção do BNDE. Na realidade, as mudanças verificadas no governo fortaleceram as posições dos reacionários e entreguistas.

Nestes últimos meses, levada pelos próprios acontecimentos e pela pressão da crítica dos militares, a direção nacional, sem explicação e qualquer espírito autocrítico, procura fazer certas modificações na posição do Partido face ao governo, levando, assim, a confusão às fileiras partidárias.

Na atividade prática, subestima-se a luta pela reforma agrária, sob o pretexto de não prejudicar a ação contra o imperialismo norte-americano. Enquanto diversas correntes e partidos políticos desfraldavam a bandeira da reforma agrária, os comunistas reduziam a questão camponesa a medidas de reforma agrária ou escondiam a palavra de ordem de reforma agrária.

Dificuldades na organização partidária

Orientando-se pela atual linha política, o Partido na sua atuação não se distingue dos demais partidos que têm posição nacionalista. Para as massas o partido não se apresenta como partido do socialismo, mas como Partido do nacionalismo, com objetivos bastante limitados, o que entrava o ingresso em suas fileiras das pessoas que são despertadas para o comunismo pelas grandes vitórias do sistema socialista, particularmente da União Soviética e da China Popular.

No que se refere à vida interna do Partido, vêm sendo alcançados alguns resultados positivos. As eleições para escolher as direções partidárias estão se tornando norma. As alterações na estrutura do Partido, de acordo com a divisão administrativa do país, vêm possibilitando maior integração dos organismos regionais e locais na vida política. Mas a vida orgânica do Partido é muito precária. Não há preocupação com o funcionamento das organizações de base e com a construção do Partido. De outra parte, os próprios militantes manifestam pouco interesse pelas reuniões. Em alguns setores do Partido, registram-se tendências a abandonar o trabalho nos organismos e a se limitar exclusivamente à ação nas organizações de massa, a

afrouxar os vínculos partidários e a subestimar a disciplina. Organizações de base e direções intermediárias renunciavam ao seu papel de vanguarda e se transformam em simples auxiliares das organizações de massa. Embora os métodos de direção tenham melhorado em virtude das exigências do conjunto dos militantes, o trabalho coletivo dos órgãos dirigentes ainda é muito deficiente. A própria Declaração de março de 1958 foi obra de um pequeno grupo de camaradas, elaborada à revelia dos membros do CC e apresentada de surpresa a este órgão dirigente na reunião em que foi aprovada.

Mais séria ainda é a situação no terreno ideológico. Circulam no Partido idéias estranhas ao proletariado sem o necessário combate. É grande e intensa a penetração da ideologia burguesa no movimento comunista. No entanto, em quase todos os Comitês Regionais o trabalho de educação dos militantes e a defesa do marxismo-leninismo foram abandonados. Paralisou-se o trabalho de edição de livros marxistas, deixando-se o campo aberto para as idéias da burguesia ou do imperialismo. As teorias defendidas pelas publicações e instituições culturais burguesas invadem as fileiras partidárias sem oposição. A negligência no trabalho ideológico e as posições oportunistas, resultantes da linha política, levam ao enfraquecimento do espírito de partido, à perda da combatividade, da capacidade de luta e de sacrifício dos militantes. Esta situação mostra que, na luta ideológica, embora se deva prosseguir no combate às concepções sectárias e esquerdistas para melhorar as relações entre o Partido e as massas e fazer avançar o processo de formação da frente única, o fundamental, agora, é golpear as tendências oportunistas de direita que constituem o principal perigo.

Tudo isto impõe a necessidade de mudar de rumo, de substituir a atual orientação do Partido por uma nova linha que corrija os erros de direita, sem incidir nos velhos erros esquerdistas e sectários. Com este fim, partindo de um ponto de vista de classe do proletariado, é preciso analisar a situação objetiva do país, caracterizar a revolução brasileira e definir suas tarefas, e estabelecer a tática com vistas a alcançar as reivindicações programáticas da presente etapa da revolução. Sem pretender dominar a verdade sobre problemas tão complexos e difíceis, apresento, como contribuição ao debate, minha opinião

sobre tais questões, a qual considero uma posição bem diversa da que vem sendo seguida pelo Partido.

Uma defesa falsa de uma linha oportunista*

Mas (as Teses e a Declaração de 1958 — NR) ao tentar a inovação, caem no gradualismo oportunista. Admitem que o Brasil é um dos países para o qual se abre a possibilidade real da via pacífica. Baseiam-se, no entanto, em premissas que, quando não são falsas, são hipóteses ou constatações unilaterais. Assim, a tese da “democratização crescente da vida política” não corresponde à realidade. Embora o país, atualmente, viva num clima de relativa liberdade, não se pode assegurar que a democratização é uma tendência permanente na vida brasileira, uma vez que as forças reacionárias se mantêm no poder e sempre que seus interesses são atingidos, apelam para a violência e atentam contra as liberdades democráticas, como tem se verificado em vários pontos do país. No que tange ao “ascenso do movimento operário”, ainda que tenha grande influência no curso dos acontecimentos políticos, a verdade é que a unidade e a organização da classe operária estão num nível tão pouco desenvolvido que não podem servir de base para se proclamar que existe a possibilidade real do caminho pacífico. Não se pode também basear esta possibilidade no “desenvolvimento da frente única nacionalista e democrática”, porquanto as próprias Teses (item 26) afirmam que “o movimento nacionalista é, em certo grau, fluido e disperso” e as forças que o compõem “não seguem um plano unificado de ação nem mesmo possuem uma plataforma comum”. São, por isso, inconsistentes as premissas em que se apoia a Declaração para fundamentar o caminho pacífico. Em consequência, idealiza o caminho da revolução antiimperialista e antifeudal. “O povo brasileiro — afirma aquele documento — pode resolver pacificamente os seus problemas básicos com a acumulação gradual, mas incessante, de reformas profundas e conseqüentes na estrutura econômica e nas instituições políticas, chegando até à realização completa das transformações radicais colocadas na ordem

do dia pelo próprio desenvolvimento econômico e social da nação.” Poder-se-ia traçar um quadro mais róseo, evolucionista e reformista para a marcha da revolução brasileira? A seguir, a Declaração diz ser preciso para avançar neste caminho a conquista de um governo nacionalista e democrático. As Teses indicam os meios prováveis para conquistá-lo: a) pressão pacífica de massas para afastar do poder os entreguistas e substituí-los por nacionalistas; b) pela vitória dos candidatos nacionalistas e democratas nos pleitos eleitorais; c) pela ação das massas e dos setores nacionalistas do parlamento, das forças armadas e do governo contra as tentativas de golpes dos entreguistas e reacionários.

O rumo precário da Declaração e das Teses

São bastante discutíveis estes meios prováveis de conseguir um governo capaz de “encaminhar a solução dos problemas vitais do povo brasileiro”. Além disso, as três soluções são apresentadas desligadas umas das outras. Vacilando, em relação à eficácia de tais meios, as Teses mais adiante afirmam acacianamente que “o complexo desenvolvimento da vida nacional é que determinará os meios concretos para a conquista de um governo nacionalista e democrático”. Em linguagem de simples mortais: tudo pode acontecer, mas os meios prováveis para conquistar aquele governo são os mesmos que se encontram nas Teses. Por estas veredas, o Partido não irá longe. Se a prática é o supremo critério da verdade, qual a experiência concreta, uma vez que tais meios prováveis já constavam da Declaração? O balanço dos progressos obtidos em mais de dois anos de aplicação desta tática é melancólico. O governo do sr. Juscelino Kubitschek, como foi visto acima, tem hoje, do ponto de vista da democracia e da luta antiimperialista, uma composição bem pior do que no início de 1958. Isto mostra o quanto é precário o rumo traçado na Declaração e nas Teses no concernente ao caminho pacífico.

* Trecho do artigo de Maurício Grabois de junho de 1960.

Em defesa do partido*

A Conferência Nacional Extraordinária do Partido Comunista do Brasil, realizada em fevereiro de 1962, depois de discutir as questões relacionadas com a luta interna e com a tentativa de liquidação da organização partidária, toma a seguinte resolução:

1. Um ano após ter efetuado o V Congresso do Partido Comunista do Brasil, no qual foram aprovados os novos Estatutos e uma resolução política do Partido, os comunistas brasileiros foram surpreendidos com a publicação no semanário “Novos Rumos”, de 11-8-61, dos Estatutos e do Programa de um novo Partido, denominado “Partido Comunista Brasileiro”. Simultaneamente, o mesmo jornal estampava uma entrevista de Prestes em que dizia que esses documentos seriam encaminhados ao Tribunal Superior Eleitoral, visando o registro de tal Partido.

A surpresa dos comunistas decorria do fato de que os Estatutos e o Programa do “Partido Comunista Brasileiro” haviam sido elaborados e adotados pela direção nacional à revelia de todo o Partido, infringindo frontalmente as decisões do V Con-

* Documento do PCdoB escrito em fevereiro de 1962.

gresso. Assim procedendo, a direção nacional desrespeitara o princípio do centralismo democrático, quebrara a disciplina e ferira a unidade do Partido, visto que o V Congresso não havia delegado nenhum poder ao Comitê Central recém-eleito no sentido de mudar a denominação do Partido nem, muito menos, fazer profundas alterações no caráter do Partido, em seus princípios ideológicos e objetivos programáticos. Segundo os Estatutos, tais decisões são da competência exclusiva do Congresso do Partido.

O V Congresso tão somente autorizara ao Comitê Central “fazer no texto dos Estatutos aprovados as modificações que se tornem necessárias para efeito de registro do Partido no Tribunal Superior Eleitoral”. Isto dizia respeito às exigências da Justiça Eleitoral, tais como o destino a ser dado ao patrimônio do Partido em caso da sua dissolução, a designação dos delegados junto aos tribunais e juízes eleitorais e a afirmação de que os membros do Partido não respondem pelas obrigações financeiras deste - questões estas que não constavam do texto dos Estatutos então aprovados. No entanto, destes Estatutos foram retiradas, deliberadamente, a afirmação de que o Partido se rege pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e a declaração de que a organização partidária dos comunistas tem como objetivo final o estabelecimento da sociedade comunista. Além disto, o Programa do “Partido Comunista Brasileiro” se resume a um conjunto de enunciados reformistas cujo alcance fica muito aquém das medidas indicadas nas plataformas de alguns partidos da burguesia e dos latifundiários.

Assim, o Comitê Central, de fato, criou uma nova organização partidária, que, pelos seus objetivos programáticos e por seus princípios estatutários, não se identifica com o Partido Comunista do Brasil, autêntica vanguarda revolucionária do proletariado.

2. A decisão da direção nacional de liquidar o Partido Comunista do Brasil culmina um longo processo, cujas origens remontam aos acontecimentos que abalaram nossas fileiras logo após a realização do XX Congresso do PCUS. Naquela ocasião, aproveitando-se dos erros da orientação política e dos falsos métodos de direção, elementos sob a influência das idéias estranhas à ideologia do proletariado, provocaram no Partido um grave surto revisionista, de sentido liquidacionista e anti-sovié-

tico. Assustados com a campanha anticomunista da burguesia e do imperialismo intensificada desde então, tais elementos pregavam abertamente a necessidade de dissolver o Partido Comunista do Brasil e substituí-lo por “uma organização mais ampla”, sem vínculos com o marxismo-leninismo, sem compromissos com as posições internacionalistas do proletariado e cuja plataforma política se inspirasse na ideologia nacionalista-burguesa.

Embora combatidos, e ainda que alguns de seus porta-vozes mais ostensivos tivessem sido expulsos ou afastados do Partido, as idéias revisionistas, a partir de 57, ganharam terreno até alcançar, com a adesão de Prestes, o predomínio no Comitê Central. O culto à personalidade de Prestes, durante longos anos fomentado entre os comunistas, contribuiu decisivamente para que as idéias revisionistas e reformistas chegassem a prevalecer no Partido. Desse período em diante, foram sendo postas em prática pela maioria do Comitê Central medidas de sentido liquidacionista.

Sucessivamente foram suprimidos os jornais que as massas reconheciam como os porta-vozes combativos do Partido. O trabalho de educação, de formação de quadros e de construção partidária ficou abandonado. A União da Juventude Comunista foi praticamente dissolvida. Todas as organizações de massa, patrióticas e femininas, onde os comunistas tinham influência preponderante, foram desprezadas e reduzidas à completa inatividade. No movimento operário e sindical, a orientação dos comunistas, ao invés de contribuir para a elevação da consciência revolucionária do proletariado, estimulou o reformismo e rebaixou o papel dirigente do Partido. Cogitou-se até mesmo de extinguir a organização nacional dos camponeses bem como o jornal que a representava. Defendeu-se, além disto, a estranha tese de reunir os camponeses nas associações e federações rurais dirigidas pelos latifundiários. Ao mesmo tempo, começou-se a denegrir e atacar o passado do Partido, por meio de uma crítica unilateral e negativista, em que se omitia todo e qualquer aspecto positivo da atividade anterior dos comunistas. Ressaltava-se, intencional e maldosamente, as falhas e os erros cometidos. O nome do Partido deixou de figurar em todos os documentos e nas declarações dos dirigentes, substituído pela expressão de um vago “movimento comunista”. Falar em nome do Partido passou a ser classificado como provocação.

3. A deliberação de liquidar o Partido Comunista do Brasil encontrou sérias resistências entre os comunistas. Grande número de militantes e dirigentes, em diferentes Estados, compreendeu o perigo contido na decisão do Comitê Central sobre o registro de um novo Partido. Fez ver a direção, com espírito partidário, que alterar o nome do Partido, retirar dos Estatutos a afirmação de que os comunistas se orientam pelos princípios marxistas-leninistas e abandonar o objetivo último do comunismo, a fim de tentar conseguir o registro eleitoral, constituía grave transgressão de resoluções do V Congresso, que só um novo Congresso poderia modificar. Entretanto, em vez de levar ao debate do coletivo partidário questões ideológicas tão importantes e de respeitar os Estatutos, o Comitê Central preferiu seguir o caminho das medidas punitivas, da acusação de fraccionismo e, inclusive, da expulsão de velhos e respeitados lutadores comunistas, cujo crime consiste em não admitir a liquidação de nosso glorioso Partido. A conduta intolerante da direção nacional representou na realidade a abolição do direito de divergir, a fuga do dever de discutir sua posição capituladora e a consumação do divisionismo no movimento comunista, provocada pela criação do Partido Comunista Brasileiro.

4. Em face de tão graves circunstâncias e da pretensão dos dirigentes do chamado Partido Comunista Brasileiro de alijar das fileiras comunistas todos os que deles divergem e não os acompanham em sua política liquidacionista, centenas de militantes comunistas de todo o país concordaram com a convocação e a realização da presente Conferência Nacional Extraordinária para tratar da reorganização do Partido Comunista do Brasil, discutir um Manifesto-Programa, deliberar sobre os Estatutos apresentados no V Congresso e eleger um novo Comitê Central para dirigir o Partido até o próximo Congresso.

Estas medidas visam a sanar as dificuldades surgidas no movimento comunista. A Conferência Nacional Extraordinária reafirma a posição de que deve existir um único partido marxista-leninista da classe operária e de que é indispensável forjar a unidade de todos os comunistas, à base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. A unidade não pode ser feita em torno de pessoas. Assim sendo, impõem-se um combate sistemático ao culto à personalidade. A Conferência Nacional Extraordinária reafirma também sua fide-

lidade à Declaração dos 81 Partidos Comunistas e Operários, de 1960, e neste sentido, se dirige a todos os comunistas para que se esforcem na conseqüente aplicação da carta programática que une o movimento comunista mundial.

A reorganização do Partido exige uma firme e persistente luta ideológica para elevar o nível de consciência dos comunistas e para extirpar de nosso meio a influência de ideologias de classes hostis ao proletariado. Por conseguinte, o centro do ataque deve ser dirigido contra as tendências de direita. As idéias revisionistas e reformistas penetram em escala sem precedentes no movimento comunista brasileiro. A reorganização do Partido exige, por outro lado, uma atitude irreconciliável com o dogmatismo e o sectarismo que durante anos impregnaram a atividade do Partido e foram a principal causa de muitos dos erros cometidos.

5. A Conferência Nacional Extraordinária do Partido Comunista do Brasil, compreendendo a importância de uma vanguarda organizada e revolucionária do proletariado, concita todos os militantes a se empenharem na luta pelo fortalecimento do Partido, através de um intenso recrutamento de novos membros entre a classe operária e as massas trabalhadoras.

A situação política do país, o espírito de combatividade das massas, as grandes vitórias do socialismo no mundo, possibilitam, quando se tem uma orientação política e revolucionária, atrair valorosos militantes para nossas organizações partidárias.

A Conferência Nacional Extraordinária do Partido Comunista do Brasil expressa sua convicção de que, ao aplicar uma política revolucionária e desenvolver a luta ideológica contra as concepções errôneas, o Partido cumprirá o seu papel de força dirigente da revolução brasileira.

Resposta a Kruschov*

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, em Carta Aberta publicada no jornal “Pravda” de 14 de julho, procurando responder aos argumentos apresentados pelo Comitê Central do Partido Comunista da China, na carta de 14 de julho, acusa os camaradas chineses de organizar e apoiar diversos grupos antipartidários que “atuam contra os partidos comunistas dos Estados Unidos, Brasil, Itália, Bélgica, Austrália e Índia”. São nominalmente citados membros da direção do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

A acusação dos dirigentes comunistas soviéticos é simplesmente absurda, destituída de qualquer fundamento e contrária aos interesses do movimento revolucionário.

Em que se apóia o Comitê Central do PCUS para fazer tal acusação? A direção desse partido conhece muito bem os acontecimentos ocorridos no movimento comunista em nosso país, a partir de 1956, que culminaram com o surgimento de dois

* Documentos do PCdoB escrito em 27 de julho de 1963.

partidos: o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL e o Partido Comunista Brasileiro.

Fatos que provocaram a cisão

Como é sabido, depois do XX Congresso do PCUS verificou-se nas fileiras comunistas forte surto revisionista que teve como principal porta-voz Agildo Barata. A grande maioria dos militantes e o Comitê Central enfrentaram as manifestações revisionistas. Apesar de certos erros cometidos na condução da luta ideológica, medidas foram tomadas para resguardar o Partido das idéias estranhas ao proletariado e para assegurar a unidade partidária. No combate ao revisionismo participou também Luiz Carlos Prestes. No entanto, após os fatos sucedidos no PCUS, em junho de 1957, que levaram ao afastamento dos camaradas Molotov, Malenkov, Kaganovitch e outros da direção desse partido, Prestes, numa mudança brusca e aparentemente inexplicável, aderiu por completo às idéias defendidas naquela época por Agildo Barata e seu grupo. Tornou-se, desde então, apaixonado defensor do revisionismo e cercou-se de destacados participantes deste grupo. Voltou a ser um ardoroso apologista do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, com entusiasmo maior do que em 1945, quando esposou as opiniões de Earl Browder.

Em março de 1958, através de métodos antipartidários, Prestes conseguiu que o Comitê Central aprovasse uma orientação política tipicamente oportunista. Esta, além de prejudicar de maneira grave o movimento revolucionário brasileiro, negava abertamente as tradições de luta do Partido.

A nova linha política começou, porém, a encontrar resistência crescente no Comitê Central e entre os militantes. Os revisionistas perdiam terreno. Em 1960, dentro do próprio órgão dirigente do Partido, a posição de Prestes e demais reformistas não era sólida. Sua maioria tornou-se mesmo bastante precária. Diante disto, decidiram convocar o V Congresso do Partido com a finalidade única de afastar da direção todos os elementos que se opunham à política de direita. Trataram de empolgar o Partido acenando com a perspectiva de uma fácil vitória eleitoral, asseverando que a eleição do Marechal Lott

asseguraria a legalidade do Partido e lhe garantiria posições no governo.

O V Congresso foi tendenciosamente preparado. Embora no período que precedeu sua realização tivesse havido um amplo debate nas colunas do órgão central, mentiras e calúnias foram difundidas contra os que combatiam o revisionismo. Interferências indébitas se deram nas Conferências e nas Assembléias partidárias visando a aprovação da linha política oportunista e à escolha de delegados que estivessem de acordo com esta linha. Basta assinalar que nos debates pela imprensa, mais de metade dos artigos publicados expressava uma opinião diversa da adotada por Prestes e nas reuniões preparatórias do Congresso, considerável número de militantes se opôs às teses apresentadas pelo Comitê Central. Mas, no V Congresso, devido a tais manobras, insignificante era a representação dos elementos divergentes. Assim, o Congresso não refletiu a vontade do Partido. Atingindo os objetivos para os quais fora realmente convocado, o V Congresso afastou do Comitê Central doze de seus membros efetivos num conjunto de vinte e cinco, além de vários suplentes.

Não obstante as odiosas discriminações, os companheiros que divergiam submeteram-se disciplinadamente às decisões do V Congresso. Entretanto, Prestes e seus seguidores, continuando em sua atividade revisionista, acabaram por golpear o Partido em seus fundamentos. Em agosto de 1961, contrariando decisões do Congresso, sob o pretexto de obter a legalidade do Partido, decidiram criar um novo partido. Era posto de lado o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Em seu lugar surgia o Partido Comunista Brasileiro. Foi retirada dos seus Estatutos a afirmação de que o Partido se orientava pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. O programa apresentado era menos radical que os do Partido Trabalhista e do Partido Socialista.

Os militantes que não concordavam com estas flagrantes violações do centralismo democrático e queriam acima de tudo preservar a unidade do Partido solicitaram ao Comitê Central que recuasse da posição adotada ou então convocasse um Congresso Extraordinário. Jamais pactuariam com a liquidação do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. A resposta da direção oportunista foi a aplicação de medidas punitivas, a dissolução

de organismos, o afastamento de provados militantes e uma sórdida campanha de calúnias contra honrados comunistas.

Ataques injustificados do Comitê Central do PCUS

Face a tal situação, que poderiam fazer os verdadeiros revolucionários? Não lhes restava outro caminho senão organizar o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Em fevereiro de 62, reuniram-se em Conferência Nacional Extraordinária, realizada em São Paulo, para discutir a situação criada e decidir dos rumos a tomar. Desta Conferência participaram delegados de vários Estados. Ela decidiu reconstruir o Partido, aprovou um programa marxista-leninista, resolveu editar o tradicional órgão de imprensa partidária e elegeu um novo Comitê Central. Permaneceram no PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL oito membros do antigo Comitê Central, diversos líderes sindicais e juvenis e bom número de militantes com mais de vinte anos de atividade partidária ininterrupta. Entre seus dirigentes há camaradas que passaram muitos anos nos cárceres da reação.

Em um ano e meio de trabalho, o Partido passou de centenas de membros para alguns milhares, estruturou-se em todo o país e aumentou sua influência entre as massas. Elevou sua atividade política e cresceu de modo significativo a difusão de sua imprensa.

Como pode, então, o Comitê Central do PCUS, dirigido por Kruschov, dizer que o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL é um grupo antipartidário? Como pode inculpar de divisionismo a legítima vanguarda da classe operária brasileira, a organização que se mantém fiel aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário? Quais os atos contrários aos interesses da revolução e do povo brasileiro cometidos pelo PC do Brasil que justifiquem as investidas de Kruschov e do Comitê Central do PCUS?

Somente pode-se compreender os ataques do Comitê Central do PCUS como um esforço para alentar a corrente reformista chefiada por Prestes, que levou o movimento comunista brasileiro à divisão, e para apresentar os camaradas chineses como responsáveis pelas cisões que se verifiquem nos partidos comunistas.

Para os revolucionários brasileiros, é verdadeiramente chocante que tais ataques procedam justamente de homens que estão à frente do Partido fundado por Lênin e que, no curso da sua história, combateu implacavelmente os oportunistas e apoiou com decisão, em todas as circunstâncias, os revolucionários. Educados como comunistas no exemplo do Partido Bolchevique, sempre vimos na União Soviética uma base poderosa do movimento revolucionário mundial. Por isso não podemos aceitar a conduta daqueles que, na direção do maior país socialista, renegam as gloriosas tradições do bolchevismo e apóiam abertamente os revisionistas em todas as partes do mundo. Quaisquer que sejam as injúrias, as distorções da verdade dos atuais dirigentes do PCUS, proclamamos, nesta oportunidade, nossa admiração e reconhecimento aos povos da União Soviética que realizaram a Grande Revolução de Outubro, edificaram o socialismo numa sexta parte do globo e derrotaram o nazi-facismo na mais cruenta das guerras. Nada nos afastará dos princípios do internacionalismo proletariado, do marxismo-leninismo e da luta revolucionária.

Ao apoiar e incentivar a corrente reformista de Prestes, Kruschov e o Comitê Central do PCUS colocaram-se objetivamente contra o movimento revolucionário em nosso país.

Falência da linha oportunista

A prática tem demonstrado o quanto se desacreditou aos olhos das grandes massas e das correntes democráticas o Partido Comunista Brasileiro ao seguir uma orientação política oportunista.

Nos últimos anos da administração do Sr. Juscelino Kubitschek, a posição de Prestes e de seus seguidores objetiva substituir no governo os ministros reacionários por outros que eles apontavam como nacionalistas. Com esta política, apoiaram concretamente o Sr. Juscelino Kubitschek, um dos maiores entreguistas da história da República.

Nas eleições de 1960, foram fervorosos partidários da candidatura do Marechal Lott a quem apresentavam como a mais elevada expressão do nacionalismo. Lott, no entanto, revelou-se de corpo inteiro como reacionário que combatia a reforma

agrária, a Revolução Cubana, as medidas contra a espoliação imperialista, o reatamento de relações com a União Soviética e a legalidade do Partido Comunista.

Saudaram, em 1961, a posse de Goulart como uma vitória do povo; reclamaram plenos poderes aos gabinetes indicados por Jango; declararam que Goulart contava com poderoso apoio popular e com um dispositivo militar que lhe permitiam tomar sem receio as medidas exigidas pelo povo. Mas Goulart demonstra, dia-a-dia, ser o chefe de um governo entreguista e incapaz de resolver os problemas fundamentais da Nação.

Disseram que as eleições parlamentares de outubro de 1962 poderiam modificar profundamente a correlação de forças no Congresso Nacional e abrir caminho para as informações básicas na estrutura do País. O resultado do pleito evidenciou que o Congresso saído daquelas eleições é um dos mais reacionários que o País já teve.

Conclamaram o proletariado à greve geral para exigir que o Sr. San Tiago Dantas fosse designado Primeiro-Ministro de um hipotético gabinete nacionalista e democrático. A vida provou que o Sr. San Tiago Dantas não passa de um agente do imperialismo norte-americano, o intermediário na negociata das subsidiárias da *Bond and Share*.

Convocaram o povo para votar NÃO no plebiscito de 6 de janeiro, proclamando que desta maneira os eleitores estariam criando condições para realizar a reforma agrária, acabar com a carestia e a inflação e pôr em prática medidas contra o imperialismo. Depois do plebiscito, Goulart, já no sistema presidencialista, prosseguiu em sua antiga política: a carestia tornou-se mais acentuada, a reforma agrária não se efetivou e novas concessões foram feitas aos monopolistas ianques.

Mudaram o nome do Partido e mutilaram seus princípios para conseguir seu registro na Justiça Eleitoral. Passado mais de um ano, nem mesmo esse novo partido reformista obteve existência legal.

Estes fatos, além de muitos outros, comprovam plenamente a falência da orientação seguida pelo Partido Comunista Brasileiro.

Partido da revolução e partido das reformas

Como é possível ao Comitê Central do PCUS considerar tal partido a organização dirigente da classe operária e, ao mesmo tempo, acoimar de grupo antipartidário o Partido que expressa realmente os interesses do proletariado?

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta pela derrubada do atual regime de latifundiários e grandes capitalistas e pela instauração de um regime efetivamente popular, único capaz de realizar as transformações indispensáveis ao progresso do país, ao bem-estar do povo e à obtenção da completa independência nacional. O Partido Comunista Brasileiro não combate o regime vigente mas apenas propugna por transformações parciais na estrutura do país nos marcos deste mesmo regime, a pretexto de que elas abrirão o caminho para mudanças radicais.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta por um governo popular revolucionário que represente as classes e camadas progressistas da sociedade brasileira e que substitua o poder dos latifundiários e grandes capitalistas. O Partido Comunista Brasileiro tem como objetivo a conquista de um chamado governo nacionalista e democrático que seria alcançado com o afastamento dos ministros entreguistas do atual governo e com a designação de outros ministros considerados nacionalistas e democratas.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta irreconciliavelmente contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas, desmascara suas manobras e não inculca ilusões nas massas a respeito do caráter do governo de Goulart. O Partido Comunista Brasileiro estabelece que é tarefa do povo lutar simplesmente contra a política de conciliação com o imperialismo e o latifúndio realizada pelo atual governo, a fim de conseguir que este se torne um governo nacionalista e democrático.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, com o propósito de realizar a revolução nacional-libertadora, democrática e popular, empenha-se na formação de uma frente única de todas as forças revolucionárias da sociedade brasileira, tendo como núcleo fundamental os operários e camponeses. O Partido Comunista Brasileiro, visando unicamente à conquista de reformas parciais, esforça-se para formar a denominada frente úni-

ca nacionalista e democrática que inclui toda a burguesia e mesmo setores de latifundiários.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL julga que, na presente situação, as classe dominantes tornam inviável o caminho pacífico da revolução e, por isso, o povo, sem deixar de utilizar todas as formas de luta legais, deve preparar-se para a solução não-pacífica. O Partido Comunista Brasileiro, sem qualquer apoio na realidade nacional, engana o povo, afirmando que a revolução antiimperialista e antifeudal pode ser conduzida a seus objetivos por um caminho pacífico.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL apresenta um programa revolucionário, proclama seus fins socialistas, afirma abertamente sua adesão aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, não esconde seu nome e a sua natureza de classe. O Partido Comunista Brasileiro renega o velho Partido, renuncia ao programa revolucionário e oculta seu nome, deixando, na realidade, de ser o partido do proletariado.

Enfim o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL é o partido da revolução. O Partido Comunista Brasileiro é o partido das reformas. O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta para assegurar a hegemonia do proletariado na revolução. O Partido Comunista Brasileiro marcha a reboque das classes dominantes e ajuda a burguesia a enganar as massas trabalhadoras.

Não é difícil, assim, distinguir no Brasil a corrente que tria o caminho revolucionário da corrente que se orienta por uma linha revisionista. Uma defende uma orientação marxista-leninista, enquanto a outra adota uma orientação caracterizada de direita.

Causas da cisão do movimento comunista brasileiro

A acusação dos dirigentes soviéticos de que os camaradas do Partido Comunista da China fomentaram a divisão do movimento comunista brasileiro não passa de afirmativa totalmente divorciada da verdade, de uma simples calúnia. Os fatos demonstraram sobejamente que a cisão teve como causas principais fatores de ordem interna. Foi provocada essencialmente pela penetração das idéias burguesas no partido, que adquiriram força com o avanço do capitalismo no país e com a tática de engo-

do utilizada pela burguesia. Contribui também a tolerância dos dirigentes reformistas chefiados por Prestes, que aplicaram métodos os mais condenáveis na condução da luta ideológica. Não se pode negar, igualmente, a existência de influências externas. A de maior repercussão foi a do XX Congresso do PCUS que, aprovando teses bastante discutíveis e lançando a confusão a respeito do culto à personalidade, estimulou os oportunistas de todos os matizes e aqueles que combatiam a existência de um partido independente da classe operária, autenticamente revolucionário. Simultaneamente, o imperialismo desencadeou intensa ofensiva ideológica que atingiu as fileiras do Partido.

Ao apontar os camaradas chineses como responsáveis pela divisão do movimento comunista no Brasil, os dirigentes do PCUS revelam seu desprezo pela capacidade e espírito de luta dos trabalhadores brasileiros. Imbuídos de sentimentos de superioridade, não concebem que, diante da traição dos oportunistas inevitavelmente surgiram, em nosso país, os elementos dispostos a erguer a bandeira revolucionária, a forjar o partido do proletariado e a prosseguir na luta sem quartel contra o imperialismo e o latifúndio e a pugnar até o fim pela vitória do socialismo no Brasil. Quando se iniciou a discussão no Comitê Central do PC do Brasil, os camaradas que posteriormente procuraram reorganizar o Partido não conheciam as divergências no movimento comunista mundial. Mais tarde, ao se inteirar da existência de questões controvertidas, ignoravam sua real profundidade. Somente com a publicação de uma série de artigos no "Diário do Povo" e na "Bandeira Vermelha", de Pequim, ainda no curso deste ano, puderam os membros do PC do Brasil compreender a exata dimensão das discrepâncias existentes. Puderam então constatar que as discordâncias não diziam respeito unicamente aos partidos da China e da União Soviética. Trata-se de luta de significação histórica entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo.

Como não podia deixar de acontecer, as teses do Partido Comunista da China, expostas naqueles artigos, assim como na carta de 14 de junho deste ano, dirigida ao Comitê Central do PCUS, despertaram imenso entusiasmo e trouxeram grande satisfação aos militantes e dirigentes do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL e amplos setores da classe operária e a da inte-

lectualidade progressista. Estes documentos constituem valiosíssima contribuição à luta contra o revisionismo contemporâneo e em defesa dos princípios revolucionários do marxismo-leninismo. Muitas das teses nele difundidas correspondem plenamente à realidade do nosso país. Ajudam-nos a compreender melhor os problemas da luta contra o oportunismo e a ver que as questões ideológicas que estamos enfrentando não estão circunscritas ao Brasil. São fenômenos que se observam em todo o movimento comunista mundial.

Teses do Comitê Central do PCUS prejudiciais ao movimento revolucionário

As lutas que se processam na América Latina comprovam também o acerto das teses do PC da China sobre o movimento de libertação nacional das nações e povos oprimidos e sobre o papel que estas lutas estão chamadas a desempenhar no conjunto da situação mundial. Os povos da América Latina não podem ficar à espera de que a “competição pacífica” decida de sua libertação. Estão sob o jogo impiedoso do imperialismo norte-americano que, dia a dia, intervém mais abertamente nos seus negócios internos, põe e depõe governos, espezinha seus sentimentos nacionais e, sob o disfarce filantrópico da Aliança para o Progresso, aumenta a exploração brutal das nações do Continente. A América Latina é cenário de uma guerra surda entre o imperialismo ianque e as massas populares. Por isso, somente a luta mais enérgica, em particular a luta armada, pode abrir o caminho da emancipação para os povos oprimidos deste hemisfério. É o que demonstram a Revolução Cubana, a luta insurrecional na Venezuela e as guerrilhaas que proliferam em diferentes países.

A política revisionista de semear ilusões no imperialismo ianque ou de apaziguá-lo, amainando a luta contra ele e contra as forças reacionárias internas, tem causado sérios prejuízos aos movimentos revolucionários na América Latina. Todos aqueles que não se dispuserem a desmascarar firmemente os imperialistas norte-americanos e a expulsá-los de seus países estão fadados ao completo fracasso. Os verdadeiros revolucionários não podem aceitar as palavras de Kruschov que embelezam o imperialismo dos Estados Unidos. Repelem seus freqüentes elogios a Kennedy. Como admitir que o líder máximo do imperia-

lismo esteja interessado na paz? Ou que atue com bom-senso em face das contradições entre os povos e o imperialismo? Como acreditar seja Kennedy representante do setor menos agressivo e menos reacionário dos monopolistas norte-americanos, ele que tentou invadir Cuba, que faz a guerra “especial” no Vietnã do Sul, que organiza os golpes militares na América Latina e que realiza uma corrida armamentista sem precedentes na história? Para os latino-americanos, Kennedy é o pior inimigo da paz e da independência dos povos. Soam, assim, em falso para as grandes massas de nosso continente as palavras de Kruschov.

E o mais grave, ainda, é que Kruschov, enquanto alimenta esperanças nos imperialistas norte-americanos, ataca rudemente os comunistas chineses que dirigiram uma das maiores revoluções de nossa época e que iniciaram uma nova etapa na luta pela libertação das nações oprimidas. É uma afronta à consciência dos povos afirmar que a China quer a guerra termonuclear e aspira à vitória do socialismo no mundo sobre as cinzas das explosões atômicas.

Quem lê os documentos do PC da China e acompanha a política externa da China Popular pode facilmente concluir que os chineses são verdadeiros defensores da paz e que seus líderes indicam o justo e verdadeiro caminho para impedir a eclosão de uma guerra atômica. Com sua política de manobras sem princípios, de concessões ao imperialismo, de propagar o terror atômico, de realizar atos aventureiros, de enfraquecer a vigilância dos povos e de dividir o campo socialista, Kruchov põe em perigo a paz. Para evitar a guerra, é indispensável desmascarar energicamente a política agressiva do imperialismo, impedir que ele engane as massas, fortalecer a união das forças amantes da paz, em particular a unidade dos países socialistas, enfim fazer com que os povos tomem em suas mãos a causa da paz e a defendam até o fim.

Asseverar que os dirigentes chineses desejam arrastar a humanidade a uma guerra termonuclear, como fazem Kruchov e alguns dirigentes de diferentes partidos, é um procedimento indigno de comunistas. Toda tentativa de incompatibilizar os comunistas chineses, apresentando-os falsamente como partidários da guerra atômica, somente pode merecer a condenação dos revolucionários e de todas as pessoas honestas. A que pon-

to chegaram os revisionistas! Segundo eles, quem quer a guerra atômica não são os imperialistas, mas sim os comunistas chineses!

Unidade à base de princípios

Os desabridos ataques de Kruschov e do Comitê Central do PCUS a revolucionários de outros países minam a unidade do movimento comunista mundial e são parte da ação desagregadora desenvolvida pelos revisionistas contemporâneos. Não é a primeira vez que atacam partidos irmãos. Desde algum tempo, isistentemente, lançam toda sorte de diatribes contra o Partido do Trabalho da Albânia, que com tanta bravura lutou contra o nazi-fascismo, dirigiu o movimento de libertação do povo albanês, conduz vitoriosamente a Albânia no caminho da construção do socialismo e sempre se manteve nas posições do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Chegaram mesmo a concitar à derrubada de seus dirigentes. E não satisfeitos com isso, tomaram medidas prejudiciais à economia daquele país e dificultaram o trabalho de edificação socialista. Ao passo que levam a cabo tão condenável política, Kruschov e o Comitê Central do PCUS tudo fazem para ganhar as simpatias de Tito, que renegou o marxismo-leninismo em troca dos dólares dos Estados Unidos, e mostram-se generosos na ajuda econômica à camarilha reacionária de Nehru, que põe em prática uma política agressiva e de provocações constantes contra a China Popular.

Cairão no vazio as acusações de Kruschov ao PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, da mesma forma como aconteceu com as calúnias de Prestes e seus seguidores contra provados militantes revolucionários. As assacadilhas dos revisionistas somente poderão honrar os que estão incorporados às fileiras do verdadeiro Partido da classe operária. Revisionistas são solidários com revisionistas e não com revolucionários. Revolucionários são solidários com revolucionários e não com revisionistas.

Ao tomar esta posição, defendemos uma política de princípios. Somos partidários da unidade do movimento comunista mundial em torno das idéias marxistas-leninistas contidas nas duas Declarações de Moscou. Sustentamos a opinião de que a

unidade dos comunistas no Brasil tem de ser forjada à base de uma orientação política revolucionária. A classe operária e os povos do mundo precisam manter-se unidos para enfrentar o imperialismo, salvaguardar a causa da paz e levar adiante vitoriosamente a bandeira da revolução.

Não podemos compreender a unidade como um simples arranjo, escondendo-se as divergências. Ela jamais poderá ser alcançada se prevalece a concepção expressa por Nikita Kruschov ao se dirigir aos camaradas chineses: "Pôr de lado todas as controvérsias e divergências, não indagar quem está certo a quem é culpado, não revolver o passado mas começar nossas relações com uma nova página". Isto nada tem a ver com o marxismo-leninismo. É próprio da política social-democrata. As divergências não devem ser dissimuladas e muito menos postas de lado. Terão que ser superadas através da luta ideológica, indispensável ao avanço do movimento revolucionário, para assegurar uma unidade sólida dos comunistas e para resguardar a pureza da grande doutrina do proletariado.

Confiamos que o heróico e experimentado Partido do grande Lênin saberá encontrar o melhor caminho para liquidar as posições errôneas de sua direção, que tantos danos vêm causando à luta revolucionária, estabelecer relações justas com os partidos irmãos e repudiar o revisionismo, desvio mais perigoso no movimento comunista mundial.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL julga que a verdade deve ser dita. Cedo ou tarde, ela acabará se impondo. Sem temer quaisquer obstáculos, estamos dispostos a manter bem alto em nosso país a bandeira do marxismo-leninismo e a empenhar todas as nossas forças em prol da vitória da causa revolucionária.

A vitalidade do Marxismo-Leninismo*

1 - O fracasso do revisionismo. O golpe do primeiro de abril serviu também para aferir as posições e o comportamento das duas correntes do movimento operário representadas pelo Partido Comunista do Brasil e pelo Partido Comunista Brasileiro.

Na orientação e na atividade de cada uma dessas organizações se exprimem as duas linhas que se conflitam no movimento comunista mundial — a linha marxista-leninista, defendida pelo Partido Comunista da China e por outros partidos revolucionários e a linha revisionista de Kruschov e seus seguidores. Neste terreno, os fatos ocorridos no Brasil são uma demonstração do completo fracasso da orientação revisionista e uma cabal comprovação das teses do marxismo-leninismo.

Os revisionistas brasileiros, liderados por Luiz Carlos Prestes, desde 1958 elaboraram, apoiados nas teses do XX Congresso do PCUS, toda uma política reformista. Em 1960, no V Congresso do Partido, a sistematizaram. Negando os princípios do marxismo-leninismo, afirmaram que o Estado brasileiro encon-

* Parte III do Documento "O Golpe de 1964 e seus ensinamentos" da Comissão Executiva do Partido Comunista do Brasil. Agosto de 1964.

trava-se em processo de democratização crescente, que o Exército era democrático, diferente, nesta questão, dos demais exércitos da América Latina, e que a magistratura começava também a democratizar-se. Asseveraram que as profundas mudanças que o Brasil necessita em sua estrutura econômica-social seriam realizadas nos marcos do atual regime, através de sucessivos governos progressistas-burgueses. A acumulação de reformas conduziria à libertação do país, à revolução pacífica. Para os revisionistas, a burguesia vem dirigindo o curso da revolução desde 1930 e poderia levá-lo até o fim. Partindo da premissa de que, no plano mundial, a correlação de forças tornou-se favorável ao socialismo, concluíram que a revolução no Brasil se desenvolveria por um caminho não violento.

Sob o pretexto de obter o registro legal de seu Partido, em 1961, os revisionistas mudaram o nome da organização partidária, retiraram dos Estatutos a declaração de que o Partido se orientava pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, apresentaram um programa totalmente reformista. Desta forma, criaram um novo partido e cindiram o movimento comunista.

Em sua atividade prática, os revisionistas limitavam a luta antiimperialista àquilo que convinha tão somente à burguesia e aceitavam a tese do PCUS da existência de um setor democrático no imperialismo norte-americano, que seria partidário da paz. Chegaram ao ponto de, durante o governo Goulart, em especial nos últimos meses, considerar o chefe do PTB como seu principal aliado. Segundo declarou Prestes, mais de uma vez, Goulart tinha condições para dirigir a revolução. Em várias oportunidades, o dirigente revisionista afirmou que o governo poderia realizar, se quisesse, as reformas de base, apoiado no seu dispositivo militar. É certo que a corrente dirigida por Prestes reclamava, insistentemente, que deixasse de conciliar. Na realidade, porém, Goulart não poderia fazê-lo porque a política da conciliação é inerente às forças sociais que ele representava. Clamando contra a conciliação, ninguém mais que o PC Brasileiro ajudou o chefe do PTB a conciliar. Os revisionistas acusavam de “esquerdistas” as correntes revolucionárias, tinham a opinião de que o deputado Leonel Brizola era excessivamente radical e a ele faziam grandes restrições.

Após o comício presidencial de 13 de março, na Guanaba-

ra, os revisionistas proclamaram, em seu jornal e em palestras públicas, que a reação havia sofrido pesado revés e não estava mais em condições de impor um retrocesso político ao país.

Daí, a primeiro de abril, os dirigentes revisionistas sofreram uma decepção. Seus planos e suas teses foram reduzidos a nada. O “exército democrático” resolveu entrar em ação. Acionado pelo Pentágono e pela reação interna depôs o governo e instaurou uma ditadura militar. Confirmou-se a justeza da teoria marxista-leninista. O Estado e seu principal instrumento de repressão contra as massas — as forças armadas — cumpriram as suas funções coercitivas. A máquina estatal dos reacionários jamais poderia se colocar a favor do povo ou mesmo ficar neutra diante do ascenso das lutas populares que ocorria no país. Ela está adaptada à defesa dos interesses da grande burguesia e dos latifundiários. Quando surgem algumas brechas no aparelho do Estado, as classes dominantes tratam de fechá-las, realizando expurgos, ou aplicando leis discriminatórias. É o que está se verificando atualmente no país.

A tese revisionista, defendida pelo PC Brasileiro, da revolução pelas reformas, redundou em completo malogro. Os militantes golpistas, ao galgar o poder, acabaram com as liberdades, voltaram-se contra o povo e deram seu apoio aberto ao imperialismo ianque. Mas, por estranha ironia, desfraldaram o estandarte que Goulart empunhava com tanto ardor. Isto vem demonstrar que as reformas, como objetivo em si, não são uma bandeira de revolucionários, mas sim dos que pretendem impedir o avanço da revolução. Um governo tão antipopular como o de Castelo Branco, acenando com as reformas, tenta fortalecer o atual regime e debilitar o movimento democrático e antiimperialista. É verdade que os marxistas-leninistas, lutando por um novo poder, não se opõem às reformas. Estas são por eles encaradas como meio de mobilizar e esclarecer as massas, de ganhá-las para as posições revolucionárias. Seu objetivo, no entanto, é a revolução.

As manobras e concessões feitas pelos revisionistas, pensando enganar a reação para obter o registro eleitoral do seu partido, não surtiram nenhum efeito. O Tribunal conservou o pedido de registro em suas mãos durante quase dois anos sem dar qualquer solução. Advindo o golpe, as forças reacionárias utilizaram as dezenas de milhares de assinaturas que instruíam

o processo para perseguir os eleitores que subscreveram aquele pedido.

A linha revisionista do PC Brasileiro impediu que os sindicatos se enraizassem no seio das massas, freiou o desenvolvimento das ações combativas das organizações populares e desarmou os trabalhadores. Esta linha oportunista é responsável, em grande parte, pelos insucessos do movimento democrático e antiimperialista.

O fracasso dessa linha provocou grande descontentamento entre muitos comunistas honestos que militam nas fileiras daquele partido. Estes militantes começam a procurar as causas que determinaram a derrota do movimento popular. Embora não vejam ainda que o erro essencial é proveniente da linha política, passaram a criticar as posições que vinham sendo defendidas pela direção do PC Brasileiro.

Preocupados com essa situação, Prestes e seus seguidores ensaiam, agora, pretensa autocrítica para justificar sua traição ao povo. Depois de pregar, convicta e exaustivamente, a via pacífica e de iludir as massas com suas panacéias reformistas, a direção do PC Brasileiro afirma que a sua orientação previa também o caminho não pacífico, faltando apenas uma preparação adequada para cumprir esta diretriz. Trata-se de mais um embuste. Do começo ao fim, a sua linha era baseada na solução não violenta. A vaga referência em seus documentos da possibilidade de uma saída não pacífica visava simplesmente embair os militantes mais combativos de sua organização. Embora os revisionistas reconheçam que seu partido esteve realmente a reboque da burguesia, continuam afirmando que era correta a linha direitista aprovada no V Congresso. Mantém a mesma orientação antimarxista e intentam continuar enganando as massas populares. Os comunistas honestos desse partido acabarão, porém, por repudiar o revisionismo e por voltar-se para o marxismo-leninismo.

2 - A linha revolucionária do Partido Comunista do Brasil. Foi comprovada pela prática a orientação política do Partido Comunista do Brasil, reorganizado em fevereiro de 1962. Os marxistas-leninistas revolucionários viram ratificadas as teses que defendem.

Em seu programa, aprovado naquela data, sustentavam ser

impossível resolver os problemas cruciais da Nação sem mudar o atual regime, uma vez que este é fundamentalmente contra o povo. Afirmavam com ênfase, que as classes dominantes tornavam inviável o caminho pacífico da revolução e que o povo devia trilhar o caminho revolucionário. Indicavam ainda a necessidade de forjar uma ampla frente única de todas as forças que se opõem ao imperialismo norte-americano e ao latifúndio. Na sua atividade política, o PC do Brasil se batia por uma posição independente do movimento de massas em face do governo e condenava as atitudes seguidistas. Conclamava os trabalhadores e o povo a confiar em suas próprias forças e a se preparar para fazer frente à violência das classes dominantes, viesse de onde viesse. Jamais alimentou ilusões no chamado dispositivo militar do governo. Dizia que sob a liderança de Goulart, o movimento democrático e antiimperialista só poderia ser derrotado. Ainda que Goulart tivesse defendido algumas posições progressistas e que, em certa medida, marchasse com as massas populares, por sua condição de classe, não poderia dirigir com êxito aquele movimento. O PC do Brasil combateu intransigentemente o oportunismo e sempre persistiu nas posições revolucionárias.

Os fatos demonstram que o PC do Brasil foi a corrente política que melhor delineou uma orientação e uma perspectiva corretas para a situação brasileira. Por este motivo, os comunistas revolucionários sentem-se estimulados a prosseguir com mais decisão no caminho pelo qual enveredaram. A análise e as soluções apresentadas em seu programa são, hoje, inteiramente válidas.

Infelizmente, o PC do Brasil não dispunha de suficiente influência entre as massas para levá-las a interferir de maneira adequada nos acontecimentos. Ainda que tenha conseguido notável crescimento, tanto numérico como na ligação com as massas, o Partido era uma organização pequena para a envergadura das tarefas que tinha a realizar. Isto resultou de uma série de dificuldades inerentes ao próprio processo de sua reorganização. Nele também se manifestaram tendências sectárias. Estas consistiram em certa fuga ao trabalho nas organizações de massas, particularmente no movimento sindical, em não dar a atenção necessária ao contato mais estreito com as correntes políticas democráticas em alguns exageros no combate ao que havia

de errôneo na política do senhor João Goulart. Estas tendências, sem dúvida, obstaculizaram a maior participação do Partido no movimento democrático e antiimperialista e não permitiram que exercesse uma influência mais positiva nesse movimento.

Em que pese a brutalidade da reação, que também atingiu suas fileiras e suprimiu seu órgão legal de imprensa, o PC do Brasil, graças à sua orientação, não ficou perplexo e pôde resguardar a maior parte de suas forças. Seus militantes saíram mais convencidos da necessidade de construir um grande partido, capaz de cumprir sua missão.

3 - Forjar a vanguarda revolucionária. O confronto entre a linha revisionista do PC Brasileiro e a linha marxista-leninista do PC do Brasil, que até então era feito principalmente no plano teórico, agora foi realizado no crisol da prática.

Nesta prova decisiva, ficou evidente a vitalidade e a sabedoria da grande doutrina revolucionária do proletariado e a fragilidade e a indigência do revisionismo, por mais que se enfeite com os atavios dos êxitos momentâneos. O revisionismo foi duramente abalado.

Isto pode ajudar os revolucionários do nosso país ainda iludidos pela linha originada do XX Congresso do PCUS a reencontrar o caminho do marxismo-leninismo e a se afastar do oportunismo. A estes elementos, que não só almejam a revolução como sentem necessidade de por ela lutar, o PC do Brasil tem suas portas abertas. Além do mais, está sempre pronto a discutir fraternalmente as questões da unidade do movimento comunista com todos os marxistas-leninistas.

O Partido Comunista do Brasil, embora no momento presente não seja uma organização poderosa, está chamado a desempenhar um destacado papel na condução da luta emancipadora do povo brasileiro. Pela clareza de seus objetivos, pela justiça de seu programa, pela doutrina em que se baseia, pela política que realiza e, enfim, por expressar os interesses do proletariado revolucionário, é a força que tem condições, no cenário político brasileiro, de vir a ocupar o posto de vanguarda da revolução.

A fim de atingir este objetivo é necessário realizar um grande esforço para ampliar suas fileiras e estabelecer profundas ligações com as massas. O PC do Brasil deve reunir em seu seio

os melhores filhos da classe operária, os mais combativos trabalhadores do campo, jovens estudantes, homens e mulheres do povo, dispostos a todos os sacrifícios para redimir a Pátria da opressão estrangeira e, no futuro, construir o socialismo. Forjar esta vanguarda é uma exigência impostergável do desenvolvimento histórico de nosso país.

A construção de uma forte vanguarda revolucionária está estreitamente ligada a uma intensa atividade ideológica. Esta deve se desenvolver, basicamente, no combate às teorias dos revisionistas contemporâneos que se dizendo, com o maior farisaísmo, marxistas-leninistas, ajudam os imperialistas e os reacionários a enganar as massas. O partido da revolução é incompatível com o revisionismo bem como com o dogmatismo. A luta ideológica contra estas tendências estranhas ao movimento operário deve ser permanente.

Derrotar o revisionismo para fazer avançar a revolução*

Para derrotar os inimigos mortais do povo brasileiro e conduzi-lo à vitória, é preciso não dar tréguas ao revisionismo contemporâneo e a todas as tendências hostis ao marxismo-leninismo. A luta ideológica ocupa atualmente lugar destacado na atividade dos comunistas. O combate às idéias estranhas aos interesses do proletariado e a defesa intransigente da doutrina de Marx, Engels e Lênin são tarefas das mais importantes do movimento operário mundial. Os revisionistas devem ser desmascarados, isolados e batidos. Sem alcançar este objetivo é impossível vencer o imperialismo norte-americano e levar adiante a revolução.

Traidores da Revolução

1. A luta que se trava entre os povos e os imperialistas norte-americanos é inseparável do combate sem quartel ao re-

* Parte IV do Informe da VI Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil — “União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista”. Junho de 1966.

visionismo contemporâneo. Esta corrente adversa ao marxismo-leninismo, que dominou o Partido Comunista da União Soviética, alastrou-se no movimento comunista mundial. Objetiva desviar os povos oprimidos da luta por sua emancipação nacional, afastar o proletariado dos países capitalistas da luta revolucionária pelo socialismo e fazer as nações socialistas regredirem ao capitalismo. Expressa a influência da burguesia no movimento operário e a capitulação diante do imperialismo.

O principal mentor do revisionismo foi Nikita Kruschov. Este renegado, em seus informes ao XX e ao XXII Congresso do PCUS, fundamentou e sistematizou todo um corpo de idéias visceralmente antagônicas à teoria do proletariado. Suas teses, apresentadas como contribuição ao marxismo-leninismo, rapidamente se revelaram falsas e perniciosas. A chamada coexistência pacífica era simples cooperação com os Estados Unidos; a competição pacífica não passava de artifício para obstaculizar a luta dos povos oprimidos; a transição pacífica significava renúncia à revolução; o Estado de todo o povo representava a negação da ditadura do proletariado; e o Partido de todo o povo exprimia liquidação do caráter de classe do PCUS. Em nome do combate ao culto à personalidade, Kruschov enlameou a memória de Stálin, cuja vida está ligada aos grandes êxitos obtidos pela União Soviética na construção do socialismo e na guerra contra o nazismo. Com isto, procurou encobrir seus ataques a princípios básicos do marxismo-leninismo. Atingiu, em seus fundamentos, a concepção de Lênin sobre o papel dos chefes e das massas. Investiu contra o quadro do PCUS vinculados à tradição do bolchevismo e interveio em numerosos partidos comunistas para destituir os que não aceitavam o revisionismo. Possibilitou o levante contra-revolucionário na Hungria, em 1956, e forneceu armas ideológicas à reação mundial para atacar o comunismo.

2. A queda de Kruschov não modificou a orientação dos revisionistas. Seus sucessores defendem as mesmas idéias errôneas e, com seu farisaísmo, são ainda mais perigosos. A frente do PCUS e do Governo soviético, falam muito em combater o imperialismo norte-americano, mas, de fato, o que vêm fazendo é intensificar a colaboração com os Estados Unidos. Em inúmeras ocasiões, têm repetido que “é invariável a política da

URSS no sentido de estabelecer uma cooperação com os Estados Unidos em todos os terrenos”. No que se refere ao movimento comunista, proclamam desejos de unidade. Na realidade, porém, levam a cabo a mais cínica atividade divisionista. Declararam, sucessivas vezes, seu apoio à luta de emancipação nacional. No entanto procuram, por todos os meios, abafar os movimentos armados antiimperialistas que surgem em diferentes pontos do globo. No Vietnã, para manter as aparências, dão alguma ajuda ao Governo de Hanói. Contudo, tal ajuda é insignificante. Não corresponde, nem de longe, às possibilidades de um país como a União Soviética. Ao invés de contribuir para auxiliar o povo vietnamita a expulsar os invasores, tentam salvar os imperialistas ianques da derrota, através de uma paz negociada que favoreça aos Estados Unidos. Enterrando-se mais ainda no lodaçal do retorno ao capitalismo, os dirigentes do PCUS difundiram o sistema do lucro nas empresas, adotaram métodos não socialistas de gestão de fábricas e ampliaram a propriedade individual dos kolkosianos. Assinaram contratos com firmas de países capitalistas para a construção de fábricas de automóveis de uso particular, o que só beneficiará uma pequena camada de privilegiados.

Os revisionistas contemporâneos, provocando a cisão no movimento comunista mundial, levaram também a divisão ao campo socialista. A formação deste campo foi uma das maiores conquistas do proletariado e dos trabalhadores do mundo inteiro. Constituíra gigantesca base de apoio para a luta contra o imperialismo e para a revolução mundial. Em consequência da posição dos revisionistas, a União Soviética e quase todos os países socialistas da Europa Oriental deixaram de cumprir aquela função e, na prática, com a política de hostilidade à China e à Albânia e de discriminação em relação a outros países socialistas, abalaram os alicerces do campo do socialismo. Este é um dos crimes inomináveis dos revisionistas contemporâneos. Nessas condições, o campo socialista em seu conjunto já não pode ser considerado como base de apoio da luta revolucionária dos povos. Só uma parte deste campo, encabeçada pela China Popular, exerce este papel.

Assim os revisionistas do PCUS e seus seguidores em todo o mundo são traidores da revolução e do socialismo. Objetivamente, são aliados dos imperialistas ianques e obstáculos à

luta dos povos.

3. No Brasil, também, os revisionistas são traidores da revolução. Dirigido por Prestes, o PC Brasileiro abandonou o marxismo-leninismo e abraçou as teses oportunistas do PCUS, ocasionando prejuízos consideráveis à luta democrática antiimperialista.

Os revisionistas brasileiros afirmaram que o Estado, em nosso país, encontrava-se em processo de democratização crescente, que o Exército era democrático e que a magistratura começava também a se democratizar. Asseveraram que, nos marcos do atual regime, seria possível a conquista de sucessivos governos nacionalistas e democráticos que abririam caminho para a revolução. E que, acumulando reformas, a Nação seria libertada pacificamente do jugo do imperialismo e do latifúndio. Proclamaram que Goulart tinha condições para se colocar à frente do movimento revolucionário e que, apoiado no dispositivo militar, o Governo poderia fazer as reformas de base. Consideravam que o imperialismo norte-americano estava dividido em duas alas, uma reacionária e outra favorável à paz. Atacaram e injuriaram todos os partidários da revolução. Adaptando-se à legalidade das classes dominantes, Prestes e seus acólitos renegaram o velho Partido do proletariado, criaram um novo partido de tipo social-democrata — o Partido Comunista Brasileiro — que, há muito, a burguesia, sem sucesso, procurava estruturar no Brasil para combater as forças autenticamente revolucionárias. Desta forma, cindiram as fileiras comunistas. Às vésperas dos acontecimentos do primeiro de abril, anunciaram, solenemente, que a reação já estava batida e que a vitória seria fácil e rápida. Com tal atitude, contribuíram, em grande medida, para desarmar policamente as massas, facilitando a ação dos golpistas.

4. O combate ao revisionismo é uma necessidade da luta revolucionária. É preciso retirar da influência dos revisionistas as massas que ainda os seguem. Sem realizar um desmascaramento implacável dos portadores das idéias burguesas no movimento operário não se pode unificar e fortalecer o exército combatente do proletariado. “A luta contra o imperialismo — ensinava Lênin — se não estiver ligada à luta contra o oportunismo, é uma frase vazia”. Grande é a importância, pois, da

contenda ideológica que se processa nas fileiras comunistas. Dia-a-dia se definem, em cada país e no mundo, com mais nitidez, as duas correntes em choque — a dos marxistas-leninistas e a dos revisionistas. Isto vem possibilitando ganhar vastas massas populares para as justas posições revolucionárias. Cabe ao Partido Comunista da China e ao Partido do Trabalho da Albânia o mérito de terem sido os primeiros a denunciar o aparecimento do revisionismo na União Soviética.

O marxismo-leninismo vem alcançando expressivas vitórias no combate ao revisionismo contemporâneo. Este, que ainda dispõe de força, vem sendo derrotado e está mergulhado em profunda crise. A resistência ao revisionismo aumenta progressivamente. Ao PC da China e ao Partido do Trabalho da Albânia juntaram-se, em defesa do marxismo-leninismo, partidos comunistas como os da Coreia, Vietnã, Japão, Indonésia, Nova Zelândia, Malásia e Birmânia. Desde 1962, começaram a aparecer partidos marxista-leninistas constituídos com elementos revolucionários que se insurgiram contra a transformação dos velhos partidos em organizações reformistas. No Brasil, Bélgica, Austrália, Índia, Ceilão, Tailândia, Colômbia, Equador, Peru, Chile, Bolívia e São Domingos já existem as organizações de vanguarda da classe operária. Há grupos marxistas-leninistas em quase todos os países. O movimento revolucionário marxista-leninista é hoje uma força em plena ascensão. Ninguém poderá detê-lo.

A grande maioria do proletariado vem se fortalecendo no combate às teses oportunistas, na denúncia inexorável da traição dos dirigentes revisionistas. Nesta luta, o marxismo-leninismo se enriquece com teses novas, esclarecendo uma série de importantes problemas de nossa época, pondo em relevo toda a sua essência revolucionária e transformadora. Notável, neste sentido, é a contribuição dos comunistas chineses.

Impossível a unidade entre os marxistas e os revisionistas

5. A luta contra o revisionismo prosseguirá até sua completa derrota. Estão em confronto dois pontos de vista bem definidos, diametralmente opostos: fazer ou não a revolução, enfrentar ou não imperialismo, levar ou não a revolução socialista até o fim. Não há meio termo, nem possibilidade de conciliação. Trata-se, em essência, da luta de classe entre o proletariado e

a burguesia. É impossível a união dos partidos marxistas-leninistas com os partidos revisionistas.

A unidade do movimento comunista, em cada país e no âmbito mundial, é uma exigência da luta de classe. O lema “Proletários de todos os países, uni-vos!”, lançado em 1848 por Marx e Engels, mantém toda a sua atualidade. Mas a unidade só pode ser feita em torno dos princípios revolucionários. Os que devem se unir, em único partido, são os marxistas-leninistas. Não há lugar no Partido Comunista para os que não têm a mesma ideologia e não aceitam o mesmo programa revolucionário. A unidade defendida pelos clássicos do marxismo não admite que coexistam, no seio da mesma organização partidária, revolucionários e oportunistas. Lênin afirmava: “A unidade é uma grande causa e uma grande palavra de ordem!” Mas a unidade que a causa operária necessita é a unidade dos marxistas e não a dos marxistas com os adversários e tergiversadores do marxismo”.

Presentemente, as fileiras comunistas atravessam um período de divisão e de luta, no curso do qual se está forjando nova unidade, em nível mais elevado. A base para esta unidade do movimento comunista mundial já existe. É formada pelos partidos comunistas dos países socialistas que se mantiveram fiéis ao marxismo-leninismo; pelos partidos comunistas e operários do mundo capitalista que não se deixaram enredar pelo revisionismo; e pelos partido que surgiram da cisão com os revisionistas em vários países. O Partido Comunista do Brasil constitui também a base para a unidade do movimento comunista brasileiro.

6. É impraticável, igualmente, a frente única entre os partidos marxistas-leninistas e os partidos revisionistas. A frente única mundial dos povos dirige-se, fundamentalmente, contra o imperialismo norte-americano. Os revisionistas, embora façam pomposas declarações contra os monopolistas dos Estados Unidos, de fato, não lutam contra eles. Ao contrário, colaboram e conciliam. Os revisionistas soviéticos procuram, inclusive, a título de ajuda, desviar do caminho revolucionário os que por ele enveredaram. As ações que aparentemente realizam em favor das lutas de libertação, como no caso do Vietnã, não visam a ajudar os povos a derrotar o imperialismo, mas sim colocar

essas lutas sob a sua tutela e a tentar solucionar os conflitos na órbita da cooperação soviético-norte-americana.

Em relação ao PC Brasileiro é, no entanto, possível a unidade de ação com os militantes de base ou com as alas desse partido que não estão de acordo com a linha oportunista.

7. Não comporta posição intermediária a luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo. É errônea a posição de equidistância entre o PCUS, que lidera o revisionismo, e o PC da China que está à frente dos marxistas-leninistas. Não se pode fazer caso omissivo das diferenças de princípio entre as duas linhas em choque. Tampouco é admissível adotar atitude revolucionária no plano interno e, no plano externo, aliar-se aos revisionistas. Ou vice-versa: apoiar as teses dos comunistas chineses e colocar-se contra os marxistas-leninistas de dentro do país.

A posição intermediária reflete, em geral, tendência à conciliação, como se fosse possível harmonizar interesses antagônicos. A conciliação serve à burguesia e não ao proletariado. Não é a posição de equidistância que convém à classe operária. O que lhe interessa é o fortalecimento dos partidos que possuem uma linha revolucionária, de classe, do proletariado. Equidistância não é, de modo algum, independência. Os Partidos Comunistas são independentes e iguais em direitos. Não se subordinam uns aos outros, mas seguem uma linha comum no plano mundial e lutam pela unidade do movimento comunista internacional, baseada no marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário. É incoerência ter uma posição revolucionária no plano interno e, no externo, apoiar os revisionistas. Mesmo porque a ação do revisionismo na esfera internacional tem profundos reflexos na situação interna de cada país, dificulta o processo revolucionário e, por isso, precisa ser energeticamente combatida. Não se definir sobre as divergências no movimento comunista mundial é uma conduta inconseqüente e conciliatória. A posição da equidistância é própria dos que, buscando a senda revolucionária, ainda estão sob a influência das idéias burguesas e por esta razão vacilam. No Brasil, é necessário ajudá-los com a crítica paciente e fraternal para que avancem até as posições do proletariado. Mesmo porque não poderão permanecer por muito tempo na atitude de equidistân-

cia: ou evoluem para os pontos de vista do marxismo-leninismo ou acabam servindo de entrave ao movimento revolucionário.

É bastante ilustrativo o que se passou com os dirigentes cubanos. Na polêmica entre os marxistas-leninistas e os revisionistas contemporâneos, Fidel Castro procurou, durante certo período, não se definir, argumentando que assim procedia para melhor defender a unidade do movimento comunista. Esta tentativa de equidistância fracassou. Fidel passou para o ataque aberto e injustificável ao Partido Comunista da China e aos marxistas-leninistas de todo o mundo. Embora proclame seus propósitos de luta contra o imperialismo norte-americano, na realidade, colocou-se ao lado do PCUS e demais partidos revisionistas.

Sobre a hegemonia do proletariado na revolução

8. Além do revisionismo, outras concepções estranhas ao proletariado têm-se manifestado. Há elementos que, pugnando pela solução revolucionária, defendem a opinião de que somente a burguesia nacional pode dirigir a revolução. Afirmam que a burguesia possui líderes de prestígio e influência entre o povo. Consideram que a direção do proletariado radicaliza a luta, afasta aliados e impede a aglutinação de todas as forças suscetíveis de serem mobilizadas. Tal concepção é falsa.

A burguesia nacional está chamada a desempenhar um papel de certa importância na luta contra o imperialismo norte-americano e pela reforma agrária. É força integrante da frente única democrática e antiimperialista. Seria grave erro sectário não ter isto em conta. Mas, na época atual, acentua-se o caráter duplice da burguesia que, em consequência, vacila e concilia. Os fatos provam que a direção da burguesia não levará jamais o movimento revolucionário à vitória. O período do Governo de Goulart e os acontecimentos que culminaram com o golpe do primeiro de abril testemunham a incapacidade da burguesia nacional de dirigir a luta democrática e emancipadora.

Somente uma classe como o proletariado pode conduzir com êxito a revolução. É inimiga irreconciliável do imperialismo e do latifúndio. Por isso, tem as melhores condições para unir-se aos camponeses, e com eles forjar uma sólida aliança,

marchar com a pequena-burguesia e com a intelectualidade progressista e atrair a burguesia nacional.

A hegemonia na primeira etapa da revolução é problema fundamental para a classe operária. Por ser a força mais avançada da sociedade e infensa toda sorte de exploração, não se limita aos objetivos democrático-burgueses. Está interessada no socialismo. Tem em mira, uma vez cumpridas as tarefas democráticas e nacional-libertadoras, passar à etapa socialista, o que só alcançará conquistando a direção do movimento.

A afirmativa de que apenas a burguesia nacional conta com dirigentes de prestígio entre o povo não é argumento razoável. O importante é saber se esses dirigentes são ou não aptos para orientar de maneira justa a revolução. A experiência política brasileira indica que os líderes da burguesia não têm se mostrado à altura. Ainda que, em diferentes oportunidades, tenham liderado amplas ações políticas de massa, revelaram-se inconseqüentes. O proletariado está forjando seus dirigentes. O próprio processo da luta acabará destacando os homens capazes de guiar as massas com sucesso. É o povo que faz a revolução e não as personalidades, embora estas desempenhem papel de maior significação.

Também não procede a tese de que a liderança do proletariado resulta em orientação extremada e sectária. Se o partido da classe operária interpreta corretamente a realidade, sua linha de conduta será revolucionária e ao mesmo tempo, a mais ampla possível.

9. Em ligação com a tese de que a burguesia nacional deve liderar a revolução, aflorou a idéia de que, presentemente, não é essencial a existência do partido da classe operária. Esta “teoria”, em última instância, visa a colocar o proletariado e as grandes massas trabalhadoras sob a direção da burguesia. A experiência tem mostrado que não se pode prescindir de um partido revolucionário e que seja marxista-leninista. Toda tentativa de levar adiante a revolução sem um partido desse tipo fracassou. Os defensores daquela idéia apóiam-se no que ocorreu em Cuba, onde à frente da revolução não se encontrava uma vanguarda marxista-leninista. Mas o que sucedeu naquele país não se repetirá facilmente. Os imperialistas e a reação tomam medidas objetivando impedir que surja, na América Latina, processo semelhante ao de Cuba.

A revolução em nosso país exige uma preparação metódica, estreita ligação com as massas, elevada consciência política para enfrentar uma luta difícil e prolongada e capacidade de mobilizar o povo. Só um partido revolucionário do proletariado, marxista-leninista, pode cumprir estas tarefas. Ao basear-se, exclusivamente, no exemplo cubano, os partidários da tese de que o partido marxista-leninista é desnecessário para o êxito da revolução não levam em conta os ensinamentos da quase totalidade dos países que se libertaram da opressão e construíram o socialismo. É uma lição que emana da luta de mais de um bilhão de pessoas. Daí sua validade universal.

10. Representa, igualmente, negação do partido do proletariado a tendência de substituí-lo pela frente única. Os propagadores desta opinião afirmam que o fundamental é criar uma frente para levar a cabo a revolução, na qual devem estar incluídas as diferentes forças revolucionárias. Consideram que todos os esforços precisam convergir para esta frente única e que cuidar do fortalecimento do Partido é malbaratar energias. Não há dúvida sobre a necessidade da frente única. Os marxistas-leninistas compreendem que a revolução, na atual etapa, reclama a participação de amplas forças sociais, desde o proletariado até a burguesia nacional. A coordenação destas forças contra os principais inimigos de nosso povo tem que ser realizada nos marcos da frente única e não nos limites de um partido. Mas a organização de um frente única conseqüentemente revolucionária pressupõe a existência de um verdadeiro partido da classe operária. Se ela não contar em seu seio com tal partido não poderá avançar e atingir seus objetivos. O que aconteceu na Argélia é esclarecedor. Neste país, a revolução foi dirigida por uma frente única onde predominava a burguesia e, por isso, não se completou, nem sequer fez a reforma agrária. O Partido Comunista da Argélia, por sua conduta oportunista, não cumpriu o seu papel.

11. Procurando dificultar a formação de uma verdadeira vanguarda marxista-leninista e desviar as massas da revolução, os trotsquistas e suas variantes levantam palavras de ordem “avançadas”, fazem demagogia sobre a revolução socialista e indicam formas de luta aventureiras. Sendo um grupo insignifican-

te e desligado das massas, os trotsquistas procuram criar frentes de esquerda, de cunho sectário. Visam com isto infiltrar-se no movimento popular, apoiando-se no prestígio das correntes revolucionárias. Seu objetivo é provocar a confusão e fomentar a desagregação naquelas correntes. Nas organizações revolucionárias e de massas, realizam um trabalho de sapa, armam intrigas e difundem calúnias contra os dirigentes comunistas. Negam o caráter democrático e antiimperialista da atual etapa da revolução e consideram que ela tem conteúdo socialista. Com semelhante atitude, prestam serviço aos inimigos do povo brasileiro. É indiscutível que a conquista do socialismo no Brasil passará, obrigatoriamente, pelo caminho da luta contra o imperialismo norte-americano e o latifúndio. Realizadas as tarefas nacionais e democráticas da revolução, sob a direção do proletariado, ingressar-se-á na etapa socialista.

Assimilar o marxismo-leninismo

12. Ao combater o revisionismo — perigo principal para o movimento comunista — e demais tendências estranhas ao proletariado, o Partido deve erradicar de suas fileiras as concepções dogmáticas. Estas concepções influem, de longa data, no movimento operário brasileiro. Expressam-se, geralmente, na utilização inadequada das experiências de outros países, na cópia mecânica dos textos dos clássicos do marxismo, e na adoção de soluções decalcadas das que tiveram êxito em outros países, em condições diversas e em épocas diferentes.

O dogmatismo tem causado graves danos ao movimento comunista no Brasil. Impediu o estudo concreto da realidade nacional do ponto de vista do proletariado, a generalização da prática revolucionária brasileira. Guiando-se pelo marxismo-leninismo, os povos de muitos países levaram a cabo a sua revolução e seguiram um caminho comum. Todos eles recorreram à violência, destruíram o velho aparelho estatal, basearam-se na aliança operário-camponesa e tiveram a dirigir o partido do proletariado. É o caminho da Revolução de Outubro. Mas a revolução em cada país teve seu próprio curso e apresentou aspectos originais. A Revolução chinesa seguiu um curso diferente do da Revolução Russa; o da Coreia do Norte foi diver-

so do da Albânia; o do Vietnã, distinto do da Romênia. Incontestavelmente, a revolução brasileira terá, também, suas características, terá seu próprio curso.

As experiências revolucionárias de outros países têm, especialmente para uma nação como o Brasil, de desenvolvimento recente e com problemas bastante complexos, um valor inestimável. É imprescindível, porém, precaver-se contra o primarismo das imitações servis e ter atitude crítica diante da experiência internacional. Unicamente deste modo, o estudo da prática dos outros povos pode trazer resultados benéficos.

A assimilação do marxismo-leninismo deve contribuir para analisar e resolver as questões concretas da revolução em nosso país. Isto não se consegue repetindo simplesmente o que aconteceu neste ou naquele lugar, citando esta ou aquela passagem dos clássicos do marxismo. A assimilação da doutrina do proletariado precisa ser feita de maneira viva, não só através do estudo, mas fundamentalmente no empenho para encontrar as soluções corretas dos problemas nacionais e na defesa do marxismo-leninismo contra as investidas dos revisionistas contemporâneos. Aplicando a verdade universal do marxismo-leninismo às nossas condições específicas, é possível elaborar o pensamento revolucionário brasileiro.

13. Para combater o dogmatismo é preciso estudar mais e mais o materialismo dialético e histórico, que é o método científico para compreender em profundidade os fenômenos políticos e sociais, pesquisar a realidade e interpretar a História do Brasil. Desta forma, mais fácil será investigar o que há de essencial para o movimento revolucionário e generalizar as próprias experiências. É o caminho para conhecer as leis específicas da revolução brasileira. Em certo sentido, o Partido já compreende as leis gerais da revolução, está ganho, subjetivamente, para as idéias da luta armada, da aliança com as massas camponesas e da necessidade de um novo poder. Mas esta compreensão não basta. É importante perceber as peculiaridades nacionais, encontrar as formas de abordar e iniciar a revolução. Isto demanda não apenas conhecer, à base do materialismo dialético, a realidade do país como ligar-se estreitamente às massas e dirigir suas lutas e participar ativamente da vida política nos seus múltiplos aspectos.

No plano ideológico, as tarefas do Partido são:

- Combater e desmascarar o revisionismo contemporâneo. Denunciar como falsas as teses da unidade com os partidos revisionistas e a posição intermediária na contenda ideológica. Prosseguir na luta contra a linha e a atividade revisionista do PC Brasileiro.

- Refutar as concepções que negam a necessidade do Partido ou defendem sua substituição pela frente única revolucionária. Apontar o trotsquismo e suas variantes como elementos a serviço da reação e do imperialismo.

- Intensificar o estudo do marxismo-leninismo e da realidade brasileira e superar as concepções dogmáticas. Estudar os materiais que combatem o revisionismo contemporâneo, particularmente os do PC da China. Discutir e estudar os principais documentos do PC do Brasil.

- Educar o Partido no espírito do internacionalismo proletário.

Porque o partido venceu*

João Amazonas

Vinte e cinco anos são passados, um quarto de século, desde a realização da conferência Nacional Extraordinária que reorganizou o Partido Comunista do Brasil. A data de 18 de fevereiro de 1962 tornou-se histórica para o movimento operário e comunista e também para o povo brasileiro. Essa data assinala a desfecho da antiga organização revolucionária do proletariado que luta pelo socialismo, ameaçada de liquidação pelos oportunistas, e registra, ao mesmo tempo, o início de uma nova etapa na vida do Partido. Vista através destes cinco lustros de atividade contínua, a reorganização partidária significou um salto qualitativo no processo de luta pela emancipação da classe operária e das massas trabalhadoras em geral.

Na época em que se tomou a iniciativa de afastar-se em definitivo dos revisionistas, renegados do socialismo, e de levar adiante a bandeira gloriosa do partido fundado em 1922, não era fácil vislumbrar o desdobramento desse ato. Alcançaria seus objetivos? Venceria as barreiras contra ele levantadas? Precedentes não existiam. É certo que no curso da I Guerra Mundial, os partidos filiados à II Internacional, dirigida por Kautsky;

* *Sobre a reorganização de 1962.* Artigo publicado no Jornal 'A Classe Operária', Nº 13 de fevereiro de 1987.

abjuraram o marxismo e se converteram em colaboradores da burguesia. Somente Lênin e o partido dos bolcheviques resistiram. Desmacararam os tráfugas e prosseguiram no caminho de Marx e Engels que levou ao triunfo a revolução socialista na Rússia. Diferente porém, era a situação existente na década de 50. O partido que traía a revolução fora o construtor das gigantescas vitórias do socialismo, com grande autoridade no plano internacional. Sob a chefia do aventureiro e arquioportunista Kruschov, o Partido Comunista da União Soviética desviou-se da senda revolucionária e passou a capitanear a campanha desmoralizante e liquidacionista que afetou a quase totalidade dos partidos comunistas, com exceção do Partido do Trabalho da Albânia. Isso se refletiu no Brasil, onde Prestes e seus seguidores passaram de armas e bagagens para o lado dos revisionistas e levaram o seu oportunismo ao extremo de abandonar o velho partido do proletariado e a criar outro, pequeno-burguês, o Partido Comunista Brasileiro, revisionista de ponta a ponta.

Manter e desenvolver o PC do Brasil em semelhante situação exigia enorme esforço teórico e prático. Poucos eram os quadros e pequena a militância. Acresce ainda que dois anos depois da reorganização, o país sofria o golpe militar que implantou feroz ditadura durante mais de vinte anos. Entretanto o PC do B vingou, jamais arriou sua bandeira de combate. Brutalmente perseguido, teve perdas irreparáveis: mais de uma centena de militantes e dirigentes, homens e mulheres valorosos, tombaram assassinados pelos generais fascistas. Maurício Gaboris, Carlos Danielli, Lincoln Oest, Ângelo Arroyo, Luís Guilhaudini, Pomar e muitos outros, e também Helenira Rezende, Dinalva Teixeira, Lúcia Maria, Suely Kanaïama, Luiza Garlipo, algumas das heroínas da luta nas selvas do Araguaia pela liberdade e pelos direitos do povo — são todos eles, nomes inolvidáveis. Deram com o seu sangue imensa contribuição ao fortalecimento do Partido e à causa da democracia, da independência nacional, do socialismo. Nenhuma violência, por mais bárbara que tivesse sido, conseguiu destruir a organização revolucionária do proletariado brasileiro.

Por que venceu o Partido que, hoje, na legalidade, conta com dezenas de milhares de militantes e centenas de quadros militantes dirigentes?

Antes de tudo, pela justeza da sua orientação política e pela fidelidade ao marxismo-leninismo, doutrina imortal da revolução proletária. No combate ao revisionismo, desde os anos 50, o Partido aprofundou seus conhecimentos teóricos, compreendeu mais a dialética da luta de classes, percebeu melhor a relação entre o que é e o que deve ser, entendeu o mecanismo de vinculação da tática à estratégia — a tática enquanto atuação preparatória dos momentos decisivos, a estratégia como realização, em condições amadurecidas, do objetivo maior visado. O partido soube dar corretas indicações no campo político em constante mutação, acompanhando passo a passo a evolução dos acontecimentos, sem cair no voluntarismo nem no empirismo cego que negam a realidade.

O Partido venceu, também por saber interpretar, em diferentes momentos, o sentimento das grandes massas da população, traduzir em termos políticos o que pensava a maioria do povo. Suas palavras de ordem correspondiam a situações concretas, facilitavam a mobilização popular contra a ditadura. Fomos dos primeiros a levantar a voz por uma Constituinte livre e soberana; a reclamar a anistia para os presos e perseguidos políticos; a exigir o fim das leis de exceção; a clamar por eleições diretas como meio de acabar com o regime militar; a proclamar a ampla união do povo. Fomos pioneiros das campanhas pela suspensão do pagamento da dívida externa e dos respectivos juros; pela reforma agrária; pela liquidação do militarismo que tantos malefícios tem trazido ao país; pela criação de uma central sindical única; por uma Constituição democrática e progressista.

O Partido venceu, além disso, porque esteve sempre em ação, buscando o contato com as massas e com as diversas correntes políticas, visando a luta e a mobilização popular. O combate ao sectarismo, à estreiteza pretensamente revolucionária, ao exclusivismo auto-suficiente ampliou os horizontes partidários e ajudou a ligação com os trabalhadores e as demais camadas sociais. Organismo vivo, o Partido somente se fortalece e cumpre sua missão se se mantém permanentemente em luta nos mais diversos níveis, de acordo com a situação e o meio em que a realiza, de mãos dadas com todos os que almejam as transformações sociais.

O Partido venceu, pondo em prática os ensinamentos leni-

nistas de que na luta concreta é necessário ter sempre um aliado de massas 'ainda que seja um aliado temporário, vacilante e instável, pouco seguro, condicional'. É o meio de utilizar as brechas que surgem inevitavelmente entre os adversários da revolução ou trabalhar com aqueles que, por incompreensão, não se situam ainda no campo revolucionário. Nas circunstância de uma ditadura militar fascista, essa orientação se fazia imprescindível e foi amplamente aplicada pelo Partido.

O Partido venceu, outrossim, por ter compreendido que, na situação em que vivia o país e face à renegação revisionista dos ideais do socialismo proletário, outras forças revolucionárias emergiam de organizações não-comunistas, que podiam ser atraídas e somadas ao Partido da classe operária. Muitos componentes dessas forças vieram ao PC do B. Uns ficaram e integraram-se completamente à vida partidária, transformaram-se em autênticos combatentes de vanguarda; outros mostraram-se inassimiláveis, manifestaram acentuadas tendências pequeno-burguesas de índole aventureira, foram excluídos da organização. A incorporação da Ação Popular (AP) ao Partido representou um grande êxito para o fortalecimento do movimento operário no Brasil.

O Partido venceu, isso não se pode esquecer, por haver contado com o apoio do movimento comunista internacional, em especial com a grande contribuição política e ideológica do Partido do Trabalho da Albânia e de seu eminente chefe, o camarada Enver Hoxha; muito ajudou o exemplo na luta pela construção do socialismo nesse país, que arvora a invencível bandeira do marxismo-leninismo.

A trajetória desse Partido nestes vinte e cinco anos indica que a reorganização partidária resultou em mudança de qualidade na orientação e na atividade comunista. Seus documentos essenciais, desde o Manifesto-Programa de 1962, passando pela VI Conferência de 1966 até o Manifesto à Nação de 1975 e o VI Congresso em 1983, bem como os materiais que encaminham o pedido de legalização do Partido (Programa e Manifesto) demonstram completa coerência. Coerência e veracidade. Neste quarto de século o Partido não fugiu aos problemas espinhosos do curso da vida política, nem marchou à reboque dos acontecimentos. Detectou sempre, no exame da realidade, os elementos suscetíveis de impulsionar a luta, golpear o adversário

rio e elevar a consciência política das massas. Do ponto de vista da orientação geral, termina em 1962 o longo período em que o Partido, sem dominar os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, inclinava-se ora pela *direita*, ora para a *esquerda*, sem rumo seguro.

Não se pode dizer que inexistiram erros e deficiências nestes vinte e cinco anos. Seria presunção descabida. O desenvolvimento partidário é fenômeno contraditório. Esses erros, porém, não se refletiram na linha geral e na orientação básica do Partido. Mas trouxeram dificuldades e geraram desorientações momentâneas em alguns escalões partidários. O Partido soube manter-se firme na mais dura clandestinidade, adaptou habilmente sua organização ao período da chamada 'abertura', ou seja, à semiclandestinidade, e fez a transição para a fase da legalidade em que atualmente vivemos. Cada um desses momentos tem suas características próprias e obedece a certas leis da luta de classes. A fase da legalidade recém-iniciada demanda maior estudo das novas questões que o Partido defronta e soluções adequadas à organização partidária que precisa absorver a massa de militantes vinda espontaneamente às nossas fileiras, sem suficiente preparação política e ideológica.

Vinte e cinco anos decorreram. Nosso Partido hoje é mais forte — política, ideológica e organicamente — que em qualquer outro período de sua história. Possui rica experiência de luta em todos os terrenos. Certamente, necessita colocar-se à altura dos desafios que a situação complexa do país coloca ante a nação. As contradições em agravamento no seio da sociedade brasileira reclamam soluções radicais.

O Brasil precisa libertar-se da dominação do capital estrangeiro, do sistema latifundiário de propriedade da terra, da exploração monopolista da grande burguesia, do regime político reacionário respaldado no militarismo.

A criação da força capaz de vencer as barreiras do atraso, da opressão e da espoliação imperialista apresenta-se como questão vital. E a condução hábil, sagaz, criativa da atuação dos democratas, dos patriotas, da classe operária e do povo em geral para derrotar os adversários do progresso social joga o papel da maior importância. Os comunistas não podem refutar essa tarefa de primeiro plano.

Que viva por muitos e muitos anos o Partido Comunista

do Brasil a fim de tornar vitoriosa a revolução socialista e a construção de uma nova vida de liberdade, progresso e justiça social em nosso país!

CAPÍTULO IV MARXISMO E REVISIONISMO

Marxismo e revisionismo*

V. I. Lênin

Um conhecido adágio diz que se os axiomas geométricos chocassem com os interesses dos homens, certamente se tentaria refutá-los. As teorias das ciências naturais que se opunham aos velhos preconceitos da teologia provocaram e continuam a provocar até hoje a mais furiosa luta. Não é de estranhar, portanto, que a doutrina de Marx, que serve diretamente para educar e organizar a classe de vanguarda da sociedade moderna, que indica as tarefas dessa classe e demonstra a substituição inevitável — em virtude do desenvolvimento econômico — do atual regime por uma nova ordem de coisas, não é de estranhar que essa doutrina tenha tido de conquistar pela luta cada passo do caminho da vida.

Inútil falar da ciência e da filosofia burguesas, ensinadas escolasticamente pelos professores oficiais para embrutecer as novas gerações das classes possuidoras e “amestrá-las” contra os inimigos de fora e de dentro. Esta ciência não quer nem ouvir falar do marxismo, declarando-o refutado e destruído; tanto os jovens homens de ciência que fazem carreira refutando o socialismo, como os velhos decrépitos, guardiães dos leg-

* Escrito em março-abril de 1908.

dos de toda a espécie de “sistemas” caducos, se lançam sobre Marx com o mesmo zelo. Os avanços do marxismo, a difusão e afirmação das suas idéias entre a classe operária, tornam inevitavelmente mais freqüentes e mais agudos esses ataques burgueses contra o marxismo, que sai mais fortalecido, mais temperado e mais ativo após cada uma das suas “destruições” pela ciência oficial.

Mas o marxismo não consolidou de forma alguma a sua posição de maneira imediata mesmo entre as doutrinas ligadas à luta da classe operária e difundidas principalmente entre o proletariado. Durante o primeiro meio século da sua existência (desde a década de 40 do século XIX), o marxismo lutou contra as teorias que lhe eram radicalmente hostis. Na primeira metade da década de 40, Marx e Engels ajustaram contas com os jovens hegelianos radicais, que se situavam no ponto de vista do idealismo filosófico. Em fins dessa década, passa para o primeiro plano, no campo das doutrinas econômicas, a luta contra o proudhonismo. Esta luta termina na década de 50: crítica dos partidos e das doutrinas que se tinham manifestado no turbulento ano de 1848. Na década de 60, a luta desloca-se do plano da teoria geral para um domínio mais próximo do movimento operário propriamente dito: expulsão do bakuninismo da Internacional. No início da década de 70, destaca-se na Alemanha, por algum tempo, o proudhonista Mühlberger; em fins da década, o positivista Dühring. Mas a influência de ambos sobre o proletariado já é muito insignificante. O marxismo triunfa já incondicionalmente, sobre todas as outras ideologias do movimento operário.

Por volta da década de 90 do século passado, esse triunfo estava, nas suas linhas gerais, consumado. Até nos países latinos, onde se haviam mantido por mais tempo as tradições do proudhonismo, os partidos operários elaboravam, de fato, os seus programas e a sua tática em bases marxistas. Ao reavivar-se sob a forma de Congressos Internacionais periódicos — a organização internacional do movimento operário, esta colocava-se imediatamente, e quase sem luta, em todas as questões essenciais, no terreno do marxismo. Mas quando o marxismo suplantou todas as doutrinas mais ou menos completas que se lhe opunham, as tendências que se expressavam através destas doutrinas começaram a procurar outros caminhos. Modificaram-se

as formas e os motivos da luta, mas a luta continuou. E o segundo meio século de existência do marxismo (década de 90 do século passado) começou com a luta de uma corrente hostil ao marxismo no seio do marxismo.

Esta corrente deve o seu nome ao ex-marxista ortodoxo Bernstein, que foi quem fez mais barulho e quem deu a expressão mais completa às emendas a Marx, à revisão de Marx, ao revisionismo. Mesmo na Rússia, onde o socialismo não marxista, logicamente — em virtude do atraso econômico do país e da preponderância de uma população camponesa oprimida pelas sobrevivências da servidão — se manteve por mais tempo, mesmo na Rússia esse socialismo se converte claramente, diante dos nossos próprios olhos, esse revisionismo. Tanto na questão agrária (programa de municipalização de toda a terra) como nas questões gerais programáticas e táticas, os nossos sociais-populistas substituem cada vez mais por “emendas” a Marx os restos agonizantes e caducos do velho sistema, que era coerente a seu modo e radicalmente hostil ao marxismo.

O socialismo pré-marxista foi derrotado. Já não continua no seu próprio terreno, mas sim no terreno geral do marxismo, como revisionismo. Vejamos, pois, qual é o conteúdo ideológico do revisionismo.

No domínio da filosofia, o revisionismo caminhava a reboque da “ciência” acadêmica burguesa. Os professores “voltavam a Kant” e o revisionismo arrastava-se atrás dos neokantianos, os professores repetiam pela milésima vez as vulgaridades dos padres contra o materialismo filosófico e os revisionistas, sorrindo condescendentemente, resmungavam (repetindo palavra por palavra o último Handbuch) que o materialismo tinha sido “refutado” há muito tempo. Os professores tratavam Hegel como um “cão morto” e pregando eles próprios o idealismo, mas um idealismo mil vezes mais mesquinho e banal que o hegeliano, encolhiam desdenhosamente os ombros diante da dialética, e os revisionistas atrás deles no pântano do aviltamento filosófico da ciência, substituindo a “subtil” (e revolucionária) dialética pela “simples” (e tranqüila) “evolução”; os professores ganhavam os seus ordenados do Estado acomodando os seus sistemas, tanto os idealistas como os “críticos”, à “filosofia” medieval dominante (isto é, à teologia), e os revisionistas aproximavam-se deles, esforçando-se por fazer da religião “as-

sunto privado'', não em relação ao Estado moderno, mas em relação ao partido da classe de vanguarda.

Não é preciso dizer que significação real de classe tinham semelhantes "emendas" a Marx; a coisa é clara por si mesma. Assinaremos apenas que Plekhánov foi o único marxista dentro da social-democracia internacional que criticou, do ponto de vista do materialismo dialético conseqüente, aquelas incríveis banalidades acumuladas pelos revisionistas. É tanto mais necessário sublinhar isto decididamente quanto se fazem nos nossos dias tentativas profundamente errôneas para fazer passar o velho e o reacionário lixo filosófico sob o disfarce da crítica ao oportunismo tático de Plekhánov*.

Passando à economia política, temos de assinalar, antes de mais nada, que nesse campo as "emendas" dos revisionistas eram muitíssimo mas variadas e circunstanciadas; esforçaram-se por suggestionar o público com "novos dados sobre o desenvolvimento econômico". Diziam que no domínio da economia rural não se operam de forma alguma a concentração e a suplantação da pequena produção pela grande produção e que no comércio e na indústria a concentração se processa com extrema lentidão. Diziam que, hoje, as crises se tornaram mais raras e mais fracas e que era provável que os cartéis e os *trusts* dessem ao capital a possibilidade de eliminar por completo as crises. Diziam que a "teoria de bancarrota", para a qual marcha o capitalismo, é inconsistente por causa da tendência para as contradições de classe se suavizarem e atenuarem. Diziam, finalmente, que não seria mau corrigir também a teoria do valor de Marx de acordo com Böhm-Bawerk.

A luta contra os revisionistas nestas questões serviu para um fecundo reavivamento do pensamento teórico do socialismo internacional, tal como ocorrera, vinte anos antes, com a polêmica de Engels com Dühring. Os argumentos dos revisionistas foram analisados com fatos e números na mão. Dmons-

* Ver o livro *Ensaio sobre a Filosofia do Marxismo*, de Bogdánov e outros. Não é aqui o lugar oportuno para analisar esse livro e, de momento tenho de me limitar à declaração de que demonstrarei proximamente, numa série de artigos ou numa brochura especial, que tudo o que se diz no texto sobre os revisionistas neokantianos se aplica igualmente; no essencial, a estes "novos" revisionistas neo-humanistas e neo-

berkelianos. (Ver V.I. Lenine, Obras Completas, 5ª ed., em russo, t. 18 — N. Ed.)
 Trouxe-se que os revisionistas embelezavam sistematicamente a pequena produção atual. A superioridade técnica e comercial da grande *produção* sobre a pequena, tanto na indústria como na agricultura, é um fato confirmado por dados irrefutáveis. Mas a produção mercantil está imensamente menos desenvolvida na agricultura e os especialistas de estatística e os economistas atuais não sabem, em geral, destacar os ramos (por vezes mesmo as operações) especiais da agricultura que mostram como ela é integrada progressivamente no *intercâmbio* da economia mundial. A pequena produção mantém-se sobre as ruínas da economia natural, graças à infinita piora da alimentação, à fome crônica, ao prolongamento do dia de trabalho, à baixa da qualidade do gado e do tratamento deste; resumindo, com os mesmos meios pelos quais também a produção artesanal se mantivera contra a manufatura capitalista. Cada passo em frente da ciência e da técnica mina, inevitável e inexoravelmente, os alicerces da pequena produção na sociedade capitalista. E a tarefa da economia socialista é investigar este processo sob todas as suas formas, não raro complexas e intrincadas, e demonstrar ao pequeno produtor a impossibilidade de se manter sob o capitalismo, a situação desesperada das explorações camponesas no regime capitalista e a necessidade de que o camponês aceite o ponto de vista do proletariado. Em relação ao problema que tratamos, os revisionistas cometeram, no aspecto científico, o pecado de generalizar de modo superficial alguns fatos unilateralmente selecionados, desligados da sua conexão com o conjunto do regime capitalista, e, no aspecto político, cometeram o pecado de, voluntária ou involuntariamente, chamar ou impelir inevitavelmente o camponês para o ponto de vista do proprietário (isto é, o ponto de vista da burguesia) em vez de o impelir para o ponto de vista do proletário revolucionário.

O revisionismo saiu-se ainda pior quanto à teoria das crises e à teoria da bancarrota. Somente durante um espaço de tempo muito curto, e unicamente pessoas muito míopes, podiam pensar em modificar as bases da doutrina de Marx sob a influência de uns poucos anos de ascenso e de prosperidade industrial. Não tardou que a realidade se encarregasse de demonstrar aos revisionistas que as crises não tinham desaparecido:

após a prosperidade veio a crise. Mudaram as formas, a sucessão, o quadro das diferentes crises, mas elas continuam a ser parte integrante, inevitável, do regime capitalista. Os cartéis e os *trusts*, unificando a produção, reforçaram ao mesmo tempo, à vista de todos, a anarquia da produção, a insegurança econômica do proletariado e a opressão pelo capital, agravando dessa forma em grau nunca visto as contradições de classe. Que o capitalismo marcha para a bancarrota — tanto no sentido das crises políticas e econômicas isoladas como no sentido da completa derrocada de todo o regime capitalista — demonstraram-no de modo muito palpável e em vasta escala os modernos e gigantescos *trusts*. A recente crise financeira na América, o espantoso crescimento do desemprego em toda a Europa, sem falar da próxima crise industrial, que muitos sintomas anunciam, tudo isso fez com que as recentes “teorias” dos revisionistas tenham sido esquecidas por todos, e mesmo, ao que parece, por muitos deles próprios. O que não se deve esquecer são os ensinamentos que esta instabilidade dos intelectuais deu à classe operária.

Quanto à teoria do valor, basta dizer que, à parte alusões e suspiros muito vagos, à maneira de Bohm-Bawerk, os revisionistas não trouxeram absolutamente nada de novo a esse respeito, nem deixaram, portanto, qualquer marca no desenvolvimento do pensamento científico.

No domínio da política, o revisionismo tentou rever o que realmente constitui a base do marxismo, ou seja, a teoria da luta de classes. A liberdade política, a democracia, o sufrágio universal, destróem a base da luta de classes — diziam-nos os revisionistas — e desmentem o velho princípio do *Manifesto Comunista* de que os operários não têm pátria. Uma vez que na democracia impera a “vontade da maioria”, não devemos ver no Estado, segundo eles, o órgão da dominação de classe nem negar-nos a entrar em alianças com a burguesia progressista, social-reformista, contra os reacionários.

É indiscutível que essas objeções dos revisionistas se reduzem a um sistema bastante coerente de concepções, a saber: as sobejamente conhecidas concepções burguesas liberais. Os liberais disseram sempre que o parlamentarismo burguês suprime as classes e as diferenças de classe, visto que todos os cidadãos sem exceção têm direito de voto e de intervir nos assun-

tos do Estado. Toda a história da Europa na segunda metade do século XIX e toda a história da revolução russa, em princípios do século XX, demonstram à evidência como são absurdas tais concepções. Com as liberdades do capitalismo “democrático”, as diferenças econômicas, longe de se atenuarem, acentuam-se e agravam-se. O parlamentarismo não elimina, antes põe a nu, a essência das repúblicas burguesas mais democráticas como órgãos de opressão de classe. Ajudando a esclarecer e organizar massas de população incomparavelmente mais extensas do que as que antes participavam de modo ativo nos acontecimentos políticos, o parlamentarismo prepara assim, não a supressão das crises e das revoluções políticas, mas a maior agudização da guerra civil durante essas revoluções. Os acontecimentos de Paris, na Primavera de 1871, e os da Rússia, no Inverno de 1905, mostraram, com excepcional clareza, como esta agudização se produz inevitavelmente. A burguesia francesa, para esmagar o movimento proletário, não vacilou nem um segundo em pactuar com o inimigo de toda a nação, com as tropas estrangeiras que tinham arruinado a sua pátria. Quem não compreender a inevitável dialética interna do parlamentarismo e da democracia burguesa, que conduz a solucionar a disputa pela violência de massas de um modo ainda mais brutal do que anteriormente, jamais saberá desenvolver, na base desse parlamentarismo, uma propaganda e uma agitação conseqüentes do ponto de vista dos princípios, que preparam efetivamente as massas operárias para participarem vitoriosamente em tais “disputas”. A experiência das alianças, dos acordos, dos blocos com o liberalismo social-reformista no Ocidente e com o reformismo liberal (democratas-constitucionalistas) na revolução russa demonstrou, de maneira convincente, que esses acordos não fazem senão embotar a consciência das massas, não reforçando mas debilitando o significado real da sua luta, unindo os lutadores aos elementos menos capazes de lutar, aos elementos mais vacilantes e traidores. O “millerandismo” francês — a maior experiência de aplicação da tática política revisionista numa vasta escala, realmente nacional — deu-nos uma apreciação prática do revisionismo que o proletariado do mundo inteiro jamais esquecerá.

O complemento natural das tendências econômicas e políticas do revisionismo era a sua atitude em relação ao objetivo

final do movimento socialista. “O objetivo final não é nada, o movimento é tudo” — esta frase proverbial de Bernstein exprime a essência do revisionismo melhor do que muitas longas dissertações. A política revisionista consiste em determinar o seu comportamento em função das circunstâncias, em adaptar-se aos acontecimentos do dia, às viragens dos pequenos fatos políticos, em esquecer os interesses fundamentais do proletariado e os traços essenciais de todo o regime capitalista, de toda a evolução do capitalismo, em sacrificar esses interesses fundamentais em favor das vantagens reais ou supostas do movimento. E da própria essência desta política se deduz, com toda a evidência, que pode tomar formas infinitamente variadas e que cada problema um pouco “novo”, cada viragem um pouco inesperada e imprevista dos acontecimentos — embora tal viragem só altere a linha fundamental do desenvolvimento em proporções mínimas e pelo prazo mais curto — dará sempre, inevitavelmente, origem a esta ou àquela variedade de revisionismo.

O caráter inevitável do revisionismo é determinado pelas suas raízes de classe na sociedade atual. O revisionismo é um fenômeno internacional. Para nenhum socialista um pouco informado e consciente pode existir a menor dúvida de que a relação entre os ortodoxos e os bernsteinianos na Alemanha, entre os guesdistas e os jauressistas (agora, em particular, os broussistas), em França, entre a Federação Social-Democrata e o Partido Trabalhista Independente, em Inglaterra, entre De Brouckere e Vandervelde, na Bélgica, os intregalistas e os reformistas, em Itália, os bolcheviques e os mencheviques na Rússia, é por toda a parte essencialmente a mesma, não obstante a gigantesca diversidade das condições nacionais e dos fatores históricos na situação atual de todos os países. A “divisão” no seio do socialismo internacional contemporâneo estabelece-se hoje, nos diversos países do mundo, essencialmente numa *mesma* linha, o que mostra um formidável passo em frente que se deu em comparação com o que ocorria há trinta ou quarenta anos, quando lutavam nos diversos países tendências heterogêneas dentro de um movimento socialista internacional único. E esse “revisionismo de esquerda” que toma corpo hoje nos países latinos, com o nome de “sindicalismo revolucionário”, adapta-se também ao marxismo “emendando-o”: Labriola na Itália e Lagardelle na França apelam a cada passo do Marx mal compreendi-

do para o Marx bem compreendido.

Não nos podemos deter aqui no exame do conteúdo ideológico *deste* revisionismo, que está longe de estar tão desenvolvido como o revisionismo oportunista e que não se internacionalizou, não travou nem uma única batalha prática de importância com o partido socialista de qualquer país. Por isso nos limitaremos a esse “revisionismo de direita” que esboçamos mais acima.

Em que se baseia a sua inevitabilidade na sociedade capitalista? Por que é mais profundo que as diferenças decorrentes das particularidades nacionais e dos graus de desenvolvimento do capitalismo? Porque em qualquer país capitalista existem sempre, ao lado do proletariado, extensas camadas de pequena burguesia, de pequenos proprietários. O capitalismo nasceu e continua a nascer, constantemente, da pequena produção. O capitalismo cria de novo, infalivelmente, toda uma série de “camadas médias” (apêndice das fábricas, trabalho a domicílio, pequenas oficinas disseminadas por todo o país em virtude das exigências da grande indústria, por exemplo, da indústria de bicicletas e automóveis, etc.). Estes novos pequenos produtores vêm-se por sua vez lançados, também inevitavelmente, nas fileiras do proletariado. É perfeitamente natural que a mentalidade pequeno-burguesa irrompa repetidamente nas fileiras dos grandes partidos operários. É perfeitamente natural que isso suceda, e assim sucederá sempre, chegando às próprias peripécias da revolução proletária, pois seria um profundo erro pensar que é necessário que a maioria da população se proletarize “por completo” para que essa revolução seja realizável. O que hoje vivemos com frequência num plano puramente ideológico, isto é, as disputas em torno das emendas teóricas a Marx; o que hoje só se manifesta na prática a propósito de certos problemas parciais, isolados, do movimento operário, como divergências táticas com os revisionistas e as cisões nesse terreno, tê-lo-á que viver inevitavelmente a classe operária, em proporções incomparavelmente maiores, quando a revolução proletária agudizar todos os problemas em litígio e concentrar todas as divergências nos pontos de importância mais imediata para a determinação da conduta das massas, obrigando a que se separem, no fragor da luta, os inimigos dos amigos e a que se rejeitem os maus aliados, para assestar golpes decisivos

no inimigo.

A luta ideológica do marxismo revolucionário contra o revisionismo, no final do século XIX, não é mais que o prelúdio dos grandes combates revolucionários do proletariado, que, apesar de todas as vacilações e debilidades dos elementos pequeno-burgueses, avança para o triunfo completo da sua causa.

PARMA

Impresso nas oficinas da
EDITORA PARMA LTDA.
Telefone: (011) 912-7822
Av. Antonio Bardella, 280
Guarulhos - São Paulo - Brasil
Com filmes fornecidos pelo editor

N

estas páginas encontra-se um retrato vivo da verdadeira guerra ideológica entre marxismo e revisionismo nas últimas três décadas - principalmente no Brasil.

Atualmente, a luta atinge um novo patamar. A *perestroika*, e a desagregação dos regimes burocráticos implantados no leste europeu criaram uma nova situação, revelaram novos aspectos da batalha e exigem estudo e argumentação mais aprofundados.

Mas se, como indica João Amazonas no "Exame crítico da crise do socialismo", até agora "foi correto ter concentrado o fogo do ataque no revisionismo", para defender os princípios revolucionários, neste novo quadro "faz-se necessário um exame mais global do período de construção do socialismo".

Quais as condições objetivas que levaram ao desenvolvimento de uma tendência contrarrevolucionária tão forte no interior do regime socialista? E, mais do que isto, que fatores subjetivos permitiram que esta corrente tivesse a possibilidade de assaltar a direção do Partido Comunista e o poder político e ludibriar as massas trabalhadoras a tal ponto de mobilizá-las contra os seus próprios interesses de classe? Quais as debilidades teóricas, que falhas de direção ou erros políticos podem ter sido cometidos?

